

AMANDA PALMER

intrínseca



A
ARTE de PEDIR



*Ou como aprendi a não me
preocupar mais e a deixar
as pessoas ajudarem*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AMANDA PALMER

A
ARTE de PEDIR

Prefácio de
BRENÉ BROWN

Tradução de
DENISE BOTTMANN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



ESTE LIVRO É DEDICADO A MINHA MUTTI,
que, com o seu amor, foi a primeira pessoa que me ensinou a pedir

Prefácio

por Brené Brown

Cerca de dez anos atrás, em Boston, Amanda se apresentava na rua como estátua viva — mais exatamente, uma estátua de noiva com 2,5 metros de altura e o rosto pintado de branco. A distância, era possível ver um transeunte que parava, punha dinheiro no chapéu na frente da caixa e então sorria quando Amanda fitava amorosamente os olhos daquela pessoa e lhe estendia uma flor do buquê que tinha nas mãos. Seria mais difícil me ver. Eu era aquela que fazia o maior desvio possível para evitar a estátua viva. Não que eu não deixe a minha cota de dólares nos chapéus dos artistas de rua — deixo, sim. Só que gosto de ficar a uma distância segura, e aí, da maneira mais discreta possível, ponho o dinheiro e volto depressa ao anonimato. Eu faria de tudo para evitar contato visual com uma estátua. Não queria uma flor; queria passar despercebida.

A distância, Amanda Palmer e eu não temos nada em comum. Enquanto ela se atira sobre a multidão num show em Berlim, sem nada no corpo a não ser o ukulelê vermelho e os coturnos, ou conspira para subverter a indústria fonográfica, estou cumprindo minha vez no rodízio do carro, compilando dados ou, se for domingo, talvez assistindo à missa na igreja.

Mas este livro não trata de ver as pessoas a uma distância segura — aquele lugar sedutor em que muitos de nós vivemos, nos escondemos e para o qual corremos em busca do que pensamos ser segurança emocional. *A arte de pedir* é um livro sobre o cultivo da confiança e da maior proximidade possível com o amor, a vulnerabilidade e a conexão. Uma proximidade incômoda. Perigosa. Bela. E a proximidade incômoda é exatamente onde precisamos ficar se quisermos transformar essa cultura de afastamento e desconfiança fundamental.

A distância é enganadora. Distorce como vemos a nós mesmos e

entendemos uns aos outros. São pouquíssimos os escritores capazes de nos despertar para essa realidade tanto quanto Amanda. Sua vida e carreira são um estudo da intimidade e da conexão. Ela tem como laboratório o caso de amor com sua arte, com sua comunidade e com as pessoas com quem compartilha a vida.

Passsei a maior parte da vida tentando ficar a uma distância segura de qualquer coisa que parecesse incerta e qualquer pessoa que pudesse me ferir. Porém, como Amanda, aprendi que a melhor maneira de encontrar a luz nas trevas não é afastando as pessoas, mas caindo nos braços delas.

Afinal, Amanda e eu não somos nada diferentes. Não se você olhar de perto — o que, em última instância, é o único olhar que importa quando se trata de conexão.

Família, pesquisa, igreja — são os lugares na minha vida aos quais me entrego sem reservas e onde me sinto conectada. São os lugares aos quais me dirijo para ter os recursos de que preciso: amor, conexão e fé. E agora, graças a Amanda, quando estou cansada, com medo ou precisando de alguma coisa das comunidades de que participo, eu peço. Não sou muito boa nisso, mas peço. E sabem do que eu mais gosto na Amanda? A honestidade. Ela também nem sempre é muito boa em pedir. Debate-se como nós. E é quando ela conta sobre suas dificuldades de vir à frente e se mostrar vulnerável que enxergo de modo mais claro a mim mesma, a minha luta e a nossa humanidade em comum.

Este livro é um presente que nos é oferecido por uma artista sem inibições, uma pioneira corajosa, uma batalhadora incansável — uma mulher que tem a capacidade duramente conquistada e cuidadosamente afinada de enxergar as partes da nossa humanidade que mais precisam ser vistas. Aceitem a flor.

A
ARTE de PEDIR



*A*LGUÉM TEM UM absorvente? Acabei de ficar menstruada, anuncio em voz alta a ninguém em particular no banheiro feminino de um restaurante em São Francisco, ou a quem estiver no camarim de um festival de música em Praga, ou ao pessoal entretido na cozinha de uma festa em Sydney, Munique ou Cincinnati.

Invariavelmente, no mundo todo, ouço e vejo mãos femininas remexendo em bolsas e mochilas, até o momento triunfal em que uma desconhecida, com um sorriso gentil, me estende um absorvente. Ninguém fala em dinheiro. O acordo tácito universal é o seguinte:

Hoje é a minha vez de pegar o absorvente.

Amanhã será a sua.

Existe um círculo cármico constante de absorventes. Descobri que existe também com lenços de papel, cigarros e canetas.

Muitas vezes me perguntei: será que existem mulheres tímidas *DEMAIS* para pedir? Mulheres que preferem enrolar um monte de papel higiênico e enfiar na calcinha, em vez de pedir um favor num lugar cheio de desconhecidas? Devem existir. Mas não eu. De jeito nenhum. Não tenho o menor medo de pedir. De pedir nada.

Sou *DESCARADA*.

Eu acho.

• • •

Estou com 38 anos. Criei minha primeira banda, The Dresden Dolls, aos 25 e só lancei meu primeiro disco por uma grande gravadora aos 28, que é, na indústria fonográfica convencional, uma idade geriátrica para começar a carreira.

Nos últimos treze anos, tenho viajado muito, raras vezes dormindo mais de duas ou três noites no mesmo lugar, tocando sem parar, em praticamente todas as situações possíveis e imagináveis. Bares, boates, teatros, estádios, festivais, do CBGB em Nova York ao Sydney Opera

House. Toquei sessões inteiras com a orquestra mundialmente famosa da minha cidade no Boston Symphony Hall. Conheci e fiz algumas turnês com os meus ídolos: Cyndi Lauper, Trent Reznor do Nine Inch Nails, David Bowie, “Weird Al” Yankovic, o Peter do Peter, Paul and Mary. Compus, toquei e cantei centenas de músicas em estúdios de gravação pelo mundo inteiro.

Fico feliz por ter começado tarde. Deu tempo de levar uma vida de verdade, e passei uns bons anos dando um jeito de arranjar dinheiro para pagar o aluguel todo mês. Desde o final da adolescência até os vinte e poucos anos trabalhei em dezenas de coisas, mas principalmente como estátua viva: uma artista de rua parada no meio da calçada, vestida de noiva e com a cara pintada de branco. (Você já viu gente-estátua como nós, não é? Provavelmente fica imaginando quem somos na Vida Real. Olá. Somos Reais.)

Ser estátua era um trabalho no qual eu encarnava a mais pura manifestação física do pedir: passei cinco anos empoleirada numa pilha de engradados de leite, imóvel, com um chapéu no chão, esperando que as pessoas deixassem um dólar em troca de um instante de conexão humana.

Mas também me dediquei a outras formas inspiradoras de emprego com vinte e poucos anos: fui balconista, recebendo 9,50 dólares a hora (mais gorjetas) para servir sorvete e café; massagista terapêutica sem registro, trabalhando no meu alojamento na faculdade (sem finais felizes, 35 dólares a hora); consultora de nomes e marcas para empresas de internet (2 mil dólares a lista de nomes de domínio livre); escritora e diretora de peças de teatro (em geral, sem remuneração; normalmente, na verdade, eu mesma tirava dinheiro do bolso para comprar roupas e acessórios); garçonne num bar alemão ao ar livre (uns 75 marcos por noite, mais gorjetas); vendedora de roupas que comprava em brechós, reciclava e revendia no campus da universidade (dava para fazer 50 dólares por dia); ajudante numa oficina de molduras de quadros (14 dólares a hora); atriz em filmes experimentais (paga com pizza, vinho e alegria); modelo nua para aulas de desenho e pintura em escolas de arte (12 a 18 dólares a hora); organizadora e *hostess* de mostras alternativas apenas com peças doadas (pagamento suficiente para cobrir as despesas com as bebidas e o espaço do evento); pessoa responsável por conferir a roupa dos convidados em festas clandestinas de

fetichismo sexual (100 dólares por festa) e, por intermédio desse serviço, auxiliar de costura num fabricante de alças de couro sob encomenda (20 dólares a hora); stripper (cerca de 50 dólares a hora, mas na verdade dependia da noite); e — por pouco tempo — dominatrix (350 dólares a hora; mas havia, claro, despesas indispensáveis com roupas e acessórios).

Todas essas atividades me ensinaram várias coisas sobre a vulnerabilidade humana.

Acima de tudo, aprendi muito sobre o pedir.

Quase todos os contatos humanos importantes se resumem ao gesto e à arte de pedir.

Pedir é, em si, o elemento fundamental de qualquer relação. Constantemente e em geral de maneira indireta, muitas vezes sem falar, *pedimos* uns aos outros — aos chefes, aos cônjuges, aos amigos, aos funcionários — a fim de construir e manter as relações entre nós.

Você me ajuda?

Posso confiar em você?

Você vai me ferrar?

Posso meeeeeemo confiar em você?

E muitas vezes, por baixo disso tudo, essas perguntas derivam de nosso anseio humano, fundamental, em querer saber:

Você me ama?

• • •

Em 2012, fui convidada para me apresentar num TED Talk, o que era assustador; não sou palestrante profissional. Tendo lutado — muito publicamente — para me livrar do contrato com uma grande gravadora, alguns anos antes, eu havia então decidido que recorreria aos fãs para fazer meu próximo álbum pelo Kickstarter, uma plataforma de *crowdfunding* que acabara de abrir portas para milhares de outros artistas bancarem suas obras com o financiamento direto de seus apoiadores. Os financiadores do meu Kickstarter contribuíram coletivamente com 1,2 milhão de dólares para encomendar e receber meu último álbum com banda completa, *Theatre Is Evil*, que assim se tornou o maior projeto musical na história do *crowdfunding*.

Crowdfunding, para quem não conhece, é uma maneira de arrecadar fundos para iniciativas de risco (artísticas, tecnológicas, pessoais etc.) pedindo para o povo (*Crowd*) contribuir numa grande vaquinha virtual (*Funding*). Por todo o mundo apareceram sites como o Kickstarter, o Indiegogo e o GoFundMe, para facilitar o contato e dar a maior praticidade possível ao intercâmbio entre os que pedem ajuda e os que atendem ao pedido.

Como qualquer nova ferramenta de transações, porém, o *crowdfunding* ficou complicado. Virou um Velho Oeste on-line, onde artistas e criadores dos mais variados tipos tentam navegar nessas novas águas estranhas de trocar dinheiro por arte. A própria existência do *crowdfunding* apresenta a todos nós um leque de perguntas mais profundas:

Como pedimos ajuda uns aos outros?

Quando podemos pedir?

Quem pode pedir?

Meu Kickstarter foi um tremendo sucesso: meus financiadores — quase 25 mil pessoas — vinham seguindo minha história pessoal fazia anos. Ficaram empolgados em poder ajudar e incentivar minha independência frente às gravadoras. Mas, além dos telefonemas aflitos de jornalistas que nunca tinham ouvido falar de mim (o que não admira, pois eu jamais recebera uma única linha na *Rolling Stone*), perguntando por que todo aquele povo estava me ajudando, fiquei surpresa com algumas das reações negativas a esse sucesso. Ao lançar minha campanha, acabei entrando num debate cultural mais amplo que já vinha se arrastando e questionava se o *crowdfunding* era sequer admissível; alguns críticos estavam desdenhando a prática como uma forma grosseira de “mendigar na rede”.

Pelo jeito, era feio pedir. Fui apontada como o pior exemplo por uma série de razões: porque eu já havia sido promovida por uma grande gravadora, porque eu era casada com um cara famoso, porque eu era exageradamente narcisista.

Nos meses que se seguiram ao meu Kickstarter, as coisas foram de mal a pior quando saí com minha banda em turnê pelo mundo e, como de hábito, chamei os músicos locais voluntários que quisessem subir com a gente ao palco para tocar algumas músicas. Éramos uma comunidade unida, e eu vinha fazendo coisas assim havia anos. A imprensa me crucificou.

Por causa do sucesso no *crowdfunding*, mais a atenção que isso atraiu, o TED convidou a mim — uma roqueira indie relativamente desconhecida — para falar durante doze minutos num estúdio que costuma ser reservado a altos cientistas, inventores e educadores. A perspectiva de tentar bolar o que e como dizer claramente foi, em termos brandos, apavorante.

Pensei em compor uma ópera performática de doze minutos, com piano e ukulelê, dramatizando minha vida inteira desde O Ventre até O Kickstarter. Felizmente mudei de ideia e optei por uma apresentação direta da minha experiência como artista de rua, meu sucesso no *crowdfunding* e a reação subsequente, e como eu via uma ligação inegável entre as duas coisas.

Enquanto escrevia meu TED Talk, eu tinha em mente uma parcela muito precisa do meu círculo social: amigos músicos tímidos e desajeitados. Muitos deles estavam se entusiasmando com o *crowdfunding*, mas também andavam bastante aflitos. Eu tinha ajudado vários deles a iniciar suas campanhas no Kickstarter, e conversávamos sobre essas experiências em bares, festas e camarins antes dos shows. Eu queria tratar de um tema fundamental que vinha me incomodando: *dizer aos meus amigos artistas que tudo bem pedir. Tudo bem pedir dinheiro, tudo bem pedir ajuda.*

Vários amigos meus já tinham recorrido com sucesso ao *crowdfunding* para viabilizar novos projetos: álbuns, filmes, instrumentos mais modernos, barcos para festas flutuantes feitos de lixo reciclado — coisas que nunca existiriam sem essa nova maneira de compartilhar e trocar energias. Mas muitos também não estavam à vontade com isso. E eu observava.

Cada campanha de *crowdfunding* na internet apresenta um vídeo, no qual o criador explica o projeto e faz seu apelo. E eu ficava consternada em ver o desfile de vídeos em que meus amigos olhavam (ou evitavam olhar) a câmera, gaguejando: *Bom, he, he, hora de FICAR SEM GRAÇA! Olá, pessoal, hum, então tá. Ai, meu deus. Mil desculpas por estar pedindo, é superconstrangedor, mas... por favor, ajudem a gente a financiar nosso álbum, porque...*

Eu queria dizer a eles que se envergonhar e se desculpar não só era *desnecessário*, como também *contraproducente*.

Queria dizer que, na verdade, muita gente *adorava de paixão* ajudar artistas. Que não era uma coisa unilateral. Que os artistas profissionais e o público que os apoia são duas partes fundamentais num ecossistema

complexo. Que a vergonha polui um ambiente de pedir / dar que prospera na base da confiança e da disponibilidade. Queria conseguir oferecer a eles uma espécie de permissão cósmica, universal, para pararem de se desculpar tanto, pararem de se martirizar, pararem de se justificar e, pelo amor de deus... só PEDIREM.

• • •

Levei mais de um mês me preparando, andando de um lado para o outro no porão de uma casa alugada e mostrando meu roteiro do TED Talk a dezenas de parentes e amigos, tentando condensar em doze minutos tudo o que eu tinha a dizer. Então peguei um avião até Long Beach, na Califórnia, respirei fundo, fiz a apresentação e fui aplaudida de pé. Saindo do palco, alguns minutos depois uma mulher apareceu no saguão do centro de conferências e se apresentou.

Eu ainda estava meio atordoada. A fala tinha demandado muito espaço mental na hora da apresentação, e finalmente eu voltava a mim mesma.

Sou a preparadora de voz daqui, começou ela.

Travei. A minha fala devia ter doze minutos exatos. Fiz algumas pausas, me perdi e devo ter passado bastante dos treze minutos. *Putz, pensei. O TED vai me demitir.* Quer dizer, não podiam de fato me *demitir*. A coisa já estava feita. Mas, ainda assim... Apertei a mão dela.

Oi! Puxa, mil desculpas por ter estourado tanto o tempo. Me desculpe mesmo. Fiquei totalmente absorvida. Mas foi tudo bem? Fiz o TED direito? Estou demitida?

Não, sua boba, não está demitida. De jeito nenhum. Sua fala... E não conseguiu continuar. Os olhos ficaram marejados.

Fiquei ali, atônita. Por que a preparadora de voz do TED parecia que ia chorar na minha frente?

O que você falou me fez entender uma coisa com que venho me debatendo há anos. Também sou artista, dramaturga. Tem tanta gente disposta a me ajudar, e só preciso... mas não posso... não consigo...

Pedir?

Exato. Pedir. Tão simples. Sua fala mexeu numa coisa muito profunda para mim. Puxa, por que a gente acha tão difícil pedir, principalmente quando os outros

estão tão dispostos a dar? Então, obrigada. Superobrigada. Foi um presentão que você me deu.

Dei um abraço nela.

E ela foi apenas a primeira.

Dois dias depois, a palestra foi postada no site do TED e no YouTube. Teve cem mil visitas no primeiro dia. E aí um milhão. Um ano depois, oito milhões. Não era a quantidade de visitas que me espantava: eram as histórias que vinham junto, em comentários on-line ou de pessoas que me paravam na rua e me pediam um minuto, não porque conhecessem minha música, mas porque me reconheciam do vídeo na internet.

Enfermeiras, editores de jornais, engenheiros químicos, professores de ioga, motoristas de caminhão que se sentiram como se eu estivesse falando diretamente com eles. Arquitetos, coordenadores de ONGs, fotógrafos *freelancers* que me diziam: “Sempre tive dificuldade em pedir.” E foram muitos e muitos que me seguraram, me abraçaram, me agradeceram, choraram.

Minha fala tinha repercutido muito além do público pretendido, os tímidos roqueiros indie que achavam impossível pedir 5 dólares no Kickstarter sem se enfiar num buraco no chão de vergonha.

Eu segurava a mão de todos, ouvia suas histórias. Pequenos empresários, projetistas de painéis solares, bibliotecários de escola, cerimonialistas de casamentos, pessoal de entidades de assistência internacional...

Uma coisa estava clara: aquele povo não era composto de músicos com medo. Era só... um monte de gente.

Pelo visto, eu tinha tocado num ponto sensível. Mas QUAL, exatamente?

Não tinha nenhuma boa resposta, até que me lembrei da casa de Neil, na véspera da nossa festa de casamento.

• • •

Alguns anos antes disso tudo, conheci Neil Gaiman.

Neil é famoso, para um escritor. É famoso por qualquer critério.

Passamos anos caçando um ao outro nas nossas andanças pelo mundo,

nas brechas das nossas agendas, eu na Estrada Sem Fim do Rock and Roll, ele na estrada paralela do Escritor em Turnê, apaixonando-nos na diagonal e em velocidades variáveis, até que finalmente nos casamos na sala de estar dos nossos amigos, pois não tínhamos como lidar com o estresse de uma cerimônia enorme.

Mas não queríamos fazer desfeita com as nossas famílias, e assim prometemos que daríamos uma grande festa oficial de casamento para eles alguns meses depois. Decidimos fazer no Reino Unido, onde mora a maioria dos nossos parentes. (Neil é britânico e muitos primos meus também.) Além disso, o cenário era fabuloso: Neil tinha uma casa numa ilha pequenina na Escócia, onde, por coincidência, minha avó materna nasceu. Era um rochedo com grama entortada pelos ventos, um lugar lindo, mas desolado, de onde meus antepassados foram expulsos pelo terror da fome no começo dos anos 1900, procurando no outro lado do Atlântico um futuro mais luminoso, menos lindo, mas menos desolado, nos promissores arredores do Bronx.

Na véspera da festa de casamento, Neil e eu fomos dormir cedo para ter uma noite inteira de sono, antes de um dia que seria uma epopeia cuidando dos preparativos, comendo, bebendo, apresentando com algum nervosismo duzentos parentes uns aos outros. Os três filhos crescidos de Neil estavam hospedados na casa conosco, junto com a mãe dele e uma variedade de integrantes da família Gaiman. Todos estavam aconchegados nas suas camas ao longo do corredor, pelas escadas, e alguns primos desgarrados estavam enfiados em barracas no quintal.

E no segundo andar da casa, enquanto Neil dormia ao meu lado, eu passava por um ataque de pânico total.

Em algum lugar lá no fundo, imagino que estava apavorada por casar, e ponto. A coisa parecia de repente muito concreta, com toda a família em volta. O que eu estava fazendo? Quem *era* aquele cara?

Mas, acima de tudo, eu estava apavorada com a questão do dinheiro.

Estava prestes a lançar meu Kickstarter e achava que conseguiria arrecadar bastante — tinha feito todas as contas —, mas não estava em turnê, estava no norte da Escócia dando uma festa de casamento, montando um grupo novo, sem receber nada. Tinha acabado de conversar com meu contador, que me informou que o dinheiro não ia dar para pagar o pessoal

administrativo, a banda, a equipe da turnê e cobrir as despesas mensais normais, a não ser que eu largasse tudo e voltasse imediatamente para a estrada — ou pegasse um empréstimo para cobrir o rombo por alguns meses, antes que chegassem os cheques do Kickstarter e da nova turnê.

A situação não era inédita. Para o constante desalento dos meus empresários, passei a maior parte da vida adulta investindo todos os lucros profissionais no próximo álbum ou projeto artístico, tão logo pagasse as despesas. Durante minha carreira de roqueira, fui rica, pobre e remediada... e nunca prestei muita atenção ao fluxo de caixa, desde que não ficasse totalmente dura, o que às vezes acontecia por causa de algum imposto imprevisto ou do fracasso inesperado de uma turnê. E nunca foi o fim do mundo: eu pegava dinheiro emprestado com amigos ou parentes para aquele aperto e devolvia assim que chegasse o cheque seguinte.

Eu era especialista em me equilibrar nessa corda e em pedir ajuda quando precisava; longe de sentir vergonha, eu me orgulhava do meu histórico impecável nessas operações de crédito entre os conhecidos. Outra coisa que me consolava era saber que muitos amigos músicos (e, aliás, amigos empresários também) passavam por ciclos semelhantes de banquetes e migalhas. Em suma, sempre deu certo.

Só que, dessa vez, o problema era diferente. Era que *Neil* queria me emprestar o dinheiro.

E eu não queria aceitar.

Éramos *casados*.

E ainda assim eu não podia aceitar.

Todo mundo achava estranho que eu não aceitasse.

Mas *ainda assim* eu não podia aceitar.

Fazia mais de dez anos que eu ganhava meu salário como musicista profissional, tinha meu escritório e meus próprios funcionários em tempo integral, pagava minhas contas, era capaz de honrar meus compromissos sozinha e sempre fui financeiramente independente de qualquer pessoa com quem estivesse dormindo. Além disso, eu era reconhecida como um ícone feminista que não se depilava, uma Rainha do Faça Você Mesmo, aquela que largou clamorosamente sua gravadora e começou a própria empresa. A ideia de me *verem* aceitando ajuda do marido era... de arrepiar. Mas eu superava isso usando o humor. Neil geralmente pagava a conta nos

restaurantes caros e a gente levava numa boa.

Por mim está ótimo, eu brincava. Você tem mais dinheiro.

E aí, na manhã seguinte, eu fazia questão de pagar o café da manhã e a corrida de táxi até o aeroporto. Era enormemente reconfortante saber que, mesmo que dividíssemos aqui e ali algumas despesas, eu não *precisava* do dinheiro dele.

Eu sabia que aquele rombo não era grande; sabia que meu novo álbum gigantesco bancado pelo *crowdfunding* estava para sair; sabia que logo retomaria minhas turnês: portanto, tudo indicava que aquele cara legal — com quem eu estava casada — podia me emprestar o dinheiro. E não tinha nada de mais.

Mas. Simplesmente. Não. Dava.

Eu havia conversado com Alina e Josh sobre o assunto, no café da manhã, algumas semanas antes da festa. Eram amigos muito chegados mesmo, meus colegas do ensino médio, fui padrinho de casamento deles (e nosso amigo Eugene foi a madrinha), e fazia anos que partilhávamos nossos dramas pessoais, geralmente quando eu pernoitava nos sofás cada vez mais chiques dos apartamentos deles, conforme iam se mudando do Hoboken para o Brooklyn e depois para Manhattan. A gente estava se revezando com Zoe, a filhinha recém-nascida dos dois, brincando com ela no colo. Eu tinha acabado de lhes dizer que não queria usar nenhum tostão de Neil para cobrir as despesas que iam aparecer, e os dois me olhavam como se eu fosse uma idiota.

Mas que coisa mais esquisita, disse Alina, que é compositora e escritora publicada. Minha situação não era desconhecida a ela. Vocês são casados.

E daí?, resmunguei. Não me sinto à vontade pra fazer isso. Sei lá. Talvez seja medo de que meus amigos me critiquem.

Mas, Amanda... nós somos seus amigos, frisou Alina, e nós achamos que você está doida.

Josh, professor titular de filosofia numa faculdade, assentiu e então me olhou franzindo as sobrancelhas bem do jeito dele.

Quanto tempo você acha que vai ficar assim? A vida toda? Tipo, vão ficar cinquenta anos casados, mas nunca vão misturar o dinheiro que ganham?

Fiquei sem resposta.

• • •

Neil não era de impor condições nem de fazer cobranças, mas meu maior medo era ficar de certa forma em dívida, em obrigação com ele.

Era um sentimento novo, esse pânico — ou melhor, velho: eu não me sentia apavorada assim desde a adolescência, quando enfrentava crises existenciais constantes. Mas agora em minha cabeça giravam tantas perguntas: *Mas como vou pegar dinheiro de Neil? O que os outros vão pensar? Ele vai ficar cobrando? Será que adio esse álbum por mais um ano e saio em turnê? E o que faço com a banda que acabei de contratar? E o pessoal que trabalha comigo? Como vão encarar? Por que não consigo lidar com isso numa boa? **Por que estou surtando?***

Saí da cama depois de uma noite me revirando e me afligindo. Fui até o banheiro e acendi a luz.

Qual é o seu PROBLEMA?, perguntei àquela figura que me encarava do espelho, de olho inchado, nariz escorrendo, cara alucinada.

Sei lá, respondeu ela. *Mas não é legal*. Comecei a ficar assustada. O que estava acontecendo comigo? Eu tinha enlouquecido?

Eram seis da manhã, o sol começava a nascer e os carneiros baliavam em tom melancólico. Tínhamos que estar de pé às oito e ir para a festa de casamento.

Voltei para a cama e me aninhei no peito de Neil, que dormia profundamente e roncava. Olhei para ele. Nossa, como eu amava aquele cara. Estávamos juntos havia mais de dois anos e eu tinha aprendido a confiar 100% nele — confiar que ele não me magoaria, não me julgaria. Mas ainda havia alguma coisa trancada, uma porta que devia se abrir, mas emperrava. Virei para o outro lado da cama e tentei dormir, mas o turbilhão na cabeça não parou. *Você precisa aceitar a ajuda dele. Você não pode aceitar a ajuda dele. Você precisa aceitar a ajuda dele*. E então comecei a gritar, me sentindo totalmente idiota e descontrolada. Acho que estava cansada de chorar sozinha e queria falar.

Meu bem, qual o problema?

Ele é britânico. Me chama de *meu bem* [darling].

Eu... eu tô apavorada.

Dá pra ver. É a história do dinheiro?

Ele me abraçou. Respondi, fungando:

Não sei o que fazer nesses próximos meses. Se não consigo pagar todo mundo agora, acho que eu devia adiar o álbum. Passo o próximo ano em turnê e esqueço o Kickstarter até... Sei lá, talvez eu consiga pegar dinheiro emprestado de outra pessoa para atravessar esses próximos meses... quem sabe eu...

Ele me interrompeu com suavidade:

Por que outra pessoa? Amanda... somos casados.

E daí?

Então aceite o fato e pegue emprestado de mim. Ou PEGUE de mim. Pra que mais a gente se casou? Você faria a mesma coisa se eu estivesse num aperto. Não faria?

Claro que faria.

Então, o que está ACONTECENDO? Prefiro que você me deixe cobrir suas contas por uns meses a ver você nesse estado, está ficando perturbador. É só PEDIR. Eu me casei com você. Eu amo você. Quero AJUDAR. Você não me deixa ajudar.

Desculpa. É que é tão estranho... já lidei com essas merdas tantas vezes e nunca fiquei desse jeito. É louco. Me sinto louca. Neil, estou louca?

Não, meu bem, não está louca, não.

Ele me abraçou de novo. Mas eu *me sentia* louca. Não conseguia me livrar daquele pensamento que enervava, martelava, reverberava na cabeça como um enigma impiedoso, uma charada de lógica insolúvel que eu não conseguia esquecer nem resolver.

Eu era uma mulher adulta, pelo amor de Deus.

Uma mulher que passou anos aceitando dinheiro de gente aleatória na rua.

Que pregava abertamente o evangelho da vaquinha coletiva, da comunidade, do auxílio, do pedido e da generosidade gratuita e prazerosa.

Que era capaz de pedir a qualquer desconhecida — numa valente e sonora risada — um absorvente.

Por que não conseguia pedir ajuda ao meu marido?

• • •

Todos os dias, a gente pede pequenas coisas uns aos outros. Uma moeda para facilitar o troco. Uma cadeira desocupada num café. Um isqueiro. Uma

carona. E todos nós, em algum momento, temos que pedir coisas mais difíceis. Uma promoção. Uma apresentação a um amigo. Um prefácio para um livro. Um empréstimo. Um exame de DST. Um rim.

Se a repercussão surpreendente do meu TED Talk me ensinou alguma coisa, foi o seguinte:

Todo mundo tem problemas em pedir.

Pelo que vi, não é tanto o ato de pedir que trava a gente. É o que está por trás: o medo de ser vulnerável, o medo de ser rejeitado, o medo de parecer fraco ou carente. O medo de ser visto como um estorvo, e não como agente ativo da comunidade.

Isso leva essencialmente ao distanciamento entre as pessoas.

A cultura americana, em especial, incute na gente a estranha ideia de que pedir ajuda equivale a reconhecer o fracasso. Mas algumas das pessoas mais poderosas, mais admiradas, de mais sucesso no mundo me parecem ter algo em comum: elas pedem constantemente, de maneira criativa, compassiva, educada.

Claro que, quando a gente pede, sempre existe a possibilidade de receber um *não* como resposta. Se não levamos isso em conta, não estaremos realmente pedindo: estaremos ou implorando ou exigindo. Mas é por causa do medo desse *não* que muitos ficam de boca calada.

Muitas vezes, o que nos imobiliza é a própria sensação de que não merecemos ajuda. Nas artes, no trabalho, nos relacionamentos, muitas vezes a gente resiste em pedir não só por medo da recusa, mas também porque nem sequer achamos que *merecemos* o que estamos pedindo. Temos que acreditar sinceramente na validade do que pedimos — o que pode dar muito trabalho e requer a habilidade de andar numa corda bamba estendida sobre o abismo da arrogância e da soberba. E, mesmo depois de encontrado esse equilíbrio, o *jeito* de pedir e de receber a resposta — admitindo e até acolhendo o *não* — é tão importante quanto o sentimento de validação.

Quando a gente examina a gênese das grandes obras de arte, dos novos empreendimentos de sucesso, das mudanças políticas revolucionárias, sempre é possível identificar uma história de trocas monetárias e não monetárias, de mecenas ocultos e favores subjacentes. Podemos achar maravilhoso o mito moderno de Steve Jobs se matando de trabalhar na

garagem dos pais para criar o primeiro computador da Apple, mas essa imagem não mostra a cena talvez constrangedora em que Steve — provavelmente durante um jantar macrobiótico com carne de soja — teve que *pedir a garagem aos pais*. A única coisa que sabemos é que eles concordaram. E agora temos iPhones. Todo artista e todo empresário que conheço tem alguma história de um mentor, de um mestre ou um patrono desconhecido que emprestou dinheiro, espaço ou qualquer recurso salvador. O que fosse preciso.

Não creio que eu tenha aperfeiçoado a arte de pedir, longe disso, mas agora posso ver que faz um tempo enorme que sou aprendiz inconsciente dessa arte — e que viagem mais estranha e longa isso tem sido.

O percurso começou a sério no dia em que me pinteí de branco, pus um vestido de casamento, respirei fundo e, segurando um buquê de flores, subi num engradado de leite no centro da praça Harvard.

Talvez você se lembre da primeira vez, quando criança, em que começou a ligar os pontos entre as coisas do mundo. Quem sabe foi numa excursão da escola, num dia frio de primavera, lama nos sapatos, distraído das tarefas que tinha a fazer, você começou a descobrir padrões e conexões que nunca havia notado. Talvez se lembre do entusiasmo que sentiu com suas descobertas, e talvez as tenha mostrado com orgulho aos coleguinhas, dizendo:

*Vocês já notaram que **isto aqui** se parece com **aquilo ali**?*

Os desenhos nessa folha se parecem com as rachaduras nessa parede

Que se parecem com as veias nas costas da minha mão

Que se parecem com os fios de cabelo presos nas costas do suéter dela...

Coletando os pontos. Depois conectando os pontos. E então compartilhando as conexões com as outras pessoas a sua volta. É assim que opera um ser humano criativo. Coletando, conectando, compartilhando.

Todos os artistas trabalham em diferentes meios, mas também se diferenciam nesses três departamentos. Alguns adoram o ato de *coletar*. Como podemos dizer também, o vivenciar ou processar emocional e intelectualmente o mundo ao redor: os ingredientes — as paredes, o suéter — que entram na metáfora poética. Ou a coleta mais abrangente e prolongada: o tempo que leva para se apaixonar e se desapaixonar, que então você pode descrever numa canção, ou o tempo que um pintor leva olhando uma paisagem antes de decidir transpô-la para a tela. Ou os quase três anos que Thoreau precisou viver com simplicidade à beira de um lago, assistindo ao nascer e ao pôr do sol ao longo das estações, antes de apresentar *Walden* ao mundo.

Alguns artistas dedicam mais tempo a *conectar* os pontos que já coletaram: pense num escultor que fica um ano inteiro esculpindo uma única estátua, um romancista que trabalha cinco anos para aperfeiçoar uma história, um músico que passa uma década compondo uma sinfonia — conectando os pontos para chegar à obra de arte perfeita. O próprio Thoreau precisou de mais três anos *depois* do tempo que passou na cabana, para destilar e conectar suas experiências no texto mais belo e direto

possível.

Como a maioria dos artistas de palco, o que sempre me apaixonou mais foi a fase final: *compartilhar*. Existem inúmeras maneiras de compartilhar. Os escritores compartilham quando alguém lê ou ouve suas palavras num livro, num blog, num tuíte. Os pintores compartilham pendurando o quadro ou passando o caderno de esboços para um amigo à mesa de um café. Os artistas de palco também coletam e conectam (vivenciando, escrevendo, criando e encenando), mas há um tipo de alegria diferente naquele momento da transmissão de um ser humano a outro: de você aos olhos e ouvidos de uma plateia, seja ao pé da fogueira numa festa ou num palco diante de milhares de pessoas. Sou viciada em compartilhar. Mas, em qualquer escala ou cenário, a verdade é sempre a mesma: o ato de compartilhar, principalmente quando você está começando, é danado de difícil.

Há sempre uma ponta de extrema coragem nesta pergunta:

...quer ver?

Começa quando a gente é pequena. Voltemos à excursão: os veios da folha parecidos com as veias da mão, e você disse isso, em voz alta, para os coleguinhas que estavam ali perto.

Você pode ter visto os olhinhos deles brilharem ao compartilhar sua descoberta — *Uau, é mesmo! Que legal* — e sentido as primeiras alegrias de compartilhar com um público. Ou, quem sabe, os amigos riram de você e a professora lhe deu uma bronca, explicando com paciência:

Hoje não é dia de “procurar padrões”.

Não é hora disso.

É hora de voltar para a fila, de preencher a planilha, de responder às perguntas certas.

Mas sua vontade era conectar os pontos e compartilhar, porque *isso*, e não a planilha da escola, era o que lhe interessava.

Esse anseio de conectar os pontos — e partilhar as conexões que fez — é o impulso que torna você um artista. Quer use palavras ou símbolos para conectar os pontos, quer seja “artista profissional” ou não, você é uma força artística no mundo.

Quando os artistas trabalham bem, conectam as pessoas a eles mesmos e as costuram umas às outras com essa experiência compartilhada de

descobrir uma conexão que não era visível antes.

*Vocês já notaram que **isto aqui** se parece com **aquilo ali**?*

E, com o mesmo prazer que sentíamos quando criança ao ver um rosto numa nuvem, os artistas adultos traçam as linhas entre os pontos maiores da vida adulta: sexo, amor, vaidade, violência, doença, morte.

A arte entra em nós à força. Um personagem violento num filme é como um reflexo nosso num espelho sombrio; os tons de uma pintura nos fazem olhar o céu e ver novas cores; por fim choramos a morte de um amigo ao ouvir de repente no rádio aquela música, esquecida há tempos, que nós tanto amávamos.

O que mais me deixa inspirada é ver outro artista trazer ao mundo sua arte numa explosão apaixonada — compus a maioria das minhas melhores músicas depois de ver outros artistas abrindo o coração na página ou no palco.

Artistas conectam os pontos — não precisamos interpretar as linhas entre eles. Simplesmente as traçamos e então apresentamos nossas conexões ao mundo como um presente, que pode ser aceito ou recusado. Isso É o gesto artístico, realizado diariamente por muitas pessoas que nem sequer pensam em se dizer artistas.

E aí algumas são doidas a ponto de achar que podem viver disso.



THE PERFECT FIT

I could make a dress
A robe fit for a prince
I could clothe a continent
But I can't sew a stitch

I can paint my face
And stand very very still
It's not very practical
But it still pays the bills

I can't change my name
But I could be your type
I can dance and win at games
Like backgammon and Life

I used to be the smart one
Sharp as a tack
Funny how that skipping years ahead
Has held me back

I used to be the bright one
Top in my class
Funny what they give you when you
Just learn how to ask

I can write a song
But I can't sing in key
I can play piano
But I never learned to read

I can't trap a mouse
But I can pet a cat
No, I'm really serious!
I'm really very good at that

I can't fix a car
But I can fix a flat
I could fix a lot of things
But I'd rather not get into that

I used to be the bright one

Smart as a whip
Funny how you slip so far when
Teachers don't keep track of it

I used to be the tight one
The perfect fit
Funny how those compliments can
Make you feel so full of it

I can shuffle, cut, and deal
But I can't draw a hand
I can't draw a lot of things
I hope you understand
I'm not exceptionally shy
But I've never had a man
That I could look straight in the eye
And tell my secret plans

I can take a vow
And I can wear a ring
And I can make you promises but
They won't mean a thing

Can't you just do it for me, I'll pay you well
Fuck, I'll pay you anything if you could end this

Can't you just fix it for me, it's gone berserk,
Fuck, I'll give you anything if
You can make the damn thing work

Can't you just fix it for me, I'll pay you well,
Fuck, I'll pay you anything
If you can end this
Hello, I love you won't you tell me your name?
Hello, I'm good for nothing

will you
love
me
just
the
same

The Dresden Dolls, 2003

O ENCAIXE PERFEITO

Eu podia fazer um vestido
Um manto próprio de rei
Podia vestir um continente
Mas nem costurar eu sei

Sei pintar a cara
E ficar sem me mexer
Não é muito prático
Mas as contas dá pra manter

De nome não posso mudar
Mas podia ser sua querida
Sei dançar e ganhar no jogo
Do gamão e da Vida

Costumava ser a esperta
Sempre muito afiada
Engraçado que pular os anos
Me deixou atrasada

Costumava ser a mais viva
Na classe era a primeira
Engraçado o que te dão quando
Você pede de certa maneira

Sei compor uma música
Mas não sei cantar afinado
Sei tocar piano
Mas ler, deixei de lado

Agora falando sério,
Não sei apanhar rato,
Mas sou muito boa
Em acariciar um gato

Não sei consertar carro
Mas pneu vazio sei encher
Podia consertar muita coisa
Mas prefiro nem me meter

Costumava ser a mais viva

Sempre muito inteligente
Engraçado como é fácil se perder
Sem professor na cola da gente

Costumava ser a certinha
Tinha o encaixe perfeito
Engraçado como esses elogios
Nos fazem estufar o peito

Sei embaralhar, cortar e dar
Mas não consigo uma boa mão
Não consigo um monte de coisas
Conto com sua compreensão
Não sou especialmente tímida
Mas nunca conheci um rapaz
Que eu olhasse direto no olho
E contasse os meus segredos em paz

Posso fazer os meus votos
E usar anel de noivado
E posso te fazer promessas
Mas elas não terão significado

Você não faria isso por mim? Te pago bem
Pô, qualquer coisa eu pago pra você acabar com isso

Você não ajeita isso pra mim? O troço desandou
Pô, qualquer coisa te dou
Se você ajeitar o danado

Você não faria isso por mim? Te pago bem
Pô, qualquer coisa eu pago
Pra você acabar com isso
Oi, eu te amo, diz seu nome pra mim
Oi, não sirvo pra nada

você
vai
me
amar
mesmo
assim?

Eu estava com 22 anos, tinha acabado de terminar a faculdade e não queria, não queria *mesmo* ter um emprego.

Não me entendam mal: não era preguiça. Eu queria *trabalhar*. Mas não tinha a mínima vontade de ter um EMPREGO.

Tendo passado a adolescência como compositora superemocional e doida por teatro, eu estava ali desconcertada diante de um abismo sem fundo entre o que queria ser — *uma Artista de Verdade* — e como, bom... como fazer pra *virar* uma. Prestava meu culto diário no altar da MTV, mas não conhecia nenhum músico famoso e, portanto, não tinha como perguntar como eles tinham chegado lá. E mesmo músico não famoso, eu também não conhecia nenhum. Todos os adultos que eu via — meus pais, os pais dos meus amigos — tinham empregos “de adulto”: empregos misteriosos, complicados, enfarpelados, empregos em arranha-céus, empregos que envolviam computadores, empregos dos quais eu não entendia absolutamente nada e pelos quais não sentia o menor interesse.

Quando me perguntavam O Que Eu Queria Ser Quando Crescesse, eu mentia e tentava dar a resposta mais marcante que conseguia imaginar: Advogada! Médica! Arquiteta! Astronauta! Veterinária! (Eu gostava do meu gato. Imaginei que isso me qualificasse.)

A verdade parecia idiota demais, só isso. Eu queria ser uma Estrela do Rock. Não uma estrela pop. UMA ESTRELA DO ROCK. Artística, descolada. Como o Prince. Como a Janis Joplin. Como a Patti Smith. Como os caras do The Cure. Aqueles que pareciam Viver A Arte. Eu adorava tocar piano, adorava compor e sabia que, se pudesse escolher, era ESSE o emprego que eu queria ter.

Mas eu não fazia ideia de como conseguir um emprego assim, nem o que, em termos práticos, significava ser uma artista assalariada. E também nunca tinha visto um artista profissional no seu habitat natural até o primeiro show de rock a que assisti, aos onze anos, e descobri que Cyndi Lauper era uma pessoa de verdade. Até então, eu tinha lá minhas desconfianças de que Cyndi Lauper, Prince e Madonna poderiam ser, na realidade, atores interpretando convincentemente um papel.

Ainda mais grave, a educação em artes liberais que meus pais tinham feito a generosidade de se dobrarem em mil para me proporcionar, pois achavam que era uma necessidade fundamental para “a sobrevivência no mundo real”, havia sido de uma nulidade impressionante para me preparar para a dura realidade da carreira que eu escolhera.

Não que a faculdade se resumisse a teorias abstratas ou fosse mera perda de tempo, e não me arrependo nem um pouco de ter estudado. Aprendi a revelar meus filmes num quarto escuro. Aprendi os fundamentos da iluminação em teatro. Estudei Chaucer, John Cage, arte performática pós-moderna, cinema experimental alemão do pós-guerra e Crenças Pós-Apocalípticas Escatológicas Num Amplo Leque de Religiões e Gêneros Literários Mundiais. Aprendi até — não em sala de aula, claro — a construir um canhão de batata capaz de disparar um projétil a mais de oitenta metros (distância até o alojamento universitário rival do outro lado da rua) usando um cano comprido de PVC e um frasco de laquê extraforte Aqua Net. (E uma batata.)

Naqueles quatro anos, também aprendi que uma alimentação à base de homus, biscoitos e cereal matinal engorda, que é impossível abrir um barril de cerveja a menos que esteja devidamente resfriado e que ser DJ de um programa de rádio universitária das três às cinco da manhã não acrescenta absolutamente nada ao seu círculo social. E que heroína mata.

Mas *não* aprendi a ser roqueira e nem mesmo, aliás, uma boêmia contratável por algum salário; a Wesleyan University não oferecia nenhum curso prático nesse departamento. E parecia não ter ninguém por ali que pudesse me ensinar.

Então terminei, tirei o diploma, deixei a família feliz. E depois de me inscrever, surtar e logo desistir de uma bolsa integral para fazer o mestrado em “qualquer coisa que eu quisesse” na Universidade de Heidelberg (àquela altura percebi que a academia estava me tornando uma bêbada infeliz), voltei da Alemanha para casa, em Boston, com duas malas gigantescas e nenhum plano concreto para Começar A Vida de Verdade.

Avaliei minha situação:

Sabia que queria ser musicista.

Sabia que não queria um Emprego de Verdade.

Sabia que precisava pagar minha comida e um lugar para morar.

Arranjei um emprego de barista, aluguei um quarto numa pensão de segunda em Somerville, Massachusetts, e decidi que ia ser estátua.

• • •

A Sorveteria Toscanini, onde eu trabalhava na máquina de sorvete expresso e *sorbet* junto com uma porção de gente de vinte e poucos anos, era uma empresa local com três filiais em Cambridge, cujo dono e dedicadíssimo gerente era um cara incrível chamado Gus Rancatore. Na vitrine da sorveteria estava gravada uma singela citação na imprensa, que dizia:

“O MELHOR SORVETE DO MUNDO” — THE NEW YORK TIMES.

A turma do balcão cumpria quatro turnos por semana a 9,50 dólares por hora, mais as gorjetas, o que dava para viver, e todo mundo que trabalhava lá comia um monte de sorvete, que era grátis para os funcionários.

Minhas despesas consistiam em aluguel (350 dólares por mês), outra comida afora o sorvete (dava para viver com uns cem dólares por mês) e os extras: cigarro, cerveja, discos, consertos da bicicleta e, de vez em quando, alguma roupa. Nunca fui de gostos caros e comprava a maioria das minhas coisas num brechó em Cambridge chamado The Garment District, que tinha uma seção onde vendia roupa por quilo, e foi lá que encontrei O Vestido.

Montar a estátua foi fácil: percorri os brechós *vintage* tentando achar um vestido que fosse bem inspirador, de mangas compridas, gola alta, de uma cor só, bem monumental, e encontrei um vestido de noiva antigo que atendia às condições e custava apenas 29 dólares. *PERFEITO*, pensei. Vou ser uma *noiva*. Toda de branco. Serena. Triste. Misteriosa. *Recatada. Atraente. PENSATIVA!* Quem odiaria uma noiva?

Também comprei um pouco de tinta branca para o rosto, um véu rendado comprido e um par de luvas longas brancas de ópera. Então fui à loja de perucas e completei o conjunto com um corte chanelzinho preto estilo Bettie Page. Comprei um vaso de vidro numa loja de miudezas e pintei com spray branco na calçada do prédio onde morava.

Comecei no dia seguinte.

Achei que seria legal distribuir flores como pequeno sinal de gratidão,

mas não sabia de quantas ia precisar. Claro que não ia *comprar* flores com tantas crescendo à solta ao longo do rio Charles — tinha gastado minhas últimas economias no traje e estava lisa.

Assim, perambulei durante uma hora pelas margens do rio que corria suavemente ao longo dos alojamentos estudantis de Harvard, me sentindo muito empreendedora, original e boêmia, colhendo qualquer botão de flor que tivesse um ar apresentável, até juntar uns cinquenta. Peguei três engradados de leite largados num beco, me enfiei no banheiro exclusivo para funcionários no porão da Toscanini e me vesti.

Então, com o coração batendo forte, me arrisquei no cruzamento principal da Harvard Square. Por favor, visualizem a cena: eu andando numa calçada urbana normal, num dia quente de verão, com um vestido de noiva, a cara pintada de branco, carregando três engradados de leite, com uma peruca preta e coturnos alemães pretos e pesados. Chamava a atenção.

Escolhi um ponto relativamente movimentado na calçada de tijolos em frente à estação de metrô, empilhei os engradados em pirâmide, cobri o pedestal com um pedaço de pano branco, trepei em cima, endireitei as costas, ergui no ar meu vaso pintado com spray, cheio de flores silvestres e... fiquei imóvel.

• • •

Os primeiros instantes ali foram um terror.

Na verdade, me senti uma idiota.

Vulnerável. Boba.

Sorte que eu estava com a cara pintada de branco — fiquei vermelha nos primeiros dez minutos, dava pra sentir.

O puro absurdo da coisa não me passou despercebido.

Você está pintada de branco e de pé numa caixa.

Você está pintada de branco e de pé numa caixa.

Você está pintada de branco e DE PÉ NUMA CAIXA.

Quanta merda na cabeça.

O meu mantra masoquista cessou no instante em que os primeiros curiosos se aproximaram. Formou-se uma pequena multidão a uma distância respeitosa e um menino de uns cinco anos de idade chegou mais

perto, de olhos arregalados. Cuidadosamente, ele colocou no chapéu vazio aos meus pés o dólar que a mãe lhe tinha dado.

Imprimi vida nos braços num tranco, como se tivesse levado um choque, ergui teatralmente a mão acima do vaso pintado de branco, olhei para ele, então escolhi uma das flores e lhe estendi em silêncio.

Ele soltou um gritinho de prazer.

Funcionou.

Então outro pôs mais um dólar.

E outro.

E outro.

Ao final de uma hora, as flores se acabaram.

Desci. Voltei à Toscanini arrastando meus engradados, que guardei escondidos no porão, cumprimentei os colegas de trabalho, me esgueirei para trás do balcão, preparei para mim um café gelado com uma bola de sorvete de avelã, grátis, e me sentei em uma das mesinhas de metal do lado de fora para contar meu chapéu. Havia algumas moedas de troco miúdo, mas a maioria eram notas. Alguém tinha deixado uma de cinco dólares.

Tinha ganhado 38 dólares em uma hora. Num dia de boas gorjetas na sorveteria, eu ganhava 75 dólares. Em seis horas.

Lavei o rosto no banheiro e caminhava de volta para o centro da praça, com o maço de notas no bolso.

Bem no cruzamento da avenida Mass com a rua JFK, me veio um estalo. Parei de repente, pasma ao entender o que tinha acabado de acontecer.

Posso fazer disso um trabalho.

Posso fazer isso nos dias de calor e que não esteja chovendo.

Se acabei de fazer 38 dólares em uma hora, posso trabalhar três horas e fazer uns cem dólares por dia.

Não preciso mais servir sorvete.

Posso ter meu próprio horário.

Não preciso ter chefe.

Ninguém nunca vai me despedir.

NUNCA MAIS VOU PRECISAR TER UM EMPREGO DE VERDADE.

E na prática?

Na verdade, nunca precisei.



Eu já tinha experiência nessa coisa de estátua viva, mas muito rápida. Na época em que bebia pra valer, estudando de vez em quando e trabalhando meio período como garçom numa cervejaria ao ar livre (cerveja grátis!) durante um ano numa cidadezinha modorrenta da Alemanha chamada Regensburg, eu havia decidido complementar minha renda com uma versão beta d'A Noiva: uma estátua de bailarina da roda da fortuna, de cara branca, meio chapadona, que chamei de Princesa Roleta. Ficava parada no meio de um círculo de giz que eu desenhava na praça de paralelepípedos da cidade. Dividia o círculo em oito seções, cada qual com seu cestinho ou acessório, esperava algum desconhecido pôr uma moeda no chapéu e, nessa hora, eu fechava os olhos, girava e parava de supetão, apontando um lugar ao acaso. Então estendia mecanicamente algum presentinho (uma moeda exótica, uma bala, uma chave antiga), a menos, claro, que eu tivesse parado numa das seções "suicidas", e nesse caso eu encenava uma minitragédia burlesca, me matando com uma variedade de armas cenográficas. Rodopiava, parava, abria os olhos, me arrastava penosamente até o frasco de veneno, com um ar incrivelmente melancólico, enxugava uma lágrima imaginária, pegava o frasco, bebia o conteúdo invisível e então caía no chão, engasgando e estertorando. (Também tinha um revólver de brinquedo.) Depois de ficar como cadáver rijo e hirto, torcia para ganhar algum aplauso, levantava, espanava meu tutu de lantejoulas e retomava alegre e contente a pose imóvel no centro.

Era excêntrico, mas meio sinistro, uma espécie de *Ensina-me a viver* com Marcel Marceau. Os alemães não sabiam muito bem como reagir.

Um dos pontos de parada não resultava em presentes nem em suicídio: era o "jogo de chá", que devia corresponder a uma espécie de grande prêmio. Se eu parasse ali, pegava a mão da minha vítima, convidando-a em silêncio a se sentar no chão e fazer a mímica de tomar uma xícara imaginária de chá, usando uma coleção *vintage* de xícaras e pires rachados que eu havia comprado num mercado das pulgas. Eu achava que essa atividade seria absolutamente emocionante para todo e qualquer transeunte. Foi uma triste decepção ver que nem todos os alemães aceitavam o convite teatral de fazer a mímica do chá. Como descobri?

Nunca me passou pela cabeça que encenar meu suicídio cômico com diferentes acessórios no meio da praça de uma cidadezinha e convidar os desconhecidos a se sentar no chão provavelmente não fosse a maneira mais eficiente de conquistar o coração e os marcos alemães das famílias bávaras em seus passeios dominicais.

A Princesa Roleta logo me ensinou muito sobre os aspectos práticos e econômicos de ser artista performática e estátua viva, e também um pouco sobre os alemães. As principais conclusões:

1. *Não é* lucrativo dar a alguém uma Coisa que custou dois marcos se a pessoa presenteada dá cinquenta *pfennigs*.
2. Se você está numa Atuação Performática em troca em Dinheiro, e se cada Atuação leva dois minutos, e se uns meninos bávaros chatinhos de oito anos de idade estão pondo moedas de dez *pfennigs* no cesto, um depois do outro, enquanto as pessoas com marcos de verdade se divertem a observar, você não está Maximizando seu Tempo de Performance.
3. Alemães bem vestidos não gostam de se sentar no chão.

Encenei a Princesa Roleta apenas umas quatro ou cinco vezes, mas logo aprendi que a relação entre o artista de rua e o público de rua é bastante delicada e segue termos diferentes dos que regem a relação entre o artista de palco e o público pagante. Há um elemento muito maior de risco e confiança em ambos os lados.

Aprendi isso na marra já no primeiro dia, quando um homem de ar simpático, na casa dos trinta, se aproximou com a filhinha de uns três anos de idade. Pais passeando com filhos curiosos são uma dádiva dos céus para os artistas de rua; eles sentem grande prazer em dar aos filhos um dinheirinho para pôr no chapéu, enquanto observam a prole vivenciando uma interação-com-um-desconhecido mágica e espontânea, totalmente supervisionada por eles.

Só que essa desandou. O pai pôs uma moeda no chapéu e comecei a girar. Tinha aberto os olhos e visto que a menina fora até um dos cestos da minha roleta e se servira de um punhado enorme dos doces de presente. Fiquei perdida. A menina estava roubando minhas balas. Jamais tinha

imaginado essa hipótese. Depois de avaliar rapidamente qual seria a ação correta para o meu personagem, olhei a menininha direto nos olhos e, rompendo a mímica do silêncio, fingi soltar um grito. Com calma, mas com muito empenho, emiti um choramingo contido, porém agudo e aflito, de profunda angústia pela perda dos meus doces.

Não foi a coisa certa a fazer.

A menina então irrompeu em lágrimas DE VERDADE e soltou seu próprio choramingo (bem menos contido), e por uma fração de segundo nossos gemidos de angústia, como os uivos de uma alcateia, naquela praça de uma cidadezinha da Alemanha, ressoaram como uma espécie de grande grito épico, wagneriano, de perda e insensato sofrimento humano...

POR QUÊ??

Fiquei imobilizada, em choque, quando o pai horrorizado abrigou nos braços a filhinha vítima de tal agressão emocional e me fulminou com aquele olhar universalmente arrasador que diz: *O QUE VOCÊ FEZ COM A MINHA FILHA?*

Fiquei me sentindo realmente culpada, como se tivesse deixado uma cicatriz indelével na criança e aniquilado toda a alegria de qualquer futura interação baseada em confiança que ela pudesse vir a ter com quaisquer artistas de rua, atores, mímicos ou seres humanos.

Também me senti — e essa era uma emoção nova — uma péssima *artista*.

Naquele momento, houve um abalo sísmico. Até então, eu via meu papel nas ruas como o de uma artista performática que compartilhava o dom de seus impulsos criativos e excêntricos com o público sensível. Eu tinha crescido fazendo teatro experimental, escrevendo, dirigindo e interpretando minhas peças mórbidas e surreais nos palcos da escola. Eu não era do mundo do entretenimento — estava fazendo *arte*, poxa! E ainda que não tivesse medo de incomodar as pessoas, jamais tive a intenção de *feri-las*.

Aquela interação me fez entender que trabalhar Na Rua não era igual a trabalhar no teatro. A Rua é diferente: ninguém compra ingresso, ninguém escolhe estar ali. Na rua, o que faz os artistas se darem bem ou se darem mal é a habilidade de criar um espetáculo em circunstâncias inesperadas, de entreter plenamente um público que não previa que seria público e de fazer

com que pessoas ao acaso *se interessem* por alguns minutos. Os passantes confiam que você lhes dará algo de valor em troca do tempo e da atenção *deles* — e (talvez) dos dólares deles. Algo habilidoso, inesperado, marcante, prazeroso, algo que comova. Salvo raras exceções, eles não nos dão dinheiro para serem confrontados e incomodados.

Aquele pai e a filhinha não queriam *teatro*.

Não queriam provocação.

Queriam entretenimento.

Mas também queriam algo mais. Queriam *conexão*.

Então me ocorreu, parada ali com o rosto pintado de branco e meu tutu de bailarina, que eu estava de fato trabalhando com uma função: uma estranha combinação de boba da corte, anfitriã e sacerdotisa. Um estranho *jukebox*, funcionando à base de moedas para fornecer conexões básicas, afáveis, humanas.

• • •

Aprendi uma lição em meu primeiro dia de Noiva: ficar de pé num engradado de plástico se torna algo REALMENTE desconfortável depois de alguns minutos, conforme o meio da caixa vai se afundando devagar sob nosso peso. É um horror para os joelhos.

Eu ficava parada de coturnos por meia hora no mesmo lugar, até que a posição se fazia insuportável e eu precisava me mexer. Esperava um momento entre uma aglomeração e outra, e então transferia imperceptivelmente o peso de um pé para o outro, encontrando outra parte do engradado para ficar. Alguns dias depois, descobri que podia resolver o problema forrando a superfície com uma placa de compensado firme.

Naquela condição de mudez e imobilidade, o tempo e o espaço adquiriam uma nova qualidade fascinante, que se media na liberação de um movimento a outro, e eu criava um diálogo oral interior com o mundo ao redor. Eu imaginava que, se dissesse as coisas em volume suficiente dentro da cabeça, a mensagem sairia por meus olhos.

Oi.

Piscava um pouco e olhava meu novo amigo humano, enquanto me fitavam.

Quando punham dinheiro no chapéu, cravava os olhos nos deles e pensava:

Obrigada.

piscada

Aqui. Pegue uma flor.

piscada

E se estivesse de muito bom humor:

Te amo.

piscada

• • •

O que eu não previra eram os contatos súbitos e intensos com certas pessoas — principalmente as solitárias, que pareciam não ter contato com ninguém fazia séculos. Eu ficava fascinada com os momentos íntimos do contato visual demorado acontecendo na calçada cheia de gente, entre o barulho do trânsito, o som das buzinas, os gritos dos vendedores ambulantes anunciando seus artigos e os panfletos que os ativistas entregavam a cada um que passava, enquanto alguns temporários encardidos tentavam vender o jornalzinho da comunidade de desabrigados às pessoas que corriam para pegar a condução... calçadas onde geralmente é proibido trocar com desconhecidos um olhar direto e silencioso por mais de um ou dois segundos.

Meus olhos diziam:

Obrigada. Estou vendo você.

E os olhos deles diziam:

Nunca ninguém me vê.

Obrigado.

• • •

Alguns anos atrás, num retiro de ioga, já tarde da noite, um professor pediu a alguns de nós que tentássemos lembrar a primeira vez na nossa infância que notamos que as coisas, por falta de um termo mais clínico, “não estavam bem”. Minha resposta veio tão rápido e foi tão reveladora que caí na risada. Na verdade, é minha primeira lembrança completa. Eu tinha três

anos.

Em nossa casa havia uma escada bem alta de madeira, e um dia rolei por ela toda, do andar de cima até o térreo. Lembro claramente aquele pânico de *Vou morrer?* em câmera lenta, enquanto descia aos trambolhões com a visão borrada como num desenho animado. Não me machuquei, mas fiquei traumatizada com o tombo e, chorando atordoada, entrei correndo na cozinha para contar a epopeia do acidente à minha família.

E aqui está o que lembro.¹ A cozinha estava cheia de gente: minha mãe, provavelmente meu padrasto, talvez minhas três irmãs mais velhas, talvez alguns outros adultos.

E nenhum deles acreditou em mim.

Acharam que eu estava inventando. Tentando ganhar atenção. Exagerando. Dramatizando.

E ali estava eu, aos 32 anos de idade, num retiro de ioga, procurando desesperadamente encontrar a mim mesma e percebendo que tudo o que eu vinha fazendo na vida, em termos artísticos, podia ser resumido da seguinte maneira:

POR FAVOR, ACREDITEM EM MIM. SOU REAL. SÉRIO, ACONTECEU. DOEU.

E fiquei ali sentada, rindo e rindo sem parar.

E chorando. E rindo. De mim mesma.

Foi muito constrangedor.

Eu ria pensando em todos os truques ridículos que tinha armado como adolescente introvertida, raivosa, rebelde, me vestindo feito uma figura esdrúxula e grotesca, mas medrosa e insegura demais para falar com as pessoas. Ria pensando em mim mesma nos últimos anos da faculdade, uma antissocial que se jogava no chão nua e coberta de sangue cenográfico, em vários locais do campus, se fingindo de morta, como parte da sua tese sobre a arte performática pós-moderna, tentando despertar *algum* tipo de reação nos outros estudantes.

POR FAVOR, ACREDITEM EM MIM. SOU REAL. DÓI.

Ria pensando na quantidade de músicas pungentes para piano que eu tinha composto durante a adolescência, e que se resumiam a um único manifesto, martelante, dilacerante, martelante, dilacerante, com um tema só:

POR FAVOR, ACREDITEM EM MIM. SOU REAL.

Ria pensando nas centenas de horas que passei em cima de uma caixa, olhando silenciosa e melancólica os passantes, oferecendo-lhes flores em troca de dinheiro. Ria pensando nos clubes de striptease em que trabalhei naquela mesma época, requebrando ao som de Nick Cave e fitando os olhos de desconhecidos bêbados e solitários, desafiando-os a olharem o interior da minha alma em vez de entre minhas pernas:

POR FAVOR, ACREDITEM EM MIM. SOU REAL.

Ria pensando em todas as noites em que uivei nos palcos, berrando aquelas mesmas velhas músicas da adolescência com toda a força dos meus pulmões, da maneira mais agressiva, franca e *crível* que eu podia, a tal ponto que, durante um ano, fiquei sem voz no final de quase todas as apresentações e tive que operar a garganta para remover os calos ásperos e vermelhos que tinham se formado nas minhas cordas vocais de tanto gritar:

POR FAVOR, ACREDITEM EM MIM.

Ria pensando em todos os artistas que conheci — todos os escritores, todos os atores, todos os cineastas, todos os malucos ensandecidos que decidiram abrir mão de uma vida com salário previsível, ascensão na carreira e declaração de imposto de renda muito simples, e preferiram ganhar a vida tentando de certa forma revirar do avesso seus processos mentais de conectar os pontos e mostrar os resultados ao mundo — e que tudo isso, talvez, se resumisse a uma coisa só:

ACREDITEM EM MIM.

Acreditem em mim.

Sou real.

• • •

É o seguinte: todo mundo parte de alguma carência. Queremos que nos vejam, nos entendam, nos aceitem, se conectem com a gente.

Todos nós queremos que acreditem na gente.

A única coisa é que os artistas costumam ser mais... veementes a respeito disso.

• • •

Naquele mesmo retiro de ioga, ficamos de pé, parados, um de frente para o outro, em pares, nos olhando bem de perto. Era para simplesmente ESTAR com a outra pessoa, mantendo contato visual, sem fazer nenhum gesto social para ficar à vontade, como rir, sorrir ou pestanejar.

E as pessoas choravam. Homens e mulheres. Soluçavam de verdade.

Quando terminamos o exercício, comentamos nossas sensações. O mesmo tema ressurgiu várias vezes: muitos nunca tinham se sentido tão *vistos* pelo outro. Vistos sem paredes, sem críticas... só vistos, reconhecidos, aceitos. A experiência foi — para muitos — dolorosamente rara.

• • •

Mesmo os céticos entravam no romance d'A Noiva. As pessoas têm uma Coisa com Noivas.

Acho que foi nisso que confiei quando comprei o vestido. Quem odiaria uma NOIVA?

Tem algo de magia, pureza, beleza. A virgem. A santa. A esperançosa. Sei lá.

Passei muito tempo em cima daquela caixa apreciando a ironia de que meu ganha-pão era ser uma noiva, enfiada naquele vestido, enquanto sabia, em termos filosóficos, que não queria me casar. Nunca.

Meus pais, padrastos, madrastas e seus respectivos ex, todos eles me pareciam malucos. Pra que continuar casando e descasando, gente? Por que não FICAR JUNTO, e só?

Eu não ia cometer o mesmo erro. Mesmo estando apaixonada.

Queria ser livre. Sem amarras.

O casamento sempre me pareceu um inferno.

• • •

Quando um desconhecido punha dinheiro no chapéu, eu tentava transmitir uma imensa gratidão por aquele salvador que me libertara por um instante da imobilidade. Não olhava o doador imediatamente. Ficava tímida. Olhava o céu. Olhava o povo. Olhava a rua. Olhava meu vaso. E aí, depois de escolher a flor perfeita com a maior graça e leveza possível, por fim fitava meu novo amigo, sorrindo nunca com os lábios, mas sempre com

os olhos, inclinando sempre muito ligeiramente o corpo para a frente, estendendo a flor com delicadeza entre o polegar e o indicador.

Isso invariavelmente me lembrava o ato da comunhão: aquele pequeno momento próximo e silencioso quando o padre estende a hóstia, dizendo em tom íntimo para você receber o corpo de Cristo. (Quando criança, eu morria de tédio na igreja, mas sempre adorei esse ritual. Também gostava dos trechos cantados.)

Então, um dólar no chapéu. Eu fitava amorosamente meu novo amigo humano, preenchendo minha cabeça com um breve monólogo em silêncio, que era mais ou menos assim:

O corpo de Cristo, o cálice da salvação.

Veja esta flor sagrada, amigo humano.

Tome, é pra você. Um presente meu de coração.

Ah, quer uma foto? Tudo bem! Tiremos uma foto.

Ficarei segurando esta flor enquanto sua namorada pega a câmera.

O corpo de Cristo, o cálice da salvação. A flor da paciência.

Ah. A câmera da sua namorada ficou sem bateria.

Agora seu outro amigo está pegando sua câmera.

Não tem problema nenhum. Porque sou a imagem do zen e do agora.

O corpo de Cristo, o cálice da salvação, a flor do perdão.

Então venha a mim, amigo humano! Aninhe-se nas pregas do meu vestido branco, posaremos juntos. Com amor.

Ah, novo amigo humano, seu amigo com a câmera está bêbado, não é?

Possa ele encontrar paz. Possa ele encontrar consolo. Possa ele encontrar o botão do disparador.

Tudo bem. Agora finalmente tem seu retrato e trocou um cumprimento com seu amigo bêbado.

Agora, por favor, tome esta flor que aqui lhe ofereço. O meu sacramento.

O corpo de Cristo, o cálice da salvação, a flor da unidade e da alegria e...

EI!

Por que está indo embora?

Tenho uma flor para você!

Uma dádiva! Um sinal sagrado de amor!

O corpo de Cristo!!

TOMA ESSA PORRA DE FLOR.

Pô, cara, sério?... não quer a minha flor?

Jesus, tá, tá bom.

Vou deixar a cabeça pender em pesarosa vergonha por tudo o que há de errado no mundo.

Enquanto o cara se afastava, eu deixava a cabeça pender em pesarosa vergonha por tudo o que há de errado no mundo.

E se eu, segundo minha própria avaliação, estivesse fazendo meu trabalho direito, todo mundo que assistisse àquela interação na calçada ia gritar para o cara, que se afastava com a namorada e o amigo bêbado:

EI! EI, VOCÊ AÍ! ELA ESTÁ TE OFERECENDO UMA FLOR!!! PEGA A FLOR!!!!

O cara geralmente cedia à pressão dos outros e voltava para pegar. Mas nem sempre.

Às vezes eu tinha simplesmente que deixar ele ir.

Já as garotas quase sempre pegavam a flor. E as que recusavam? Às vezes pareciam achar que estavam me fazendo um favor ao recusar a flor, numa atitude de:

Não, não! Não precisa! Guarde para outra pessoa!

Mas não entendiam que aquilo partia meu coração. Presenteá-las com a flor — meu pequeno símbolo sagrado — era o que me fazia me sentir uma artista, alguém com algo a oferecer, e não um objeto de caridade.

Com os anos, porém, me acostumei, e em vez de tomar como algo pessoal comecei a entender:

Às vezes as pessoas simplesmente não querem a flor.

Às vezes você tem que deixar que se afastem.

• • •

Joshua Bell, violinista mundialmente reconhecido, associou-se ao *Washington Post* numa experiência social, tocando certa manhã seu Stradivarius de 3,5 milhões de dólares na estação de metrô L'Enfant Plaza, em Washington, D.C. Durante a apresentação, que durou uns 45 minutos, sete pessoas ficaram paradas um minuto ou mais para ouvir, 27 deram dinheiro, e ele juntou um total de 32 dólares (sem contar a nota de 20 dólares que foi deixada no chapéu pela única mulher que o reconheceu).

Mais de mil pessoas passaram por ele sem parar.

Depois do ocorrido, era fácil abanar a cabeça diante da visível vergonha daquilo tudo: como uma música tão *valiosa* — algumas daquelas pessoas talvez fossem comprar um ingresso a 150 dólares para ouvi-lo tocar o mesmo repertório num teatro, na noite seguinte — ficava tão *sem valor* na rua?

Mas, quando a gente examina a filmagem do evento feita pela câmera escondida e observa a hora do dia (o rush da manhã) e a demografia (funcionários públicos indo apressados para o trabalho), a coisa começa a fazer mais sentido. Aqueles bárbaros insensíveis que não faziam ideia do que presenciavam eram trabalhadores pegando condução a caminho do emprego, não podiam se dar ao luxo de parar naquele momento para apreciar a arte. Certas artes precisam de contexto. Não podemos criticar aqueles passantes; podemos apenas aplaudir e agradecer aos poucos que diminuíram o passo, ergueram a cabeça, ouviram a voz de deus falando através de Bach falando através do Stradivarius de Josh Bell, e sentir alegria e esperança de que alguns tenham realmente dado 1 ou 2 dólares.

Quanto a mim, levei alguns meses dando duro como estátua até pegar bem o jeito e desenvolver esse sentimento de profunda gratidão por aquela pequena parcela da população, por menor que fosse, disposta a sintonizar por um instante sua frequência mental no Art Channel, interrompendo a marcha a caminho do trabalho.

Esse sentimento constante moldou minha constituição de uma maneira fundamental. Não me sentia *apenas* fugazmente agradecida a cada ser generoso que parava; fui esculpida num receptáculo com o formato da gratidão e nunca era indiferente aos que se dispunham a diminuir o passo e se conectar.

• • •

Existe um certo sentimento de gratidão indiscriminada que é essencial cultivar, se você pretende sobreviver com a arte. Não pode se dar ao luxo de escolher muito seu público, nem a maneira como ele quer retribuir. Em dinheiro? Em ajuda? Em gentileza?

Cada uma dessas moedas tem um valor próprio. Dita Von Teese, estrela

da cena burlesca contemporânea, contou certa vez uma coisa que ela aprendeu quando começou a fazer striptease em Los Angeles. As colegas — dançarinas loiras platinadas, de bronzado artificial, corpo depilado, biquínis fluorescentes — tiravam a roupa para um público de cinquenta caras no clube e ganhavam 1 dólar de gorjeta de cada um. Dita subia ao palco com luvas de cetim, corpete e tutu, e fazia um striptease excitante até que só sobrasse a calcinha, deixando o povo confuso. E aí 49 caras a ignoravam, enquanto um lhe dava 50 dólares.

Aquele homem, disse Dita, era o público dela.

Foi exatamente o que aprendi ali, de pé na caixa, depois tocando em bares com minha primeira banda e, mais tarde, quando recorri ao *crowdfunding*. Era essencial sentir gratidão pelos poucos que paravam para assistir ou ouvir, em vez de desperdiçar energia me ressentindo com a maioria que seguia em frente.

Sentir gratidão foi uma habilidade que desenvolvi na rua e levei comigo para a indústria da música. Nunca pretendi agradar a todos que passavam na rua ou a todos os ouvintes da rádio. Eu precisava apenas de... *algumas* pessoas. Pessoas suficientes. Suficientes para que valesse a pena voltar no dia seguinte, suficientes para eu pagar o aluguel e pôr comida na mesa. E, assim, suficientes para eu continuar fazendo arte.

• • •

Um rosto pintado de branco é uma coisa interessante. É um significante historicamente rico, a camada de pancake branco de palhaço cobrindo a pele como uma máscara de papel fino, um convite universal de um ser humano a outro:

Aceita-se e encoraja-se que você me olhe na cara e faça contato visual.

Só agora entendo por que fazia muito mais sentido manter o branco do rosto quando fiz minha transição de estátua para integrante de uma banda de rock. Nossa maquiagem, inspirada num cabaré de Weimar, era a marca do The Dresden Dolls. Muitas vezes ridicularizada (principalmente pelas outras bandas indie e hipster de Boston que nos tratavam como “a banda de mímicos gays”), muitas vezes mal interpretada (pelos jornalistas que perguntavam o que nossos alter egos, à la Ziggy Stardust ou Alice Cooper,

supostamente “representariam”) e muitas vezes reproduzida nos rostos dos nossos fãs como símbolo de solidariedade, a cara pintada de branco funcionava como uma bandeira excêntrica.

Eu gostava permitir que os outros me olhassem no rosto. Não tanto porque queria dizer para as pessoas ME OLHEM ME OLHEM ME OLHEM, mas porque eu queria que elas se sentissem convidadas a encontrar meu olhar e compartilhar um momento. E eu sabia que o jogo funcionava. Sabia que, por tê-los convidado a me olharem na cara como um anfitrião convida a visita a entrar na cozinha, eu também seria convidada a olhá-los. Então veríamos um ao outro. E é aí que está a magia.

Eu vejo você.

ACREDITE EM MIM.

Perguntem a qualquer grande ator: às vezes, a máscara é a ferramenta que permite que você chegue à verdade.

• • •

O silêncio tem alguma coisa de especial.

Uma noite, num restaurante à luz de velas em São Francisco, logo depois de nos casarmos, perguntei a Neil se podíamos apenas trocar bilhetes durante todo o jantar. Em tempo real, como se fossem mensagens de texto, mas com papel e caneta.

O garçom nos achou um pouco esquisitos, mas, ao final do jantar, havíamos trocado uma quantidade de informações íntimas que provavelmente não teria sido possível se ficássemos lá só conversando. E pudemos ilustrar os nossos temas com gráficos e desenhos. E aproveitamos muito bem a comida, pois literalmente não falamos durante a refeição.

O casal na mesa ao lado perguntou o que estávamos fazendo; quando explicamos, eles pediram ao garçom duas canetas e um bloco de papel.

• • •

Uma das coisas de que eu mais gostava n’A Noiva era o fato de que, embora fosse muda, ela permitia que as pessoas conversassem entre si.

Eu era um assunto instantâneo para conversas. E poucas coisas me davam mais prazer do que ver gente sem nada em comum falando sobre A

Noiva como conversariam sobre uma ambulância passando ou uma tempestade que se aproximava.

Desculpe, aquilo é uma pessoa?

Ei, cara, é uma pessoa de verdade?

Uau, é uma estátua de verdade?

Olha só! O que ela faz se a gente der dinheiro?

São elementos que criam um espaço seguro para a comunhão. Eu ficava absolutamente radiante de alegria quando via um desconhecido entregar dinheiro a outro, dizendo:

Ei, perai! Pega esse dólar, põe ali no chapéu dela! Você precisa ver isso! É uma pessoa de verdade!

Aquilo me dava fé na humanidade. Mesmo que achassem que eu era um travesti.

• • •

Anthony era o meu melhor amigo.

Desde menina, tento explicar às pessoas O QUE, exatamente, ele era para mim na infância e adolescência. Ele não era meu guru, não era meu pai, não era meu mestre.

Normalmente eu tentava descrevê-lo murmurando alguma frase que incluía a palavra “mentor”, mas em geral me dava por satisfeita com esta descrição atropelada: *Anthony me conheceu quando eu tinha nove anos e me ensinou tudo o que sei sobre o amor e é quem me conhece melhor e ainda nos falamos quase todos os dias mesmo quando estou em turnê no Japão.*

Anthony gostava de contar para os outros como foi um dos nossos primeiros contatos, logo depois que ele se mudou para a casa vizinha à dos meus pais, na rua sossegada em que cresci em Lexington, Massachusetts.

Era uma noite de inverno, depois de uma grande nevasca em nosso pequeno bairro de subúrbio, e ele e a esposa, Laura, estavam dando um jantar. Atravessei o gramado de casa até o jardim dele e comecei a atirar bolas de neve na janela. Achei que era engraçado. Ele também achou, mais ou menos.

Anthony veio até a porta.

Quero uma guerra de bolas de neve, eu disse.

Não posso, respondeu ele. Mas depois te pego.

E voltou para o jantar, no calor entre a lareira e o vinho do mundo adulto em que vivia.

Aí, segundo a história, voltei uns vinte minutos depois e recomecei a atirar bolas de neve na enorme vidraça da janela deles.

Ele reapareceu à porta.

Mas o que que é isso?

Você falou que me pegava depois, expliquei. Estou aqui pra ser pega.

Amanda, faz vinte minutos isso, respondeu ele. Eu quis dizer depois... tipo... amanhã.

Não me lembro disso, mas sei a história de cor, pois ele a repetiu muitas vezes. Também não me lembro do primeiro abraço que dei nele, mas Anthony também gosta de contar essa história.

Eu tinha treze anos, e nossa relação passara de uma ocasional guerra de bolas de neve entre vizinhos para uma amizade em tempo integral. Ele diz que estávamos de pé, na entrada de sua garagem, e havia acontecido alguma coisa que merecia Um Abraço de Verdade.

Mas a gente nunca tinha se abraçado antes, e eu, segundo ele, estava *interessada* na ideia, mas não estava acostumada a abraçar. Então inclinei meu corpo em direção ao dele, conta Anthony, como um pinheiro caindo devagar, apoiando minha cabeça em seu peito enquanto mantinha o resto do corpo a uma distância apavorada.

Anthony e Laura não tinham filhos, e aos poucos fui adotada como filha espiritual deles. Anthony era terapeuta profissional e bom ouvinte. Eu precisava desesperadamente de alguém para me ouvir. E, depois de eu despejar toda a minha dor de adolescente em cima dele, Anthony soube ganhar minha confiança. Ele nunca me dizia o que fazer.

Em vez disso, me contava histórias.

Sobre a vida dele, sobre mestres zen, sobre seu avô.

Eis uma das minhas favoritas.

Um camponês está sentado na varanda de casa, à toa.

Um amigo aparece para cumprimentá-lo e ouve um som medonho, um ganido agudo e prolongado, vindo de dentro da casa.

— Que som pavoroso é esse? — pergunta o amigo.

— É o meu cachorro — responde o camponês. — Está sentado num prego.

— Mas por que ele não levanta e sai dali? — quer saber o amigo.

O camponês pensa e então diz:

— Ainda não dói o suficiente.

Ao longo dos anos, Anthony me contava essa história sempre que eu estava sofrendo de algum surto autodestrutivo especialmente intenso. Era uma época pré-celular, então eu ligava para ele do alojamento da faculdade, dos quatinhos vagabundos em que eu morava de aluguel, dos apartamentos dos namorados e, no ano em que fui mochilar e estudar no exterior, dos orelhões de toda a Europa, em ligações a cobrar. Deixava mensagens que lotavam a secretária eletrônica e mandava pelo correio cartas datilografadas tão compridas que mal cabiam no envelope sem estourar a beirada.

POR QUE CONTINUO FAZENDO ESSAS COISAS COMIGO?, eu perguntava, me queixando da última ressaca arrasadora, da morte por um triz, da carteira extraviada, do termina-e-volta com o último namorado viciado (mas muito lindo).

Dava para vê-lo sorrindo do outro lado da linha.

Ah, querida. Ainda não dói o suficiente.

• • •

Durante toda a vida, tive dificuldade em me sentir real.

Até pouco tempo atrás, eu não sabia como esse sentimento é absolutamente universal. Por muitos anos, achei que eu era a única. Os psicólogos têm um termo para isso: síndrome do impostor. Mas, antes de conhecer essa expressão, cunhei uma: A Patrulha da Fraude.

A Patrulha da Fraude são as forças imaginárias e aterrorizantes dos adultos “reais” que você acredita — em algum nível subconsciente — que virão bater à sua porta no meio da noite para dizer:

Estamos de olho e temos provas de que você não tem A MENOR IDEIA DO QUE ESTÁ FAZENDO. Você é acusada do crime de dar um jeitinho, culpada de só inventar merda, e na verdade você nem merece seu emprego, vamos levar tudo embora e CONTAR PARA TODO MUNDO.

Mencionei A Patrulha da Fraude durante um discurso de formatura que fiz há pouco tempo numa faculdade de artes e pedi que os adultos na sala que já tivessem sentido isso, inclusive do corpo docente, erguessem a mão. Creio que ninguém deixou de levantar a mão.

Quem trabalha com artes luta diariamente contra A Patrulha da Fraude, pois nosso trabalho em grande parte é novo e escapa a categorias prontas ou convencionais. Quando se é artista, ninguém te diz como ou bate com a varinha mágica da legitimidade. É você que bate na própria cabeça com uma varinha que você mesmo fez. E você se sente um idiota ao fazer isso.

Não existe o “caminho certo” para se tornar artista de verdade. Você pode achar que vai ganhar legitimidade se fizer um curso de artes, se for publicado, se for contratado por uma gravadora. Mas tudo isso é conversa mole e está só na sua cabeça. Você é artista quando diz que é. E é um bom artista quando faz outra pessoa sentir ou vivenciar algo profundo ou inesperado.

No mundo acadêmico, quando você “chega lá”, torna-se professor titular. É oficial. Mas, na maioria das vezes, a indicação e aprovação “externa” em qualquer área (*Parabéns! Você é Professor Titular / CEO / Presidente etc.*) não silencia obrigatoriamente A Patrulha da Fraude. Na verdade, com a aprovação externa, ela pode até ficar mais veemente: só que a briga agora é no tribunal superior e não num beco, trocando socos. Junto com todas as camadas de títulos e responsabilidades oficiais vêm outras camadas ainda mais profundas e assustadoras de *puta merda, eles vão me descobrir*.

Posso imaginar uma neurocirurgiã experiente, logo antes de fazer a primeira incisão, tendo aquele momento brevíssimo em que pensa:

É sério isso? Hoje cedo deixei o celular cair numa poça d'água, demorei pra encontrar minhas chaves, não consigo manter um relacionamento, e aqui estou eu segurando um bisturi afiado para abrir a cabeça de alguém. E a pessoa pode morrer. Quem está me deixando fazer isso? Que MERDA.

Todo mundo está dando um jeitinho de alguma maneira, disso podemos ter certeza.

Tanto no mundo da arte quanto no mundo dos negócios, a diferença entre amadores e profissionais é simples:

Os profissionais sabem que estão dando um jeitinho.

Os amadores fingem que não.

• • •

Num dia médio, trabalhando com dois buquês de flores, eu conseguia fazer cerca de cem dólares. Às vezes mais, às vezes menos, mas certamente era mais do que os 9,50 por hora que recebia na Toscanini.

A estabilidade da minha renda realmente me surpreendia. Se o tempo estava firme, eu podia receber de 40 a 50 dólares por hora de pessoas aleatórias andando por ali e tomando uma decisão aleatória de me dar um valor aleatório.

Como era possível ser tão previsível? É uma pergunta que deixo aos economistas. Quando perguntei sobre isso aos meus seguidores no Twitter e os estatísticos começaram a participar, falando em sincronicidade de entropia probabilística, desisti e fiquei com uma teoria mais simples:

Se tiver oportunidade, uma pequena parcela constante da população pagará de bom grado pela arte.

• • •

No alto da caixa, às vezes eu me apaixonava pelas pessoas. Pensando bem, isso acontecia muito. Era fácil, considerando-se como eu estava segura e protegida ali em cima, na minha nuvem de bela, nívea, intocável imobilidade. Nenhum compromisso. Só aqui, só agora, só nós.

De vez em quando, algum dos sem-teto mais miseráveis da praça Harvard se aproximava, deixava um dólar e eu oferecia minha flor. Nos olhávamos e às vezes seu rosto se contraía e surgiam lágrimas.

Oi.

Eu vejo você.

Não acredito que você acabou de me dar um dólar.

Com certeza precisa mais do que eu.

Tenho te visto circulando pela praça o dia inteiro, pedindo dinheiro às pessoas, e rezo para que você saiba que, neste momento, você e eu somos exatamente iguais.

Mas nunca me senti culpada por esses dólares, pois havia enorme beleza e humanidade no fato de esses sem-teto, junto com os turistas ricos, pararem para estabelecer um vínculo comigo. Eles viam valor no que eu fazia. Viam o poder e a necessidade da conexão humana.

Era justo? Não sei. Mas parecia.

Havia algo de conspiratório nisso. O dinheiro deles parecia carregar tanto valor simbólico que eu me enchia de orgulho — eles me aprovavam e, para mim, essa aprovação significava, de certa forma, mais do que a dos outros.

Comecei a entender que existia um ecossistema financeiro clandestino na praça Harvard, envolvendo todos nós, os excêntricos de rua. Eu achava impossível passar pelos outros artistas de rua — um elenco recorrente de titereiros e músicos, malabaristas e mágicos — ou pelos sem-teto sem dar para eles os meus próprios dólares, às vezes os que tinha acabado de receber no chapéu. A dádiva circulava.

Um dia, um japonês bem velhinho e esfarrapado ficou me olhando durante um tempão.

Ele montou um ninho num dos bancos de cimento do outro lado da rua, rodeado por sacos de dormir enrolados e uma coleção esfrangalhada de sacos de lixo de cor indefinida, e ficou ali sentado, me olhando com o seu rosto envelhecido. Eu o observava pelo canto do olho. Depois de uma hora, mais ou menos, ele extraiu do fundo do bolso uma nota de 1 dólar, veio num andar arrastado até mim, pôs o dólar no chapéu e olhou para cima.

Aqui está sua flor.

Eu vejo você.

Seus olhos se estreitaram e ele me encarou, como se procurasse a resposta a uma pergunta que eu não ouvira, e eu só devolvi o olhar. Então ele assentiu de leve com a cabeça, pegou a flor e se afastou devagar. Eu me apaixonei por ele.

No dia seguinte, ele voltou e deixou um bilhete no chapéu.

Queria saber se eu me casaria com ele.

Não sei que resposta ele esperava.

Nunca mais o vi.

• • •

Eu queria ser vista.

Isso era uma verdade absoluta. Todos os artistas — todos os seres humanos — querem ser vistos; é uma necessidade básica. Mesmo os tímidos que não querem ser *olhados*.

Mas eu também queria *ver*, e muito.

Não entendia isso muito bem, e só vim a entender depois de passar algum tempo em cima daquela caixa. Tanto quanto ser vista, e talvez ainda mais, o que eu adorava era trocar, *compartilhar* o olhar. Sentir a conexão.

Eu precisava da via de mão dupla, da troca, da relação, do convite à verdadeira intimidade que de vez em quando eu recebia pelos olhos dos meus patronos de rua aleatórios. Não era sempre que isso acontecia. Mas acontecia com frequência suficiente para me manter ali em cima da caixa.

E é por isso que fazer striptease, algo que tentei alguns anos depois, simplesmente não funcionava para mim, mesmo que em geral eu ganhasse muito mais. Eu era *olhada*. Mas nunca me sentia vista. Não dava liga, não havia uma conexão emocional de verdade. Intimidade *física* havia aos montes: testemunhei muitos homens recebendo punheta debaixo das mesas,² muita esfregação de coxas, peitos e outras coisas no balcão. Eu dançava durante horas intermináveis, completamente nua num palco, e falava durante horas ainda mais intermináveis com os homens mais solitários do mundo, fingindo tomar champanhe. Nós, as strippers, éramos especialistas em despejar o conteúdo da taça nos baldes de gelo quando os clientes não estavam olhando — era uma habilidade que a gente realmente precisava adquirir trabalhando no The Glass Slipper. Se bebesse todo o champanhe (vendido a um preço absurdo, do qual eu recebia 15%) que, numa noite de bom movimento, os solitários a fim de conversar me ofereciam, eu consumiria em seis horas de expediente o suficiente para me levar a um coma alcoólico.

Às vezes eu ia para casa e tinha uma leve crise nervosa, sem ideia do que fazer com toda aquela solidão que eu havia coletado. Tentei colocar numa letra, anos depois, numa música chamada “Berlin” (meu pseudônimo como stripper):

It's hard to work on an assembly line of broken hearts
Not supposed to fix them, only strip and sell the parts

É dureza trabalhar numa linha de produção de corações
despedaçados

Não é pra consertá-los, só tirar as peças e vender aos bocados

As pessoas olhavam direto para a sua virilha.
Mas ninguém olhava você nos olhos.
E isso me enlouquecia.

• • •

Às vezes alguém sustentava meu olhar e tentava *devolver* a flor para A Noiva, como que me retribuindo pela flor que eu acabara de dar.

E eu fazia um gesto:

Não, não, fique com ela.

De vez em quando, voltavam quinze minutos depois, deixando a meus pés um buquê inteiro comprado em floricultura. Outras pessoas colhiam flores ou raminhos de azáleas no Harvard Yard e me estendiam de presente; então eu entregava uma das minhas flores e continuávamos naquela troca, que ficava muito confusa e engraçada.

Num dia movimentado, eu não sabia quem estava dando o quê a quem.

• • •

Pedir é, em essência, uma colaboração.

A cirurgiã sabe que o trabalho dela é uma obra criativa. Não pode ser executado por uma máquina, pois exige capacidade de tomar decisões e delicadeza humana. Um autômato não é capaz de operar, pois é algo que exige pensamento crítico e uma boa dose de saber se virar. Requer um equilíbrio entre autoconfiança e colaboração, uma mescla de intuição e improvisação.

Se a cirurgiã, ao abrir aquele cérebro vulnerável, se depara com um caroço inesperado e precisa pedir algo essencial à pessoa ao seu lado — e rápido —, não pode desperdiçar nem um segundo com perguntas como:

Eu mereço pedir essa ajuda?

Essa pessoa a quem estou pedindo é realmente confiável?

Sou uma babaca por ter o poder de pedir neste momento?

Ela simplesmente aceita sua posição, pede sem vergonha, pega o bisturi certo e continua a incisão. Algo maior está em jogo. Isso se aplica a bombeiros, pilotos e salva-vidas, mas também a artistas, cientistas, professores — a todos, em qualquer relação.

Quem consegue pedir sem sentir vergonha se enxerga como alguém que colabora — e não que compete — com o mundo.

Pedir ajuda sentindo vergonha significa:

Você tem poder sobre mim.

Pedir ajuda com condescendência significa:

Tenho poder sobre você.

Mas pedir ajuda com gratidão significa:

Temos o poder de nos ajudar mutuamente.

• • •

Às vezes eu precisava espirrar. Estátuas não espirram. Aquilo gerava uma atividade interna dramática: eu passava um minuto inteiro só me concentrando na sensação da garganta e do nariz, agindo naquela estranha zona indistinta do espirra-não-espirra.

E às vezes não tinha jeito: eu espirrava mesmo. Não tinha o que fazer.

Era um tremendo exercício zen.

Às vezes um pernilongo, uma mosca ou uma abelha pousava no rosto e a gente meio que ficava numa boa.

Às vezes o sol batia direto na minha cara e um pingo de suor ficava suspenso na ponta do nariz até engordar e começar a cair na calçada.

Às vezes eu precisava assoar o nariz porque estava resfriada. Ou porque estava *mesmo* frio.

Às vezes fazia tanto frio que eu estendia ao máximo a dança de entrega da flor e prolongava arduamente o gesto inteiro, e algum pobre coitado ficava ali esperando com toda a paciência durante minutos, enquanto eu encenava uma dança vanguardista superteatral e bizarra, tentando aquecer o corpo.

Por fim, isso culminava na entrega da flor, que atingia seu clímax num floreio com a minha mão enluvada, quando, do modo mais sutil possível, eu aproveitava e removia o longo e gracioso fio de muco escorrendo do meu nariz pintado de branco.

• • •

A arte de pedir pode ser aprendida, estudada, aprimorada. Os mestres do

pedido, tal como os mestres da pintura e da música, sabem que essa área é composta essencialmente de improvisações. Ela viceja não na criação de regras e de uma etiqueta, mas na quebra dessa etiqueta.

Isto é: não há regras.

Ou melhor, há montes de regras, mas que imploram de joelhos para serem quebradas.

• • •

Gus, nosso chefe na Sorveteria Toscanini, era um verdadeiro patrono das artes — exemplo perfeito do tipo de pessoa que dedica a vida à criatividade do patronato e amplia as fronteiras do que podemos dar uns aos outros.

Ele era um Chef Sorveteiro Celebridade local adorado, com uma paixão obsessiva por música, por cultura, pela política de Cambridge e por novas fronteiras na criação de sobremesas geladas. Como um cientista louco inspirado, ele inventava sorvetes e cremes feitos de pimenta-rosa, manjeriço e cerveja.

Gus era um conector incansável. Imprimia informações sobre companhias de dança da região nos copos de café para viagem. Distribuía caixas de sorvete entre ativistas de ciências do MIT. Fornecia vales-sorvete para leilões fechados em prol da reforma de parques municipais. Era uma espécie de Papai Noel dos sorvetes. Para um jovem músico indie em Boston, era quase um rito de passagem trabalhar na Toscanini ou na Pearl Art & Craft (o outro emprego de horário flexível em Cambridge que não considerava um risco ao atendimento da clientela ter atrás do balcão uma pessoa com cabelo moicano azul).

Embora eu tivesse tirado a sorte grande com minha nova carreira de artista de rua a cem dólares por dia, ainda precisava de um lugar para guardar o vestido de noiva. Seria impossível ficar andando com ele de lá para cá, entre meu quatinho vagabundo e a sorveteria. Então continuei trabalhando na loja, reuni coragem e perguntei a Gus num tom muito casual:

Hum, tudo bem se eu guardar minhas coisas de noiva no porão? São só uns engradados de leite, umas roupas, maquiagem e acessórios.

Claro!, respondeu Gus todo animado. Pode guardar a noiva arrepiante lá

embaixo. (Era como ele a chamava.) *Não assuste os fregueses.*

O porão da Toscanini era um buraco antigo e abafado, com um teto baixo cheio de canos e o chão de terra e tijolos, entulhado de caixas de papelão com xícaras, colheres e guardanapos. Havia um banheirinho minúsculo, só para os funcionários, e uma câmara frigorífica imensa onde ficavam os baldes de sorvete de vinte litros. (Aquela câmara abaixo de zero virava uma sauna ao contrário, muito conveniente depois de um longo dia de estátua ao sol. Várias vezes quase matei de susto os funcionários que topavam comigo ali dentro, nua, quando eles entravam para reabastecer os estoques de baunilha.)

Minha transformação completa em noiva levava uns nove minutos: eu me sentava no assento da privada no porão, empoava o rosto, colocava o vestido por cima do jeans e das botas, enfiava o cabelo debaixo da peruca e prendia o véu no topo da cabeça com uma profusão de grampos. Então colocava as luvas brancas compridas, pegava meus engradados e segurava a cauda enorme do vestido, subia a escada, me despedia dos colegas no balcão, acolhia a expressão de que-porra-é-essa da cara dos clientes enquanto atravessava a sorveteria como uma alucinação dickensiana e saía para a rua.

Só digo isto: ainda bem que eu não trabalhava numa loja de rede.

• • •

Meu namorado Joseph às vezes passava para me ver de estátua. Ele era ator.

Ficava ali por algum tempo e então, todo cerimonioso, num floreio colocava seu dólar no chapéu e me olhava fundo nos olhos enquanto eu escolhia teatralmente a flor para ele. E aí eu lhe fazia um gesto, enquanto a multidão assistia, curiosa com esse estranho que ganhava atenção extra. Eu fazia um gesto para ele se aproximar mais e retinha minha flor com ar recatado. As pessoas riam e eu fazia um gesto para ele vir até o meu rosto, lhe dava um beijo nos lábios, devagar, e colocava a flor no seu cabelo.

O povo sempre irrompia em sons afetuosos. Eu adorava o fato de que eles não sabiam de nada.

Podia ter sido qualquer um.

• • •

Depois da apresentação no TED Talk, comecei a abordar no meu blog algumas particularidades da minha experiência como artista de rua e fiquei surpresa com a quantidade de gente dizendo nos comentários: *Antes de assistir à sua fala, sempre vi os artistas de rua como mendigos. Mas agora vejo que eles são artistas e então sempre dou algum dinheiro.*

Ler coisas assim me dava orgulho, mas ao mesmo tempo me doía no coração, e chegava bem no centro da questão que eu havia tentado tratar naquela apresentação. Se era tão fácil mudar de mentalidade, como transferir isso da rua para a internet, onde tantos artistas que eu conhecia hesitavam em aceitar a legitimidade dos seus próprios pedidos de ajuda?

Abri no blog uma discussão que, nos últimos anos, eu já vira refletida na galeria de espelhos do *crowdfunding*:

Qual era a diferença entre *pedir* e *mendigar*?

Muitas pessoas contaram suas experiências com os artistas de rua das suas cidades: elas viam a gorjeta no chapéu não como esmola, mas como pagamento por um serviço.

Se pedir é uma colaboração, mendigar é uma solicitação menos conectada: o ato de mendigar não é capaz de fornecer um valor a quem doa; por definição, não oferece nenhuma troca. Eis as palavras que as pessoas que comentavam no blog repetiam constantemente ao tentar descrever o mendigar:

Manipulação, desespero, degradante, animal, último recurso, manipulador, sentimento de culpa, vergonha.

As principais palavras que se repetiam em relação ao pedir:

Dignidade, colaboração, troca, vulnerabilidade, reciprocidade, respeito mútuo, reconforto, amor.

O comentário mais votado no blog, de um leitor chamado Marko Fančovič, vai direto ao ponto:

Pedir é como cortejar; no mendigar, você já está nu e ofegando.

Pedir é um ato de intimidade e confiança. Mendigar é uma função de medo, desespero ou fraqueza. Quem mendiga *exige* nossa ajuda; quem pede tem fé na nossa capacidade de amar e no nosso desejo de compartilhar.

Na rua ou na internet, é isso que faz com que um envolvimento autêntico com o público, de um ser humano ao outro, seja uma parte tão

essencial do pedir.

A comunicação honesta gera respeito mútuo, e esse respeito mútuo converte o mendigar em pedir.

• • •

As pessoas botavam *todo* tipo de coisa esquisita no chapéu. Eu nunca sabia o que ia encontrar no fim do dia, além da coleção de notas e moedas; era um pouco como olhar uma meia de Natal bizarra. Todos os presentes aleatórios me surpreendiam: havia agradecimentos rabiscados no verso de recibos de caixa eletrônico, pequenos desenhos que tinham feito enquanto me observavam, chicletes, números de telefone, fotos que haviam tirado de mim, frutas, pedras, pulseirinhas feitas à mão, baseados mal enrolados, poemas de amor.

• • •

Gus não foi meu único patrono naqueles primeiros tempos; eu tinha uma coleção de patronos. Virei uma espécie de instituição de performance de rua, e as pessoas da área até me deram um nome: A Noiva de Dois Metros e Meio, o que tomei como elogio, pois eu mal chegava a 2,25 metros de altura em cima dos engradados.

Tinha o cara que cuidava de uma lanchonete no outro lado da praça, e ele amava A Noiva de Dois Metros e Meio. Um dia, entrei lá para comprar um burrito num intervalo do expediente de estátua. Minha cara branca (eu não me dava ao trabalho de tirar a pintura entre as apresentações) me entregou no ato. Ele perguntou, empolgadíssimo:

AAH! Você é a garota-estátua??

É. Sou a garota-estátua.

Você vai ter burrito grátis para sempre. O que você faz é incrível.

Tá brincando.

Os burritos grátis me valeram uma economia de pelo menos uns 40 dólares por semana em alimentação.

Tinha o cara que era dono da tabacaria retrô ao lado da Toscanini, onde havia uma sacada nos fundos com mesas reservadas para partidas de xadrez a 2 dólares por hora. Ele me deixava ficar sentada ali nos meus intervalos,

sem pagar nada, abrigada do sol, tomando café grátis e anotando minhas reflexões no diário, sem nenhum desconhecido passando e me encarando ou perguntando por que eu estava toda pintada.

Tinha o florista. Depois do meu primeiro dia na caixa, me dei conta de que a rotina de pegar flores na margem do rio não seria muito sustentável (e eu não queria acabar com a flora de Cambridge), então fui até a floricultura de lá. Fiquei num dilema: qual flor era bonita e significativa para oferecer, fácil de segurar e não muito cara? Fiquei com os crisântemos tipo margarida — que são parecidos com margaridas, mas não tão esguios e saem muito mais em conta. Mãe e filho tocavam a loja, e, depois de comprar flores ali por alguns dias seguidos, me senti como uma cliente bastante assídua para perguntar ao filho:

Será que você tem alguma flor de que não... precise? Tipo de segunda mão ou com defeito? Um pouco amassada que talvez não consiga vender...?

Para que você precisa?, quis saber ele.

Bom, é meio esquisito. Sou uma estátua. Entrego as flores quando me mexo, para as pessoas que me dão dinheiro.

Ele sorriu.

Ah, você é AQUELA garota.

O rapaz me levou ao porão e me mostrou um balde enorme com flores do dia anterior, que estavam começando a escurecer levemente na ponta.

Sirva-se, garota-estátua. Pegue o que quiser. Faço um ótimo preço.

Depois disso, a cada dois ou três dias, eu entrava na floricultura e esperava com paciência até que ele acabasse de atender os clientes de verdade. Então ele examinava a situação dos crisântemos e me dava os que já estavam meio murchos para vender mas ainda bons para uma artista de rua — mais ou menos a um terço do preço. De vez em quando não havia nenhum refugio, mas mesmo assim ele me vendia alguns maços e dava um bom desconto. O rapaz gostava de me ajudar. Às vezes ele incluía algumas rosas levemente murchas, que eu colocava no centro do buquê de cada apresentação — e guardava uma rosa para quem fosse o último a me dar um dólar, como um pequeno ato final floral.

• • •

Veza por outra, algumas pessoas me gritavam alguma ofensa — às vezes da calçada, às vezes do meio dos carros no trânsito.

Entre outros, os insultos mais comuns que eu ouvia eram (e ajuda bastante imaginá-los com o sotaque de Boston, que era como normalmente eles vinham):

Belo traje, sua retardada de merda!

Ei, gata, vou casar com o seu rabo!

Sai da calçada, monstra!

O que é isso, Dia das Bruxas? Hahahaha!!!

Às vezes usavam um insulto bem anos 1980:

Cai na real!

E teve este, que berraram de um carro que passava:

VAI TRABALHAR!

De todos os insultos que me lançavam, ***VAI TRABALHAR*** foi o que mais doeu. Era uma afronta. Levei para o lado pessoal.

Eu tinha um emprego. Estava *trabalhando*. Tudo bem. Era um emprego *estranho*. E um emprego que eu tinha criado do nada sem permissão de nenhuma autoridade superior. Mas eu estava *trabalhando*, e as pessoas estavam me *pagando*. Então não era um *emprego*? E, pensei enquanto meu rosto ardia de indignação, eu tinha uma média de faturamento constante, o que tornava o insulto ***VAI TRABALHAR*** ainda mais doído.

Estou ganhando um dinheirão. Talvez mais do que você, seu imbecil, pensei, toda magoada e defensiva.

• • •

Brené Brown, socióloga e oradora do TED Talk que estuda a vergonha, a noção de valor pessoal, a coragem e a vulnerabilidade, publicou pouco tempo atrás um livro chamado *Daring Greatly* [Ousando muito], que peguei por acaso numa livraria em Boston quando comecei a escrever este livro. Fiquei tão surpresa com os pontos em comum entre nossos livros que tutei para ela, elogiando a obra e perguntando se ela poderia escrever um prefácio para este livro.³ Segundo ela:

A percepção de que vulnerabilidade é fraqueza é o mito sobre a vulnerabilidade mais difundido e o mais perigoso. Ao passarmos a vida repelindo e nos protegendo da sensação

de vulnerabilidade ou de sermos vistos como emotivos demais, sentimos desprezo quando os outros são menos capazes ou menos dispostos a mascarar os sentimentos, a engolir as coisas e marchar em frente. Chegamos ao ponto de, em vez de respeitar e reconhecer a coragem e a ousadia por trás da vulnerabilidade, deixar que nosso medo e nosso desconforto se convertam em juízo e crítica.

Seguindo essa lógica, podemos supor que a probabilidade de alguém gritar **VAI TRABALHAR** do carro em movimento é diretamente proporcional ao seu próprio medo de subir na caixa, em sentido figurado.

Ou, para chegar à essência:

Ódio é medo.

• • •

Terminei com Joseph.

Meu namorado Jonah às vezes ia me ver de estátua. Ele tocava violoncelo.

Eu adorava dar flores às pessoas que amava.

Tinha economizado 400 dólares para comprar uma passagem para viajar com Jonah e sua família, e dei a ele o dinheiro para comprar minha passagem junto com as deles. Mas aí começamos a terminar e decidimos que era melhor eu não ir em pleno drama de vaivém; ia ficar esquisito demais.

Tinha sido um bom dia de Noiva: um cara legal me fez um origami de garça, que guardei nas pregas do vestido; Jonah apareceu para dizer oi e me mandar um beijo; choveu, mas só uns dois minutos, então não me molhei muito. Desci para o porão da Toscanini, sentei no chão de tijolo para contar o chapéu do dia e, para o meu assombro, havia ali um maço de notas preso com um elástico. Subi a escada correndo, peguei o telefone da loja e liguei para Jonah.

Você não vai acreditar nisso, mas hoje alguém pôs 400 DÓLARES no meu chapéu.

Ah, Amanda, disse ele.

O quê? É maravilhoso! Acredita que alguém gostou tanto assim?

Ah, Amanda.

O quê?

Ah... Amanda.
O QUÊ?

• • •

Lewis Hyde publicou em 1983 um lindo livro esclarecedor intitulado *The Gift* [O dom], que trata de um tema meio delicado, que ele chama de “a troca do espírito criativo”.

Ele explica a expressão “*Indian Giver*” [índio doador], que a maioria das pessoas considera um insulto: ela se refere a alguém que dá um presente e depois quer pegar de volta. Mas a origem da expressão — cunhada pelos puritanos — é extremamente significativa. Um cacique americano recebe um inglês em sua tenda; num gesto de amizade, fuma um cachimbo junto com o convidado e depois lhe oferece o cachimbo como presente. O cachimbo, um pequeno objeto valioso, é — para o cacique — uma oferta simbólica de paz que circula constantemente de tribo em tribo, nunca “pertencendo” realmente a ninguém. O inglês não entende isso, fica feliz da vida com sua nova posse e, assim, não entende nada quando, poucos meses depois, outro chefe tribal vai à casa *dele* e, após fumarem juntos, põe-se a olhar o anfitrião aguardando que ele lhe dê o cachimbo de presente. O inglês não consegue compreender como alguém pode ser tão grosso a ponto de querer ganhar algo que *pertence a ele*.

Hyde conclui:

O contrário do “índio doador” seria algo como o “branco guardador” (...) isto é, uma pessoa cujo instinto é retirar a propriedade de circulação (...) O índio doador (ou o original, pelo menos) entendia uma característica central do presente: o que ganhamos não deve ficar guardado e sim ser doado outra vez (...) O único elemento essencial é o seguinte:

A dádiva deve sempre circular.

• • •

E aí veio Lee.

Eu estava ficando doida na pensão vagabunda onde morava em Somerville; minha colega de quarto e eu já estávamos a ponto de nos matar. Secretamente, eu queria criar alguma espécie de comunidade artística

excêntrica, mas tinha uns 300 dólares na conta e nenhuma ideia de por onde começar. Em vez disso, acabei entrando numa comunidade que já existia, e isso foi quando Rob Chalfen, meu amigo da cafeteria que se orgulhava de ter a maior coleção de livros da editora New Directions e a maior coleção de discos antigos de jazz, me convidou para a festa de despedida da amiga dele numa comuna do outro lado do rio, em Boston. Ele sabia que eu estava procurando uma casa de artistas e achou que talvez eu conseguisse um lugar lá.

O Cloud Club é um prediozinho de quatro andares de tijolo à vista, envolto por uma exuberante glicínia cujo pé é da largura de um tronco humano e sobe pela parede, fazendo um arco pela enorme porta de carvalho da entrada e pendendo tão baixo que a gente tem que se abaixar para entrar.

Subi uma escada periclitante em caracol e cheguei a um corredor coberto de espelhos embaçados, desenhos surreais e lâmpadas pisca-pisca natalinas. Havia molduras douradas vazias e quadros de ponta-cabeça pendurados em ângulos estranhos. Várias pessoas estavam numa cozinha acolhedora, pouco iluminada, aquecida pelo fogo que ardia numa lareira com acessórios dos anos 1890. Por toda a volta, o retinir dos copos, a brasa dos cigarros, o zunzum das conversas de músicos, cineastas, profissionais do sexo, ativistas e pintores.

No último andar, numa sala cheia de galhadas, plantas, espadas e velhos tapetes em ponto russo, a festa estava a mil. Os convidados usavam uma árvore enorme no meio do cômodo para subir até um quarto no sótão coberto por um domo geodésico de vidro feito à mão. Uma porta de correr levava a um telhado cheio de pias descartadas e esculturas deterioradas que contemplavam o horizonte de Boston cintilando sob o céu noturno. E o melhor de tudo: no canto da sala havia uma frágil espineta. Respirei fundo. Eu estava em casa.

Rob me apresentou a Annie-a-escritora, a mulher que estava indo embora, e comentei com ela que eu procurava um local para alugar. Aquele ali estava disponível?

Ela riu. *Fale com Lee. Pode estar.*

Passei por um corredor com as paredes cheias de peças de gesso branco ondulantes e espiraladas, esculpidas à mão, e por um conjunto de portas

duplas que pareciam reaproveitadas de um bar parisiense *fin-de-siècle*. Eu já estava tão apaixonada pela casa que queria beijar cada tábuia do assoalho e cada maçaneta diferente uma da outra. Fui criada numa casa colonial decadente e durante toda a minha infância meus pais tentaram torná-la habitável e aquecida. Aquele lugar me parecia tão familiar quanto a minha própria mão.

Bati na porta de leve, entrei, e ali, entocado em um quarto cavernoso, repleto de esculturas antropomórficas e montes de cadernos de espiral, estava Lee, sentado numa das cadeiras que ele mesmo entalhava à mão, escrevendo um anúncio num pedaço de papel amarelado que dizia: “Alugase Quarto, Preço de Mercado ou DESCONTO PARA ARTISTAS VISIONÁRIOS.” Sem dúvida ele pensava em levar o cartaz até a festa e colar na porta de Annie. Lee parecia um Gandalf com chapéu de caubói, um sorriso bondoso, camisa florida, uma enorme barba branca e o tipo de mãos ásperas e cuidadosas de um artesão acostumado a fazer trabalhos delicados em peças pesadas.

ESPERE, falei.

Pois não?, indagou ele, olhando para cima e sorrindo.

NÃO ESCREVA ESSE CARTAZ.

Por que não?, perguntou.

ESTOU AQUI. VOU ME MUDAR.

Em resposta, ele deu uma risadinha, anotou o meu telefone e me falou para voltar no dia seguinte.

Vamos ver, disse.

Lee não aceitava inquilinos assim de cara, nem mesmo quando vinham indicados por algum amigo. Você tinha que vir com a bagagem, ficar por ali e conversar com ele por um tempo indeterminado, e só depois que tivesse sido aprovado naquilo que meus futuros colegas de casa chamavam de “teste estético misterioso” é que você poderia se considerar integrante oficial da casa.

Apareci no dia seguinte com duas caixas de roupas, uma escova de dentes e uma pilha de livros, decidida a não sair mais. Deu certo.

Nos anos 1970, Lee havia criado o Cloud Club porque queria uma família artística ao seu redor. Naquela época ele não tinha nenhum tostão. Morava em sua van (pintada, como ele gosta de lembrar, com imagens de

Alice no País das Maravilhas — que depois disso foi coberta com os Blue Meanies do *Submarino amarelo*) e precisou pedir emprestado cerca de 9 mil dólares — para dar de entrada na casa — a seu amigo Brian, que tinha o dinheiro.

Brian e Lee agora estão com mais de setenta anos e ainda são grandes amigos. Aquele empréstimo de 9 mil dólares foi o pontapé inicial de uma casa que, nos últimos quarenta anos, já foi chamada de lar por mais de uma centena de artistas, com Lee no papel de maestro-prestidigitador-locador mágico. O que ele mais gosta é de ficar num canto, fora de vista, de onde possa capturar em vídeo as coisas acontecendo. Lee é um artista marginal legítimo, arquiteto, pintor e escultor autodidata: o Cloud Club é a sua obra de arte e nós temos a oportunidade de viver nela.

Em todo momento, há sempre umas oito pessoas morando no Cloud Club, e todos nós temos os nossos apartamentinhos, com cozinha e banheiro. Em geral ninguém tranca as portas. Dividimos o carro, dividimos a lava-roupa e a secadora e compramos o detergente em rodízio, dividimos o quintal dos fundos. Mali, cantora e colega de casa, tem dedo verde — planta couve-galega e distribui para todo mundo da casa.

Desde que criou o Cloud Club, Lee cobra deliberadamente dos inquilinos cerca de um terço do preço de mercado de cada apartamento. Não só *aceita*, mas *incentiva* os músicos da casa, as bandas dos nossos amigos e as namoradas poetisas dos bateristas das bandas dos nossos amigos, a utilizar o espaço comum para fazer festas, encontros e shows. Nunca cobra nada por isso; pelo contrário, sente grande alegria em ver o espaço usado e cheio de vida. Filma as atividades e põe no YouTube. Quer sentir as coisas acontecendo. O dinheiro que ganha é suficiente para cobrir as despesas.

Gente como Lee tem outra relação com os holofotes: não só preferem estar nos bastidores, mas é assim que eles *brilham*. Ele sente prazer em segurar a luz enquanto os outros giram em torno dela. Lee é como uma combinação de Mordomo das Artes (muitas vezes me surpreende com um prato de frutas enquanto estou no meio de alguma composição) com um faz-tudo multifuncional capaz de consertar qualquer coisa (se você perguntar, ele ensinará tudo sobre soldas, encanamentos, fiação elétrica. Eu nunca perguntei). No fundo, ele adora se sentir útil para todos os

inquilinos e brilha de satisfação quando vê nosso trabalho dar certo. Seu patronato pode aparecer de várias formas estranhas e imprevisíveis. (*Não, Lee, não preciso de setenta resmas de papel cor-de-rosa que você acabou de encontrar no lixo. Por que você pôs na minha cozinha?*)

Mas, além do aluguel baixo, do espaço excêntrico e das resmas de papel, o presente de Lee para mim e para a sucessão interminável de inquilinos artistas é maior, mais profundo, mais difícil de enxergar. O Cloud Club, em toda a sua glória mambembe e artística, é a versão de Lee para a flor que é oferecida, a dádiva dele ao mundo — e qualquer um que morou lá ou que passa sob a trepadeira na frente da casa e entra pela porta rangente, resgatada de alguma demolição, percebe essa dádiva. Lee, pessoalmente, é um introvertido (ele mesmo se diz um “ermitão”), mas a casa fala por ele: ela é, em si, o local criado por Lee para que todos possamos ter um momento de conexão autêntica e real.

• • •

Terminei com o Jonah.

Meu namorado Blake às vezes passava lá para me ver de estátua. Ele estudava no MIT, era apaixonado por pintura e doido pela coleção de enormes aquários de água salgada, cheios de peixes-palhaço, que ele tinha em seu dormitório na faculdade. Blake também tinha um polvo.

Ele se formou e arranjou emprego como engenheiro em tempo integral, com um salário bem alto, mas que não lhe deixava nenhum tempo para a arte. Portanto pediu demissão e resolveu se dedicar à pintura.

Mas pintar não pagava o aluguel. Blake precisava de algo mais prático. Então, para ter alguma renda, virou estátua viva de um anjo de asas brancas, no outro lado da praça Harvard.

Ele usava luvas e um manto branco comprido, tingiu o cabelo de loiro quase branco e projetou e construiu pessoalmente asas enormes, feitas de penas e papel machê. Eram lindas.

• • •

Como A Noiva era uma baita aberração, eu me sentia solenemente ignorada por quem passava sem sequer me dar uma olhada rápida. Mas eu não

levava para o lado pessoal — ou pelo menos *tentava*.

Era tanta gente correndo para a escola ou se apressando para o trabalho, conversando com o parceiro ou fazendo qualquer outra coisa. Nos meus cinco ou seis anos de Noiva, devo ter sido ignorada por 99% dos que passavam ao meu lado na calçada. Isso significa ser deliberadamente ignorada — enquanto atuava ativamente na minha encenação — por, sei lá, alguns milhões de pessoas. É por isso que recomendo muito a qualquer músico que, em vez de frequentar um conservatório, vá se apresentar na rua, sobretudo se estiver começando no rock and roll: reduz seu ego a pedacinhos miúdos e dá à sua apresentação uma resistência de aço.

Às vezes era só um dia ruim, e parecia que ninguém, e digo *ninguém mesmo*, parava. Sabe-se lá por quê.

Quando isso acontecia, eu começava a encenar para mim mesma e deixava que a melancolia da solidão me invadisse, inclinando tristemente a cabeça para um lado, curvando um pouco os ombros, erguendo as mãos para os céus num eloquente gesto de lamentação:

Ó deus, por que todos me esqueceram?

Eu conseguia me convencer tão cabalmente de que não havia na humanidade inteira ninguém que prestasse que, de fato, permitia que algumas lágrimas sinceras me corressem pelo rosto, deixando que as pessoas que passavam apressadas ao meu lado servissem de exemplos universais inconscientes da frieza e crueldade do mundo.

• • •

Levei A Noiva em turnê. A roupa cabia numa caixa de ferramentas com rodas que também me servia de pedestal, e a levei — na verdade, ela é que pagou minhas viagens — para a Austrália, Key West, Los Angeles, Las Vegas, Nova York, Alemanha. Foi difícil trabalhar na rua em ambientes diferentes, porque eu tinha entrado num ritmo muito aconchegante na praça Harvard, e algumas cidades eram mais hospitaleiras do que outras. No meu primeiro dia no centro do Bairro Francês em Nova Orleans, não só fui alvo de gritos dos outros artistas de rua, extremamente territorialistas, como também apareceu um idiota por trás de mim e cochichou que ia atear fogo ao meu véu e, poucos minutos depois, um cavalo que puxava uma

charrete de turista parou bem ao lado e mijou no meu vestido.

• • •

Geralmente eu ficava com as mãos erguidas para um lado, como um arauto, ou pousadas piedosamente no coração ou, ainda, com as palmas voltadas para o céu, como uma bailarina em posição de estrela de cinco pontas... mas nunca estendidas para receber dinheiro. Se alguém botava o dinheiro direto na minha mão, o que muitas vezes tentavam fazer, sempre parecia errado e constrangedor. O chapéu estava lá para isso, mas minhas mãos estavam ali para algo maior.

Madelein Du Plessis me deixou esta história nos comentários do blog:

Quando eu era criança, li um artigo sobre uma mulher que foi para a Índia ajudar numa coisa de caridade. Todas as crianças de rua vinham pedir comida e mendigavam com as palmas das mãos para cima. Depois de um longo dia, ela foi para casa e encontrou um menininho, estendendo os braços na direção dela. De início, pensou que o menino estava mendigando, mas aí viu que as palmas estavam viradas uma para a outra. Então a mulher entendeu que o menino estava pedindo que ela o erguesse e o abraçasse. Ela acabou adotando o garoto.

Madelein entendeu: todos precisavam de comida. Esse menino queria mais do que comida.

Ele também queria amor.

• • •

Anthony me fez sentir real.

Nascido em 1948, ele me regalava com histórias dos anos 1960 que me davam vontade de fazer o relógio voltar atrás e viver numa época em que todo mundo saía pelo mundo de carona, fumava haxixe e ouvia Joni Mitchell em discos de vinil arranhados. As histórias de Anthony pintavam quadros na minha cabeça de adolescente com seres humanos cheios de energia e vitalidade, criando uma nova realidade num mundo em sublevação, protestando contra a guerra, correndo por aí com penas nos cabelos e facas nas botas, derrubando o sistema e tentando curtir a maior quantidade possível de garotas, drogas e aventuras. Eu morria de inveja.

Anthony cresceu em Boston numa grande família ítalo-americana que tinha feito fortuna no setor de bebidas e de imóveis. A combinação de sua atitude calma e budista perante a vida (ele me apresentou e ensinou ioga, meditação e o conceito geral de atenção plena) *com* o fato de ser um especialista em artes marciais, que me armava com sprays de pimenta antes de eu sair sozinha em alguma longa viagem e tinha um arsenal de exóticas armas de defesa pessoal exposto no escritório em cima do consultório onde ele atendia os pacientes, nunca me pareceu estranha.

Na minha cinebiografia hollywoodiana, ele seria o sr. Miyagi do *Karatê Kid*, mas interpretado por Robert De Niro. Numa cena ultradramática de flashback da adolescência, eu lhe contava que tinha sofrido um ataque sexual de um garoto no colegial. Ele estreitava os olhos, colocava a língua para fora franzindo o nariz, numa expressão típica italiana, e dizia:

Vou pegar o cara e arrebentar a cara dele...

E aí punha as mãos sobre o peito, em posição de oração de ioga, curvava a cabeça e acrescentava, suavemente:

... com compaixão.

Compartilhávamos nossas histórias pelo telefone, em longas cartas às vezes datilografadas, às vezes escritas à mão, e depois por e-mail (quando isso passou a existir). Sempre que dava, a gente estabelecia nossa conexão ao vivo, em longos passeios, durante uma refeição, tomando um café.

Inventávamos esquetes e roteiros fictícios e absurdos sobre meus namorados, sobre os amigos, sobre os vizinhos, sobre nós mesmos. Um dos esquetes era estrelado por um namorado meu, especialmente magro (que tinha certo gosto por usar saias na vida real), que pega carona numa carreta para me visitar na faculdade e é empurrado para fora assim que o caminhoneiro percebe que ele não é uma garota. Quando o caminhão arranca, a rajada do escapamento sopra meu namorado para o ar, e ele então é magicamente recolhido por uma brisa que estava passando e o transporta por uns quinhentos quilômetros até a grade da janela do meu quarto no porão, entrando no quarto e pousando na minha cama. A gente elaborava os detalhes desses esquetes em dezenas de telefonemas, criando novos personagens absurdos, incentivando um ao outro. Éramos ridículos.

No entanto, com o passar dos anos, fomos compartilhando mais as coisas reais. Não só os casos divertidos, mas os tristes também. Os

mesquinhos. Os embaraçosos. Os assustadores. Ele me contava sua vida toda, e eu lhe contava a minha. Nosso amor era profundo.

Anthony também era um dos meus patronos. Ele me dava livros sobre o budismo e canivetes. De vez em quando, sabendo que eu estava dura, ele anexava à carta uma nota de 100 dólares novinha. Quando tinha acabado de sair da faculdade e vivia da renda como estátua e stripper, ganhando a vida em notas de 1 dólar, às vezes Anthony me cobria o dinheiro do aluguel se eu estava apertada. Uma vez fiquei zerada por causa de uma multa de 300 dólares por excesso de velocidade que levei quando estava indo posar de modelo numa faculdade de arte. Eu tinha 250 dólares no banco e precisava pagar o aluguel de 350 dólares. Peguei dinheiro emprestado de Anthony.

Juro que vou pagar, prometi.

Eu sei que vai, respondeu ele. Eu paguei.

Costumávamos falar sobre o que aconteceria se ele morresse. Anthony tem mais de 25 anos a mais do que eu, e eu ficava preocupada. Uma vez, quando estávamos deitados nos divãs lado a lado do seu consultório, perguntei o que devia dizer no seu funeral. Pois provavelmente eu teria que falar alguma coisa.

Ele pensou por algum tempo. Disse que queria que eu fosse até a frente do velório, do memorial ou o que fosse, levando uma vara.

Que tipo de vara?

Qualquer tipo, respondeu. Sabe, um galho, uma vara. Grande. Que você possa segurar e todo mundo veja.

Então você quer dizer, tipo, uma vara NATURAL. E não, sei lá... um bastão de artes marciais. Você diz, tipo uma...

QUALQUER tipo de vara, disse ele, já meio irritado. Uma vara de uma árvore. Uma vara PARA TUDO. Estou tentando falar algo importante aqui, palhaça.

Tá bom, concordei, expirando. Você morreu, estou no funeral. O que faço com a vara?

Não diga nada. Só segure aquele troço no ar, quebre no meio e jogue no chão.

Tudo se quebra.

• • •

Era difícil manter um namorado. Normalmente durava um ano, e aí as coisas começavam a cair na real — ou a parecer que iam começar a tomar um rumo potencialmente real — e eu fugia, apavorada. Mas também não me dava muito bem sendo independente. Eu não conseguia passar a noite sozinha e era daquelas que ficam ligando bêbadas para os ex, freneticamente.

Todos me diziam que era medo de intimidade, mas eu discordava veementemente; eu ansiava por intimidade como um viciado em crack.

O problema era que eu ansiava por intimidade com o mesmo ardor com que detestava compromissos.

Ser estátua era o trabalho ideal.

• • •

Eu adorava todos os bilhetes que as pessoas se davam ao trabalho de escrever e me deixar no chapéu.

Você é linda.

Obrigado por mudar meu dia.

Estou olhando você faz uma hora.

Te amo.

A Noiva era tão fácil de amar.

Era quieta.

Pálida, inofensiva, beatífica... só amando as pessoas e lhes dando flores.

Era perfeita.

Porque... quem sabe?

Ela podia ser qualquer coisa.

Qualquer pessoa.

Na vida real, eu não tinha nada de quieta e estava longe de qualquer perfeição. Matraqueava sem parar, usava roupas espalhafatosas, tingia o cabelo de roxo, vermelho e verde, vivia batendo a bicicleta nos carros, puxava conversas indiscretas com gente desconhecida, no tempo livre ficava martelando o piano no quarto e guinchando a todo volume canções furiosas sobre meus sofrimentos.

Tinha um cara de ar muito doce, na casa dos quarenta ou cinquenta anos, que, durante um verão inteiro de estátua, me dava uma nota de 20

dólares toda vez que me via. Minha visão periférica era excelente, e geralmente dava para notar o tamanho da nota que as pessoas punham no chapéu — a menos que se esforçassem para disfarçar.

Dia após dia, passei a reconhecê-lo e até a esperar que aparecesse, e por fim passamos a trocar um pequeno sorriso a cada vez que ele passava. Era uma pequena relação secreta, suave, silenciosa.

Lá pelo final do verão, um dia ele ficou por ali até a hora em que minhas flores se acabaram e então me abordou timidamente — eu aceitaria tomar um café com ele?

Claro, respondi.

Eu imaginava que lhe devia isso. Fiquei até impressionada que ele tenha pedido.

Voltei à sorveteria, coloquei minhas roupas normais e sentamos num café ao ar livre, falando sobre a vida. Ele era engenheiro químico, formado pelo MIT, e parecia ligeiramente triste. Era um sujeito nervoso, difícil de conversar. Falei da minha vida: as músicas que eu compunha, o pessoal doido e maravilhoso com quem morava no Cloud Club, a vida na Alemanha, como era ser estátua. Ele me falou do casamento que não deu certo. Dois seres humanos imperfeitos, sentados no Au Bon Pain, trocando detalhes do mundo. Era evidente que ele tinha se apaixonado por A Noiva, numa espécie de amor sem esperanças. Deve ter sido uma decepção me conhecer.

Saí daquele nosso encontro no café sentindo que eu tinha quebrado algo bonito.

Queria continuar a ser uma pessoa qualquer.

Era mais fácil.

• • •

Mesmo que A Noiva tivesse gestos muito lentos, às vezes a vida parecia acontecer à velocidade da luz; trinta pequenos casos secretos de amor com os passantes em menos de setenta minutos, e todo o sofrimento que vem junto.

Estou amando.

Ninguém me ama.

Estou amando.

Ninguém me ama.

Eu ficava ali como uma planta seca, esperando passivamente que me regassem.

Qualquer fonte de alimento servia. Na verdade, era muito simples, como a totalidade da condição humana condensada numa única ideia:

Sentir-se só. E, então, não mais.

Todo par de olhos que se detinha nos meus, um lembrete:

O amor ainda existe.

• • •

Quando Neil e eu nos conhecemos, muito tempo depois de ter encerrado meus dias como artista de rua, nós dois estávamos em outros relacionamentos e nem nos achávamos muito atraentes. Para mim, ele parecia um velho rabugento, de olho empapuçado, e ele achava que eu parecia um moleque gorduchinho. (Uma foto daquele nosso primeiro encontro fornece provas plausíveis.) Agora ele me parece lindo de morrer e ele diz que sou “a mulher mais bonita do mundo”. Não é grandioso o amor?

Fomos apresentados por e-mail pelo meu amigo Jason Webley, que eu tinha conhecido quando nós dois participamos de um festival australiano — eu como A Noiva, ele gritando suas músicas de pirata no acordeão. Eu estava hospedada na casa flutuante de Jason em Seattle na semana em que Neil postou em seu blog um dos vídeos caseiros em *stop-motion* de Jason e o número de acessos disparou para dezenas de milhares.

Você conhece Neil Gaiman?, perguntou Jason. Estávamos trabalhando juntos numa parceria musical: um álbum alternativo esquisito, totalmente baseado em trocadilhos, chamado *Evelyn Evelyn*. Nele, escrevíamos, tocávamos e cantávamos como irmãs siamesas de mesmo nome.

Neil Gaiman. Ele não escreve quadrinhos? Não é o cara do Sandman? Eu nunca tinha lido nada dele, mas conhecia de nome.

Isso, o próprio! Ontem ele postou meu vídeo “Eleven Saints” no blog dele e teve uns cinquenta mil acessos. Escrevi agradecendo e ele respondeu dez minutos depois. Parece um cara bem legal.

Alguns dias depois, Jason e eu estávamos trabalhando num roteiro em estilo de novela de rádio para nosso álbum, uma narrativa de dez minutos que falava sobre a infância medonha das siamesas inventadas (a mãe morreu no parto, aí veio um período no circo, uma sequência de tutores impróprios etc.). A gente estava a mil escrevendo aquilo, acrescentando detalhes absurdos, mas queríamos que alguém visse o texto para conferir se o enredo ficava claro. Jason sugeriu que pedíssemos a Neil.

Mas o cara não é tipo famoso?, perguntei. *Por que não? Vamos nessa. Peça.*

Mal não faria. Ele pediu. Neil topou, deu uma olhada na peça radiofônica e sugeriu algumas mudanças. Escrevi agradecendo. Ele respondeu dizendo que estava na Irlanda, sozinho numa casa emprestada, tentando terminar um livro sobre um menininho que cresce num cemitério, e tinha passado a semana inteira resfriado. Alguns dias depois, mandei um e-mail perguntando como ele estava. E uns dias depois disso, mandei outro e-mail perguntando quem ele realmente era. Neil começou a me contar de sua vida, do livro, do resfriado, do divórcio. Contei da minha vida, da carreira, dos problemas com a gravadora.

Na época, eu estava trabalhando como escrava num livro para os fãs, uma compilação de fotos macabras como acompanhamento do meu novo álbum, *Who Killed Amanda Palmer*. Eu tinha ficado empolgada com o conceito da coisa e já conseguira cinco ou seis fotos ótimas de Amanda-nua/morta (estava, claro, garimpando o meu passado e incluindo as imagens da minha monografia da faculdade sobre arte performática com a Amanda-nua/morta), mas a gravadora falou que não tinha verba para acrescentar nenhum trabalho de arte à caixa do CD. Em vez de brigar, resolvi apenas publicar as fotos em separado, num livro, e vender diretamente no meu site como suplemento do álbum. Imaginei que seria divertido — e uma mão na roda — ter umas legendas legais criadas por um escritor famoso para as fotos. Pedi a Neil. Ele concordou. Alguns meses depois, ele veio até Boston para trabalhar no livro. E disse que não queria escrever legendas; as fotos pareciam histórias inteiras, o que levaria mais tempo para escrever. E ele queria conhecer o cadáver ao vivo.

No primeiro dia que passamos juntos, fomos andar pelo Public Garden para nos conhecermos um pouco antes de nos debruçarmos sobre o livro. Perguntei como estava indo a vida, como era ser quem ele era, e fiquei

surpresa com sua imediata sinceridade — à primeira vista, Neil parecia muito tímido e reservado. Estava passando por um período difícil. Nossa semana foi amigável e platônica.

Terminamos o livro e mantivemos contato ocasionalmente, continuando com nossas vidas reais e nossos respectivos relacionamentos. Lancei o álbum e saí numa longa turnê. Alguns meses depois, por acaso nós dois estávamos em Nova York no dia do aniversário dele, e combinamos de tomar um café juntos. Fiquei na maior dúvida quando fui escolher um presente para ele. O que dar para Neil Gaiman, Famoso Escritor de Obras de Fantasia e Ficção Científica? Uma caneta especial? Uma revista bacana? Um dente fóssil de um *Tyrannosaurus Rex*? O mapa de um buraco negro?

A Noiva.

Era *perfeito*. Quando lhe contei dos meus anos como A Noiva, ele ficou encantado e me mandou por e-mail um conto que tinha escrito anos antes, sobre um homem que é estátua-viva e persegue uma mulher, deixando cartas meio assustadoras no apartamento dela, por vias misteriosas.

Naquele dia, Neil estava almoçando com sua agente literária e ficaria livre às quatro. Pedi que ele fosse ao Washington Square Park quando terminasse. Falei que estaria num banco, lendo. Era novembro, fazia frio, e por isso esperei um pouco antes de colocar na frente de uma fonte vazia engradados de leite que tinha conseguido ali por perto. Aí me escondi atrás de uma árvore e vesti a roupa de Noiva pela primeira vez nos últimos anos, sentindo seu cheiro familiar meio adocicado de suor e maquiagem e me sentindo flutuante. Subi na caixa faltando dez minutos para as quatro, achando que não precisaria esperar muito.

Passados vinte minutos, comecei a tremer e me perguntei se era melhor desistir, mas eu não queria descer e estragar a surpresa — além disso já tinha aguentado demais ali para largar mão. Uma parte do parque estava em obras. Talvez ele não me encontrasse. Algumas pessoas pararam para pegar uma flor. Depois de meia hora, meus dedos ficaram dormentes, e as mãos também, e os braços e as pernas então começaram a congelar. Depois de mais ou menos uma hora, ele apareceu, acompanhado de uma mulher, e se aproximou cautelosamente.

...Amanda? É você?

A Noiva manteve o silêncio. Encarei-o e ergui a cabeça. A coisa era

estranha. Neil tinha vindo *com* alguém, e senti que o estava deixando constrangido. Eu havia percebido que ele se constrangia com facilidade.

Neil pôs 1 dólar no meu chapéu e lhe entreguei uma flor. Tentei fazer contato visual e ele deu um sorriso meio bobo, enquanto a mulher dava um passo atrás e ria da nossa breve troca. Dei um salto e desci da caixa. Ainda sentia que o estava constrangendo.

Bom, hm, Amanda, esta é Merrilee, a minha agente literária! Merrilee, esta é Amanda, você sabe, a... moça roqueira. Com o livro da morta nua... e tudo mais. Merrilee sorriu para mim.

Tirei o véu do rosto, estendi os dedos enluvados e dormentes e apertei sua mão.

Oi.

O desconforto durou mais uns minutos, e então Neil e eu fomos para um café ali perto, onde ofereci para ele um chocolate quente de aniversário. Tirei a peruca e Neil me ajudou a carregar os três engradados de leite.

Meu deus, você está gelada, disse ele. *Está batendo o queixo.* Tirou o casaco e pôs nos meus ombros.

Eu não tinha um tostão na carteira e o café só aceitava pagamento em dinheiro. Mas eu havia feito 8 dólares com A Noiva, e insisti em pagar nosso chocolate quente com aquelas notas amarrotadas, que tirei da lata usada para a coleta. A conta dos dois chocolates quentes deu 11 dólares. Que merda que é Nova York. Pedi desculpas e perguntei se Neil podia completar.

Tudo bem, respondeu ele. *O que você fez lá fora foi maravilhoso.*

Ah, obrigada. É. Desculpe ter cagado tudo. Eu devia ter planejado melhor a surpresa.

Não, falou ele. *Foi perfeito. Na verdade, acho que foi a coisa mais legal que já me fizeram na vida.*

O quê? Sério?

Sério. E decidi uma coisa.

O quê?

Decidi que não vou a lugar algum.

Desculpa, mas como é que é?

Não vou a lugar algum, repetiu ele.

Não estou entendendo, Neil.

Estou dizendo, retomou, falando mais devagar, que não. Vou. A. Lugar. Algum. Mesmo que leve anos. Acho que vou ficar aqui.

Tipo... aqui nesta mesa?, gracejei, um pouco nervosa. *Está dizendo que nunca mais vai sair do Café Gitane? Isso parece bem neilgaimaniano.*

Não, ele continuou com simplicidade. *Vou sair deste café. Mas não vou sair de perto de você. É isso que estou dizendo. Não vou a lugar algum.*

Ah, falei. Entendi. Eu acho.

E não consegui pensar em mais nada para dizer.

Nós dois ainda estávamos em outros relacionamentos, embora não fosse segredo nenhum que eles estavam afundando.

Então nos despedimos e fui andando pela rua, pensando:

Isso que eu acho que acabou de acontecer aconteceu mesmo? Neil Gaiman, Famoso Escritor de Obras de Fantasia e Ficção Científica, quer ficar comigo? Deus, ele é tão mais velho do que eu, pensei, fazendo as contas. *Dezesseis anos. Sem chance. É demais. E ele é famoso. O que é fantástico, mas não muito. E ele é tão... estranho e... britânico... e... não sei. Ele ia me odiar, a mim, minha vida, meus amigos.*

Não temos praticamente nada em comum, refleti. Mas ainda assim havia alguma coisa nele. Era tão... o quê? Era tão...

... gentil.

• • •

Às vezes algumas pessoas — quase sempre homens — iam até A Noiva e, com um ar muito cerimonioso que ia do piegas ao sublime, me ofereciam suas alianças de casamento.

Eu punha as mãos no coração, dizendo com meus olhos pestanejantes:

Para miiiiim?

E levava os dedos aos lábios, sem fala, erguia os ombros numa alegria extrema, sorria de leve, pegava a aliança e colocava no mindinho enluvadado.

Obrigada por essa linda aliança de casamento. Eu te amo.

E então retomava a imobilidade.

E aí a coisa ficava meio esquisita.

A pessoa queria a aliança de volta.

Assim ficávamos ali, um olhando o outro.

Eu balançava a cabeça.

Uma pausa. Uma pausa realmente nervosa.

Então reconsiderava, retirava a aliança e começava a devolver — para o grande alívio do meu novo amigo humano.

E aí eu mudava de ideia.

Esse jogo podia continuar por um bom tempo se o movimento estivesse fraco.

• • •

Embora a maioria das pessoas me ignorasse (e de vez em quando isso me levasse a espirais de profundo desespero existencial), eu adquirira uma espécie de fé na rua e no público em geral, pois eles me protegiam instintivamente. Eu estava realmente vulnerável ali em cima, mas sentia um campo de energia humana benevolente ao meu redor.

De vez em quando, um babaca pegava meu chapéu cheio de dinheiro e saía correndo com ele. Mas sempre havia alguém que perseguia o cara (e era sempre outro cara) pela rua, pegava o chapéu e trazia de volta, muitas vezes sentindo necessidade de me pedir desculpas, como se ele se desculpassse por toda a humanidade.

Eu agradecia com algumas flores. A pessoa aceitava. Ela entendia.

Um dia, quando eu estava cercada por um público pequeno, um doente mental se aproximou e começou a cuspir e gritar para mim numa língua estrangeira. As coisas atingiram um patamar assustador totalmente inédito quando ele esticou a mão e agarrou meu braço estendido imóvel, tentando me derrubar do pedestal. Meus pés estavam tolhidos pela saia debaixo do vestido. Se eu caísse, não conseguiria amparar a queda.

Não falei nem gritei, só olhei diretamente para o cara, com toda a intensidade e o ar suplicante de que era capaz, pensando:

Por favor, deus, por favor, me solte.

Mas ele não soltou. Bem na hora em que eu estava para abandonar meu papel e me desvencilhar, veio alguém da multidão e agarrou o cara, desprendendo-o de mim e o arrastando a uma distância segura. Não abandonei o papel. Observei a cena inteira se desenrolar como num filme. O povo aplaudiu. Dei uma flor ao samaritano, juntando as mãos num gesto

de sincera gratidão. E então voltei ao trabalho.

Certa vez, uma adolescente atirou uma maçã em mim, a uns sete metros de distância. A maçã passou por um triz pelo meu rosto e bateu na minha clavícula. Mantive o equilíbrio enquanto um dos meus amigos, que por acaso estavam assistindo, perseguiu a garota por três quarteirões e lhe deu uma lição.

Os bêbados eram sempre um pé no saco. As noites de sexta e sábado podiam ser lucrativas, mas eram insuportáveis. Uma noite, uns rapazes de uma fraternidade universitária, totalmente bêbados, passaram por mim e um deles parou, olhou para cima, me agarrou pelas pernas e enterrou a cara na minha virilha, soltando uns gemidos ébrios de prazer.

Olhei para baixo e balancei tristemente a cabeça.

O que se pode fazer?

As pessoas às vezes me entristeciam.

Mas, em geral, eu ficava triste quando elas não queriam a flor.

• • •

Um dia eu realmente me borrei de medo. Ouvei um carro entrando e freando na curva atrás do meu pedestal e duas mãos me agarraram por trás, pela cintura, e uma voz gritou:

PEGUEM ELA!

Três pessoas vestidas de preto, usando máscaras de esqui, começaram a amarrar minhas mãos. Outra pegou o dinheiro e os engradados. Me atiraram na traseira de uma van, o motorista acelerou e arrancou, saindo em disparada pela avenida Mass. Um dos caras de preto tirou a máscara e caiu numa risada incontrolável: era E. Stephen, um amigo artista maluco, que construía dispositivos e esculturas apocalípticas com objetos descartados e carcaças de animais. Quando ele cortava as unhas dos pés, guardava em frascos para usar em algum projeto futuro.

Suspirei e olhei para ele, revirando os olhos.

Pô, cara... eu estava TRABALHANDO.

• • •

Agora entendo que eu tinha um sentimento crônico de culpa por ter

escolhido ser artista. Na época, eu não entendia; sentia apenas uma espécie de tortura interior constante, atraída por uma vida na arte, mas ao mesmo tempo me achando boba por ter feito essa escolha. A Patrulha da Fraude me consumiu sistematicamente ao longo dos meus vinte e poucos anos. As vozes irritantes prosseguiram sob a superfície e continuavam rangendo e roendo meu subconsciente num círculo sem fim:

Quando você vai crescer, arranjar um emprego de verdade e parar de enrolar?

Por que você pensa que merece receber alguma coisa tocando suas musiquinhas para as pessoas?

O que lhe dá o direito de achar que as pessoas vão dar a mínima para sua arte?

Quando você vai deixar de ser tão egoísta e começar a fazer algo de ÚTIL, como sua Irmã Cientista?

Se você pegar essas perguntas e transformar em afirmações, ficam assim:

Os artistas não têm utilidade.

Adultos não são artistas.

Artistas não merecem receber pela sua arte.

“Artista” não é um emprego de verdade.

• • •

Nos últimos quinze anos, tenho tocado em todo o tipo de ambiente imaginável, de antigos teatros elegantes a espeluncas sórdidas, de cabarés clandestinos com capacidade para quarenta pessoas a estádios para milhares.

Mas insisto: nenhuma forma de arte performática jamais alcançará a condição de A Noiva de Dois Metros e Meio.

Era como decompor uma substância em seus elementos essenciais, e então num átomo, e então num próton irreduzível.

Esses encontros profundos — como as trocas intensamente comoventes que tive com pessoas destruídas que pareciam encontrar algum tipo de salvação naquele momento belo e fortuito de conexão com uma desconhecida pintada de branco numa esquina — não têm como acontecer na segurança de um palco com cortina. No palco podem acontecer coisas mágicas, mas não isso. Não esse momento de poder dizer, sem o acompanhamento de nenhuma narrativa:

Obrigada... Eu vejo você.

Nesses momentos, eu me sentia como um gênio da compaixão, capaz de dar atenção às fendas ocultas e quase inacessíveis da vida de outra pessoa — como se eu fosse um instrumento de formato especial, adequado às emoções humanas, que podia abrir caminho nos recessos de um coração sombrio e raspar o negrume ali incrustado.

Só pelo fato de vermos as pessoas — realmente vermos e sermos vistos —, a gente ganha e confere *realidade* mútua.

O que é possível na calçada é algo único. Sem necessidade de músicas, palavras, luzes, enredos, ingressos, críticas, contextos.

Não há nada mais simples do que uma pessoa pintada em cima de uma caixa, um ponto de interrogação vivo, perguntando:

Amor?

E um estranho que passa, arrancado do ritmo de uma existência rotineira, e responde:

Sim.

Amor.

• • •

De vez em quando chovia.

Se eu acordava e via a chuva numa data vagamente programada para ser Dia da Estátua, significava um dia de folga. Sentia-me em profunda sintonia com a natureza — como meus remotos antepassados coletores e caçadores da antiga Escócia (ou onde quer que fosse que meus antepassados caçavam e coletavam). O clima da Nova Inglaterra é famoso por seus caprichos, e muitas vezes a chuva sumia tão rápida como tinha vindo.

Às vezes eu já estava na caixa quando chegavam as nuvens carregadas de chuva. Em geral, eu ficava feliz de estar ali na garoa, mas ela diminuía enormemente a probabilidade de alguém parar. Tentar decidir o momento de descer era sempre um jogo interessante que me entretinha, e às vezes só ficava ali me encharcando, como uma espécie de declaração improvisada aos Deuses da Arte Performática. Eu abaixava os olhos e observava os tijolos da calçada que iam se descolorindo com a água da chuva, primeiro em alguns pontinhos superficiais, depois em montes de manchas escuras, e por fim

ficavam totalmente ensopados, num vermelho bem escuro. Os trajes nupciais, que eu só lavava de vez em quando na pia do banheiro da Toscanini, exalavam um cheiro que dava para sentir a quilômetros de distância.

Às vezes valia a pena esperar. A chuva vinha, depois ia embora, a água da calçada evaporava, o sol aparecia e me secava, deixando apenas uma leve fragrância de Eau de Noiva Molhada.

• • •

Era difícil convidar os amigos para ver A Noiva, pois nunca havia horário certo para começar ou terminar. Apenas algo sem compromisso:

Hoje vou fazer A Noiva na praça, talvez lá pelas quatro.

Um dia, Anthony apareceu e se sentou numa cadeira no café do outro lado da rua, a uns dez metros de distância. Fiquei empolgada com a presença dele — finalmente ele ia poder ver o que eu fazia. Naquele dia, criei conexões especialmente profundas com as pessoas, porque sabia que ele estava observando. Eu queria que ele visse o ver.

Anthony assistiu por um bom tempo. Depois que terminei, fomos comer um faláfel no Café Algiers, e ele contou os comentários que tinha ouvido.

Um dos caras, um jogador de xadrez que diz que vem todos os dias, falou: “Ela é a Madonna da praça Harvard.”

Eu ri.

Aí, o cara do lado dele disse: “É, e ela é asiática, acho que na verdade é coreana.” E outro se inclinou e cochichou pra mim: “Sério, sem mentira, ela usa coturno por baixo daquele vestido.”

Ri outra vez.

E outro cara ainda me falou: “Estou apaixonado por ela.”

Ah. Sabe, eu disse, acho que até eu estou apaixonada por ela. Ela é... sabe. Ela é perfeita.

Olhei diretamente para ele.

Então você gostou? Pegou mesmo a coisa?

Foi grandioso, palhaça. E fiquei atrás de você umas duas, três vezes, para observar de perto o rosto daquelas pessoas te olhando. Vi o amor, o anseio, tudo

aquilo. Quer dizer... é a coisa mais poderosa e básica de todas. Você tinha razão. É o encontro humano, tudo acontecendo bem ali, querida. E quando aquele menino apareceu, o assustado? Puxa, quase chorei.

Quase chorou? Sério?

Quase chorei, repetiu ele.

VIVA!, exclamei.

Parabéns. Como você se sente?

MUITO FELIZ.

O que você está fazendo ali é arte, menina. De verdade. Tenho orgulho de você.

Ele pagou a conta. Ele sempre pagava a conta.

• • •

Então eu consegui, mais ou menos.

Eu me sentia Um Membro Produtivo Da Sociedade do meu jeito meio excêntrico, uma Artista de Verdade.

Mas sinceramente? Eu não *queria* ser estátua. Queria ser musicista. Queria estar vulnerável. Não como personagem, mas como eu mesma.

Encarar a rua como estátua tem os seus desafios, mas, para ser franca, tudo aquilo parecia meio uma enganação, porque eu não estava de fato mostrando quem eu era de verdade. Estava me escondendo atrás de uma parede branca, vazia.

Eu adorava o conectar. Adorava o ver. Mas não era suficiente. As pessoas amavam A Noiva porque ela era perfeita e silenciosa.

Um alguém qualquer.

Eu queria ser amada pelas músicas que compunha, pela conexão musical entre os pontos que vinha coletando e reunindo havia anos, que me mostravam como eu realmente era.

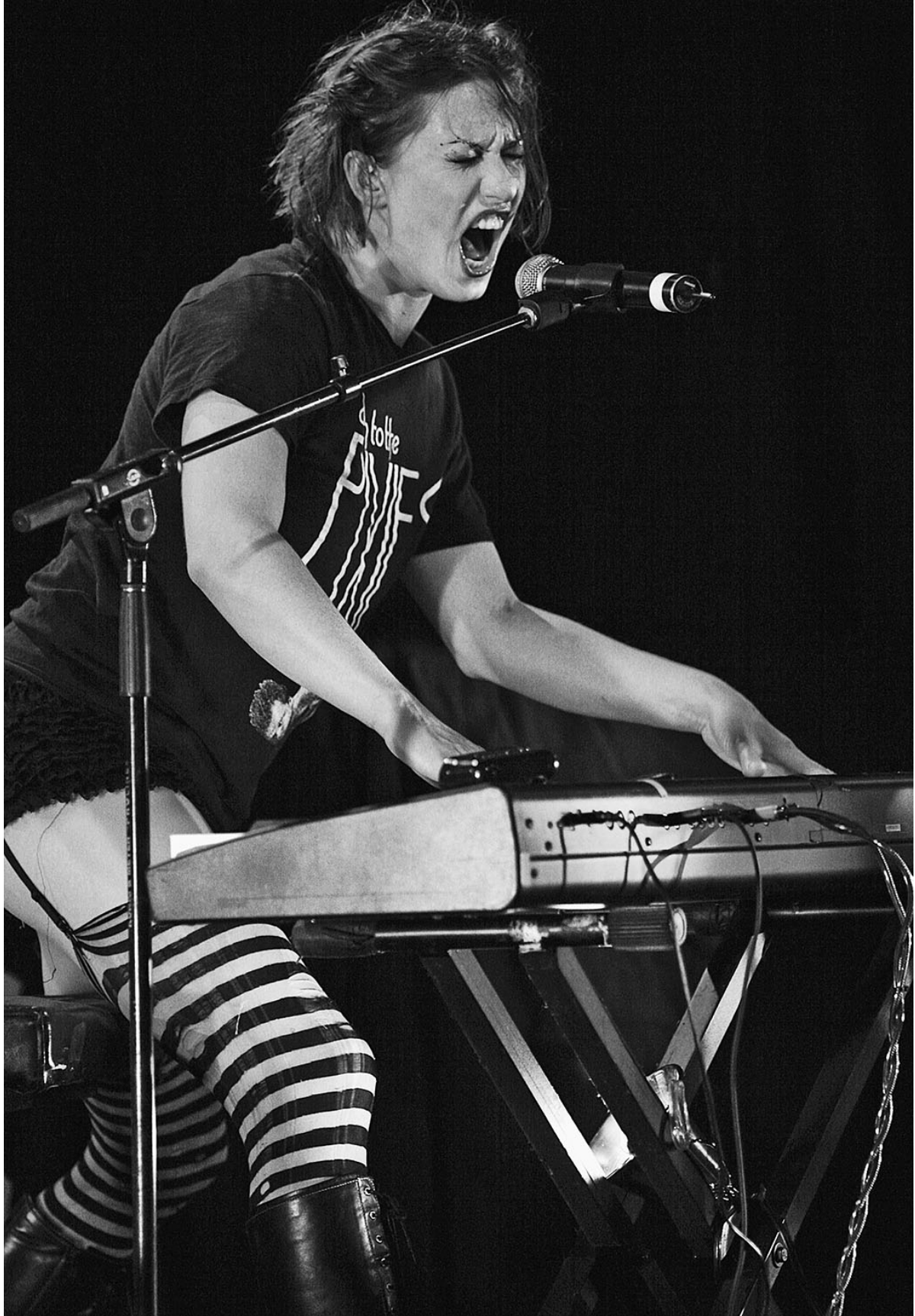
Imperfeita.

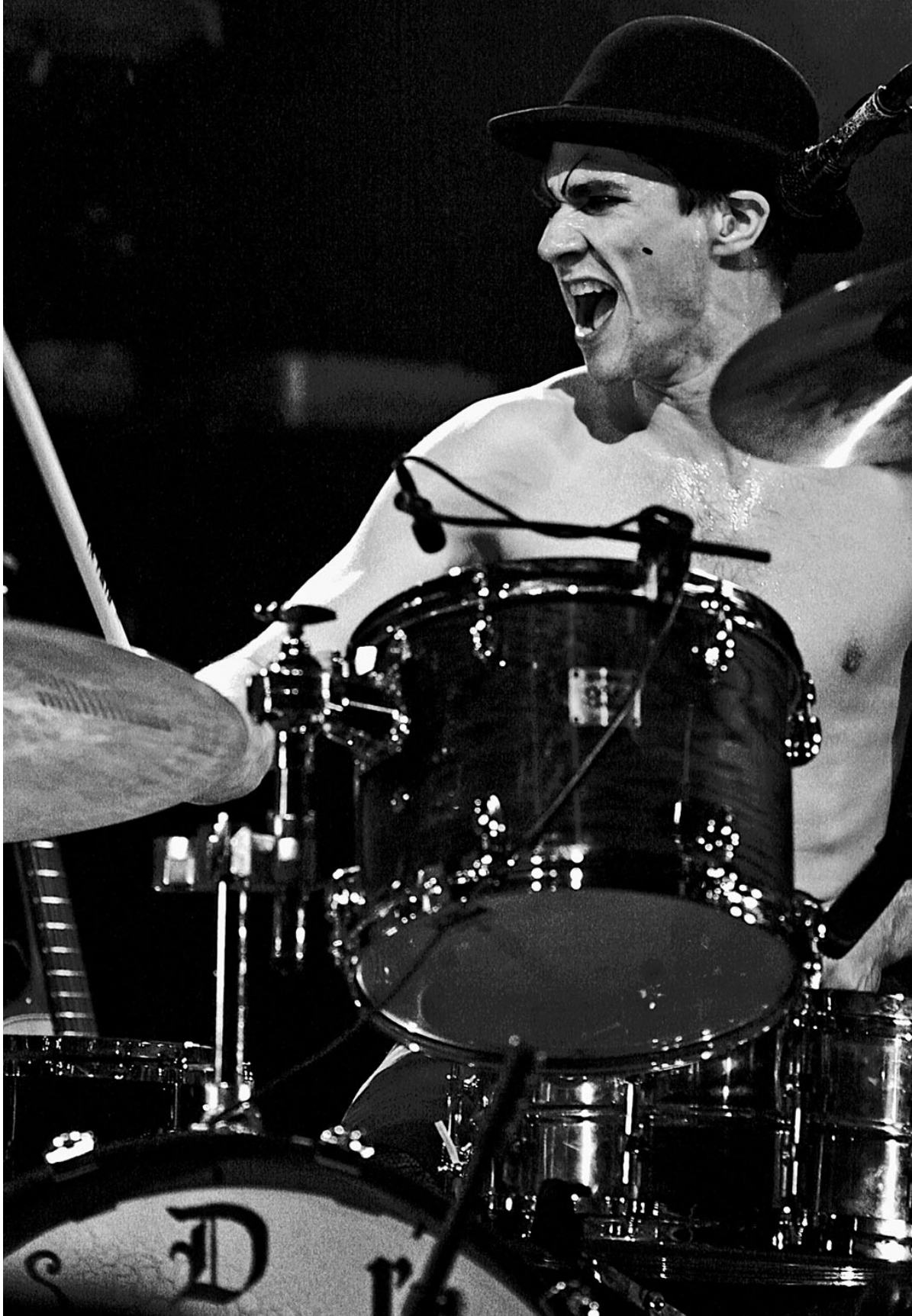
E barulhenta, muito barulhenta.

¹ Ressalva da autora: é absoluta certeza que minha mãe vai ler este livro e provavelmente vai me ligar depois dessa parte; então, a título preventivo, já quero dizer aqui a ela que a amo e que pode ser que nem tenha acontecido, embora eu ache que me lembro disso e que isso é realmente importante para a história. OI, MÃE.

² Minha mãe vai ficar contente em saber que eu nunca bati nenhuma. OI, MÃE.

³ Ela topou. Se você não leu, volte lá no início e leia. É maravilhoso.





GIRL ANACHRONISM

You can tell
From the scars on my arms
And the cracks in my hips
And the dents in my car
And the blisters on my lips
That I'm not the carefulest of girls

You can tell
From the glass on the floor
And the strings that are breaking
And I keep on breaking more
And it looks like I am shaking
But it's just the temperature
Then again
If it were any colder I could disengage
If I were any older I would act my age
But I don't think that you'd believe me
It's
Not
The
Way
I'm
Meant
To
Be
It's just the way the operation made me

And you can tell
From the state of my room
That they let me out too soon
And the pills that I ate
Came a couple years too late
And I've got some issues to work through
There I go again
Pretending to be you
Make-believing
That I have a soul beneath the surface
Trying to convince you
It was accidentally on purpose

I am not so serious
This passion is a plagiarism
I might join your century
But only on a rare occasion
I was taken out
Before the labor pains set in and now
Behold the world's worst accident

I am the girl anachronism
And you can tell
From the red in my eyes
And the bruises on my thighs
And the knots in my hair
And the bathtub full of flies
That I'm not right now at all
There I go again
Pretending that I'll fall
Don't call the doctors
Cause they've seen it all before
They'll say just
Let
Her
Crash
And
Burn
She'll learn
The attention just encourages her

And you can tell
From the full-body cast
That you're sorry that you asked
Though you did everything you could
(Like any decent person would)
But I might be catching so don't touch
You'll start believing you're immune to gravity and stuff
Don't get me wet
Because the bandages will all come off

You can tell
From the smoke at the stake
That the current state is critical
Well it is the little things, for instance
In the time it takes to break it she can make up ten excuses

Please excuse her for the day, it's just the way the
Medication makes her

I don't necessarily believe there is a cure for this
So I might join your century but only as a doubtful guest
I was too precarious removed as a caesarian
Behold the world's worst accident
I AM THE GIRL ANACHRONISM

The Dresden Dolls, 2003

GAROTA ANACRONISMO

Dá pra ver
Pelas cicatrizes nos braços
Pelas marcas nos quadris
E os amassados no carro
E as bolhas na boca
Que não sou muito cuidadosa

Dá pra ver
Pelo vidro no chão
E as cordas arrebatando
E que continuo a arrebentar
E parece que estou tremendo
Mas é só a temperatura
Por outro lado
Se estivesse mais frio eu me afastava
Se eu fosse mais velha agia de acordo com a minha idade
Mas acho que você não acredita em mim
Não
Era
Assim
Que
Era
Pra
Eu
Ser
Foi a operação que me deixou assim

E dá pra ver
Pelo jeito que o meu quarto está
Que foi antes do tempo que me puseram cá
E os comprimidos que tomei por acaso
Vieram com uns anos de atraso
E tenho uns problemas pra resolver
Lá vou eu de novo
Fingindo ser você
Fazendo de conta
Que tenho alma aqui por baixo
Tentando te convencer
Que foi de propósito sem querer

Não sou tão séria assim
Essa paixão não passa de plágio
Podia entrar no seu século
Mas só numa ocasião rara
Fui tirada
Antes das dores do parto e agora
Olhe o pior acidente do mundo
Sou a garota anacronismo

E dá pra ver
Pelo vermelho dos olhos
E os machucados nas coxas
E os nós no cabelo
E a banheira cheia de moscas
Que não estou nada bem
Lá vou eu de novo
Fingindo que caio
Nem chame os médicos
Pois já viram tudo isso antes
Vão só dizer
Deixe
Ela
Desabar
E
Queimar
Vai aprender
A atenção só encoraja ainda mais

E dá pra ver
Pelo corpo todo engessado
Que você lamenta ter perguntado
Se bem que fez tudo o que podia
(Como qualquer ser decente faria)
Mas posso ser contagiosa então nem encoste
Ou vai começar a acreditar que é imune à gravidade e tal
Não me molhe
Senão as faixas vão todas soltar

Dá pra ver
Pela fumaça da fogueira
Que o estado atual é crítico
Bom são as miudezas, por exemplo
No tempo que leva para quebrar ela pode inventar dez

desculpas

Por favor desculpe ela por hoje, é assim que fica
Com a medicação

Não acredito muito que isso tenha cura

Então podia entrar no seu século mas só como convidada
suspeita

Fui retirada precária demais numa cesariana

Olhe o pior acidente do mundo

SOU A GAROTA ANACRONISMO

Então montei uma banda.
E éramos **barulhentos**.

Não tínhamos guitarra; era só eu no piano e no microfone, e na bateria Brian Viglione, que entrou na minha vida como uma alma gêmea musical há muito perdida. A estrutura mínima não limitava em nada nossa potência sonora: a bateria sozinha era de ensurdecer, e eu regulava meu piano eletrônico para acompanhar. Brian se criara à base de uma dieta constante de metal, jazz e punk hardcore e tocava bateria como uma pessoa presa num prédio em chamas esmurrando a porta de emergência. Para ele, o compromisso com a religião da bateria era a via da redenção. E eu também tocava o piano assim, buscando a salvação pelo volume.

Conheci Brian numa festa de Halloween que dei no Cloud Club. A casa estava lotada com algumas centenas de pessoas fantasiadas perambulando pelos quatro andares. Eu tinha passado o dia tão ocupada organizando a festa que fui pela via mais fácil e me vesti de funcionária temporária de escritório com o tailleur que minha mãe insistira em me comprar “para entrevistas de emprego”, e que fazia mais de quatro anos que estava socado no fundo do meu guarda-roupa, dentro de um saco de papel com a anotação, sem ironia, de “roupa de adulto”. Brian apareceu como cabeça cortada, vestido todo de preto com um sangue muito convincente escorrendo pelo pescoço.

Mais tarde, no piano vertical antigo, toquei e cantei quatro músicas do meu repertório particular para um grupinho de amigos bêbados. Brian me puxou de lado e declarou: *Meu destino é ser seu baterista*. Não discuti. Eu já queria começar uma banda e a data do meu aniversário de 25 anos se aproximava, prazo final que eu, supersticiosa, tinha dado a mim mesma para fazer minha música dar certo ou encarar a inevitabilidade de ser um Fracasso Total.

Formamos a banda uma semana depois e escolhemos o nome The Dresden Dolls, numa referência à descrição do bombardeio de Dresden que Kurt Vonnegut faz em *Matadouro 5* e às inocentes e delicadas estatuetas de porcelana que sempre imaginei espalhadas sob os escombros

da cidade dizimada. Pesado, leve, pesado. Nós éramos assim.

Minha mãe, com sua doçura e paciência, me ensinara os elementos básicos do piano e me incentivara a tomar aulas, o que fiz de má vontade. Eu detestava praticar e achava extremamente frustrante seguir a música pela partitura — como ainda acho —, mas conseguia tocar qualquer coisa que ouvisse no rádio. Desde os doze anos, eu juntava uma pilha de músicas frenéticas feitas para o piano, gravando em fitas cassete e escrevendo as letras num caderno, em segredo quase absoluto. Até conhecer Brian, fui uma intérprete reprimida da minha própria música, arriscando apenas uma ou duas vezes por ano mostrar timidamente minhas músicas não tão tímidas ao vivo num café, num evento de apresentação livre ou numa festa. Minhas letras do começo da adolescência refletiam e reproduziam a música que eu amava: teatro musical, Beatles, new wave — minhas canções eram sinceras e sombrias, derivadas sobretudo das minhas lutas internas para me entender. Também escrevia canções satíricas sobre o Starbucks. Não suportava nenhuma crítica, por mais bem-intencionada que fosse, e ficava simplesmente apavorada em mostrar minhas músicas ou tocá-las ao vivo, pois tomava qualquer rejeição do material como uma rejeição direta a *mim mesma*.

Mas agora eu me sentia livre para despejar todo o meu velho catálogo de material inédito em cima de Brian, no último andar do Cloud Club, onde Lee nos deixou (claro) ensaiar de graça. Brian se sentava à sua bateria e ouvia atentamente cada música que eu mostrava e, sem um pinga de crítica ou julgamento sobre o conteúdo lírico hiperpessoal, orquestrava uma bateria sinfônica, delicada e martelada. Tudo o que ele fazia era perfeito. Uma por uma, toquei para Brian todas as músicas que eu tinha escrito até então. Ficamos com as melhores, descartamos o resto. Marcamos nossa primeira apresentação na galeria de arte de um amigo.

Com algumas roupas de época misturadas (para minha alegria, Brian adorava se travestir) e a cara pintada de branco, que logo se tornaria a nossa marca (para a minha alegria *extrema*, ele adorava usar maquiagem de teatro), tínhamos uma química mágica que envolvia as pessoas pela mera magnitude da sinceridade de nossas emoções. Entrei em êxtase. Depois de passar metade da vida praticamente sozinha com uma pilha de canções esquisitas, eu havia encontrado um camarada, uma via de escape.



Ficar com Neil Gaiman. *Ficar com Neil Gaiman, O Escritor*. Ficar com Neil Gaiman, o Escritor?

Por que não? Pensei em tentar.

Eu estava curando minhas feridas depois do último rompimento e ele se recuperando das dele, junto com as obscuras sequelas do divórcio, mas mesmo assim fomos nos aproximando dia a dia, como dois animais cautelosos e machucados, e começamos a sondar experimentalmente nossos corações, abrindo uma portinha de cada vez. Era um trabalho lento e cuidadoso; nós dois sabíamos como estávamos abalados. Pelo menos podíamos brincar sobre isso. E aos poucos fomos nos apaixonando.

Não foi como um prumo caindo direto no fundo do poço do amor, que era a única maneira de me apaixonar que eu conhecia. Estava acostumada a relacionamentos que iam do *Oi!* ao *Me fode!* e ao *Vai se foder!* em menos de três semanas. As outras relações tendiam a se espatifar contra a dolorosa realidade, passada a paixão inicial. Essa foi diferente: era mais como aquele momento no País das Maravilhas em que o vestido da Alice se infla como um paraquedas e ela desce flutuando até o fundo do poço como uma pluma delicada.

Uma coisa, porém, eu não conseguia deixar de lado. Dava para lidar com o fato de Neil ser famoso. Eu também era famosa, à minha miúda maneira do indie rock. Mas rico? Aquilo me perturbava. Eu faturava bastante nas turnês, só que gastava até o último centavo com as gravações, a equipe de turnê e o pessoal administrativo. Não tinha economias e, a bem dizer, não tinha quase nada àquela altura: nem carro, nem imóvel, nem eletrodomésticos. Tinha montes de livros, discos e camisetas. Meu patrimônio líquido equivalia aproximadamente ao preço do piano de cauda que comprei por 15 mil dólares quando enfim assinei um contrato com uma gravadora. Eu pagava 750 dólares de aluguel por mês. Neil era proprietário de várias casas.

Para piorar ainda mais as coisas, eu não podia *falar* com ninguém sobre a sensação estranha que aquilo me dava. Quer dizer, eu *falava* com *todo mundo* sobre isso — meus amigos próximos, os íntimos, os companheiros de turnê —, mas nenhum deles estava numa situação parecida, e eles não

podiam me dar nenhum conselho de verdade. Além do mais, me queixar com meus amigos artistas totalmente duros sobre as dificuldades de ficar com um cara rico parecia de extremo mau gosto. Eu precisava conversar com alguém que eu soubesse que estava no mesmo barco. Tentei imaginar quem poderia ser.

Kathleen Hanna. Vocalista do Bikini Kill, a banda seminal do Riot Grrl. *Ela* ia entender. Era um ícone do feminismo punk que vivia envolvida em polêmicas, turnês e álbuns contundentes: famosa cult, mas nunca famosa a ponto de encher estádios. Como eu, ela passara anos se matando de trabalhar em suas bandas e projetos, mas nunca tinha enriquecido. Aí se casou com Ad-Rock, do Beastie Boys, que *realmente* enchia estádios. Vistos de fora, eles pareciam felizes. Eu não conhecia Kathleen, mas descobri seu e-mail e lhe escrevi:

Olá. Sou Amanda Palmer, do The Dresden Dolls. Sei que você não me conhece, mas preciso te pedir um conselho. Por telefone, não por e-mail.

Ela me ligou.

Falando com sinceridade, Amanda?, disse ela. Por um tempo foi bem ruim. Tinha meses em que eu estava tão dura que o dinheiro mal dava para comprar comida. E eu estava com Adam, ficando no apartamento todo chique dele em Manhattan enquanto ele estava fora numa turnê, e eu tipo catando todas as moedinhas para ir até a esquina comprar macarrão instantâneo e mingau. Foi muito estranho. E o pior de tudo era não ter ninguém com quem falar sobre isso.

É exatamente isso!, exclamei. E nem sou mais tão pobre assim. Dá para comprar comida. Mas ainda fico apavorada.

É. Sei como é. Sabe, fiquei contente que você tenha me perguntado... porque eu não tive ninguém a quem perguntar. Era uma coisa muito solitária, e de um jeito meio esquisito eu me sentia idiota por me chatear com aquilo.

Isso nem soava *totalmente* familiar.

• • •

Desde o começo, o The Dresden Dolls funcionou numa comunidade artística que dependia da boa vontade mútua e da troca de favores. Passados mais de dez anos, enquanto o mundo exterior tentava entender o sucesso do meu Kickstarter milionário, eu me vi remexendo no passado,

tentando explicar como a coisa funcionava.

O *The New York Times* ligou. A revista *Forbes* ligou.

Diga, Amanda, você pode explicar essa sua relação com os seus fãs?

Você é casado?, perguntava eu.

Sou, sim. Susan e eu acabamos de comemorar dez anos juntos na semana passada.

Então me diga, você pode explicar essa sua relação com sua mulher?

Pelo menos davam risada.

Como todos os relacionamentos reais, meu “relacionamento especial” com fãs não tinha nenhum truque que eu pudesse apresentar numa reunião de marketing. Pelo contrário, passei muitas reuniões de marketing dando cabeçadas na mesa.

Durante toda a minha carreira, fãs têm sido como um grande companheiro, um amigo de mil cabeças com o qual mantenho uma relação de parceria e compromisso real. Não tiro férias dessa relação sem avisar. Compartilhamos mutuamente a nossa arte. Eles me ajudam a tocar o negócio me fornecendo informações constantemente. Reconheço meus erros. Eles pedem explicações. Falamos dos nossos sentimentos. Pelo Twitter, dou boa-noite e bom-dia, como faria com um amante. Eles me trazem chá e comida nos shows quando estou doente. Vou visitá-los no hospital e faço vídeos para o funeral dos amigos deles. Confiamos uns nos outros. De vez em quando, rompo com alguns. Alguns rompem comigo.

Nos três primeiros anos da banda, tocamos em lofts ilegais dos amigos, em galerias de arte improvisadas, em espeluncas que tentavam atrair a clientela prometendo música ao vivo, na sala da casa dos outros, em brechós, em sex-shops feministas. Pagassem ou não, se era uma apresentação, a gente topava.

Mas, em geral, tocávamos principalmente na minha casa, pois ali sempre dava para fazer uma festa. Eu já tinha o hábito de dar festas enormes. Lee adorava quando o Cloud Club ganhava vida com os convidados, e o cineasta Michael Pope, que estava morando lá em casa, entrou nessa conspiração de organizar as farras, quando a gente lotava com centenas de pessoas os vários andares, o jardim dos fundos e, no verão, o telhado. Botávamos uma caixa de sapatos na porta, com um cartaz sugerindo (mas não exigindo) 10 dólares de entrada, e montávamos um bar em todas as

cozinhas, gastando em vinho, cerveja e vodca as doações que entravam. O pessoal podia levar o que quisesse para compartilhar, fosse comida, bebida, arte ou música. Eu me sentia plena e feliz deixando quatrocentos desconhecidos passearem pela minha cozinha e meu quarto; nunca possuí nada de valioso no meu apartamento que precisasse esconder.

Todos os equipamentos de viagem do The Dresden Dolls (piano elétrico, bateria de cinco peças e umas malas velhas cheias de roupas para o palco e as camisetas da banda que vendíamos a 10 dólares cada) se encaixavam como pecinhas de Tetris na traseira da minha van antiga da Volvo (carinhosamente apelidada de A Vulva). Começamos a ir a lugares cada vez mais distantes de Boston para as nossas apresentações. Brian era o especialista técnico (sabia tudo o que havia para saber sobre máquinas e equipamentos, inclusive onde comprar e como montar), e eu era a agente, empresária e assessora de imprensa da banda. Eu acabara de comprar meu primeiro celular.

Estávamos em 2001 e o e-mail ainda era uma espécie de novidade (e ligeiramente suspeita — muita gente do meu círculo social artístico resistia a ele), mas eu era obcecada em manter um boletim informativo via e-mail sobre a banda e as festas na casa. Enviava um e-mail para cinquenta amigos em Boston, eles espalhavam a notícia e, quinze dias depois, centenas de pessoas apareciam para uma festa. Assim, o *mailing* da banda começou no círculo interno das festas em casa. Depois foi aumentando a cada vez que fazíamos um show ou uma reunião — não havia distinção entre fãs e amigos. Nossos primeiros fãs, na sua maioria, não só sabiam onde eu morava e onde ensaiávamos, como também costumavam me visitar.

Mais para a frente, como parecia falta de educação mandar os convites das festas em Boston para os fãs em St. Louis, criamos um *mailing* por cidade. Eu considerava o *mailing* nosso grande orgulho e alegria — a Coisa Da Qual Nasciam Todas As Outras. Toda vez que encontrava na rua um ex-colega de faculdade, toda vez que puxava conversa com um desconhecido no metrô, toda vez que alguém manifestava nem que fosse o mais remoto interesse pela banda, eu perguntava: *VOCÊ TEM E-MAIL?* Se a resposta fosse afirmativa, eu anotava o endereço em qualquer coisa que estivesse ao alcance — meu diário, um guardanapo, a mão — e, chegando em casa, enviava uma mensagem pessoal de boas-vindas.

Meu endereço de e-mail era a coisa de maior destaque no nosso site. Eu me correspondia todos os dias com os fãs individualmente — falando das nossas vidas, das apresentações, de ideias para shows — e muitas vezes acrescentava algumas palavras reconfortantes, pois muitas mensagens dos fãs vinham junto com alguma história pessoal angustiante. As pessoas me agradeciam pelas músicas: “Half Jack” tinha ajudado alguns a se entender com os pais; “Coin-Operated Boy” fazia sucesso entre os dançarinos do mundo burlesco, que usavam a música como exercício; “Girl Anachronism” encontrava ressonância em quem se debatia com dúvidas pessoais. Brian era o motorista quando dávamos shows fora da cidade, e do banco do passageiro eu gerenciava a banda no meu Dell azul grandalhão, que vivia dando pau. Gerenciar a banda não significava falar com selos, agentes ou editores — não conhecíamos nenhum. Significava fazer amizade com outros malucos de outras cidades, encontrar artistas para dividir o palco, arranjar lugar para dormir, achar uma galeria que estivesse expondo os quadros de um amigo e adoraria ter uma banda tocando na inauguração.

Devagar e sempre, formamos um grupo de seguidores locais, e depois regionais, quando convencemos nossos amigos das festas de arte a nos acompanhar nas casas de rock de Boston e fora de Boston. Como as festas do Cloud Club, os primeiros eventos estavam mais para *happenings* do que para shows de rock propriamente ditos. Percorríamos a cidade de bicicleta, colando folhetos que diziam:

THE DRESDEN DOLLS ao vivo SÁBADO

no THE MIDDLE EAST NIGHTCLUB.

21 horas. \$12.

TODOS SÃO BEM-VINDOS.

VISTA-SE PARA O FIM DO MUNDO,
OU PARA O COMEÇO.

O pessoal pegou o gosto de se fantasiar para nossos shows, e a gente encorajava. Cartolas, ternos dos anos 1940, pintura corporal, boás de plumas e perucas eram *indispensáveis*. Nossos e-mails, disparados a cada duas ou três semanas, eram cartas comemorativas escritas a amigos. Eu mantinha o tom pessoal: Venha para uma festa aqui em casa. Ou venha para

um show do Dolls numa boate. Ou venha para um show do Dolls em casa. Era tudo a mesma coisa.

• • •

Contei a Anthony que estava pensando em ficar com Neil Gaiman. Eu estava nervosa. Anthony nunca me julgava, mas julgava meus namorados (e às vezes namoradas) com a ferocidade protetora de um irmão mais velho.

E quem é ele?, perguntou Anthony.

É um escritor.

Nunca ouvi falar.

É tipo... famoso cult. Escreve quadrinhos, ficção científica e coisas do tipo. Ele tem 48 anos. E é inglês.

Anthony emitiu um som gutural prolongado de desconfiança.

O quê? Qual parte? O famoso? O inglês? Ou os 48 anos?

Não, nenhuma delas. Parece... um forte concorrente. Quando vou conhecê-lo?

• • •

Descrevendo como a arte e a troca se afetam, Lewis Hyde, em *The Gift*, diz:

A energia das dádivas de um artista pode despertar as nossas.

Nas minhas horas mais tenebrosas, ainda recorro ao meu estoque secreto de músicas terapêuticas para me reconfortar, como um velho cobertor de infância, e me aconchego nas canções de Kimya Dawson, Leonard Cohen ou Robyn Hitchcock, que parecem exprimir algo de inexprimível dentro de mim. E ouvir essas músicas apresentadas ao vivo, em shows, e compartilhar esse sentimento aconchegante de estar enrolada num cobertor com uma multidão de desconhecidos me dá uma sensação de humanidade que não é muito frequente. É a coisa mais próxima de uma igreja que conheço.

Quando a dádiva circula, sentimos a própria essência da arte e da vida, não só nas letras e melodias, mas também em nosso profundo desejo de compartilhá-las entre nós.



Você provavelmente não conhece Edward Ka-Spel.

Edward Ka-Spel é o vocalista da minha banda favorita, The Legendary Pink Dots. Eles surgiram no começo dos anos 1980 na Inglaterra, e gravam discos e se apresentam há mais de trinta anos. Ainda fazem shows, tocando para um público não de milhares, mas de centenas de pessoas, e a base de fãs deles é como uma família. Faço parte dela. Entrei aos catorze anos, e meu primeiro namorado, Jason Curtis, começou a gravar fitas do Pink Dots para mim. A mistura psicodélica de sintetizadores, violinos e caixas de ritmo, aliada à sinceridade emocional crua das letras, me arrancou imediatamente das garras da música alternativa “padrão” que eu andava ouvindo na época (The Cure, R.E.M. e Depeche Mode, principalmente). Mas, com a música do Pink Dots — que tínhamos que caçar em lojas de discos usados ou encomendar por correio de alguma distante distribuidora holandesa —, veio junto a comunidade.

A primeira vez que vi a banda tocar ao vivo foi numa pequena boate de Boston, com frequentadores de todas as idades. Eu estava com dezesseis anos. Mal tivera qualquer contato com rock ao vivo, e certamente nada parecido com aquilo: uma banda que eu adorava, num palco a um metro e meio de mim. Aquela noite mudou minha vida: eu finalmente via, em *pessoa*, as músicas que eram a trilha sonora dos meus anos recentes, as imagens das letras que eu tinha decorado depois de passar horas com o fone de ouvido a caminho da escola, os mundos que haviam se depositado diretamente no meu coração através dos meus canais auditivos — eu estava ouvindo *in loco* um momento que nunca mais se repetiria. Também estava num espaço com trezentas pessoas de pé, que pareciam ter formado uma verdadeira camaradagem, interconectada em virtude de Amar A Mesma Coisa e, por extensão, amar uns aos outros. Era como se toda aquela gente tivesse formado uma espécie de sociedade secreta aberta em torno do amor por aquela música estranha e pelos caras estranhos que a tocavam. Eu nem sabia que aquilo era possível. E jamais pensei que fosse conhecer a banda depois do show.

Conhecer a banda?, perguntei a Jason.

É, respondeu ele, *eles sempre fazem isso*. E Jason tinha razão: ali estavam

eles, vendendo seus CDs e camisetas, recebendo as pessoas à pouca luz da boate, enquanto os funcionários do bar resmungavam e desmontavam o palco. Fiquei na fila, esperando para conhecer Edward, o compositor e vocalista principal, tentando imaginar o que eu poderia dizer que tivesse algum significado para ele. Meu ídolo. E aí, por um breve instante, ficamos frente a frente.

Olhando direto nos olhos dele, falei: *Meu sonho é fazer uma música honesta como a sua.*

Edward sorriu e pegou minha mão. Foi gentil e afetuoso como se eu fosse uma amiga que fazia muito tempo que não via. Conversamos um minuto — sobre o quê, jamais vou me lembrar. Eu estava atônita.

Nunca vou esquecer aquele rápido encontro. Não me senti uma fã conhecendo um astro do rock. Não me senti uma tiete. Me senti uma amiga.

Dois anos depois, quando eu estava com uns dezoito anos, o The Legendary Pink Dots esteve outra vez em turnê por Boston, e eu tive a sorte de ser convidada para a festa após o show na casa do meu amigo Alan, onde a banda estava hospedada. Alan sacava muito de computador e cuidava do programa BBS dos fãs. Tarde da noite, estávamos na sala dele, contando casos e tomando cerveja. Jon, outro integrante da família Pink Dots, que hospedava o site oficial da banda, disse de repente: *Edward, você sabia que a Amanda é compositora? Ela toca piano e é muito boa.*

Fiquei paralisada. *Não não não não não não não não*, pensei.

Edward mostrou interesse e disse:

É mesmo? Tem alguma coisa pra gente ouvir?

Alan, você tem por aí a demo da Amanda?, perguntou Jon.

Eu tinha gravado uma fita com algumas músicas ao piano usando microfones baratos na sala da casa dos meus pais, e Alan tinha uma das doze cópias existentes.

Acho que sim, respondeu ele, remexendo num engradado de leite. *Ah, tá aqui...*

Não não não não não não não não.

Ele pôs a fita no aparelho de som, e fiquei sentada ali me controlando para não vomitar, enquanto Edward e todo o pessoal reunido ouviam minhas músicas ao piano saindo aos borbotões pelos alto-falantes.

Ouvir minha voz cantando me paralisou, e outra voz que eu conhecia muito bem se ergueu dentro de mim:

Não sei compor. Não sei cantar. Tenho uma merda de um sotaque inglês fingido e ESSES CARAS SÃO REALMENTE INGLESES. Que humilhação. E, meu deus, minhas letras são tão pretensiosas, idiotas, metidas a besta. Que porra eu acho que sou?

Eu queria sumir. Não estava pronta para ser julgada, e certamente não aqui, nesta sala, pelos meus heróis. Depois de duas músicas (uma delas um punk bombástico acelerado sobre minha mania de roer as unhas, a outra um lamento fúnebre sobre a perda da minha virgindade num playground metafórico), Alan desligou o som.

Táí! Boa ela, hein? Edward e a banda assentiram afavelmente e a conversa voltou para o show, política e outros assuntos boêmios.

Eu estava tremendo. Saí para fumar um cigarro de cravo e, quando estava sentada na escada, na escuridão fria do outono, tragando fundo e tentando me acalmar, a porta bateu atrás de mim. Era Edward. Ele se sentou do meu lado e acendeu seu cigarro enrolado à mão. Eu nunca tinha ficado sozinha com ele.

Quero te dizer uma coisa, Amanda.

Eu não fazia ideia do que vinha pela frente, mas confiei que ele seria gentil. Meu deus, naquele momento confiei nele mais do que em qualquer outra pessoa ou outra coisa no mundo. Mas estava morta de medo.

É?, falei num tom indiferente.

Suas músicas são boas, Amanda. E não estou falando só por falar.

Olhei para ele incrédula.

Ele continuou:

Eu recebo muita música pra ouvir. É assim que rola quando a gente está na estrada, sabe, a gente recebe montanhas de demos todas as noites. E, sabe como é, nem sempre são boas. Mas as suas são. Não sei quais são os seus planos. Mas tomara que você continue. Só queria te dizer isso.

E apagou o cigarro, voltou para dentro da casa e me deixou ali na entrada, sentindo uma emoção que só posso descrever como êxtase. Passei dias andando nas nuvens, pensando que, de certa maneira, haviam decidido meu destino por mim.

Nunca ninguém tinha me dito aquilo. Pelo menos ninguém qualificado.

Ninguém que realmente contasse. Tento relembrar a enormidade daquele sentimento toda vez que falo com algum músico mais jovem, que reúne toda a sua coragem para me mostrar seu trabalho. Tenho em mente que talvez eu seja a única musicista em tempo integral que essa pessoa viu na vida e que lhe disse diretamente:

Sim. Você leva jeito. Vai em frente.

• • •

Na vez seguinte que o Pink Dots passou por Boston, eu estava na faculdade, a poucas horas de distância, e voltei para assistir ao show. Conversei com meus pais e eles concordaram, deus lhes pague, em hospedar cinco roqueiros indie ingleses e holandeses (mais o cara do som e o cara do comercial) na nossa casa de subúrbio. Alguns dormiram no sótão, outros na van do lado de fora, e eu, para ceder a minha cama, fiquei na casa de Jason. No dia seguinte cedo, voltei correndo para preparar o café da manhã para o grupo todo antes que eles saíssem para a próxima parada. Ver minha banda favorita comendo na sala de jantar onde minha família comemorava o Dia de Ação de Graças me virou a cabeça. Eu nunca tinha preparado ovos mexidos com tanto amor.

Eu já sabia que era inútil tentar dizer àqueles caras o que o som deles *significava para mim*. Significava tudo. As músicas da banda eram a própria paisagem da minha vida interior. Era a partir deles que eu estava desenvolvendo meu estilo pessoal de composição. Se eu falasse isso em voz alta, ia parecer meio bobo.

Mas ovos mexidos era uma coisa que dava para fazer.

• • •

Em 2002, Brian e eu já nos apresentávamos com mais frequência e os shows começavam a dar grana de verdade. No final de cada noite, os fãs queriam CDs, mas passamos algum tempo sem ter nada para vender, a não ser algumas camisetas e um adesivo de carro que nós mesmos bolamos. De gravação, nada.

Fazer cópias em CD era uma tecnologia novíssima em folha. Então, em vez de levar nossa primeira gravação barata a uma duplicadora profissional,

chegamos à conclusão de que sairia mais barato se nós mesmos fizéssemos as cópias.

Nossa primeira gravação saiu de graça, graças à gentileza de um amigo engenheiro de som que nos deixou entrar escondidos num estúdio, depois do expediente. Para a capa do álbum, fiz uma colagem com bonecas de papel velhas, enquanto Brian fazia inúmeras corridas na Vulva até a papelaria para comprar pilhas de CDs virgens e caixas vazias. Sentávamos na cozinha reproduzindo fornadas e mais fornadas das nossas músicas num gravador com três entradas. Num dia que rendia bem, fazíamos algumas centenas, e para vender nos shows precisávamos apenas de algumas dezenas: cinco músicas por 5 dólares. Os fãs estavam doidos para comprá-los, e nossos CDs venderam muito bem. Em pouco tempo, meu apartamento inteiro no Cloud Club — que já era bem pequeno — se transformou numa oficina de montagem de CDs. Eu me sentia em casa na agência local dos correios, onde duas ou três vezes por semana entrávamos na fila para despachar montes de CDs para nossos fãs, com cartões de agradecimento escritos à mão. Os fãs usavam o endereço da minha casa para encomendar tudo. Pagavam em cheque nominal e remetíamos os CDs antes mesmo da compensação (se tinham fundos).

Enquanto isso, eu trabalhava como A Noiva nos fins de semana. Comecei também no emprego de stripper, e Brian cumpria expediente na filial da Toscanini no centro acadêmico do MIT, onde ele pediu e recebeu de Gus a gentil permissão de montar no caixa um display com nosso CD. A cada turno, ele acabava vendendo alguns CDs para os clientes da sorveteria.

PEGUE OS E-MAILS DELES!, dizia eu.

Ele pegava. Uma boa porcentagem dos nossos primeiros fãs mais empolgados era constituída por professores e pós-graduandos do MIT, que durante nossos shows se misturavam alegremente a punks de 22 anos com piercing no nariz e dreadlocks turquesa. Brian e eu sentíamos grande prazer pelo fato de que parecíamos ter criado a comunidade de fãs mais eclética de Boston: estudantes da faculdade de artes, punks veganos, *drag queens*, metaleiros, acadêmicos, ouvintes da National Public Radio. Para nós, isso era o que importava. Não *queríamos* atingir um público específico — não queríamos ser uma banda gótica ou uma banda indie estilosa. Queríamos que o povo que aparecia nos shows se sentisse parte da nossa

pequena família excêntrica e soubesse que nunca seria barrado na porta por não ser legal ou bacana o suficiente. Nós dois, Brian e eu, tínhamos sido excêntricos e inseguros no colegial. Já tínhamos passado a vida inteira barrados naquela porta e não queríamos apenas entrar por ela. Queríamos botá-la abaixo.

• • •

As coisas começaram a esquentar. Ainda não dava para largar o emprego, mas estávamos perto disso. Ganhamos o concurso local de bandas em Boston. Parei de fumar, porque queria cuidar da minha voz, que vivia indo embora. Viajávamos, fazíamos os shows, viajávamos, comíamos toneladas de porcarias nos postos de gasolina, viajávamos, checávamos o som, viajávamos mais um pouco e, quando precisávamos dormir, ficávamos na casa de velhos amigos, de parentes, de fãs, ou com outras bandas. Num aperto, íamos para um hotel barato ou dormíamos na van, equipada com um futon na traseira.

Em compensação, hospedávamos uma infinidade de músicos e amigos no Cloud Club, quer estivessem tocando com a gente ou não — era um círculo cármico de colchonetes. Quando estava na estrada, eu recebia e-mails com fotos de bandas no quintal, bandas no telhado, bandas na banheira. As bandas deixavam de presente desenhos, livros, CDs e bilhetes de agradecimento.

Nossa base de fãs crescia devagar e sempre. Íamos a alguma cidade — Filadélfia, Portland, Northampton, Washington — e tocávamos para cinquenta pessoas, depois para 150, e então para trezentas. A notícia corria. O *mailing* crescia. Continuávamos sem agente e sem empresário.

Às vezes, quando não tínhamos onde pernoitar, simplesmente perguntávamos lá do palco:

QUEM PUDER NOS HOSPEDAR HOJE À NOITE EM CASA, LEVANTE A MÃO.

Retribuíamos aos anfitriões com CDs, camisetas, histórias das turnês e nossa eterna gratidão.

Fizemos alguns amigos incríveis dessa maneira.

Um deles era um fotógrafo da Filadélfia chamado Kyle Cassidy, um

clássico mecenas do sofá que tinha o maior prazer, fazia anos, em deixar as bandas pernovernarem na casa dele. Às vezes dividíamos o espaço na casa de Kyle com outras bandas de passagem pela cidade e trocávamos histórias durante o café da manhã coletivo. Aquela casa se tornou um porto seguro após nossas apresentações na Filadélfia, e, como ele adorava nos fotografar e confiávamos nele, Kyle também se tornou o fotógrafo oficial da nossa banda. Se eu ficava sabendo que havia uma banda em turnê na Filadélfia, encaminhava os caras para Kyle e ele acolhia sem perguntar nada.

Comecei a fazer no computador uma lista dos nossos anfitriões de confiança, algumas dezenas, organizados por cidades. Kyle na Filadélfia. O pai de Brian em Nova Jersey. A tia dele em St. Louis. Josh e Alina em Nova York. Xanna e a namorada em Atlanta. Clare e Brian em Montreal. Emily no Brooklyn. Meu pai em Washington. Kate em Chicago...

• • •

Faça Você Mesmo é uma expressão complicada.

Há quem me chame de “Rainha do Faça Você Mesmo”, mas, se você tomar a definição de “Faça Você Mesmo” ao pé da letra, passo longe disso. Não tenho o menor interesse em Fazer Eu Mesma. Estou muito mais interessada em conseguir que todo mundo me ajude.

Creio que uma definição melhor seria “Use O Que Puder”. Pena que não é uma expressão muito fácil de pegar.

Todo mundo tem acesso a diversas ferramentas, pessoas, recursos, situações, oportunidades. Você é privilegiado a ponto de ter uma família que pode emprestar grana para seu primeiro álbum? ACEITE.

Você tem um amigo com uma cabana na praia que está oferecendo um lugar sossegado para você escrever? ACEITE.

Realmente não há honra nenhuma em provar que você pode carregar sozinho todo o peso nas costas. É algo... solitário.

Talvez a gente possa dividir a mentalidade do Faça Você Mesmo em dois campos, pois obra “coletiva” na verdade não é uma coisa que empolgue muito.

O “Faça Você Mesmo Mínimo” é o tipo de situação em que você tenta literalmente *fazer você mesmo*. A ênfase recai no individualismo e na

autossuficiência completa.

Não tem o tipo certo de microfone? *Use outro.*

Não tem uma verba enorme para a comida / não pode comer fora / não tem cozinha? *Compre uma caixa inteira de macarrão instantâneo e cozinhe na cafeteira que você conseguiu por 5 dólares numa venda de garagem.*

Não pode contratar um coral inteiro? *Não use coro. A música não precisa e, de todo modo, ficaria pomposo e pretensioso. Ou, se precisar mesmo, grave sua própria voz cinquenta vezes, cantando com diferenças sutis, de diversos pontos da sala.*

O carro ficou sem gasolina num trecho longo da estrada? *Pegue o galão vazio no porta-malas e comece a andar, seu trouxa.*

E tem o “Faça Você Mesmo Máximo”, que é mais sobre se abrir e pedir. A ênfase recai no coletivismo. Você lança o problema para os seus conhecidos e vê quais soluções aparecem.

Não tem o tipo certo de microfone no estúdio? *Use o Twitter e recorra aos músicos e estúdios. Pode ser que alguma alma bondosa te empreste o certo.*

Não tem uma verba enorme para comida no estúdio? *Pergunte se alguém ali pode ajudar / cozinhar alguma coisa / trazer os restos da padaria onde trabalha.*

Não pode contratar um coral inteiro? *Solte um post no blog pedindo para os fãs virem e cantarem com você. Eles poderão soar como amadores, mas vai ser divertido — e as pessoas adoram participar de álbuns.*

O carro ficou sem gasolina num trecho longo da estrada? *Levante o dedão. Alguém vai acabar dando uma carona.*

Como você pode ver, a filosofia por trás é a mesma: As limitações, em vez de restringir, podem expandir o fluxo criativo.

O Faça Você Mesmo Mínimo não se baseia na confiança, mas na engenhosidade.

O Faça Você Mesmo Máximo se baseia na confiança e na engenhosidade. Você precisa pedir com jeito e criatividade suficientes para despertar uma resposta, e também precisa *confiar* que a pessoa a quem está pedindo não vai estragar sua sessão de gravação, não vai envenenar sua comida, não vai acertá-lo com uma martelada no banco do passageiro.

A gente ficava por ali e autografava os produtos depois de cada show em cada cidade, ao estilo do Pink Dots, num prolongamento natural do nosso começo de carreira, quando o público se confundia com nosso círculo de amizades. Se acabávamos sendo expulsos de algum lugar porque tínhamos estourado o horário, mas sem terminar de assinar as coisas, chamávamos os fãs que faltavam e terminávamos de autografar na rua.

Assinávamos os nossos CDs, claro, e também camisetas e pôsteres — geralmente com um marcador permanente preto ou prateado. Mas também autografávamos capinhas de celular, cartas de baralho, tênis, óculos, bíblias, passaportes (*Você sabe que é ilegal, né?*), bolsas, rostos (*por favor, não vá tatuar isso*), axilas, bonecas, bebês (*por favor, não tatue esse também*), pés, copos de shot, chaleiras, cobertores de estimação, peitos e, uma vez, o pênis de um cara (não estava ereto). E uma vez, em Santa Barbara, Brian autografou o ânus de uma garota. Todo mundo ficou impressionado.

Pedi que ele fizesse o favor de jogar fora aquela caneta.

As pessoas adoravam nos dar a arte que faziam. Às vezes, a fila de autógrafos criava colisões artísticas inesperadas, como quando uma garota na frente da fila me deu uma linda vagina tricotada à mão, anatomicamente correta, em tamanho natural, e um cara mais atrás me deu um bonequinho de plástico, um astronauta dos anos 1980, que se aninhava com perfeição dentro da vulva. Outro na fila estava com um fitilho e amarrou os dois para ficar mais firme. Eles vivem em harmonia na prateleira da minha cozinha no Cloud Club e, desde aquele dia, nunca se separaram.

No início, a gente falava com as pessoas pelo tempo que elas queriam, sobre tudo o que queriam. Depois, quando começamos as turnês internacionais, essas sessões às vezes duravam mais do que o show: tocávamos duas horas e autografávamos duas horas e meia.

Vendo em retrospecto, o ato de autografar foi muito mais importante do que me parecia no momento. Sobretudo nos primeiros tempos, quando tocávamos em bares pequenos, eu sentia muito MEDO do público. Não era medo de que me ferissem nem me atirassem garrafas na cabeça (o que REALMENTE acontece em alguns gêneros de música). Era medo do que achariam. Estávamos começando a ser criticados nos sites *hipster* de música por sermos gays demais, dramáticos demais, femininos demais, barulhentos demais, caretas demais, góticos demais. Eu imaginava que

aqueles desconhecidos de frente para o palco eram as mesmas entidades que nos julgavam nas seções ácidas dos blogs sobre música. Eu temia os críticos. Na minha cabeça, os críticos e a multidão eram uma coisa só.

Enquanto eu tocava e olhava para a plateia, podia ver claramente que o povo nas primeiras fileiras gostava da gente, pois acompanhavam a letra, sacudiam a cabeça, erguiam o punho. Mas e o pessoal na nona, na décima, na vigésima fileira? Não dava para *vê-los*. Eu imaginava todos eles ali de pé, de braços cruzados, revirando os olhos para as nossas palhaçadas gays de mímica, esperando algo que lhes causasse alguma mínima impressão.

As sessões de autógrafo deram um jeito nisso, pois passamos a conhecer uma boa parcela do público todas as noites. Não eram *hipsters* esnobes. Eram apenas pessoas meigas, humanas, inteligentes, atrapalhadas, como Brian e eu, todas com cara boa e, em geral, com as suas próprias histórias esquisitas. Depois de centenas de noites dando autógrafos, meu medo instintivo do público desapareceu, como uma pedra pontiaguda que se alisa sob a água corrente.

Foi uma revelação: Cacete, eles não têm nada de assustadores. São só... *um monte de gente*.

Simplemente não dava mais para sentir aquele nervoso: agora eu CONHECIA as pessoas. Mas nunca teria conhecido se não tivesse ficado todas as noites na mesa de autógrafos; eu poderia ter passado anos com medo. E, quando a gente tem medo do julgamento dos outros, não dá para se conectar com eles. Ficamos preocupados demais com a tarefa de causar uma boa impressão.

• • •

Quando passamos a ter grana suficiente para escolher, não me animei com a ideia de usar um piano de cauda de verdade. Complicado demais para alugar, transportar e afinar, difícil demais de caber no palco, grandalhão demais para Brian enxergar direito os movimentos das minhas mãos enquanto tocávamos. Mas, principalmente, ter que ficar de lado para o público parecia que ia me distanciar deles. Eu queria olhar direto as pessoas. Queria *vê-las*.

Mas o suporte normal do teclado é muito feio; e assim, junto com o chá,

o mel, o homus e o suco que nosso contrato estipulava para os locais cada vez maiores onde estávamos tocando, passei a pedir alguns ramalhetes de flores todas as noites, que a gente prendia no suporte de teclado para disfarçar a feiura. Só que muitas vezes sobravam flores e parecia um desperdício deixá-las no camarim, onde elas simplesmente seriam jogadas fora. Algumas divas *recebem* flores, atiradas ao palco, mas nós começamos uma tradição de atirar flores *ao público* quando entrávamos no palco: uma investida amorosa floral. Passamos a especificar que as flores não podiam ter nenhum espinho, por segurança. Com algum esforço, geralmente conseguíamos alcançar o pessoal no balcão.

O povo começou a levar buquês aos shows, que passavam pela multidão até chegar na beira do palco, para serem usados entre as músicas, ou atiravam aos nossos pés, ao autêntico estilo diva, no início do show. Dividíamos em ramalhetes mais manejáveis e atirávamos de volta ao público. O público devolvia ao palco.

Esse jogo podia durar a noite toda.

Mais tarde, na fila de autógrafos, alguns pegavam as flores que tinham posto atrás da orelha e me estendiam em gesto de agradecimento. Aí eu reciclava a mesma flor, dando a outro alguém da fila com ar de solitário ou que parecia precisar de um pouco mais de amor.

Numa noite boa, não dava para saber quem estava dando o quê a quem.

• • •

Compartilhar minha vida na internet significa que todo mundo sabe da minha situação no mesmo momento. Os fãs na fila de autógrafos perguntam: *Como vai Neil? Ele conseguiu chegar a tempo de pegar o avião? E: Como vai a infecção no peito? Terminou de tomar os antibióticos?* Estou na estrada e eles estão em seu território. Trazem livros, ervas, chás, sabonetes, cervejas do bar, vinhos orgânicos da região. As coisas de comer geralmente são repartidas com o pessoal mais atrás na fila.

A fila de autógrafos é um cruzamento entre festa de casamento, cabine fotográfica e o terminal de desembarque internacional de um aeroporto: uma colisão indistinta de lampejos de intimidade. É uma reunião com gente que eu ainda não conheço. Há montes de lágrimas, de abraços e de

cumprimentos. Há também um monte de perguntas, de um lado e do outro.

Você tira uma foto pra gente?

Você tira uma foto com a gente?

Precisa de um abraço?

Posso pegar uma bebida?

Quer uma bebida?

Você segura minha bebida?

Por que você está chorando?

Nem sempre são os fãs chorando. Muitos fãs já me seguraram em noites em que eu precisava desabar num ombro amigo.

Já vi filas de autógrafos em outros shows que não são assim, onde é tudo uma questão comercial e há seguranças de plantão ali para garantir que ninguém encoste n'O Talento. Tive que *discutir* com os seguranças designados para minhas filas de autógrafos, explicando que, ao contrário de outras bandas, NÃO queremos que eles apressem nem enxotem as pessoas, impedindo-as de parar e conversar. *Preciso* que as pessoas parem, conversem e me abracem, senão eu me sinto um autômato.

Ouvir rápido e se envolver exige toda uma habilidade. As pessoas me trazem histórias condensadas: a música que as acompanhou durante o ensino médio, a cirurgia que acabaram de fazer, o rompimento recente, a morte de um parente. A história do amigo doente que queria vir ao show, mas não conseguiu.

Ou a história mais longa e complicada do amigo que viria ao show, só que tinha acabado de se suicidar.

O que você faz com notícias assim? Dá uma pausa na fila, pega a pessoa nos braços, segura e deixa chorar o quanto for necessário.

Aí volta ao trabalho.

• • •

Se eu ganhasse 1 dólar para cada vez que alguém me desse um CD, teria um monte de dólares. Em compensação, tenho um monte de CDs. Anos depois da conversa com Edward Ka-Spel na entrada da casa, me identifiquei com as montanhas de fitas que ele recebia nas suas turnês.

Posso te dar meu CD? Tenho uma banda.

Posso te dar meu CD? Minha namorada é compositora e vocalista.

Posso te dar meu CD? Tenho um selo de death metal aqui na cidade. Toco bateria no meu quarto. Gravo músicas a capella no meu celular.

A resposta é sempre sim, sim, sim e sim. Não vejo esses CDs como simples tentativas de algum garoto procurando uma brecha para sua banda. São como uma carta de agradecimento, como um artista acenando uma bandeira a outro, como dois faróis. Fazem parte do dom sempre circulante, que nunca pode parar.

E esse presente não se recusa, nunca.

• • •

Quer você esteja preparado ou não, faz parte do ofício de compositor confessional virar terapeuta improvisado. Só que você não tem um consultório legal e tranquilo: você atua em boates sujas e barulhentas, em vielas escuras ao lado dos ônibus de excursão, em banheiros nos bastidores. Eu me sinto honrada e ao mesmo tempo deprimida quando alguém me puxa e diz “Não tem mais ninguém para quem eu possa contar...” e passa a detalhar um aborto clandestino, um estupro, um diagnóstico de doença mental.

Naquele instante de troca íntima, me dá vontade de adotar todo adolescente que me conta que foi expulso de casa por ser gay. Quero acompanhar a história de cada recuperação, ficar por perto para ver o nascimento de cada bebê, a cicatrização de cada ferida, o desenvolvimento de cada coração. Mas não fico. Não posso. Toda noite, eu vou embora.

• • •

Você vê vinte pacientes por semana. Como lida com tanta dor que recebe de desconhecidos?, perguntei a Anthony certa noite, pelo telefone, deitada num sofá-cama na sala de um amigo em Montreal. A sessão após o show demorou uma eternidade e eu estava exausta, mas não conseguia dormir.

Já ouviu falar em “devorador de pecados”?

Não, respondi. Me conte.

É quando um religioso ou um guru local toma para si os pecados e sofrimentos

da comunidade abrindo-se aos que sofrem e filtrando a dor e o sofrimento. Ele pega todo o lixo emocional e, através do corpo, do amor e da capacidade de estar presente, purifica a dor e a transforma em compaixão. Um monte de religiões tem uma versão disso. É o que Jesus faz para os cristãos.

Um confessor da comunidade, basicamente, comentei.

Isso. Basicamente. Havia devoradores de pecados profissionais na Inglaterra. Um cara, pago para isso, aparecia e comia pão sobre o cadáver de um membro da família para expurgar os pecados do corpo antes de ele ir para o céu. É a mesma magia e o mistério do que fazemos — quando levamos a sério — em psicoterapia. Recebemos o sofrimento dos outros, digerimos e transformamos.

E os artistas?, perguntei. Parece arte.

É, os bons artistas fazem isso. Você sabe, né, que o “Artista” e o “Curandeiro” costumavam ser o mesmo cara. O “Músico” e o “Xamã” eram os mesmos personagens, em certo sentido. Nosso trabalho, o seu e o meu, não é muito diferente. Vi você na fila de autógrafos. Fiquei observando. Coma a dor. Mande de volta para o vazio em forma de amor.

Posso te perguntar uma coisa?

Diga, disse Anthony.

Já aconteceu de você não conseguir digerir tudo, de você só ficar triste demais?

Já, querida. Acontece o tempo todo.

• • •

Às vezes, a fila de autógrafos me poupa de ter que ficar sozinha.

Às vezes, a fila de autógrafos me lembra que esse ofício não é sobre mim, é sobre todo mundo.

Na maioria das vezes, a fila de autógrafos me faz sentir conectada com as pessoas em volta da fogueira.

Preciso ver o rosto delas.

Às vezes, sinto que preciso da fila de autógrafos mais do que elas.

Percebo uma diferença quando não autografo depois de um show. Pode ser algo profundamente solitário.

Não autografar ou não ficar depois do show é como levar alguém para casa, dar uma trepada apaixonada sem compromisso e depois ficar na cama, olhando o cara se vestir e sair logo depois do orgasmo. Eu preciso do

aconchego pós-trepada, aquela parte em que a gente passa a noite deitado de conchinha, um olhando o outro numa confirmação de que, sim, aquilo aconteceu. E aí vamos pelo menos tomar um café da manhã juntos e falar sobre as coisas normais da nossa vida, mesmo que provavelmente a gente nunca mais se veja.

Detesto quando as pessoas não ficam para dormir.

• • •

Michael Pope e eu resolvemos fazer um clipe — ele era cineasta, colega de casa e um dos meus melhores amigos, então fazia sentido. Escolhemos uma das apresentações ao vivo mais populares da banda, “Girl Anachronism”, escrevemos um roteiro sentados à mesa da minha cozinha e passamos uma semana transformando nossa casa numa produtora. Pedimos a Ron, o fotógrafo amigo de Anthony entusiasmado por todo tipo de arte, dinheiro emprestado para comprar o filme virgem (filme de verdade!). Pedimos a Lee ajuda para decorar o andar de cima; pedimos a Zea, colega de casa, para criar as roupas; pedimos aos fãs para fazer trabalho voluntário nos bastidores. Fornecemos pizza e cerveja para todo mundo e rodamos doze horas direto (a grana só dava para pagar um dia de aluguel do equipamento), usando como set de filmagem quase todos os aposentos do Cloud Club, junto com o quintal dos fundos e o telhado. Quando o vídeo foi editado e pusemos no site (ainda não existia o YouTube), todo mundo na nossa comunidade mais próxima tinha participado de alguma maneira. E Lee entrou em êxtase: era o que ele sempre imaginara para aquele espaço. Passamos a filmar vídeos completos em casa, na casa dos meus pais, na casa de Ron, no meu antigo colégio, usando os alunos de teatro. Pedindo, criamos a nossa comunidade. Era assim que funcionava.

• • •

Nosso público crescia. Enviamos centenas de pacotes para centenas de gravadoras. Ninguém quis. Por fim, decidimos que íamos parar com o trabalho de copiar CDs na cozinha e faríamos nossa própria gravação legítima em estúdio. Por conta própria, sem gravadora. Se gravássemos

alguns milhares de cópias, sairia num total de aproximadamente 20 mil dólares, incluído o tempo de estúdio, e aí teríamos um CD de alta qualidade para vender nos shows, com todas as nossas canções, e recuperaríamos a grana.

Mas não tínhamos tudo aquilo. Ganhávamos algumas centenas de dólares aqui e ali com os shows, e, mesmo somando com a renda como stripper, estátua e atendente de sorveteria, resultava apenas em alguns milhares de dólares por vez. E ainda tínhamos que pagar aluguel, comprar comida e ir aos lugares.

O número de fãs, no entanto, aumentava, e tínhamos uma ética profissional pesada, o que me parecia uma garantia razoável para arrumar alguns empréstimos. Fiz uma listinha de pessoas e pedi de um em um: Ron Nordin, o melhor amigo de Anthony, fotógrafo e entusiasta das artes locais; meus pais; John e Alina, que nos hospedavam em Nova York; um tio generoso que morava em Los Angeles. E pedimos a Tom e Steve, um casal gay que vinha a quase todas as nossas festas e shows, morava numa casa e parecia ter empregos de verdade. Perguntei a todos se eles podiam contribuir até chegar a 5 mil dólares para gravar o CD, com a promessa de que pagaríamos no prazo de um ano, ou antes se possível.

Todos concordaram e mandaram os cheques. Enviei-lhes um documento impresso, para eles terem algum tipo de registro formal, embora eles soubessem que não íamos fugir com o dinheiro para o México. Confiavam em nós.

Agradei enfaticamente a todos.

Passamos uns dois meses na correria, indo e voltando de Boston ao Brooklyn, onde penamos pra caramba na gravação, e contratamos dois colegas que moravam comigo no Cloud Club (Zea, a pintora, e Thom, o designer gráfico) para criar a arte do álbum. Então vendemos o CD (ao qual demos o nome de *The Dresden Dolls*, e só) diretamente aos fãs nos shows, por 10 dólares cada. O primeiro lote de cinco mil unidades esgotou rápido e encomendamos outro. Minha cozinha virou uma oficina do País das Maravilhas, cheia de envelopes e pacotes que começamos a enviar a fãs em estados e países cada vez mais distantes, e a gravadoras, estações de rádio, jornalistas e agentes, esperando que alguém nos ajudasse a tocar nosso negócio — atender ao telefone, despachar as camisetas, agendar os

compromissos. Não dávamos conta de tudo. Estávamos ficando sobrecarregados.

Depois de dois anos de apresentações constantes sem empresário, sem agente e com uma pilha crescente de cartas de recusa de todas as gravadoras independentes do planeta, que diziam “não contratamos bandas góticas” (a gente não era gótico, porra!), comecei a entrar em desespero. Naquela altura, atraíamos quinhentas pessoas por noite em várias cidades, e, embora eu estivesse gostando da nossa Fantasia do Circo Itinerante Boêmio, o tempo entre os shows era totalmente consumido por e-mails e telefonemas, tentando organizar nossa agenda e conseguir algum contrato. Eu não dava mais conta de ser a agente de turnê e a empresária. A banda crescia, mas ninguém nos contratava. Éramos esquisitos demais. Não nos parecíamos com nenhuma outra banda que estava fazendo sucesso.

Então chegou um e-mail promissor de um cara chamado Dave. Ele queria conversar com a gente. Eu nunca tinha ouvido falar do selo dele e, quando procurei no Google, achei bandas com nomes como 3 Inches of Blood, Baptized in Blood, Make Them Suffer, Mutiny Within e Satan. Uma gravadora de METAL? Minha esperança era sermos contratados pela Matador. Ou pela Mute. Algo onde a gente pudesse ficar ao lado de Belle and Sebastian, Neutral Milk Hotel, The Magnetic Fields, The Pixies e outras bandas indie legais de nomes inofensivos. Encontrei um advogado da área musical e mostrei o contrato.

Eles querem basicamente oferecer 50 mil dólares para vocês lhes cederem seu primogênito, me explicou ele. Ficam com uma porcentagem de tudo o que vocês receberem, agora e para sempre, inclusive sobre o que comercializarem e os direitos sobre todas as canções que você compuser na vida. Tem certeza de que vai querer assinar com eles, mesmo que eu consiga melhorar a proposta e deixar que vocês fiquem com o primogênito?

Certeza eu não tinha, mas estávamos ralando o máximo que dava e ninguém mais queria a gente. Estávamos em desespero.

Então vamos tirar o primogênito, falei. Vamos nessa.

Naquela época, fizemos um show com Karen Mantler, uma cantora de jazz muito excêntrica que, depois de lançar três CDs num selo independente, foi contratada por uma gravadora importante (*gentalha exploradora*, acho que foram palavras dela) e ficou sabendo que a gravadora a

considerava, como disse Karen, uma “baixa contábil”. Ela nos contou que, depois que o álbum — do qual sentia um orgulho enorme — foi lançado, enviaram-lhe dez cópias, despediram o cara que a contratara e não fizeram absolutamente nada para vendê-lo ou promovê-lo — simplesmente não dava para encontrá-lo em nenhuma loja. Foi a maior decepção, mas ela deu um jeito de reagir. Na mesa depois do show, ficou vendendo cópias duplicadas à mão dos CDs que o selo não pôs em circulação; chegou a desenhar uma capa nova que dizia: “PROJETO DE ESTIMAÇÃO DE KAREN MANTLER — EDIÇÃO PIRATA”, com uma mensagem no verso expondo o que a gravadora tinha feito com ela.

Acho que a gente deve assinar, falei para Brian. Quer dizer... afinal a gente tem como copiar o CD depois. Sempre podemos dar uma de Karen Mantler pra cima deles.

Depois de mais algumas conversas com os advogados, assinamos o contrato com sangue. (Sangue de verdade. Era uma gravadora de metal; achamos que combinava.) Pagaram-nos 100 mil dólares pelos direitos perpétuos sobre o álbum que tínhamos gravado por 20 mil (abrangência territorial: “o universo”, só para o caso de começarmos a vender muito em Marte). Graças ao advogado, mantive meu primogênito: os direitos de publicação e comercialização.

A primeira coisa foi pagar o advogado.

Daí preenchi os cheques para devolver todos os empréstimos, que mandei pelo correio com uma carta de agradecimento. Então Brian e eu levamos nossos pais para um jantar de comemoração num restaurante a menos de vinte metros do lugar principal onde A Noiva ficava na praça Harvard.

E aí deixamos de uma vez por todas nossos empregos de sorvetes, estátua e stripper.

• • •

Apresentei Neil a Anthony num restaurante italiano no bairro de North End, em Boston. Neil e eu estávamos juntos fazia alguns meses. Se um não gostasse do outro, eu ia morrer.

Comemos e tomamos vinho, falando de tudo, e não pude deixar de

sentir que os dois estavam se medindo taticamente, como dois cachorros num parque.

Neil pareceu aprovar Anthony.

E aí? E aí? O que você achou?, perguntei no telefone a Anthony no dia seguinte.

Ele respondeu: *Não sei, querida. Ele é inteligente, sem dúvida. Mas parece nervoso. Sabe? Tipo, apavorado.*

*É porque ele **estava mesmo** nervoso e apavorado, seu tonto. Falo de você desde que conheci o Neil. Ele estava morrendo de medo de que você não gostasse dele. E aí... gostou dele?*

Anthony soltou um *hmmmmmmmm*.

O QUE ISSO QUER DIZER?

Por que o que eu acho é tão importante para você?

Sei lá. Porque você é você. Me ajuda, vai. Você é quem mais me conhece. E me salvou de, sei lá, quantas mesmo? Cinco relações fatais?

Salvei nada, disse Anthony.

Salvou, sim. Lembra o Mike? Lembra que eu achei que ia ser o maior barato me casar na faculdade porque NINGUÉM ia ACREDITAR, hahahaha?

É, tá bom. É verdade.

E o Oliver? Aquele que teve uma overdose?

Bom... Tá certo.

• • •

A gente recebia muitas correspondências de fãs. Parte das mensagens era nos odiando, e criamos uma página especial em nosso site para mostrar as piores. Eu escolhia alguns trechos especiais do dia para o site:

Vocês são a coisa mais horrorosa que já ouvi. Avril Lavigne é MUITO melhor. MAS os Backstreet Boys também são. E ELES SÃO UMA BOSTA. Seu maluco horroroso e aquela vaca peluda feito uma francesa que parece chinesa [sic].

Não sou de curtir imagens de violência, mas quando sou obrigado a ouvir o álbum de vocês começo a ter pensamentos violentos.

Uma merdinha no meu trabalho (onde temos uma lista de músicas dos funcionários tocando o tempo todo) continua pondo "Coin-Operated Boy" na lista. Odeio vocês, e odeio

ela. A mulher na banda parece uma macaca peluda da Gestapo alemã. O cara na banda é um molestador de crianças automático. Por favor, vão comer merda e morram.

A página com mensagens de ódio trazia como peça central esta carta ao editor de um fanzine de música de Boston:

Sempre me surpreende como o público de Boston se impressiona à toa. Principalmente quando é uma performance como The Dresden Dolls, que, além de serem mediocres como dupla, não têm absolutamente nenhuma originalidade. Amanda não consegue passar um show sem querer chocar as pessoas... e ela tocando o piano é atroz. É evidente que a verdadeira inteligência e o verdadeiro músico naquela banda é Brian (baterista ótimo, aliás, pena que a dona Palmer estraga totalmente o que ele faz). Fico imaginando... se Amanda não se comportasse feito uma completa idiota, ou melhor, uma filhinha de papai louca para chamar a atenção, exibindo aquele corpo flácido e peludo para todo mundo e se passando por "uma artista performática"... alguém se importaria?

A página das mensagens de ódio se tornou o local mais visitado do nosso site.

O povo começou a escrever para me agradecer pela coragem de mostrar a sordidez. Mas não me parecia coragem — parecia a única opção, a única maneira de conseguir lidar com a mágoa. Até hoje continuo praticando esse estilo de jiu-jitsu internético: pego o ódio, ventilo, tento rir dele e devolvo ao mundo, para que não me devore viva. Mais ou menos na mesma época em que criamos a página das mensagens de ódio, comecei a blogar com regularidade, compartilhando as notícias boas e ruins da imprensa, com as minhas lutas emocionais na montanha-russa do elogio e da crítica, *SOU AMADA! SOU ODIADA!*, procurando ao mesmo tempo equilibrar as turnês, as gravações, o gerenciamento da banda e os ocasionais fragmentos de vida social que sobravam.

Eu começava a aprender o que era o *bullying* da internet, porém, quando começaram a seguir meu blog às centenas, e depois aos milhares, também provei pela primeira vez a força da multidão e como ela era uma faca de dois gumes.

Tínhamos acabado de receber nosso supercheque da gravadora e pagar as dívidas, e sobrou o suficiente para comprar uma bateria de primeira categoria para Brian e, com meu coração batendo de orgulho (Fui Contratada! Eu era Legítima!), comecei a visitar lojas para escolher meu

primeiro piano de verdade, com um orçamento de mais ou menos 20 mil dólares, para substituir o piano caindo aos pedaços, impossível de afinar, que eu usava para compor no meu apartamento (alguém estava para jogá-lo fora e paguei nele só o custo do transporte). Eu queria um piano bem ressonante e resistente, pois tinha a tendência de quebrar as cordas. Entrei em todas as lojas de instrumentos novos e usados em Boston, passando os dedos pelas teclas, cantos e fendas de todos os pianos à venda numa espécie de erótica incredulidade de que tinha realmente condições de comprar um. Parecia tão incrivelmente *real*.

Um dia, entrei numa lojinha pequena de pianos numa casa velha reformada, num bairro afastado. Havia apenas alguns clientes andando por lá, e um cara simpático vestindo um cardigã cuidava sozinho da loja. Sentei na frente de um piano de cauda pequeno e comecei a testá-lo com algum Beethoven sonoro, e depois passei para uma das minhas composições. Fechei os olhos e fiquei ouvindo, sentindo o peso das teclas, martelando feito uma doida.

O cara se aproximou com educação. Parei de tocar.

Moça? Olá. Peço desculpas, mas tenho que... pedir que se retire.

Prendendo a respiração, levantei, peguei a bolsa, saí da loja, fui até o carro e, antes mesmo de processar o que tinha acabado de acontecer, desandei a chorar. *Ele me acha uma fraude.*

Fui para casa e, ainda chorosa, entrei no blog. Despejei toda a história para meus poucos leitores, contando como me senti furiosa e envergonhada, como aquilo foi constrangedor e devastador. Coloquei o nome e o endereço da loja e incentivei meus fãs a escrever uma carta ao cara, se quisessem.

Foi só no dia seguinte, quando li alguns e-mails de fãs me contando orgulhosamente que tinham escrito à loja para protestar, que percebi a gravidade, a estupidez — a *mesquinharia* — do que eu tinha feito.

Imaginei pilhas de cartas de críticas e censuras se amontoando na mesa daquele pobre sujeito, que só tentava ganhar seu pão com uma modesta lojinha de pianos. Claro, ele tinha sido um idiota por me expulsar da loja, mas não fui uma idiota ainda pior por atormentá-lo daquele jeito? E não foi ainda mais idiota usar meus fãs como armas de ataque? Envergonhada ao perceber o que tinha feito, voltei ao blog, removi o nome e o endereço da

loja e escrevi uma postagem em continuação, dizendo aos meus fãs que eu tinha me comportado feito uma diva idiota e que aquela era apenas a adolescente insegura falando. Então roguei que deixassem o pobre coitado em paz. Fiquei algum tempo com medo de passar por aquela rua.

Eu tinha provado o poder da crueldade. E o gosto era horrível.

• • •

Apesar disso, a maioria das primeiras mensagens dos fãs era de amor, não de ódio, e comecei a trocar cartas e e-mails com centenas deles. Era como ter uma quantidade infinita de amigos por correspondência, e entrei em desespero depois de alguns anos, quando o número de e-mails passou a ser maior do que eu conseguia dar conta. Fiquei me sentindo como uma amiga relapsa.

Às vezes eu mergulhava na correspondência dos fãs quando estava deprimida, só para me animar e me sentir útil no mundo. Compor não trazia uma satisfação imediata, mas de alguma forma ler e responder uma carta trazia. Alguns temas nas cartas eram recorrentes: infelicidade, estupro, crises de identidade, comportamentos destrutivos, pensamentos suicidas. Eu respondia com toda a sinceridade possível. *Espero que seus pais venham a entender. Aguenta aí. Sei como é, já passei por isso. Melhora. Ah, fico contente em recomendar alguns livros sobre budismo. Não, nem sempre fui destemida assim... Passei anos com medo de tocar minhas músicas.*

Num desses surtos de respostas, cheguei ao bilhete de uma garota de dezoito anos chamada Casey, que parecia poética e excêntrica e tinha me escrito de um hospital em Boston. Ela estava com câncer nos ovários e internada na ala infantil, onde era a paciente mais velha e sofria muito vendo tantas outras crianças doentes. O pior, dizia ela, era conhecer os pais das crianças. Casey fazia amizade com eles e depois os via acompanhar a morte dos filhos. Trocamos alguns e-mails e, depois de uma turnê pela Costa Oeste, voltei para Boston. Com as malas ainda fechadas, me peguei olhando um de seus e-mails na tela.

Casey nunca me pediu para visitá-la. Mas entrei no carro, feliz por deixar as malas e encarar minha vida real durante uma tarde. Peguei o número do quarto na recepção, subi e bati à porta. A mãe dela abriu e pestanejou, me

reconhecendo: sabia como era meu rosto pelos panfletos anunciando os shows do The Dresden Dolls, que Casey havia colado na parede de seu quarto. *Espere um pouco*, ela sussurrou. Foi depressa para trás da cortina e ouvi um gritinho.

Era Casey. Ela usava uma peruca, por causa da quimioterapia. Fiquei uma hora no quarto com ela, retomando o assunto do e-mail. Ela me mostrou as pinturas alegres que fazia e colava nas janelas para que as crianças na enfermaria, do outro lado do pátio, pudessem ver.

Ela não morreu. Continuamos trocando e-mails. E aos poucos ela se tornou uma amiga íntima. Quando se recuperou, ela ia aos nossos shows e fazia lindos desenhos a giz nas calçadas do lado de fora das casas noturnas. Então foi para a faculdade de artes. E perguntei se ela precisava de algum lugar para morar.

Casey agora está com 27 anos, pintora de um ovário só, o direito, e faz cinco anos que também mora no Cloud Club. Lee lhe traz resmas de papel que dão e sobram. Por um tempo, ela teve um peixe que se chamava Ovário Esquerdo. Aí o Ovário Esquerdo morreu e ela chamou o novo peixe de Tudo.

Envio uma mensagem de texto para ela da estrada e pergunto:

Como vai tudo?

E ela responde:

Tudo vai muito bem. Ele acabou de fazer cocô.

Quando as coisas iam mal e ela estava com algum problema no relacionamento ou algo do tipo, eu mandava:

Tudo vai ficar bem. Tudo está vivo.

Um dia, quando eu estava em turnê na Europa, recebi uma mensagem de texto de Casey dizendo:

Tudo se foi.

• • •

Certa vez, o político Tip O'Neill disse algo mais ou menos assim: se quiser que alguém seja seu amigo de verdade, peça-lhe um favor.

À medida que a gente seguia, a banda desenvolveu a arte de pedir ajuda — dos colegas de casa, dos amigos, dos fãs, da família, de todos que pudessem ajudar.

Tínhamos conseguido enfurecer e bagunçar totalmente as casas noturnas de Boston, aparecendo para os shows com nossos fãs e amigos artistas voluntários, que apelidamos de “A Brigada”. Artistas de rua amigos meus ficavam do lado de fora tocando acordeão e posando de estátuas. Bailarinas burlescas perambulavam fantasiadas pelo local, distribuindo flores e páginas arrancadas de livros de poesia. Pintores amigos montavam o cavalete e trabalhavam, fazendo retratos. Voluntários decoravam as calçadas do lado de fora, enfeitando todos os cantos dos saguões e banheiros com purpurina, coroas de flores, biscoitos da sorte, cabeças de Barbie.

Tentamos montar um braço de A Brigada em todas as cidades; bastava você se oferecer por e-mail — para fazer qualquer coisa — e eu arranjava um lugar na lista de convidados. Pagávamos com a moeda corrente que tínhamos em mãos: camisetas, CDs, cerveja nos bastidores, chamar pelo nome no palco, ingressos, amor. Eu anunciava no palco qualquer show ou *vernissage* que algum integrante de A Brigada estivesse para fazer.

No tempo livre, eu tentava localizar artistas performáticos locais potencialmente interessantes, o que estava ficando mais fácil agora que existia o Google e a gente podia dar busca por “artistas doidos cabaré detroit”. Se algum artista que contatávamos queria receber pelo show, as decisões eram aleatórias e tomadas na hora:

A gente adoraria ir, mas somos todas bailarinas profissionais e então precisamos de espaço nos bastidores para o aquecimento, dizia uma voz ao telefone quando estávamos na estrada para nossa próxima parada. Ai a gente pega fogo nas músicas de Led Zeppelin e AC/DC, em geral tudo rock clássico... mas todas as bailarinas moram pelo menos a uma hora de distância de Detroit, e precisamos de 50 dólares cada para a gasolina e vamos ser pelo menos umas cinco ou seis.

Eu tampava o celular com a mão, virava para Brian, que estava dirigindo, e cochichava:

São bailarinas que pegam fogo com AC/DC, mas precisam de dinheiro para a gasolina.

Gasolina para pegarem fogo?, perguntava ele.

Não, gasolina para o carro.

FECHADO!, dizia Brian, dando uma palmada no volante.

Estamos super a fim, eu respondia no celular. Vocês parecem fantásticas. Dá

pra fazer tipo uns 200 dólares — seja lá o quanto isso dá em bailarinas. É só pegar o dinheiro comigo depois do show. E pelo amor de deus conversem com a casa sobre as leis de incêndio. Vocês têm um site pra eu postar?

Temos, sim, é Tutu Inferno ponto org. Escreve T-u-t...

Tá, entendi. Até domingo.

Certa vez, em Edimburgo, topei com um dueto de rua chamado Bang On!, que tocava percussão com sucata e objetos domésticos. Nossa turnê pelo Reino Unido já estava com os números de abertura completos, mas perguntei se eles não queriam experimentar uma coisa nova: tocar na plateia enquanto o povo ia entrando no teatro, antes do show, e depois passar o chapéu. Disseram que iam tentar. Apareci só meio vestida e meio maquiada para o show, assisti e aplaudi, e então fiz um pedido pessoal à plateia, dizendo que o dueto tinha vindo para entretê-los por generosidade e não estava recebendo nada. Choveu dinheiro, e algo no fato de *pedir* a todos — ali mesmo — para pôr a mão no bolso e ajudar esses dois artistas mudou a energia na sala. A multidão aleatória se transformou numa comunidade real. Também significava que ninguém chegava atrasado aos nossos shows — o entretenimento antes da apresentação principal começou a ser interessante demais para perder.

Outras bandas enfureciam as casas de espetáculo porque deixavam os camarins na maior bagunça e roubavam bebida da despensa. A gente enfurecia as casas porque a banda marchando seminua lá fora despertava sérias reclamações ou porque alguém deixava uma gaiola brilhante de purpurina com mainás treinados no corredor, atravancando o caminho do pessoal do balcão até a máquina de gelo.

• • •

Neil não dançava. Nem era muito de beber. Não gostava de ficar em bares barulhentos, a não ser que estivesse com um livro.

Essas coisas me preocupavam.

Mas eu era apaixonada pelo sotaque dele.

Diga outra vez! Diga tomato!

ToMAHto, dizia ele, inexpressivo, como se não achasse a menor graça naquilo.

Eu dava gritinhos de alegria. *Diga outra vez!*

ToMAHto.

Eu vibrava. Também funcionava com “*schedule*” [agenda], “*banana*” e — a minha favorita — “*wastepaperbasket*” [cesto de lixo]. Uma noite, pedi para ele repetir quinze vezes. Eu nunca me cansava.

Naquela mesma noite, mais tarde na cama, quando eu não esperava, ele me surpreendeu.

ToMAHto. Cochichou no meu ouvido. *SHEdule.*

Entreabri os olhos e gemi de prazer. E aí, parecendo muito satisfeito consigo mesmo, ele murmurou:

BaNAHna.

• • •

A gravadora nos ajudou muito no começo. Eles logo trataram de tornar a banda mais conhecida em outros lugares, principalmente na Europa e na Austrália. Nosso trabalho de formiguinha era eficiente, embora vagaroso. Eles trabalhavam rápido. Puseram nossa música nas lojas, no rádio e na televisão. Em pouco tempo, estávamos pegando avião para toda parte, subindo e descendo dos ônibus fretados, dando entrevistas a revistas cada vez maiores.

Tínhamos ouvido falar que a gravadora era famosa por espremer ao máximo as bandas e só se preocupava com os lucros, mas não foi o que sentimos, não de início. O que logo ficou claro para nós era que eles não entendiam como tratar — ou melhor, *não* tratar — os nossos fãs. Para mim era bastante simples: você dá duro, toca para seu público, conversa, se comunica, abraça e se conecta de todas as formas possíveis com seus ouvintes, e eles por sua vez dão apoio e convertem os amigos em nossos fãs também. É aí que a música funciona melhor, quando as pessoas a utilizam para formar comunhão e conexão. Simples assim.

Só que a gravadora achava que podíamos ter um megalançamento, ingressando no panteão das bandas indie que naquela época estavam estourando e vendendo milhões de álbuns mundo afora: The Hives, The Shins, The Vines, The Strokes. A gente não podia: éramos cult demais, o nome da banda não era curtinho o suficiente e a gente não se sentia

descolado nem destinado à descolação. Funcionávamos melhor como parte de uma comunidade muito ligada, que crescia devagar, fã por fã. Se crescesse rápido demais, não daria certo. Seria como despejar de repente muitos peixes novos e desconhecidos dentro do aquário e acabar com o ecossistema.

A gravadora e a banda tinham conceitos diferentes do significado de “bastante”.

O que *bastava* para a banda ser “um sucesso”? Não passávamos fome. Dava para pagar o aluguel. Do que *precisávamos* realmente? Viver? Ser feliz?

• • •

Quando a gente busca ajuda, parece sensato começar a procurar entre as pessoas mais capazes de dar a ajuda de que a gente precisa. Se sua casa pega fogo, você não vai chamar os bombeiros a sete cidades de distância — vai chamar os mais próximos. São os mais preparados para ajudar.

Uma das estratégias usadas pela gravadora, e que sempre me deixou perplexa, era querer que concentrássemos toda a energia lançando a rede em outros lugares, para atrair desconhecidos, ignorando nossos fãs já estabelecidos. Eu adorava gente nova. Claro. Mas parecia loucura pôr em risco as relações atuais para encontrar outras.

A teoria da gravadora provavelmente seguia algum tipo de máxima implacável de marketing: depois que você consegue o cliente, ele é seu. Passe para a próxima vítima. Só que a nossa motivação principal era dedicar tempo ao nosso pequeno grupo de clientes já existentes, que tanto tínhamos batalhado para conquistar. Sabíamos por experiência própria que nossas relações de amizade evoluíam devagar, mas sempre traziam outras pessoas ao grupo. Fazer fãs assim — em pessoa, um por um, que eram trazidos aos shows pelos fãs mais próximos — parecia mais eficaz do que sair anunciando no rádio para um grupo de desconhecidos, na esperança de sermos ouvidos por alguém que pudesse gostar de nós. Nosso jeito estava mais para ser apresentado a alguém por um amigo em comum, ao vivo, num bar, tomando alguma coisa. Dava um sentimento de realidade.

Quando reflito sobre os últimos quinze anos da minha vida na música — todas as turnês, conversas, autógrafos tarde da noite, postagens no blog,

tuítes, *couchsurfing*, *crowdsurfing* e todas as demais variedades da conexão olho no olho, alma na alma, mão na mão que tenho compartilhado com meu público — vejo tudo isso como uma rede.

Tem que começar pela arte. As músicas precisavam tocar as pessoas, em primeiro lugar, e ter algum significado para elas, para que as coisas funcionassem. É essencialmente a arte, não o artista, que faz nascer a rede. Aí a rede se reforçava e se fortalecia com um conjunto de trocas e interações que eu mantinha pessoalmente, em shows ou pela internet, com os integrantes da minha comunidade.

Não dava para terceirizar isso. Eu podia contratar ajuda, mas não para fazer as coisas fundamentais que criam conexões emocionais: fazer a arte, sentir junto com outras pessoas num nível humano. Ninguém pode fazer isso por mim — nenhuma empresa de marketing pela internet, nenhum empresário, nenhum assistente. Tem que ser eu.

É o que faço todo dia no Twitter, no Facebook, no Tumblr, no Instagram e no meu blog. Qualquer que seja a plataforma. Vou aonde as pessoas estão. O importante é que absorvo, ouço, falo, conecto, ajudo e compartilho. Constantemente. A certa altura, a rede fica tão forte que posso deixá-la por alguns dias — talvez até semanas — e ela continua se tecendo e se avolumando. Mas não posso deixar por muito tempo.

A rede se reforça a cada vez que pego o celular e checo o Twitter, a cada vez que compartilho minha história, a cada vez que pergunto a um fã como vai o projeto dele ou divulgo a turnê ou o livro de alguém.

A rede se reforça quando alguém na comunidade perde sua casa flutuante num incêndio e me tuíta pedindo ajuda, e eu divulgo a informação entre os meus fãs, que põem mãos à obra, oferecendo dinheiro, abrigo, hospedagem para o gato e palavras gentis.

Ela se reforça quando duas pessoas se conhecem na fila de algum show meu, se apaixonam e aparecem três anos depois numa fila de autógrafos, nos pedindo para assinar uma barriga redonda de grávida.

Sinto orgulho quando vejo a magia acontecendo: os fãs trocando hospedagens, dando carona, ajudando uns aos outros com palavras de consolo e links no meio da noite, rompendo as fronteiras da etiqueta entre “estranhos” porque sentem uma confiança e familiaridade mútua sob o nosso mesmo teto.

E sinto isso nos meus shows, quando vejo as pessoas se pondo de lado para deixar que alguém mais baixinho veja o palco, ou abrindo caminho para alguém numa cadeira de rodas ou simplesmente dividindo uma garrafa d'água. Estamos todos nos ajudando mutuamente. Aqui. Agora.

• • •

A gravadora não entendia por que deveria pagar para a banda manter um site o ano todo. Achavam que era algo que só precisava ser atualizado quando tínhamos um álbum novo para promover, e não compensava manter o site em atividade no resto do tempo. Fiquei perplexa.

Acho que vocês não estão entendendo. Nosso site é como... um Lugar de Verdade. Precisa existir o tempo todo. Não é uma coisa que você fecha e volta mais tarde.

O sentido de ser artista, para mim, era estar conectada com as pessoas. Formar uma família. Uma família com a qual eu estava o tempo todo, gostasse ou não. Era assim que havíamos feito durante anos, tivéssemos ou não um álbum ou uma turnê para “promover”.

Eu sabia que a maneira de manter os fãs felizes era estar presente — por meio dos fóruns, compartilhando a arte e a música das pessoas pelos canais da internet, mantendo todo mundo interconectado. É assim que funciona qualquer relação. E, quando chegava a hora de pedir que comprassem um CD, um ingresso, o que fosse... se eu tinha dado apoio para eles, eles me apoiariam. Ia além do emocional; e também parecia uma postura de negócios inteligente. A gravadora discordou. Eles queriam expandir. Imediatamente.

Reforçar a rede não é igual a expandi-la. Se você espalha sua rede longe demais, rápido demais, ela fica muito frágil e se rompe. Ou se estende tanto que é capaz de pegar qualquer coisa. A gravadora parecia não entender que não operávamos como uma banda pop. Estávamos muito mais interessados em atender a nossa comunidade de gente esquisita, com laços fortes e crescimento lento, do que em liderar as paradas de sucesso.

Então desistimos e resolvemos pagar tudo do próprio bolso: os nossos *webdesigners*, o nosso fórum, as despesas do nosso *mailing*. A gravadora pediu acesso à lista de e-mails, mas recusei. Não confiaria a ela os e-mails dos meus fãs. Não eram apenas endereços — eram relacionamentos.

Não pedi mais nenhuma ajuda para o departamento de internet deles.

Quando penso nisso, vejo que a relação com a gravadora estava condenada desde o princípio.

Eles pegaram a parte do sexo. Mas não entenderam a parte do aconchego.

• • •

Rodei o clipe da minha música “Leeds United” em Londres, com centenas de fãs voluntários que chamamos pelo blog e pelo mailing. Eles vieram de todo o Reino Unido, vestindo de tudo, desde trajes formais vitorianos até uniformes debochados de torcida organizada, e se puseram de bom grado a jogar tortas uns na cara dos outros enquanto eu dublava e dançava no palco. Durante a edição do clipe, um dos chefes da gravadora me chamou para uma reunião no escritório deles em Nova York.

Só queria conversar com você sobre o clipe novo. A diretora acabou de nos mandar a primeira versão.

Ah! Não ficou ótimo? Ela arrasou!

É. O clipe é ótimo. Mas, Amanda, o negócio é o seguinte: achamos que algumas tomadas suas não são muito... favoráveis.

Aí ele falou que estavam preocupados com a minha imagem e esperavam que eu retirasse as partes que me faziam parecer gorda.

Bom, minha relação com meu corpo é bastante saudável. Nunca fui gorda demais nem magra demais. Nunca tive nenhum distúrbio alimentar e nenhum tipo de deformidade física. Estou bastante à vontade comigo mesma. Não raspo as axilas ou as pernas com muita frequência (embora às vezes raspe, só para sentir as pernas deslizando num lençol macio como enguias escorregadias — é maravilhoso) e aprendi a aceitar que às vezes as pessoas ficam reparando. Raspo as sobrancelhas e pinto outras no lugar.⁴ Gosto de pensar que consegui chegar a um nível razoável de aceitação pessoal do meu corpo ao longo dos anos. Dito isso: ainda sou vaidosa. Ainda faço careta quando vejo minha barriga depois de um mês à base de bolinho e cerveja, um pneuzinho aparecendo por cima da cintura de alguma calça apertada demais. Falando a verdade: eu queria parecer gostosa nesse clipe. Mas, por mais que eu tentasse, não conseguia concordar com a

avaliação da gravadora. As tomadas que criticavam não me pareciam depreciativas. Pareciam... reais. Eu achava que estava bem.

Então me recusei a editar.

O clipe saiu, com barriga “pouco favorável” e tudo, e contei a história toda no blog. A gravadora tomou como uma declaração de guerra e, em certo sentido, era mesmo. Era a primeira vez que eu reclamava publicamente da nossa relação.

Então aconteceu uma coisa inesperada. Algumas pessoas postaram fotos da própria barriga — algumas gordas, outras magras, algumas peludas, outras com cicatriz de cesariana — no fórum de discussão do blog. Algumas barrigas tinham mensagens para a gravadora (*AMAI VOSSA BARRIGA! ORGULHO BARRIGA! É ASSIM QUE UMA BARRIGA É!*) com tinta e marcador. Eu observava, com alegre surpresa, enquanto mais gente fazia o mesmo. Isso foi antes que eu estivesse no Twitter e no Facebook, mas, alguns dias depois, tinham carregado centenas de fotos e um fã tomou a iniciativa de juntar todas num livro. Os fãs até deram nome ao movimento que viralizou: a ReBellyon.*

Era a primeira vez que meus fãs criavam uma coisa assim nessa escala, por iniciativa própria, e fiquei observando de longe como uma mãe orgulhosa.

A ironia não passou batida. *Essas* eram as pessoas para quem eu estava fazendo o clipe. Na minha opinião, cabia a *elas* gostar, se sentir incentivadas a comprar e aumentar as vendas. Para mim, *elas* eram o público-alvo, não algum efêmero público hipotético — sonhado pela gravadora — que correria ao Walmart exigindo minha música depois de ver minha esbelta figura num clipe. Meu público estava deixando muito claro que não só aceitava *numa boa* ver minha barriga não anoréxica, como também era solidário à minha decisão de aparecer como pessoa normal, em vez de uma supermodelo photoshopada.

Pensei: se tudo bem para os meus fãs, tudo bem para mim também. Pois, convenhamos, quem estava tentando impressionar quem?

Eu achava que já tinha uma imagem relativamente saudável do meu corpo, mas esse momento mudou as coisas para mim. Comecei a me orgulhar das minhas “falhas”. Escrevi no blog sobre a ruga vertical entre minhas sobrancelhas, me desafiando a aceitá-la; tuitei uma foto das estrias

na minha coxa. Cada coisa que eu compartilhava abria uma comporta de inseguranças em comum, com comentários aliviados do tipo “não sou só eu” e fotos de homens e mulheres.

E, devagar, comecei a me julgar com um pouco menos de dureza a cada vez que me olhava no espelho. Os fãs me deram esse presente, de uma forma muito direta. Não eram um inimigo imaginário, me medindo e avaliando meu peso, minha pele, meu peito, minha capacidade de parecer perfeita. Não se importavam com a embalagem em que vinha a música — eu —, desde que continuássemos a nos fazer felizes e a cuidar uns dos outros.

Era só um monte de gente.

O inimigo imaginário estava na minha cabeça.

Se eu tinha algum inimigo, era a gravadora.

• • •

Anthony nunca me pediu nada — ainda mais dinheiro, pois eu nem tinha. Ele detestava atrasos, então o que pedia era que eu fosse pontual nos nossos groks.⁵ Também pedia, geralmente brincando, que eu o amasse de maneira incondicional e sem julgamentos, o que era fácil. Isso era amor, ou pelo menos era assim que eu estava aprendendo. Era o que ele estava me ensinando.

Mas, uma vez, ele me pediu uma coisa específica, e grande. Eu estava nos meus vinte e poucos anos, em plena gravação do primeiro álbum do The Dresden Dolls. Era época de Natal, então eu estava mais perto de Boston naqueles dias, sem sair em turnê, para ficar com minha família e passar algum tempo no divã do consultório de Anthony, me recuperando e grokando.

Naquele mês, tínhamos conversado pelo telefone quase todos os dias, e eu sabia que a mulher dele, Laura, enfrentava um período difícil. Anthony estava muito preocupado e passando, ele mesmo, por uma depressão bem forte. Eu tirava uma folga dos ajustes de voz, das afinações do piano e do estúdio e ia ver como ele estava.

Durante minha adolescência, Laura e eu não éramos muito chegadas. Ela se perguntava, como todo mundo na vizinhança, o que aquela garota

angustiada ficava fazendo no tempo todo que passava com o marido dela. E para mim ela parecia... uma adulta. Mas, quando cheguei aos vinte e criei uma vida própria, sempre aprofundando minha amizade com Anthony, ela e eu começamos a nos entender e até a nos amar. Nunca fomos tão íntimas como eu era com Anthony, mas ficamos boas amigas. Aliadas.

Eles nunca tiveram filhos. Eu era a coisa mais próxima disso.

Anthony era mais velho do que Laura. Uma noite, ele começou a ruminar um tanto morbidamente que queria que ela morresse primeiro para que não precisasse ficar sozinha, sem ele.

Mas, se eu morrer, cuide dela, está bem?, disse Anthony. Isso vem me assombrando ultimamente. Não consigo lidar com a ideia de que ela fique sozinha. Não consigo suportar a ideia de que possa cair da escada, se machucar... nada disso. Me prometa que você vai zelar por ela na minha ausência.

Algumas noites depois, escrevi uma carta para Anthony. Na noite da véspera de Natal, atravessei o gramado da casa dos meus pais e fui até o consultório dele. Sacudi a neve das botas e despenquei no divã.

Aqui, escrevi uma coisa pra você.

Era uma carta bem simples. Ele pegou uma garrafa de vinho do frigobar do consultório, me serviu um copo e se sentou para ler.

Prometo que vou cuidar de Laura se você morrer, dizia a carta.

Vou zelar por ela, vou vir visitar, vou garantir que ela não fique muito sozinha.

E vou fazer isso não porque você me pediu.

Não porque você me ama.

Vou fazer isso porque a amo, mesmo que ela mal saiba disso.

Vou fazer porque você me ensinou o que é o amor e como é fácil dá-lo.

Vou cuidar do que você ama.

Vou dar apoio para Laura quando você se for e não estiver mais aqui para apoiá-la.

Prometo.

Ele abaixou a carta e me olhou.

Foi a primeira vez que vi Anthony chorar.

• • •

O número de leitores do meu blog crescia de maneira lenta e constante

conforme eu postava mais sobre minha vida pessoal. Contava as histórias dos bastidores, promovia os shows, pedia voluntários, publicava cartões digitais de todos os pontos de vista visuais e emocionais. Agradecia publicamente quem nos ajudava. Ficava até zozona com a recompensa instantânea de compartilhar a vida em tempo real, com a proximidade aleatória, com a sensação de que não estava batalhando sozinha. Quando as coisas iam bem, eu postava. Quando iam mal, eu postava. Tentava não amenizar nada. Às vezes fazia um post curto e recebia milhares de comentários, histórias e experiências das pessoas. Às vezes publicava um longo texto falando sobre algo que eu achava fascinante e recebia pouca ou nenhuma resposta. Aprendi a amar isso nos meus fãs: eles não eram carneiros, eram pessoas. Eu nunca sabia o que esperar, nem como iam reagir.

As pessoas começaram a me usar para se ajudar mutuamente. Eu escrevia posts sobre imagem corporal e observava as discussões e confissões que explodiam nos comentários, porque as pessoas (de todos os gêneros) se sentiam seguras para falar umas com as outras. Fiz uma pesquisa no Twitter sobre seguro-saúde. Pedi às pessoas que respondessem: 1) *PAÍS?!* 2) *profissão?* 3) *segurado?* 4) *se não, por que não; se sim, quanto por mês (ou se o emprego cobre)?* Vieram milhares de respostas. Postei os resultados da pesquisa no meu blog e acompanhei os adolescentes americanos e ingleses agora discutindo o atendimento à saúde, surpresos com as diferenças tão grandes entre os sistemas. Eles não sabiam disso.

Os pontos continuaram se conectando. Um dia, topei com a história de Amanda Todd, uma adolescente canadense que se matara depois de ser perseguida, dentro e fora da internet, por alguns garotos maldosos na escola. Alguns meses antes do suicídio, ela tinha postado um pedido de ajuda no YouTube, em que apenas segurava cartazes escritos contando sua história de solidão, de tentativas de suicídio, de medo.

Postei a história e o vídeo dela no blog. Aquilo tinha tocado um ponto sensível em mim. Eu havia ganhado prática em aparar golpes e bombas de ódio na internet: as pessoas odiavam minha banda, minhas letras, minhas sobancelhas, meus cliques, minhas posições feministas, meus pelos nas axilas. Estava acostumada a enfrentar um batalhão diário de amor e ódio

vindo pela internet, e lidar com todas essas minas emocionais estava se tornando uma habilidade em si. Eu era uma mulher de 35 anos que já tinha criado uma carapaça, e *continuava* sendo uma luta diária. Amanda Todd era uma menina. Quinze anos. Eu não conseguia me imaginar como alvo de uma campanha de ódio pela internet aos quinze anos de idade. Escrevi sobre tudo isso, e uma moça chamada Shannon Eck comentou:

Hora de contar uma história. Sou gorda. Não gosto de ser gorda e, na verdade, tenho lutado contra isso a minha vida inteira...

Ela contou sobre um garoto chamado Austin que costumava atormentá-la na aula de educação física. Xingava-a de vaca, fazia músicas falando que ela era uma gorda idiota. Shannon contou como lutava para enfrentar esse massacre cruel e constante. E contou que, poucos meses depois, naquele mesmo ano letivo, Austin se matou. E como ela chorou no dia em que ele morreu.

A maioria dos que fazem bullying são como são por causa do jeito como foram tratados, escreveu Shannon. Eles simplesmente não conhecem outra coisa. Não sabem lidar com suas emoções, e por isso são brutos. A morte de Austin me partiu o coração, mas me fez abrir os olhos. E se eu tivesse simplesmente tentado falar com ele? Teria feito alguma diferença? Provavelmente não. Mas, no final das contas, somos todos humanos. Todos estamos feridos de alguma maneira e apenas tentamos nos sentir inteiros. Procuro entender de onde vêm as pessoas, mesmo que elas estejam sendo horríveis comigo. Quando eu recebia mensagens maldosas na internet, retaliava na mesma hora com algo igualmente terrível e destruidor. Depois de Austin, parei de fazer isso.

A história de Shannon desencadeou uma onda de compartilhamentos e de outras histórias, e os leitores aprofundaram a conversa nos comentários do blog, com confissões dos dois lados da cerca do bullying. Uma adolescente escreveu sobre seus pensamentos suicidas, e alguns fãs correram para lhe dar apoio e consolá-la e mandaram seus números de telefone. A rede se reforçou.

Aquele post no blog (com o título de “On Internet Hatred: Please Inquire Within” [Sobre o ódio na internet: Por favor, examine por dentro]) ainda está no ar e agora conta com mais de dois mil comentários. Toda vez que alguém lê e acrescenta sua história pessoal, a rede continua a se reforçar. Estávamos e estamos criando nosso espaço próprio, nossa história

própria. O blog começou a alimentar as letras das minhas músicas.

Mas, como A Mídia (*Rolling Stone*, *New York Times*, MTV) não estava noticiando nada disso na época — as discussões no blog e as trocas no Twitter envolvendo milhares de pessoas —, não parecia importante para a gravadora. Eles estavam ocupados lamentando que a *SPIN* ainda não queria publicar uma resenha sobre nosso último disco. Isso foi antes que se desse maior atenção ao Twitter: esses novos tipos de *happenings* sociais da mídia — que ainda careciam de definição — escapavam totalmente à percepção da gravadora. Nada daquilo parecia ter qualquer relação com a quantidade de álbuns que eles podiam vender. Não estava no plano de marketing, então não existia.

Eu estava aprendendo, aos poucos, mas com nitidez, que A Mídia — a tradicional, pelo menos — tinha cada vez menos importância. A possibilidade de criar diretamente as conexões, por nossa própria iniciativa, estava deixando uma coisa muito clara:

Nós éramos A Mídia.

• • •

Desde o início do The Dresden Dolls, eu via os fãs fazendo arte inspirados pela nossa música e adorava isso. Qualquer coisa que tivesse inspiração na banda, a gente colocava no site e comemorava, e, quando o clipe chegou à internet e o YouTube explodiu, os fãs começaram a fazer os próprios clipes não oficiais, usando nossas músicas. Alguns artistas removiam e puniam conteúdo assim, pois os fãs não detinham direitos sobre a música.

A gente não só permitia, como encorajava. Um ano, quando abrimos o show de outra banda, marcamos uma sequência de shows paralelos em cinemas de arte e montamos um festival de filmes com conteúdo feito por amigos e fãs nossos, inclusive clipes não oficiais do The Dresden Dolls, curtas e animações originais. Demos o título de “Fuck The Back Row” [Foda-se a última fila].

Até hoje, alguns clipes de fãs têm mais visualizações do que os nossos oficiais no YouTube. Não só não nos importamos, como comemoramos abertamente.

• • •

Eu estava numa reunião no escritório da gravadora em Nova York com Emily, minha empresária naquela época, jovem, inteligente e que entendia o conceito de pague-o-que-quiser. Eu estava tentando descobrir como utilizar toda a minha força digital para o lançamento de um novo álbum. Parecia uma boa ideia, em vista do espírito de confiança e generosidade que compartilhávamos com os fãs.

Três semanas antes, o Radiohead havia lançado *In Rainbows*, o primeiro álbum pague-o-que-quiser de uma banda famosa, e estávamos dando pulinhos de alegria, dizendo: “Isso! Isso! *Exatamente isso!*” A novidade correu por todos os noticiários de música e tecnologia, e foi um momento vital, espantoso na indústria fonográfica: bem ou mal, estava evidente que a internet já havia mudado *tudo* e ia permitir que as bandas e os fãs tratassem diretamente entre si. Emily e eu estávamos ao lado de uma janela numa das salas principais, com o proprietário, o presidente, o advogado da gravadora e mais meia dúzia de pessoas, para falar sobre O Futuro.

O presidente disse ao proprietário:

Sube dessa coisa toda do Radiohead?

Emily e eu nos olhamos e estávamos para dizer *Isso! Isso! A Coisa! A Coisa!* quando o dono perguntou, desconfiado:

O que é esse “Radiohead”?

Ficamos de queixo caído. Não falamos nada.

Radiohead, disse o presidente ao proprietário. *Sabe, a banda britânica.*

O proprietário franziu as sobrancelhas.

São grandes, são grandes. Bom, enfim, eles acabaram de lançar um álbum na INTERNET, de GRAÇA, e deixam os fãs decidirem o preço do álbum, num quadradinho onde você pode escolher quanto pagar.

O dono balançou a cabeça, desgostoso. O presidente balançou a cabeça, desgostoso. O advogado balançou a cabeça, desgostoso. E Emily e eu balançamos a cabeça com um tipo de desgosto totalmente diferente.

Eu não sabia o que era pior: que o dono da minha gravadora não soubesse quem era o Radiohead ou não soubesse que o Radiohead tinha lançado um álbum gratuito TRÊS SEMANAS ANTES, numa iniciativa que era comentada em TODA A INDÚSTRIA FONOGRAFICA. Imaginei que ele devia ser PELO MENOS como o presidente dos Estados Unidos, recebendo diariamente, de manhã cedo, breves resumos de algum

secretário do Interior da Informação da Indústria Fonográfica. Quem *era* aquele cara?

• • •

Quando o Dresden Dolls gravou o segundo álbum em estúdio em colaboração com a gravadora, as coisas foram do aceitável para o ruim e depois para o péssimo. Tínhamos feito nosso primeiro álbum totalmente por conta própria, sem nenhuma interferência externa, usando todos aqueles empréstimos de fãs, parentes e amigos, e vendemos à gravadora. Para esse segundo álbum, a gravadora bancou os custos com o estúdio e os produtores e nos falou que

ESTE ÁLBUM IA NOS TORNAR FAMOSOS!

Ainda tínhamos montes de músicas que não havíamos gravado, e eu compunha o tempo todo, então passamos das turnês de divulgação do nosso primeiro álbum direto para o estúdio para gravar o segundo. Com os recursos financeiros da gravadora e um pequeno batalhão de técnicos de som e produtores, gravamos *Yes, Virginia*.

O álbum levou cerca de um mês para ficar pronto e estava magnífico; cada música era uma bomba atômica emocional e um retrato sônico perfeito da banda na nossa melhor forma, vital e bombástica. Na primeira semana depois do lançamento, tocamos todas as noites, cada vez numa cidade diferente, e todos os dias demos autógrafos nas lojas. O álbum chegou na lista da *Billboard* e vendeu 25 mil cópias. Brian e eu deliramos de alegria e dançamos feito uns doidos.

VINTE E CINCO MIL PESSOAS COMPRARAM NOSSO ÁLBUM!!!

A gravadora não se entusiasmou tanto. Quando as vendas na segunda semana não superaram as da primeira, eles ligaram para dizer que estavam cortando todas as verbas de promoção do álbum. Não rodariam nenhum dos clipes que tínhamos planejado; retiraram imediatamente todo o apoio às turnês que haviam prometido; todas as ideias de marketing em discussão foram para o lixo. Lamentavam muito, disseram eles, mas acharam que não fazia sentido continuar a promover, visto que as vendas iniciais tinham sido tão ruins. O álbum foi considerado um fracasso.

Eu não conseguia enfiar na cabeça a ideia de que vender 25 mil cópias

era *ruim* — sobretudo porque os fãs nem haviam tido oportunidade de ouvir direito, comentar, divulgar, contar aos amigos e assim por diante. As pessoas ainda estavam nos descobrindo. Conhecíamos nossas músicas. Conhecíamos os fãs. Vimos como funcionou com o primeiro álbum, que continuava a vender regularmente na internet e depois de cada show, quando as pessoas, uma a uma, iam se apaixonando aos poucos pela banda.

A gravadora não quis discutir. A decisão deles nos jogou na merda em termos financeiros, pois tínhamos desembolsado dezenas de milhares de dólares para pagar os custos das turnês, que a gravadora prometera reembolsar, e agora eles estavam dando para trás. Não consegui acreditar.

Vocês estão indo embora?

Sem nem um ABRAÇO?

Tentei argumentar. Quando por fim desceram tanto a ponto de usar a palavra com H — *Também enviamos o álbum ao pessoal especializado em rádio, Amanda, e para ser franco... eles não sentem aí nenhum Hit* —, desisti totalmente.

Não precisávamos de uma merda de um Hit. Éramos uma dupla de punk de cabaré, especializada em canções chorosamente dilacerantes de sete minutos com *solos de bateria*. Não era coisa de rádio. Nosso público amava a gente justamente por causa da merda esquisita que fazíamos, que nada tinha a ver com rádio. Não estávamos no lance da parada de sucessos, nem de longe; estávamos no lance da comunidade-arte-cult-poesia-família-amor. Mesmo a música era apenas uma parte disso.

As canções gravadas, os CDs físicos, eram apenas a ponta do iceberg: a captura da trilha sonora bela e ideal para algo muito maior e mais profundo.

A conexão subjacente era tudo.

• • •

Um estudo da Universidade de Princeton de 2010, realizado por dois economistas, concluiu que o dinheiro compra, SIM, a felicidade, mas só até o ponto (que vem a ser uma renda individual anual de cerca de 75 mil dólares) em que a pessoa pode bancar suas necessidades básicas e alguns confortos adicionais. Depois desse ponto, a capacidade de comprar felicidade com o dinheiro despenca.

Certo: não é muito difícil entender. Precisamos comer, precisamos de abrigo, jantar num restaurante é legal. Mas existe um nível de satisfação, um patamar de felicidade a que você chega quando tem *o suficiente*.

Não conheço nenhum estudo formal desse tipo sobre músicos profissionais, mas vejo os mesmos padrões no sucesso artístico. Geralmente, os artistas mais felizes que conheço são os que conseguem ter uma vida razoável com o que ganham com sua arte e não precisam se preocupar demais com o cheque seguinte. Não estou dizendo que todo artista que se senta em volta de uma fogueira num acampamento ou toca em bares minúsculos é “mais feliz” do que os que cantam em grandes estádios — porém, mais nem sempre é melhor. Se a grande meta é sentir a conexão entre você e os outros, de fato pode ser mais difícil quando há uma barreira de dez metros afastando o público. O ponto ideal é aquele em que o artista pode compartilhar livremente seu talento, sentir diretamente as reverberações na comunidade e tirar seu sustento disso. Em outras palavras, funciona melhor quando todo mundo se sente visto.

Como artistas e como seres humanos: se você tem medo da escassez, a solução não é necessariamente a abundância. Citando Brené Brown mais uma vez:

A abundância e a escassez são os dois lados da mesma moeda. O contrário de “nunca é suficiente” não é a abundância ou “mais do que você conseguiria imaginar”.

Ou seja, o contrário de “nunca é suficiente” é simplesmente:
Suficiente.

• • •

Tínhamos que deixar a gravadora. Mas eles não deixavam.

De início, pedi com educação. Durante uma turnê na Europa, saí para jantar com o dono e pedi para ser liberada.

Amanda, Amanda, disse ele. Você é uma moça muito talentosa. Muito carismática, e compõe canções muito boas. Mas coloca obstáculos no próprio caminho, perdendo tempo com toda essa história de fãs isso e fãs aquilo e a internet isso e a internet aquilo. Um dia desses, você vai se concentrar e compor alguns hits que vão render muito dinheiro. Tenho fé em você. Não vamos te liberar.

E me deu uma piscadela.

Reclamei deles no blog. Critiquei abertamente na imprensa. Compus para eles uma letra chamada “Please Drop Me” para a música de “Moon River”, apresentei ao vivo e pedi que os fãs gravassem em vídeo e pusessem no YouTube (me atenderam). A gravadora ignorou.

Enquanto isso, a era de copiar e baixar estava a todo vapor.

Como eu estava postando com tanta franqueza no blog sobre o desejo de que a gravadora me liberasse, e também explicando com toda a transparência que nós, a banda, não estávamos recebendo absolutamente nenhum tostão dos álbuns que as pessoas compravam nas lojas (àquela altura, estava evidente que nunca recuperaríamos o adiantamento), surgiu um fenômeno interessante na mesa de autógrafos. As pessoas começaram a nos oferecer grana.

Sei que é ilegal, mas copieei seu CD de um amigo. Sei que você odeia a gravadora e tal... Só queria te dar esses dez dólares. Eu adoro o álbum.

Faz alguns meses que ando baixando as coisas de vocês e não tem um jeito de eu pagar. Então toma aqui 20 pratas. Li no seu blog que você não receberia o dinheiro mesmo que eu fosse a uma loja e comprasse o CD, então aqui está.

Sinto a maior culpa. Tenho ouvido cópias piratas dos dois CDs de vocês. Tá aqui 5 dólares. Sei que não é muito, mas não aguento a sensação de nunca ter pagado por eles.

Alguns chegaram a tirar o talão de cheques e preencher o valor que achavam que nos “deviam”.

Fiquei perplexa e feliz, e aceitei cada centavo. Eu tinha sido stripper e artista de rua muda; estava acostumada a pegar as notas com graciosidade. Nunca recusava, simplesmente pegava o dinheiro que nos davam, sentindo-me grata por ter uma voz, literalmente, para agradecer em pessoa aos patronos.

Obrigada.

Obrigada.

Obrigada.

Nem assim a gravadora nos liberou.

Pedir não estava funcionando.

Por fim, resolvi mentir.

Não gosto de mentir.

Durante uma turnê, eu tinha parado em Los Angeles, e Freddie, o cara com quem eu tratava no departamento de A&R [Artistas & Repertório] (pois Dave, que nos contratou, tinha sido despedido fazia tempo), também estava na cidade. Liguei para ele e combinamos de jantar juntos.

Dez minutos antes que ele chegasse, tomei uma dose de uísque. Derramei outra dose na blusa. Enquanto ele encostava o carro na frente da casa dos meus primos, onde eu estava hospedada, fiz um gargarejo. Com uísque. *In vino veritas*; imaginei que, se ele achasse que eu estava bêbada, jamais pensaria que eu estava mentindo. Entrei no carro, lhe dei um abraço e falei que andava me sentindo supermal com toda a tensão e aquela doidice na gravadora. Pedi desculpas. Soltei um soluço.

Durante o jantar, perguntei a Freddie sobre a família. Ele tinha filhos e ficou feliz em contar suas histórias de pai. Ouvi, ficando com os olhos marejados.

Por fim, durante a sobremesa, caí no que eu esperava que parecesse um pranto incontrolável. Freddie ficou ali pouco à vontade, enquanto eu dizia que a única coisa que eu queria na vida era uma família. Que estava cansada das turnês, cansada dos fãs, cansada da trabalhadeira toda. Reclamei que, se eu ficasse grávida, a gravadora ia achar que eu era um fracasso. Meu nariz começou a pingar dentro do martíni, balancei de um lado para o outro e assoei o nariz na manga do vestido.

*Não, não. Ah... Amanda, tranquilizou-me Freddie, pondo a mão no meu braço. Ora, você sabe que isso nunca aconteceria. Investimos todo esse tempo e energia porque ACREDITAMOS em você. Certo? E em toda a sua carreira. Pode ser que agora estejamos passando por um período um pouco acidentado, mas pensamos no longo prazo. É exatamente por isso que **não vamos** te liberar. E se você quer ter filhos, deveria mesmo. E isso jamais te prejudicaria na gravadora. Nunca. Jamais.*

Mesmo? Verdade?, perguntei, fungando.

Mesmo. Verdade, disse Fred em tom gentil.

Tá bem. Mas por favor, por favor, me prometa que isso vai ficar só entre nós dois, tá bem? Por favor, não conte pra ninguém na gravadora. Promete?

Ele prometeu e me levou de volta para a casa dos meus primos. Liguei para Neil.

Acabo de fingir que estava bêbada e menti para o cara da gravadora a noite inteira me fazendo de encucada, e foi uma coisa feia, bem feia.

Te amo, sua bebum de mentira, disse ele. *Deu certo? Mentiu direitinho?*

Quero um Oscar, cacete. Chorei lágrimas de verdade. Nível Meryl Streep.

Um mês depois, recebi uma carta do meu advogado.

A gravadora tinha me liberado.

⁴ Isso começou como uma solução temporária depois que raspei a cara toda para um concurso de sócias de Marlene Dietrich de que Brian e eu participamos logo depois de criar a banda. Perdi o concurso. Mantive as sobrancelhas — descobri, para meu prazer, que elas geravam o efeito colateral involuntário de fazer as pessoas me olharem nos olhos. Quando você pinta as sobrancelhas de alguma maneira criativa, as pessoas imaginam que você é amável e acessível e vêm conversar. É como ter um bigode engraçado.

* O nome do movimento é um trocadilho com a palavra inglesa para barriga: *belly*. (N. da T.)

⁵ “Grok”: palavra inventada por Robert Heinlein em *Stranger in a Strange Land*, significando se comunicar e se entender a fundo, numa empatia total.



DO YOU SWEAR TO TELL THE TRUTH THE WHOLE TRUTH &
NOTHING BUT THE TRUTH SO HELP YOUR BLACK ASS
(e obrigada, N.W.A.)

When I was six years old my sister Alyson
Asked for a stove for her birthday
A miniature one you could actually cook with
And my mom was nice and she bought one
Alyson needed a reason to bake something
Barged in my room and she grabbed me
She said:
"I made a cake and we're going next door
To Sam Weinstein's and you're getting married"

The cake was burned
It tasted gross
She made me kiss him
On the mouth

Now I am thirty-three
Unmarried happily
No plans in life and I'm planning to keep it that way
I do kissing with only one mission:
Do you like to kiss? Then you have my permission

And I have already spent too much time
Doing things I didn't want to
So if I just want to make out all the time
You can bet your black ass that I'm going to.

When I was nine I was kind of a loser
The kids in my class didn't like me
Melanie Chow was the meanest of all
And my mom made me go to her party

Nobody talked to me, I sat there quietly
Drawing with crayons on a napkin
A picture of Melanie skewered with a pitchfork
Her legs getting eaten by lions

The cake was good
I took some home

I had a party
In my room

Now I have friends and I'm not such a loser
But I go to bars all the time and I sit there
And order red wine and I write and I like being alone around
people
Yes that's how I like it

And I've already spent too much time
Doing things I didn't want to
So if I wanna sit here and write and drink wine
You can bet your black ass that I'm going to

Yes I come here often
Sure I'll have another one
Yes I come here often
Sure I'll have another one.
(But I don't have to talk to you)

When I was seventeen I was a blowjob queen
Picking up tips from the masters
I was so busy perfecting my art I was clueless to what they
were after
Now I'm still a blowjob queen (far more selectively)
I don't make love now to make people love me
But I don't mind sharing my gift with the planet
We're all gonna die and a blowjob's fantastic

And when I was twenty-five I was a rock star
But it didn't pay too well, I had to strip on the side
Of the road to get ready for shows and the cars driving by
Baby, they'd never know
What a bargain they'd gotten
And if I'm forgotten
I'm perfectly happy with all that has happened
And I still get laughed at but it doesn't bother me
I'm just so glad to hear laughter around me

And I've already spent too much time
Doing things I didn't want to

So if I want to drink alone dressed like a pirate
Or look like a dyke

Or wear high heels and lipstick
Or hide in a convent
Or try to be mayor
Or marry a writer
Smoke crack and slash tires
Make jokes you don't like
Or paint ducks and retire

You can bet your black ass that I'm going to.

An Evening With Neil Gaiman & Amanda Palmer, 2013

JURA DIZER A VERDADE, TODA A VERDADE E NADA MAIS
DO QUE A VERDADE, COM A AJUDA DO TEU RABO NEGÃO

Nos meus seis anos, minha irmã Alyson
Pedi um fogão de aniversário
De miniatura que dava pra cozinhar
Minha mãe foi legal e comprou um
Alyson precisava de uma razão pra usar
Entrou no meu quarto e me pegou
E disse:
"Fiz um bolo e vamos no vizinho,
Sam Weinstein e você vão se casar"

O bolo tinha queimado
E o gosto era ruim
Ela me fez beijar ele
Na boca

Agora tenho 33
Solteira felizmente
Sem planos na vida e planejando continuar assim
Beijo com só uma missão:
Gosta de beijar? Então tem minha permissão

E já passei tempo demais
Fazendo coisas que não queria
Então se eu só quiser beijar todo o tempo
Pode apostar teu rabo negão que vou nessa

Nos meus nove anos, eu era meio idiota
O pessoal da escola não gostava de mim
Melanie Chow era a mais malvada
E minha mãe me fez ir na festa dela

Ninguém falou comigo, fiquei quieta num canto
Desenhando num guardanapo com giz de cera
Melanie espetada num forcado
E leões comendo as pernas dela

O bolo estava bom
Levei um pouco pra casa
Fiz uma festa

No meu quarto

Agora tenho amigos e não sou tão idiota
Mas vou pro bar o tempo todo e fico lá
Peço vinho tinto e escrevo e gosto de ficar sozinha com gente
em volta
É, é disso que eu gosto

E já passei tempo demais
Fazendo coisas que não queria
Então se eu quiser sentar aqui e escrever e beber vinho
Pode apostar teu rabo negão que vou nessa

É, venho sempre aqui
Claro, quero mais um
É, venho sempre aqui
Claro, quero mais um.
(Mas não preciso falar com você)

Nos meus dezessete eu era uma rainha da chupada
Pegando dicas com os mestres
Tão ocupada em aprimorar minha arte que não percebia o que
eles queriam
Ainda sou uma rainha da chupada (muito mais seletiva)
Agora não faço amor pros outros me amarem
Mas tudo bem dividir meu talento com o planeta
Vamos todos morrer e uma chupada é tudo de bom

E nos meus 25 eu era uma roqueira
Mas não dava muita grana, tinha que fazer strip
Na rua para ter pros shows e os carros passando
Baby, eles não faziam ideia
Do bom negócio que tinham feito
E se me esqueceram
Estou muito bem com tudo o que aconteceu
E ainda riem de mim mas não me incomoda
Me deixa contente ouvir as risadas à minha volta

E já passei tempo demais
Fazendo coisas que não queria

Então se eu quiser beber sozinha vestida de pirata
Ou parecer uma sapata
Ou andar de batom e salto alto

Ou me esconder num convento
Ou concorrer pra prefeita
Ou casar com um escritor
Fumar crack e cortar pneus
Contar piadas que você não vai gostar
Ou pintar patos e me aposentar

Pode apostar teu rabo negão que vou nessa.

Anthony me perguntou certa vez: *Você lembra o que Joe falou sobre o cavalo?*

Joe era pai de Anthony e personagem recorrente de suas histórias. Eu adorava as histórias da infância dele.

Joe perguntava: *Então, Anthony, você quer ser esperto? Ou quer ser burro?*

O pequeno Anthony respondia: *Quero ser esperto.*

Certo, vou te dizer uma coisa. Quer ser burro? Então faça o que quiser. Quer ser esperto? Então me escute. E com isso Joe dava os seus conselhos.

A frase dele sobre o cavalo era uma das favoritas de Anthony.

Uma coisa é querer que um cavalo ganhe, dizia Joe. Outra coisa é comprar o bilhete.

• • •

Cada artista conecta os pontos de certa maneira. Todos nós partimos de vários ingredientes frescos e vivos reconhecidos na realidade das nossas experiências (uma mágoa, um dedo, um pai, um olho, uma taça de vinho) e jogamos tudo no Liquidificador Artístico.

Minhas canções são íntimas e pessoais; muitas são crônicas da minha vida interior. Escavo as profundezas da minha experiência pessoal e coloco no papel, às vezes nua, às vezes fantasiada. Invento coisas para proteger a mim e meus alvos (ainda assim, tive que organizar vários jantares de desculpas para pedir perdão a ex-amantes). A minha tendência é deixar que as coisas se misturem apenas de leve, isto é, costumo colocar o liquidificador na velocidade baixa. Numa escala de um a dez, ele fica no três. Se você olhar, ainda reconhece os ingredientes: no gaspacho artístico final, pode ter um dedo decepado e triturado, mas, se observar a tigela com atenção, ainda dá para vê-lo boiando ali.

Neil escreve ficção sobre coisas muito irreais: um livro sobre um garoto criado por fantasmas num cemitério; um Estados Unidos com deuses novos e antigos em batalha pelo destino da humanidade; *graphic novels* em que uma estrela caída do céu se revela como uma garota com a perna

quebrada. Neil põe o seu Liquidificador Artístico no onze. Em geral, o leitor não faz a menor ideia de onde se assentaram as suas experiências de vida naquele purê superfino do produto final. Você pode sentir o gosto de um dedo, mas não dá para identificá-lo como dedo humano.

Desde que nos conhecemos, ele reduziu um pouco a velocidade do seu liquidificador em alguns projetos e eu aumentei a do meu. Nós dois acabamos sendo ingredientes humanos no trabalho um do outro. Durante o meu rompimento anterior e antes que começasse a minha lenta caminhada para o amor por ele, Neil e eu fomos a um criadouro de trutas e assistimos o encarregado matar e limpar nosso jantar. Um dos coraçõezinhos minúsculos, em cima do balcão de metal, continuou a bater por vários minutos. Aquilo foi trágico e mais do que simbólico, em vista do relacionamento do qual eu estava lutando para desvencilhar meu coração.

A imagem inspirou um poema de Neil (“Conjunctions” — velocidade do liquidificador = 8) e uma das melhores canções do meu álbum que sairia pelo Kickstarter (“Trout Heart Replica” — velocidade do liquidificador = 5). Neil me contou uma história sobre um relacionamento no qual a distância emocional e entre as camas ia ficando cada vez maior, e a transformei em música. Começamos a nos mesclar um no outro, como num liquidificador, da única maneira que conhecíamos. Usando a arte. Coletando e conectando os pontos da vida um do outro. Toda arte, qualquer que seja sua forma, vem de algum lugar.

Só podemos conectar os pontos que conseguimos coletar.

• • •

Logo que a gravadora me liberou, publiquei um post de comemoração no blog, agradecendo a todos dos vários escritórios internacionais da mesma por todo o trabalho que haviam feito (os agradecimentos eram sinceros; muitos deles fizeram coisas maravilhosas e muito proveitosas para nós, e me entristecia perder relacionamentos) e aos fãs pelo apoio que haviam me dado. Também fui correndo para um estúdio e gravei uma música que acabara de escrever, roubando o título da letra de “Fuck Tha Police”, do N.W.A.: chamava-se “Do You Swear To Tell The Truth, The Whole Truth and Nothing But The Truth So Help Your Black Ass” e falava, muito

apropriadamente, sobre como detesto que me digam o que devo fazer.

Disponibilizei a música para download gratuito, junto com meu jubiloso post no blog e, pela primeira vez, estendi meu chapéu virtual. Pedi aos fãs que pagassem o que quisessem por ela. Alguns baixaram de graça, outros pagaram 1 dólar, outros pagaram 100 dólares num gesto simbólico de parabéns. Deu certo.

Naquele momento, decidi — à diferença de outras bandas que vinham se alinhando com a RIAA (a Associação da Indústria Fonográfica Americana, que estava fechando o Napster e prendendo a galera por “piratear” músicas) — que eu procuraria disponibilizar gratuitamente tudo o que pudesse: ia incentivar o compartilhamento, a cópia, o *torrent* e o download. Mas ia estender o chapéu, ia pedir e operar do alto da gratidão se as pessoas se dispusessem a ajudar. Queria que fosse como na rua.

Não queria forçar as pessoas a me ajudarem. Queria deixar que me ajudassem.

• • •

Dizem: *Que mal há em pedir?*

Mas pedir pode doer.

Na época em que eu batalhava neste livro, estava em turnê e certa noite acabei me hospedando com Duncan, um dos meus parentes europeus muito distantes, enquanto o resto do pessoal acampou no ônibus fretado. Estávamos aproveitando o café da manhã na varanda ensolarada dos fundos da casa, e ele me perguntou o que eu anotava no meu diário. Falei que estava pensando na diferença entre “pedir” e “mendigar”.

Pedir... disse Duncan. *Pedir. Hmm. Interessante. Sou realmente daqueles que não gostam de pedir. E o engraçado é que, quanto menos você gosta de pedir, pior você se sai quando finalmente pede.*

Como assim?

Vou contar um caso. Minha mãe e minha tia tiveram uma briga medonha, começou ele, servindo leite em sua segunda xícara de café. Quando a minha avó morreu, ela deixou um rosário antigo para minha mãe, que ela acreditava merecer, pois tinha se convertido ao catolicismo quando se casou. Mas minha tia vendia antiguidades e parece que tinha manifestado interesse nele, e minha avó o

tinha prometido a ela e tal e tal e tal... aquela coisa. Fúria dos dois lados. Elas ficaram sem se falar por três anos. Dá pra imaginar? E, quando minha mãe começou a luta contra o câncer, sofri ao ver as duas passarem mais um ano sem se falar, enquanto minha mãe ficava cada vez mais debilitada, até que enfim encontrei coragem de ligar para a minha tia e disse: “Olha. Nunca te pedi nada, mas agora estou pedindo, com todo o meu ser. Liga para minha mãe. Por favor, pega o telefone e resolve as coisas, pede desculpas mesmo que não seja sincero. Ela está morrendo e isso está ajudando a matá-la. Você nem precisa fazer isso por ela. Estou pedindo que faça por mim.” E sabe o que ela me disse?

Abanei a cabeça.

*Disse **não**.*

Soltei um suspiro.

Foi tão difícil pedir, disse Duncan. Nunca peço nada a ninguém. E quando finalmente peço...

Ele ficou quieto por um instante.

Aquela resposta, Amanda... me arrasou.

• • •

Na época em que a gravadora me liberou, eu ainda era cética em relação ao Twitter, que me parecia o tipo de mídia social usada pelas pessoas para contar o que tinham comido no café da manhã.

Alguns meses depois, eu estava em Austin para o congresso de música no SXSW quando Neil e Zoë Keating, a violoncelista das minhas turnês, me arrastaram para o estande do Twitter e me deram uma aula rápida, mostrando a caixinha onde você podia escrever 140 caracteres de texto. Criei a conta e avisei os fãs. Tuitei algumas imagens. Então me arrisquei em águas mais experimentais, anunciando que ia promover uma guerra de travesseiros.

ALGUÉM EM AUSTIN?!?! HOJE, 15:17!!! GUERRA DE TRAVESSEIROS. Esquina da red river com a 6. AVISEM TODOS. Tragam travesseiro!

Eu tinha apenas alguns milhares de seguidores, mas achei que pelo menos algumas dezenas estavam no SXSW. Porém eu não estava fazendo um anúncio muito grande e não tinha ideia do que esperar. Dez pessoas?

Vinte?

Às 15:15, apareci com um travesseiro na esquina da Red River com a rua 6 e tinha umas cem pessoas — todas armadas de travesseiros — andando por ali. Logo que me viram, sem ninguém trocar uma palavra, começamos o ataque. (Ninguém saiu ferido.)

Foi UMA GUERRA DE TRAVESSEIROS SENSACIONAL, contei ao Neil, mostrando-lhe as fotos naquela noite. *Será que gostaram tanto quanto eu?*

Você checkou o Twitter?, perguntou ele.

Como assim, “checkar o Twitter”?

Neil começou a rir. Eu não tinha percebido que o Twitter permite a visualização das pessoas que estão falando com ou sobre você. Achei que era uma ferramenta de comunicação de via única. Durante três semanas, eu tinha berrado pelo meu megafone do Twitter sem perceber que havia milhares de pessoas respondendo.

PARE DE RIR E ME MOSTRE COMO FAZER, disse eu.

Neil me apresentou à função “notificações” e a tela do meu celular foi tomada por uma lista de centenas de comentários, imagens, vídeos curtos de guerras de travesseiro, agradecimentos e falação geral sobre o evento que acabara de acontecer. Aquilo me convenceu. Desde então, nunca mais deixei o Twitter.

É difícil explicar como uso o Twitter para quem nunca o usou. É uma faixa de Möbius de amor, ajuda, informação, convívio social e troca de arte e vida.

Só agora me ocorre que a minha primeira festa-relâmpago “tuitada” oficialmente — A Épica Guerra de Travesseiros do SXSW na 6 com a River — não teve nenhuma música. Só tuitei, bati nos fãs com travesseiros, dei abraços e fui embora. Não me dei ao trabalho de tocar nada, e ninguém pareceu se incomodar muito. Pareciam apenas sentir uma alegria delirante por participar de algo tão surpreendente e inesperado. Além disso, como eu ia tocar música espontaneamente na rua? Sou pianista.

Comecei a tocar piano aos três anos — porque ali estava, em casa — e desde então sou uma instrumentista basicamente monogâmica. Fantasias esporádicas de aprender a tocar violoncelo, guitarra e baixo acústico nunca se concretizaram.

Na época em que descobri as alegrias do Twitter, comprei por 20 dólares

um ukulelê vermelho de madeira e braço de plástico — o instrumento menorzinho, mais fácil e mais gracioso do mundo — para usar numa apresentação em favor de um amigo numa boate pequena. Em questão de horas, aprendi sozinha a tocar “Creep”, do Radiohead, seguindo os acordes na internet. Em vez de tocar no palco da boate, saltei para cima do bar e depois descii para andar entre o povo, tocando muito mal — verdade seja dita — o meu ukulelê. Achei que meu caso com o instrumento terminaria por ali, mas, naqueles cinco minutos de apresentação, fiquei espantada com a potência que um violão pequenino era capaz de mostrar.

Tocar a música naquela noite foi uma novidade, mas, naquele verão, andei com o ukulelê para cima e para baixo, só por brincadeira. Cyndi Lauper — a minha heroína na infância (o meu eu de oito anos ficou fora de si) — convidou o The Dresden Dolls para abrir os seus shows numa turnê de verão chamada True Colors, cuja renda iria para a Matthew Shepard Foundation. Em quase todas as noites da turnê, fiz uma rápida experiência de rua e toquei “Creep” — ainda a única música que eu sabia tocar no ukulelê — no estacionamento ou no saguão da casa de espetáculos, com um chapéu no chão. Eu gostava de surpreender as pessoas, e elas riam, aplaudiam e atiravam notas e moedas. A renda do chapéu foi para a fundação, e ali mais uma vez estava aquela sensação:

Posso tocar esse instrumento para as pessoas EM QUALQUER LUGAR, desde que não esteja chovendo!

Num campo! Numa ruela! No ônibus!! Na praia!!! Num banheiro!!!

As pessoas vão me ouvir cantar, e não preciso de palco!

Nunca mais vou ficar presa atrás de um piano!

Até então eu não tinha percebido como o piano era limitador, porém, agora que sabia, resolvi o que faria. Decidi começar a namorar outros instrumentos.

Essa combinação entre a Liberdade do Ukulelê e a Liberdade do Twitter levou ao nascimento da Sessão Ninja, como chamei os eventos-relâmpago que comecei a criar depois de perceber como era fácil juntar uma galera a qualquer hora em qualquer lugar. Antes e depois dos shows oficiais, nos dias de folga e quando tinha disposição, ou quando estava em alguma cidade sem nenhum show oficial programado, dava para convocar um pessoal pelo Twitter com poucas horas de antecedência.

Existe algo de único e emocionante em reunir quinhentas pessoas e ver um festival gratuito instantâneo brotando diante dos seus olhos num local público, mas levei alguns anos alternando shows oficiais e sessões ninja até perceber o que realmente me atraía nestas últimas: eu sentia como se tivesse recuperado o controle da minha vida. Sentia falta da liberdade da rua.

A “liberdade” das sessões ninja não se traduzia em mais tempo livre. Ao acrescentá-las de última hora numa turnê, a minha agenda ficava mais frenética no papel, mas eu nem me dava conta de que usava meus dias de folga para tocar espontaneamente, assim como ninguém ouviria um detento numa penitenciária de segurança máxima reclamar se lhe dessem a opção de passar no bar as horas reservadas ao passeio pelo pátio. Eu adorava acordar e pensar: *QUEM SABE HOJE TOCO NUM PARQUE?!*

Às vezes, eu ia deitar pensando em fazer uma sessão ninja no dia seguinte à tarde, mas aí acordava, me sentia cansada e cancelava comigo mesma. Cancelar um show oficial é o tipo de coisa que não existe. Não mesmo. O cancelamento de um show causa o maior estrago na agenda e no bolso de quem comprou ingresso, dos locais de apresentação e dos promotores do evento, sem falar do trabalho de reagendar e a mancha que isso deixa na reputação da gente. Quase sempre é mais fácil adotar a abordagem “o show precisa continuar”: subir doente no palco e ir em frente. Nas longas turnês de inverno do The Dresden Dolls, às vezes Brian e eu ficávamos gripados na mesma época e mesmo assim fazíamos o show, os dois lutando contra a febre, enquanto as caixas de lenço de papel ao lado dos instrumentos se transformavam em montanhas de muco de quase meio metro de altura ao fim de cada noite. O público se solidarizava.

Mas as sessões ninja não têm nenhum agendamento prévio, e assim não é difícil cancelá-las.

Toda a intimidade, sem nenhum compromisso. Tão legal.

Também percebi que as sessões ninja resolviam um problema irritante que me incomodava fazia anos: a escassez de locais para todas as idades. Eu tinha brigado com muitos agentes e promotores de eventos para garantir a qualquer custo que os meus shows fossem abertos a todas as idades, pois uma boa parcela dos meus fãs era de adolescentes. As sessões ninja são sempre gratuitas, sempre para todas as idades e costumam ser anunciadas

com menos de 24 horas de antecedência. Não há propaganda: apenas posts na internet e o boca a boca. As pessoas são incentivadas a levar instrumentos, câmeras, crianças, animais de estimação ou o que mais desejarem, e o evento não tem formato definido nem hora certa para terminar. Em geral reservo algum tempo a outro músico, caso eu tenha amigos compositores na cidade ou em turnê comigo e que podem se apresentar com um instrumento acústico. É um pouco como uma festa folclórica improvisada.

Certa vez desfilei com umas duzentas pessoas em Brisbane, indo de uma loja de espartilhos até um museu de arte moderna, tocando alguma coisa no começo e no fim. Fiz sessões ninja nos degraus da Sydney Opera House para setecentas pessoas debaixo de chuva (desfilamos até um abrigo). Toquei em vários locais do Occupy de uma ponta à outra da Costa Oeste, quando estava lá em turnê no auge do movimento. Fiz uma sessão ninja muda na livraria Powell em Portland, Oregon, onde, usando apenas gestos, recomendei e autografei livros de poesia para centenas de pessoas.

Descobri que as pessoas de Byron Bay, na Austrália, não usam Twitter. Na verdade, elas nem usam muito a internet. Publiquei um tuíte de manhã para uma sessão ninja à noite, na praia, esperando umas cem ou duzentas pessoas. Vieram sete. Toquei e depois fomos todos tomar sorvete.

Fiz uma sessão ninja em Camberra, a capital australiana. Todos os meus fãs apareceram de bicicleta, emprestada ou própria, na sede da Rat Patrol, uma “comunidade de ciclistas malucos” com homens, mulheres e crianças que costumam percorrer a cidade em bicicletas altas, choppers e outros frankensteins ciclísticos turbinados, com capacetes extravagantes. Lá fomos todos nós, um bando de umas cem pessoas, com um aparelho de som ligado, passando latinhas de cerveja uns para os outros, atravessando o centro da cidade e indo até o National Carillon, o campanário de cinco andares. Alguém tinha a chave de lá, conheci a torre por dentro e me deixaram tocar uma música minha nos carrilhões para o povo reunido lá embaixo. Uma banda acústica local tocou ao som dos trovões retumbando ao longe. Para minha surpresa, surgiu uma caminhonete com um piano vertical na traseira. Descarregaram o piano de rodinha da caçamba e o empurramos para debaixo do campanário, e fiz um show com as músicas que pediam, enquanto a chuva nos castigava. Todo mundo ficou ensopado

e congelado, cobrimos o precioso piano com casacos, e aquela foi uma das melhores sessões da minha vida.

Exatamente um ano depois do meu TED Talk, cheguei a Vancouver para uma apresentação no festival e tuitei:

PENSANDO NUMA SESSÃO NINJA NO TED! ALGUMA IDEIA?

Três dias depois, o Vogue Theatre havia oferecido o espaço, e umas dez pessoas que tinham falado e se apresentado no TED apareceram para falar de suas impressões com a experiência. Era um salão com capacidade para umas 1.500 pessoas. Chris Hadfield, o astronauta e compositor, tocou “Space Oddity” na guitarra, e todo mundo cantou junto. Uma banda marcial punk local apareceu e ficou no palco. O Sopão Gratuito de Vancouver, que tinha recrutado voluntários pelo meu Twitter, passou baldes pelo público e arrecadou quase 10 mil dólares.

A parte mais fantástica dessa sessão, porém, foi Sarah Shandl, uma garota que ergueu a mão no Twitter na noite em que anunciei o evento, oferecendo os seus serviços como diretora de palco de última hora. Eu a contratei pelo Twitter, e passamos as dezoito horas seguintes trocando e-mails e mensagens de texto pelo menos umas noventa vezes. Ela criou ordem no caos, ajudando a arranjar comida e bebida, mantendo contato com o sopão, mandando informações atualizadas por e-mail a todos os que iam se apresentar. Chegou a arranjar um amigo para cuidar da lista de artistas e convidados do pessoal do TED que, pelo que combinamos, teriam lugar reservado. Eu mal a conhecia e ela salvou minha vida.

No dia seguinte, fomos almoçar juntas, pois eu queria agradecer e conhecê-la melhor, e aí fiquei sabendo que ela nunca tinha ouvido falar de mim nem da minha música até a hora em que se ofereceu como voluntária. Ela só tinha visto que alguém com um monte de seguidores no Twitter ia dar um show gratuito em Vancouver e achou que essa pessoa talvez fosse precisar de uma mãozinha.

• • •

Neil passou a me conhecer melhor. Eu tinha o mau hábito de querer sumir por completo durante alguns dias depois de qualquer despedida. Quando começamos a ficar juntos, eu não suportava o fato de ele querer ficar

trocando mensagens de texto logo depois. Tipo, cinco minutos depois de dar tchau no aeroporto.

Ele aprendeu a se adaptar à minha abordagem *Fugir! Fugir!* a cada vez que nos despedíamos, e eu estava tentando aprender a não desaparecer emocionalmente quando não estávamos juntos no mesmo espaço.

Comecei a aprender como ele funcionava. Pensei em como poderia lhe assegurar que não o estava abandonando; apenas sentia uma vontade doida de ficar sozinha e poder trabalhar, pensar, fazer arte e mandar e-mails na solidão. Naqueles primeiros dias, a gente realmente se bicava, em escala monumental. Mas aos poucos fomos melhorando. Parei de achar que ele ia me aprisionar, e ele parou de achar que eu estava tentando fugir. A coisa era até poética: ele tinha problemas de abandono e eu tinha problemas de compromisso. Vai entender.

Além disso, o sexo, que no começo da relação era meio desajeitado e atrapalhado, ficou realmente ótimo. Imaginamos que era um sinal promissor do avanço da relação como um todo.

E, acima de tudo, percebemos que era uma questão de deixar as portas e janelas da relação bem abertas. Dessa maneira, ele podia olhar para dentro e eu, para fora.

• • •

Eu estava nos bastidores conversando com um amigo que conhecia da estrada, o vocalista de uma banda indie bem famosinha, depois do show deles num clube em Boston. Eu tinha ido visitar, pois estava de folga.

A bilheteria dos nossos shows está uma merda, disse ele, atirando a camiseta suada no sofá e vestindo outra limpa.

Vocês estavam ótimos, falei. E o novo álbum está maravilhoso. Mas, sabe, não faria mal se vocês falassem de verdade com os fãs lá do palco. Eles estão ali. Se jogam uns em cima dos outros. Estão gritando e berrando. Mas na maior parte do tempo vocês se comportaram como se o público nem estivesse na casa. Mal falaram com eles.

Ele abriu uma cerveja. *Pra você é fácil falar. Lembro quando você parou no meio do palco em Seattle e pediu pra todo mundo mandar mensagens pros conhecidos em Portland pra noite seguinte, pois ainda havia ingressos à venda. A*

minha banda inteira estava nos bastidores, tipo, SE CONTORCENDO de agonia porque foi superesquisito. Quer dizer... é meio que genial. Mas a gente nunca faria isso. Você é muito doida.

Por quê? Porque falo com meus fãs?

Bom, quer dizer, quem FAZ isso, né? É isso que estou dizendo. VOCÊ até pode fazer porque é Amanda Palmer Rainha Da Internet do gênero “somos todos uma grande família feliz” e coisa e tal. Mas a gente NÃO. Você faz ideia de como a gente seria CRUCIFICADO se sequer mencionássemos que temos um mailing? A gente nem anuncia que temos produtos à venda... parece uma coisa tão brega.

Bom, cara, vocês não têm nada a perder. A turnê de vocês está fraca. E talvez não fosse uma ideia tão ruim assim. Na verdade, se pedir ajuda aos seus fãs, pode até se surpreender.

Como assim?

Os fãs podem ficar muito contentes que você confie tanto neles que nem se importa em parecer meio bocó.

• • •

Crowdsurfing é como dormir no sofá dos outros, que é como *crowdsourcing*.

Você está caindo em cima do público — está pedindo ajuda. Ao pedir, você está construindo.

O ato de se jogar na multidão é o auge físico desse momento de confiança e, melhor de tudo, é o clímax da trilha sonora da própria arte: a música.

Você fica na beirada do palco, confia e se joga.

Não existe nada no mundo como ser amparada na nuvem de som por um oceano de braços suados aleatórios, cada um deles como uma árvore numa imensa floresta de confiança, sob as rajadas de um temporal, flutuando e avançando com centenas de dedos e palmas da mão. Também sinto uma onda de empatia quando olho o pessoal nos shows e vejo um erguendo o outro, segurando no ar, cada um impelindo o outro de forma cuidadosa e impulsiva sobre a multidão, com uma cooperação camarada e calorosa, como se estivessem construindo um celeiro ao som de um rock. Você é um símbolo da confiança em dimensões humanas e, se não continuar em circulação, não só deixa de ser uma dádiva... torna-se um

risco. Cair no chão durante um mergulho desses não é legal. Mas você sobrevive. E em geral as pessoas puxam você pelo braço e te põem em pé. Também é uma sensação maravilhosa.

Comentário paralelo: se algum dia você tiver a oportunidade de se atirar sobre a multidão, aproveite. É demais. Guarde sua carteira em algum lugar onde não vá perdê-la, não use joias e bijuterias frouxas e, pelo amor de deus, nada de salto fino — você quer matar alguém?

• • •

Depois de quase quatro anos juntos em gravações e turnês ininterruptas, Brian e eu passamos pelo clássico desgaste de banda. Tínhamos progredido, evoluindo da Vulva para um furgão (chamado Ludwig) e para um ônibus fretado, mas um estava enlouquecendo o outro. Demos um tempo e comecei a trabalhar no meu primeiro álbum solo, *Who Killed Amanda Palmer*, aquele com as fotos da Amanda nua-morta que eu tinha pedido a Neil para ajudar a legendar. Apresentar-me sozinha parecia algo libertador, mas ao mesmo tempo solitário — então contratei Zoë Keating, que toca solos de violoncelo em *looping* eletrônico bastante complexos, para abrir e tocar em algumas músicas novas durante o show. Então chamei meu amigo Steven Mitchell Wright, um diretor de teatro australiano com um trabalho baseado na tradição do butô japonês, em que os atores se pintam de branco e se contorcem num êxtase existencial jubilosamente doloroso.

Quer bolar uma maneira de acrescentar um pouco de teatro à minha turnê?, perguntei-lhe. O orçamento é quase zero. Mas vamos criar uma coisa grandiosa com alguns atores. Pago as passagens e garanto comida e estadia para todos. Para pagar o salário, a gente vai precisar passar o chapéu. Talvez você também precise me ajudar a encontrar sofá pra todo mundo.

Steven, que é louco na melhor acepção do termo, topou e escolheu três atores australianos igualmente loucos e empenhados, e de bônus ainda incluiu Lyndon, o seu amigo violinista clássico. Deu a essa companhia o nome The Danger Ensemble, que se tornou a minha família artística nas turnês do ano seguinte.

Percorremos os Estados Unidos, o Canadá, a Europa e a Austrália em várias vans e ônibus de excursão baratos, contando basicamente com a

generosidade das vaquinhas. Zoë e a minha equipe de som e iluminação recebiam salário regular, mas Steven e o The Danger Ensemble tiveram que contar com a generosidade do público durante a turnê inteira. Toda noite no palco, lá pelo final do show, eu apresentava o grupo completo à plateia e anunciava que aqueles artistas estavam em turnê comigo sem salário fixo e dependiam do público. Na música seguinte, os cinco passavam entre o povo, estendendo a bota para receber as doações. Em algumas noites, elas mal chegavam a 200 dólares. Já em outras, a coleta passava de 1.000. Uma noite compensava a outra. Fiquei aliviada, mas não me surpreendeu que o pessoal gostasse de ajudar.

Os meus amigos de circo, boêmios e itinerantes, não tinham o menor problema em passar o chapéu, mas nem todo mundo se sentia tão à vontade. Uma vez levei uma banda de abertura numa turnê: cinco caras em ternos muito alinhados, que tocavam música de cabaré durante meia hora, antes que eu entrasse. Com o andamento da turnê, eles entraram no espírito de todo-mundo-com-a-mão-na-roda e passaram a me acompanhar durante cinco ou seis das minhas músicas — aprendendo uma música nova por noite, durante a checagem do som. Propus que pedíssemos que o público remunerasse diretamente esse trabalho adicional deles, e assim, todas as noites, eles passavam pelo povo, de chapéu na mão, enquanto os fãs davam de bom grado mais algumas centenas de dólares. Tudo ia às mil maravilhas, porém havia um músico na banda que não participava e ficava no camarim. Uma noite, perguntei por que ele não ia com os outros.

Simplesmente... não consigo, respondeu. Dá vergonha, Amanda. Parece demais com... mendigar.

Mas os fãs não pareciam se incomodar com os pedidos. Pelo contrário, sentiam-se incluídos num novo patamar.

Também fazíamos vaquinha para a refeição da noite, o que foi um novo teste para a minha equipe profissional, acostumada a uma dieta à base de pizza, faláfel e macarrão tailandês. Eu não sabia se eles estariam dispostos a trocar a rotina pela aventura. Logo antes de começar a turnê, conversei em Dublin com um dos caras do som, que estava um pouco desconfiado.

*Você tem certeza? Alguns dos seus fãs são bastante intensos e... quer dizer, não dá um pouco de medo? Podem, sei lá, pôr **qualquer coisa** na comida.*

Mas eu confio neles, retruquei. Confio neles mais do que, sei lá, nos cozinheiros

de linha de produção num restaurante que podem mijar na minha comida porque detestam o emprego. Esse pessoal gosta de mim. Por que iam querer me fazer mal?

Bom, só estou falando... toma cuidado, Amanda. Você confia demais nas pessoas.

Às vezes vinha um verdadeiro banquete: na Filadélfia e em Seattle, fomos paparicados com jantares de cinco pratos, criados por chefs que haviam passado dois dias fazendo os preparativos e chegaram nos bastidores com maçaricos, molhos e flambados. Em Chicago, o dono de um restaurante que namorava uma fã nos forneceu 25 variedades de sushi. Havia também o outro lado da coisa. Numa cidade austríaca, uma garota chegou com um balde de praia, de plástico vermelho, cheio de macarrão mal cozido. Completamos o jantar daquela noite encomendando faláfel.

• • •

Neil e eu estávamos numa farmácia enorme, na maior pressa, e precisávamos comprar absorvente, camisinha e só. Fui até uma senhora que trabalhava lá e parecia ter uns setenta e tantos anos e perguntei. Então, toda orgulhosa, chamei Neil, que estava em outro corredor da loja, num volume de voz em que ele e todos na farmácia podiam me ouvir:

QUERIDO, DESCOBRI ONDE FICAM OS ABSORVENTES E AS CAMISINHAS. ESTÃO AQUI NO CORREDOR CINCO.

Neil deu a volta e veio até onde eu estava, me olhou e caiu na risada.

Meu bem, disse ele, você é humana afinal de contas. Ficou vermelha. É capaz de ficar sem graça.

Eu sentia o rosto ardendo. Ele tinha razão. Eu tinha tentado provar como era corajosa, mas, na verdade, acabei ficando constrangida.

Neil adora contar essa história, da vez em que descobriu que eu não era tão descarada como ele pensava: a vez em que ele viu Amanda corar ao pedir um absorvente.

• • •

Tive um empresário que não entendeu por que fiquei nervosa quando seu assistente fez minha reserva em um hotel sem wi-fi numa viagem de três dias a Londres, para contatos com a imprensa.

PRECISO DE OUTRO HOTEL COM INTERNET, tentei explicar pelo telefone. *PRECISO DA INTERNET PARA VIVER*.

Você está numa viagem de três dias para contato com a imprensa, dando dez horas de entrevistas por dia. Para que precisa de internet?

Outra empresária não entendia por que eu achava tão importante que ela lesse o meu *feed* no Twitter para saber o que andava acontecendo. Para ver o que os fãs estavam sentindo, dizendo, compartilhando, criticando e como estavam reagindo aos shows.

Para essas pessoas, era um tremendo ato de fé crer que “simplesmente se conectar com as pessoas”, de uma maneira autêntica, não promocional, não monetária, é uma coisa tão *valiosa*.

Mas é. Na verdade, *não* tem preço.

Esses empresários pareciam ter mesmo dificuldade em acreditar que, se você confiasse, ouvisse, falasse e se conectasse com os fãs, o dinheiro e os lucros viriam — quando fosse a hora.

Os empresários viviam me dizendo para parar de tuitar e voltar ao trabalho.

Rompi com muitos deles.

Eles não entendiam. *Esse* era o trabalho.

• • •

Enquanto seguíamos, fazendo vaquinha para a comida e passando o chapéu, continuei a me hospedar na casa dos fãs, e, quando deixei o The Dresden Dolls e prossegui com a minha alegre turma variada de artistas australianos, as coisas ficaram ainda mais complicadas: éramos sete. Fazíamos o nosso típico intercâmbio de ingressos, produtos e gratidão — e com Steven à frente, selecionamos centenas de e-mails com ofertas de lugar para ficar. A minha equipe de turnê tradicional — o cara do som, o cara da iluminação, o gerente de turnê e o vendedor de produtos — manteve o salário integral, e eu pagava o hotel para eles. Mas ninguém reclamava dos dois pesos e duas medidas. A equipe de turnê não estava trabalhando comigo num exercício de confiança na humanidade. Eles eram contratados para viajar num ônibus, ter um dia de folga num hotel, receber o salário e fazer o serviço. Eu podia bancar essas despesas. Quanto a mim e aos

demais artistas, tentávamos a sorte nos sofás do universo.

Num verão em Melbourne, onde fizemos uma sequência de shows num lugar chamado The Famous Spiegeltent, dormimos todos juntos num mesmo quarto, reunindo colchões e futons emprestados por várias pessoas. Foi como uma festa do pijama de uma semana, ou como um bando de ursos artísticos hibernando numa caverna bem quente, todos amontoados um perto do outro, sem muita separação de território. De modo geral, a gente ficava em lugares parecidos com a nossa própria casa: repúblicas cheias de estudantes universitários; enormes lofts bagunçados habitados por músicos e pintores. Porém, às vezes ficávamos em lares mais adultos de profissionais regulares, que não tinham o menor problema em nos deixar na casa com a senha do wi-fi, instruções para a cafeteira e as chaves, pois tinham que sair de manhã cedo para ir trabalhar. Uma boa prova da generosidade dos meus fãs era que os nossos anfitriões muitas vezes nem podiam ir aos shows, mas nos recebiam muito bem em suas casas.

Dormir na casa dos outros não é apenas uma questão de economizar em hotel. É uma troca de presentes entre o hóspede e quem hospeda, uma circunstância que oferece uma visão íntima do lar de alguém e a sensação de ser acolhido e reconfortado pelo espaço pessoal do dono da casa. É também um lembrete de que seguimos em frente graças a um sólido vínculo de confiança, muito parecido com quando me jogo sobre a multidão durante um show e paio em segurança sobre um mar de mãos em movimento constante. Dá uma sensação quase sagrada olhar os esguichos do chuveiro quebrado de outra pessoa, perceber os cheiros de uma cozinha de verdade, sentir o puído de um cobertor de verdade e ouvir os estalos de um aquecedor velho.

Às vezes, tínhamos energia suficiente para ficar até tarde da noite com quem nos hospedava, tomando vinho e contando casos de turnês, mas em geral chegávamos tão esgotados do show que o mais provável era despencarmos na cama assim que nos mostrassem o lugar onde ficaríamos. As manhãs costumavam ser mais sociáveis, embora tivéssemos um horário muito apertado para ir até a cidade seguinte. Os dias de folga eram ainda mais divertidos — ficávamos com os nossos anfitriões e passávamos mais tempo humano brincando com os gatos da casa e conhecendo melhor as pessoas.

Ficar na nossa própria casa pode ser uma coisa desgastante e sufocante, principalmente para um trabalho criativo. O ambiente pode asfixiá-lo com toda a bagagem do passado e a Sua História Pessoal. Ficar em um hotel pode ser uma tábula rasa abençoada. Não há bagagem, só um espaço vazio onde você pode projetar qualquer coisa. Porém o mais inspirador é ficar na casa de um desconhecido. Você pode mergulhar na bagagem do passado de *outra* pessoa e olhar a bagunça dos livros misturados e amontoados no canto da sala de *outra* pessoa.

Mas nem tudo é um mar de rosas e lençóis floridos. Os sofás vêm com seus donos. Eles às vezes não são bons naquilo e não percebem quando os artistas precisam parar de socializar. Nessas situações embaraçosas, você dá um sorriso cansado, se inclina polidamente para pegar a escova de dentes e faz o melhor que pode, na esperança de que entendam a dica. Vou abraçar você. Vou amar você. Admiro de verdade a sua coleção de vaquinhas na cozinha. Mas, por favor, quando for a hora, me deixe ir dormir, pô.

Existe uma confiança tácita, intrínseca, que acontece quando você entra na casa do seu anfitrião. Todo mundo confia implicitamente em todo mundo, ninguém vai roubar nada. Deixamos nossos celulares, carteiras, laptops, diários e instrumentos espalhados nos nossos vários miniacampamentos. Até onde sei, nunca sumiu nada meu.

Muitas vezes me perguntam: *Como você pode confiar tanto nos outros?*

Confio porque é a única maneira que funciona.

Quando aceita a ajuda de alguém, seja em forma de comida, acomodação, dinheiro ou amor, você tem que confiar na ajuda que é oferecida. Não dá para aceitar as coisas pela metade e entrar na casa com a guarda levantada.

Quando você confia aberta e radicalmente nas pessoas, elas não só cuidam de você, como também se tornam suas aliadas, sua família.

Às vezes as pessoas se mostram inconfiáveis.

Quando isso acontece, a reação correta não é:

Porra! Eu sabia que não podia confiar em ninguém!

A reação correta é:

Tem uns que são uns bostas.

E segue-se em frente.



Logo depois do término da minha turnê com o The Danger Ensemble, saí numa turnê solo pelo sul dos Estados Unidos com uma dupla de irmãs chamada Vermillion Lies fazendo os shows de abertura, e mais uma garota de vendas e um cara do som, o que resultou numa van pequena com cinco pessoas apertadas. Ficávamos na casa dos fãs quando ofereciam, e em motéis baratos quando não ofereciam.

Na manhã do nosso show em Miami, entramos num bairro de aparência bastante pobre, a caminho da casa onde íamos nos hospedar, loucos para descarregar nossas coisas, cumprimentar os anfitriões e cochilar um pouco depois da longa viagem desde o Texas. Enquanto nos aproximávamos do endereço, trocamos olhares preocupados conforme passávamos por uns casebres desolados, carros quebrados na calçada e os sinais sutis de que por ali era bem fácil arranjar umas anfetaminas. Ao chegar à casa, fomos recebidos por Jacky, a nossa anfitriã de dezoito anos, numa casinha pequena, mas quente e acolhedora.

A família de Jacky era de imigrantes ilegais de Honduras; a mãe quase não falava inglês, e todos fizeram a maior festa com a nossa chegada. Jacky, que estava louca de alegria por estarmos ali, trouxe os jalecos de laboratório que ela e as amigas tinham pintado com tinta fosforescente para usar no show, na noite seguinte, antes de mostrar as nossas camas. Havia apenas três camas na casa, mas eu já tinha visto Jacky, a mãe e o irmão.

Não estou entendendo, disse.

Não tem o que entender! Na nossa família, os hóspedes sempre ficam com as camas. Nós vamos dormir lá fora e nos sofás... Faz semanas que estamos planejando. Você precisava ver a nossa excursão pra comprar comida vegana pra vocês! Ela parecia tão feliz! Amanhã vamos te ensinar a fazer tortilla no café da manhã!

Fiquei acordada aquela noite na caminha confortável de Jacky, com a colcha roxa, fitando a penteadeira dela iluminada pelo luar, coberta de minúsculos vidrinhos de perfume, livros e colares pendurados no espelho.

E isso é justo?, pensei eu. Essas pessoas têm tão pouco. Estou sendo tratada feito uma rainha por uma família que vive na pobreza.

Não era culpa o que eu sentia; seria um insulto à generosidade deles.

Era uma gratidão avassaladora, mais do que eu conseguia lidar. Pensei no sentimento que tinha como A Noiva, quando as pessoas davam uma nota de 10 ou 20 dólares. Ou quando um desabrigado me dava 1 dólar, e a única coisa que eu tinha para lhes retribuir era o meu gesto de agradecimento, a minha gratidão, a minha flor simbólica boba. E às vezes parecia tão pouco.

Acordamos no dia seguinte e as aulas de *tortilla* começaram. Eles se empenharam ao máximo para nos ensinar, enquanto a mãe de Jacky gesticulava em espanhol para ajudar. Minhas *tortillas* ficaram péssimas e se desmancharam na hora. As de Jacky e da mãe dela ficaram perfeitas. Mesmo depois de muitas tentativas, as minhas não melhoraram. Todo mundo riu. O café da manhã foi uma delícia.

Ficamos mais algum tempo na cozinha, e Jacky me contou o caso complicado do pai — que não conseguia sair de Honduras — e que todo mundo estava na maior preocupação que talvez ele não conseguisse voltar à Flórida por causa de problemas na imigração. A mãe de Jacky chamou lá da sala.

Aah! A minha mãe quer te dar um presente, disse Jacky. Ela está animadíssima.

A mãe de Jacky me puxou de lado e me pôs na mão uma Bíblia bem pequenina, do tamanho de um baralho. E disse:

Para você. Obrigada por ficar aqui. A sua música ajuda Jacky. Você deixa ela muito feliz, você ajuda ela. Obrigada, obrigada.

Senti um aperto por dentro.

Isso é justo?

É justo, percebi.

É justo.

A música é a flor.

• • •

Coisas que você tem quando dorme na casa dos outros e não tem num hotel:

O barulho dos pratos e talheres de manhã. Banheiros com queridas toalhas amassadas e que não combinam. Sobras de um bolo de aniversário. Corredores escuros com cheiro de alguma coisa no forno. Ver as coisas esquisitas que as pessoas guardam no armário de remédios. Gatos para

acariciar, que ficam arredios no início e descobrem que gostam de você às quatro da manhã, quando você finalmente dormiu. Paredes com pratos do Elvis. A sensação redescoberta de uma festa do pijama. Cobertores elétricos pouco confiáveis. Oportunidade de experimentar chapéus. Café numa taça de vinho por falta de xícaras suficientes. Crianças de todas as idades e temperamentos que fazem desenhos para você. A possibilidade de preparar as próprias torradas. Toca-discos. Grama úmida ao nascer do sol no quintal, onde as galinhas pernoitam. Pianos desafinados e outros instrumentos estranhos para afagar. Velas grudadas no aparador da lareira. A bela visão de desconhecidos de pijama. Chás esquisitos de todo o mundo. Máquinas de pinball. Aranhas de estimação. Trincos que não funcionam. Coisas no teto que brilham no escuro.

Histórias de amor, morte, dificuldades e decepções amorosas, tarde da noite e de manhã cedo.

A colisão da vida. Arte para o liquidificador.

Os pontos se conectando.

• • •

Como Neil tinha contado tantos detalhes da vida dele na segunda vez em que nos encontramos, imaginei que devia ser um compartilhador crônico de si mesmo, como eu. Na verdade, era o contrário. Tímido e reservado sobre seus verdadeiros sentimentos durante a maior parte do tempo, ele tinha inúmeros amigos, porém não falava com muita gente sobre o passado e suas histórias pessoais. Fiquei surpresa com isso.

Você me enganou, disse. Por que me contou tanto sobre si mesmo logo quando a gente se conheceu?

Porque você perguntou, respondeu ele.

Perguntei... o quê?

Como eu estava. Sobre a minha vida. Nunca ninguém tinha perguntado antes.

Isso é totalmente ridículo, retruquei. Você vive rodeado de gente a vida toda, que te ama e te adora. Tem amigos. Teve um milhão de namoradas. Tenho certeza de que te perguntam o tempo todo. Tipo, a ponto de enjoar.

Não, respondeu Neil.

Nunca ninguém te serviu um uísque e disse: "E aí, Neil, caramba, que porra

“você anda fazendo de verdade?” Nenhuma namorada nunca perguntou? É impossível. Tenho certeza de que perguntavam, mas é que você não ouvia.

Talvez, disse Neil.

Talvez você não estivesse pronto para te perguntarem, falei.

Ou talvez eu tenha encontrado a pessoa a quem podia responder, devolveu ele.

• • •

De volta à terra do lançamento de álbuns, decidi ficar totalmente independente. Estava farta de gravadoras. Resolvi ver o que aconteceria se lançasse tudo diretamente para o grupo de fãs, postando downloads digitais com o sistema do pague-quanto-quiser e enviando CDs e vinis diretamente para o endereço das pessoas. Gravei dois pequenos álbuns experimentais: *Amanda Palmer Goes Down Under*, uma mistura de gravações ao vivo na Austrália e na Nova Zelândia (incluindo uma música em que falo como detesto Vegemite), e *Amanda Palmer Performs the Popular Hits of Radiohead on Her Magical Ukulele* (apresentando “Creep”, do Radiohead, claro, e mais quatro músicas que eu tinha acrescentado com muito orgulho ao meu crescente repertório de Radiohead-ukulele). Contratei um assessor de imprensa para que os jornais não se esquecessem da minha existência, mas, tirando isso, saí do campo visual tradicional e fui direto aos fãs, usando o precioso *mailing*, o meu blog e a minha conta do Twitter para divulgar as notícias de cada lançamento. Como fiz depois no Kickstarter, lancei os dois álbuns junto com Montes de Coisas Extras: 15 dólares pelo CD, 25 dólares pelo CD + uma polaroide personalizada da turnê australiana, 35 dólares pelo vinil + camiseta + bóton, 100 dólares pelo CD + capa de almofada + gravata com serigrafia + cartaz + tulipa de cerveja + porta-garrafa de neoprene + camiseta + emblema + três adesivos + dois bótons. (Não é invenção. Era mesmo um pacote.)

Foi também a minha primeira experiência com a venda de festas em casas. Quando lancei *Amanda Palmer Goes Down Under*, por 3 mil dólares você comprava Todas As Coisas + um show na sua casa; vendi uma meia dúzia e foi muito divertido entregar a encomenda ao longo de toda a minha turnê australiana seguinte. Eu pegava os pedidos bem antes de encomendar a fabricação, para não sofrer com a falta ou o excesso de

produtos e terminar com um encaixe de porta-garrafas de neoprene (mas, devido às realidades dos descontos por escala, infelizmente AINDA sou a orgulhosa proprietária de uns quinhentos porta-garrafas Amanda Palmer — tais são as alegrias do pequeno empreendedor).

Encarei a tarefa homérica de fabricar e despachar todos esses lançamentos com os préstimos da minha equipe, formada por três ou quatro pessoas, umas em tempo integral, outras em meio expediente, todas trabalhando em vários lugares do mundo, pela internet, na cozinha das suas casas.

Neil e eu também fizemos uma rápida turnê juntos, registrando um monte de histórias e canções ao vivo que lançamos como *An Evening with Neil Gaiman & Amanda Palmer*. Fiquei muito orgulhosa: era a primeira vez que ele cantava no palco desde que lhe atiraram uma lata de cerveja ainda cheia na cara (e ele teve que levar pontos), durante seu breve período de vocalista punk nos anos 1970.

Em vez de vender esse álbum num dos nossos sites, resolvemos experimentar o Kickstarter, que muitos artistas indie começavam a usar para financiar e despachar discos. Eu conversava constantemente pela internet e recebia sugestões e opiniões dos fãs. Se queriam cartazes de litografia com bom acabamento, eu fazia cartazes de litografia com bom acabamento. Se queriam um disco de vinil de 180g, eu fazia discos de vinil de 180g. Se queriam Coisas — capas de almofada decoradas à mão, camisetas cinza tamanho extra-extra-extra-grande — eu fazia as Coisas. O único departamento em que eu não estava aberta a sugestões era a composição, a música em si. Esse era trabalho meu, não deles, mas eu tentava envolvê-los em todas as outras facetas do novo mundo da arte independente. Agora eles estavam oficialmente no mesmo barco.

• • •

Bem na mesma época, eu estava com Jason Webley em Nova York, numa série de uma semana de shows num pequeno teatro em West Village. Estávamos a caráter como as gêmeas siamesas Evelyn Evelyn, usando um vestido para duas pessoas de tamanhos bem diferentes, amorosamente costurado à mão pela nossa amiga Kambriel. Eu era a Evelyn destra, Jason

era a canhota, e usávamos apenas uma mão para tocar um lado de cada instrumento — guitarra, piano e acordeão. Usávamos perucas iguais, Jason raspou a barba e usava batom, e o resultado era absurdamente implausível. Nosso amigo Sxip fazia o papel de diretor de palco, safado e manipulador, e Eric, nosso gerente de turnê *de verdade*, fazia dupla jornada desempenhando o papel do operador de cena sisudo, explorado e inquietante. As gêmeas tinham má vontade em se apresentar. Os shows eram perfeitos, uma trapalhada só.

Como de costume, eu estava hospedada na casa de Josh e Alina do outro lado do rio, no Brooklyn. Um dia me dei conta de que o show e a sessão de autógrafos iriam pelo menos até as 23h30, e eu tinha uma reunião no dia seguinte, às dez da manhã, ali ao lado do teatro. Parecia bobagem gastar uma hora para ir ao Brooklyn só para dormir, levantar e voltar, mas também parecia ridículo esbanjar com hotel. Sem pensar muito, tutei:

Algun sofá ou cama decente em ou perto do West Village? P/ pernoite. Coisa simples, entrar e sair. Troco por ingressos p/ show @EvelynEvelyn

Foi assim que, seis horas depois, cheguei à porta de Felix e Michelle. No instante em que pus o dedo na campainha, comecei a achar que talvez estivesse levando longe demais toda essa coisa de recorrer ao povo no Twitter. Na casa dos outros, eu sempre me hospedava junto com Brian, com os australianos ou com Jason. E se essas pessoas fossem uns malucos assassinos?

Malucos assassinos não me seguem no Twitter, tentei me tranquilizar.

Mas pense no que os vizinhos dizem de alguns assassinos, retruquei, quando são entrevistados nos jornais. “Eles pareciam tão normais.”

Disseram no e-mail que se chamavam FELIX E MICHELLE. Como um casal de nome tão legal como FELIX E MICHELLE pode ser de assassinos malucos?

Bonnie e Clyde, argumentei. Bonnie e Clyde. E mais...

A porta abriu e Michelle apareceu.

Oi, Amanda! Ela escancarou a porta e me fez entrar na cozinha do apartamento. Jesus, você deve estar exausta. Quantos shows consecutivos você fez? Cinco? Desculpe por não podermos aceitar os ingressos que você ofereceu, tivemos que ir a uma bobagem de um evento beneficente para um museu. Deixa eu te mostrar o quarto de hóspedes... Acabei de trocar os lençóis para você e... espera, antes de mais nada... VINHO. Branco ou tinto? Ou uísque? Felix acabou de trazer uma

garrafa especial da Escócia...

E ela me levou ao quarto de hóspedes, onde havia toalhas limpas dobradas em cima da cama.

Fiquei parada ali cheia de admiração, me perguntando como podia ter duvidado do universo.

• • •

Em 2011, eu estava em turnê pela Nova Zelândia, e faltava uma hora para pegar um aviãozinho até Christchurch quando começou o terremoto gigantesco. O meu voo foi cancelado. Todos os voos foram cancelados. O meu show, que estava marcado para aquela noite no centro de Christchurch, também foi cancelado. O lugar não existia mais.

Passei aquele dia inteiro — e a maior parte dos dias seguintes — no Twitter, falando sem parar com os meus fãs da cidade. Todos estavam bem, mas muitos se sentiam apavorados, e todo mundo conhecia alguém que conhecia outro alguém que tinha morrido, pois Christchurch é uma comunidade pequena. Alguns tinham vindo de outros lugares e foram para lá por causa do show, e agora estavam presos sem ter onde ficar. E todo mundo compartilhou as suas histórias e eu as compartilhei para os meus fãs do mundo inteiro. Reforçamos a rede.

Uma das neozelandesas, Diana, tinha sofrido uma perda inacreditável. Toda a sua família — mãe, pai e dois irmãos — morrera no terremoto. Entrei em contato com ela na internet e pedi seu endereço e telefone. Ela estava na casa de uns primos na Austrália transtornada demais para falar, e então eu lhe disse que mantivesse contato, que me ligasse se precisasse de mim, me usasse, usasse a comunidade toda.

Alguns dias depois, fiz um show em Melbourne e mais de mil fãs enfeitaram um cartaz, que eu tinha deixado exposto no saguão, com beijos e mensagens de amor. Mandei para ela pelo correio. Um tempo depois, ela ligou e conversamos cerca de uma hora enquanto eu andava pelo pátio da casa de um amigo em Melbourne.

O que eu podia dizer? Ela havia perdido tudo. A família. A casa. Toda a sua vida. Os primos australianos estavam sendo bondosos, mas ela enfrentava dificuldades para pôr a cabeça no lugar, e lhe fiz perguntas

gentis, consolei, tentei distraí-la e fazê-la dar risada. Falei que ela era amada, que tinha uma família humana inteira ao seu redor que não a deixaria desabar nem se sentir sozinha. Ela parecia estranha, indiferente, distante, confusa, o que não era de se admirar.

Um dia depois, um jornalista amigo me ligou de Auckland. Também era meu fã e tinha feito algumas pesquisas para uma matéria sobre esse fenômeno: a garota, os fãs, eu, a rede. Ele tinha acabado de falar com a Cruz Vermelha de Christchurch, pedindo detalhes sobre a adolescente que perdera os pais e os irmãos.

A garota não existia.

• • •

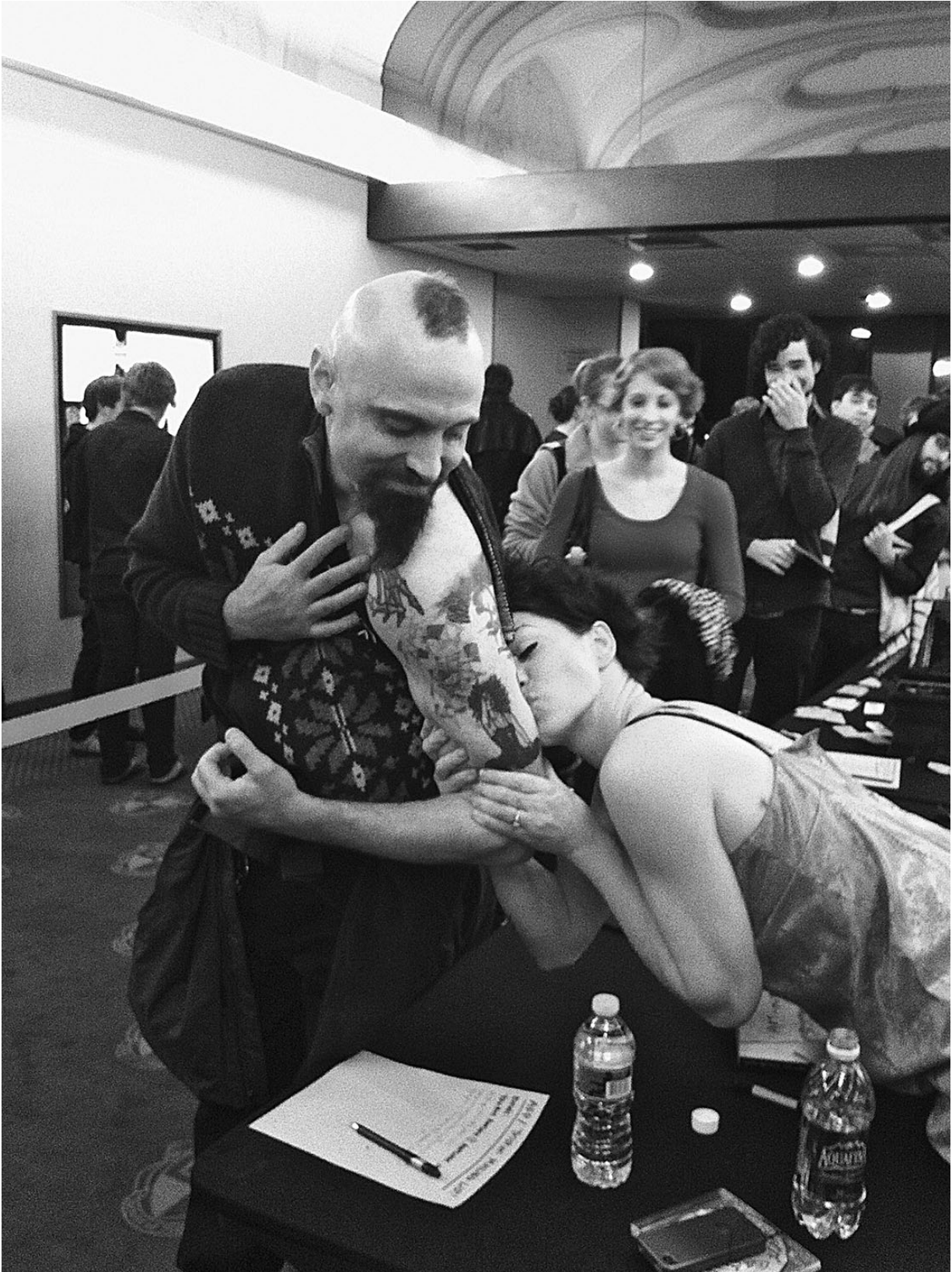
Todo mundo que transformara o saguão em Melbourne num projeto de terapia artística em grupo tinha sido movido por um sentimento real. E foram enganados. Eu fui enganada. Não lhes contei que a tragédia era mentira. (Mas agora vão ficar sabendo, e me pergunto se aquela garota vai ler este livro. Tomara que ela esteja bem.)

O mais triste no caso da Garota do Terremoto era que, de uma maneira ou de outra, de verdade ou não, a história era trágica. Estava na cara que uma pessoa tão infeliz e desajustada a ponto de inventar uma mentira dessas sofria de carência afetiva.

O engraçado é que aquela invenção uniu todos nós. A garota era como um fio rompido na rede, solto e pendurado ali.

Bem tipo arte, pensei, bem tipo peça de ficção.

A história era falsa, mas o impacto foi real.



TROUT HEART REPLICA

They've been circling
They've been circling
Since the day they were born

It's disturbing
How they're circling
Fifty feet from the pond

Pretty often
Pretty often
I don't want to be told

It's a problem
It's a problem
It's a problem I know
And I won't keep what I can't catch
In my bare hands without a net
It's hard enough to walk on grass
So conscious of the consequences

They've been jerking
They've been jerking
In a pail by the dock

I know that oxygen might
Make them blossom and die
But I'm not going to talk

Feed them details
Feed them emails
They'll eventually grow

But it's not working
It's not working
Not as far as I know

And killing things is not so hard
It's hurting that's the hardest part
And when the wizard gets to me
I'm asking for a smaller heart

And I got you
I thought that I got you
Now I'll ruin it all

Feeling helpless
Acting selfish
Being human and all

And they're jumping
And they're jumping
But they'll never get out

Just keep touring
Just keep on ignoring
Be a good little trout

And the butcher stops and winds his watch
And lays their lives down on the block
He raises up his hatchet
And the big hand strikes a compromise

Wait, we'll trade you
Wait

Please just one more day
And then we'll go with
No complaining...
No complaining...
No complaining...
Stop
Come...

And they're cutting
And they're cutting
And I think that I know
And they're gutting
And they're gutting
And I think that I know
And it's beating
Look, it's beating
And I don't want to know
And it's beating
Look, it's still beating
God, I don't want to know

And killing things is not so hard
It's hurting that's the hardest part
And when the wizard gets to me
I'm asking for a smaller heart
And if he tells me no
I'll hold my breath until I hit the floor
Eventually I know I'm doomed
To get what I am asking for

Now my heart is exactly the size
Of a six-sided die cut in half
Made of ruby red stained glass

Can I knock you unconscious as long as I promise
I'll love you and I'll make you laugh?
Now my heart is exactly the size
Of a six-sided die cut in half
Made of ruby red stained glass
Can I knock you unconscious as long as I promise
I'll love you and I'll make you laugh?

Theatre is Evil, 2012

A RÉPLICA DO CORAÇÃO DA TRUTA

Giram em círculo
Giram em círculo
Desde que nasceram

É aflitivo
Como giram em círculo
A quinze metros da água

Muitas vezes
Muitas vezes
Não quero saber

É um problema
É um problema
É um problema eu sei
E não vou ficar com o que não posso apanhar
Com minhas próprias mãos sem uma rede
Já é difícil andar na grama
Tão ciente das consequências

Estão se debatendo
Estão se debatendo
Num balde na doca

Sei que com o oxigênio
Vão estufar e morrer
Mas não vou falar

Dar-lhes detalhes
Mandar-lhes mensagens
Vão acabar crescendo

Mas não está funcionando
Não está funcionando
Não até onde sei

E o difícil não é tanto matar
O mais difícil é machucar
E quando o mágico chega a mim
Peço um coração menor

E te peguei
Achei que te peguei
Agora vou estragar tudo

Me sentindo impotente
Agindo feito egoísta
Sendo humana e tal

E estão saltando
E estão saltando
Mas nunca vão sair

Siga andando
Siga ignorando
Seja uma boa trutinha

E o peixeiro para e dá corda no relógio
E depõe a vida delas no cepo
Ergue o cutelo
E a mãozona vai dar uma solução

Espera, vamos fazer uma troca
Espera

Por favor só mais um dia
E então a gente vai
Sem reclamar...
Sem reclamar...
Sem reclamar...
Pare
Venha...

E estão cortando
E estão cortando
E acho que sei
E estão estripando
E estão estripando
E acho que sei
E está batendo
Olhe, está batendo
E não quero saber
E está batendo
Olha, ainda está batendo
Ah, Deus, não quero saber

E o difícil não é tanto matar
O mais difícil é machucar
E quando o mágico chega a mim
Peço um coração menor
E se ele disser que não
Vou prender o ar até cair no chão
Por fim sei que estou condenada
A receber o que peço

Agora o meu coração tem o tamanho exato
De um dado de seis lados cortado no meio
Feito de cristal vermelho-rubi

Posso te deixar inconsciente desde que prometa
Te amar e te fazer rir?
Agora o meu coração tem o tamanho exato
De um dado de seis lados cortado no meio
Feito de cristal vermelho-rubi
Posso te deixar inconsciente desde que prometa
Te amar e te fazer rir?

Durante a maior parte da história humana, músicos e artistas têm feito *parte* da aldeia, com livre acesso entre si. São curandeiros, ouvintes, iluminadores — em contato com a comunidade, não astros intocáveis na tela e atrás de barricadas. Cresci acreditando que a distância do “verdadeiro” estrelato era glamorosa. Mas, na verdade, sentir amor a distância é uma coisa muito solitária. Talvez ainda pior do que amor nenhum, pois parece muito pouco natural.

A internet mudou as coisas nesse aspecto e, de certa forma, nos fez completar o círculo: estamos outra vez em volta da fogueira, mesmo que às vezes usando smartphones. Os tipos de conexões que estabeleço com as pessoas no Twitter e no meu blog são reais, sinceros e afetuosos. Posso alcançar o coração e a mente das pessoas com segurança, deixar que elas alcancem os meus e — mais importante — oferecer um espaço no qual elas possam alcançar uns aos outros.

• • •

Hoje de manhã, quando me preparava para sentar e escrever este livro, entrei no Twitter e:

- compartilhei um link de uma notícia sobre nove pessoas mortas por um universitário de dezenove anos em Santa Barbara.
- postei um clipe ao vivo de uma das músicas da minha amiga Mali e mandei um apelo ao pessoal da Costa Oeste, para ver se algum fã podia hospedá-la ou ajudá-la a preencher algumas datas da turnê.
- mandei um link antigo do blog para um fã que tinha perguntado sobre umas letras polêmicas que escrevi anos atrás.
- disse a Neil, que estava na Europa para o aniversário da mãe dele, que eu o amo.
- incentivei todo mundo na região de Nova York a ir ver a apresentação do meu amigo Andrew O’Neill, no Brooklyn.
- vi e compartilhei um desenho lindo, feito com caligrafia, de um menino

- no Brasil que se baseava em algumas letras do The Dresden Dolls.
- repostei um link para o texto que Neil escreveu sobre a visita que ele fez na semana anterior a um acampamento de refugiados na Jordânia.
 - compartilhei o link de um vídeo que umas garotas na Tailândia fizeram como trabalho para a escola sobre o meu Kickstarter.
 - pedi uma ajuda literária para conseguir uma boa metáfora de um megafone nos dois sentidos (um monte de gente sugeriu o telefone sem fio, de latinhas e barbante, o que era perfeito). Depois acabei eliminando essa passagem do livro, mas enfim... Usei aqui. Viva!
 - avisei que o produtor do meu último álbum, John Congleton, tinha acabado de entrar no Twitter. Ele tuitou de volta e postou uma foto de peitos.
 - pedi a todo mundo que me desejasse boa sorte para as dez horas que passaria escrevendo. Ksenia, uma autora russa que conheço pelo Twitter, me ofereceu um prato de *borscht* virtual, muito revigorante. É uma brincadeira cotidiana.

e

- disse a duas pessoas que as amo e tuitei um abraço pra cada uma ((((((()))))). Só porque elas pediram.

Tudo isso levou quinze minutos, o tempo para pedir e tomar o meu expresso e comer um croissant no café da esquina. Essa é a minha vida. Essa sou eu.

Tenho mais de um milhão de seguidores no Twitter. Enquanto comia o croissant, conversei em blocos de 140 caracteres em tempo real, e algumas centenas postaram reações às coisas que eu tinha acabado de compartilhar. Li todas as mensagens e abordei publicamente algumas questões — pessoais, emocionais e políticas — com alguns amigos e desconhecidos. Tuitei umas vinte vezes. Voltei ao meu apartamento. Até chegar lá, já tinham chegado mais algumas centenas de tuítes. Dei uma olhada geral enquanto me preparava para escrever e fiquei contente em ver uma onda de mensagens de gente agradecendo por eu ter compartilhado fotos e obras de arte delas, algumas ondas de pompons de torcida desejando boa sorte para o meu dia de trabalho no livro e uma série de outras conexões e

conversas na esteira dos meus quinze minutos de correria pelo Twitter.

Essa é uma manhã normal.

• • •

Fiz uma pergunta aos leitores do meu blog.

O QUE VOCÊ GOSTARIA DE TER PEDIDO?

Houve milhares de respostas, e a imensa maioria eram variações sobre:

Gostaria de ter pedido ajuda.

Uma garota escreveu:

Nasci com cegueira parcial numa família do interior que não sabia lidar com deficiências, mas que não ia me deixar de lado. Fui criada com a melhor das intenções, mas acabei crescendo como um misto de preciosa boneca de porcelana de exposição e um cachorro bravo que ficou selvagem. Estou com 24 anos e passei todo o final da adolescência e o começo da idade adulta reaprendendo sozinha coisas simples do dia a dia (usar fogão, limpar banheiro)... Eu gostaria de ter pedido independência.

Ela gostaria de ter pedido aos outros que a ajudassem *não* ajudando.

É a mesma coisa, não é?

Certa noite, a minha irmã mais velha, Alyson, e eu estávamos tomando vinho e comparando as nossas impressões, bem na época em que me debatia num frenesi por causa de grana e casamento. Ela é cientista, e nunca fui muito capaz de entender bem o que ela faz. Coisas com genética, sequenciamento de genes, descoberta de tratamentos de formas raras de câncer e outros troços simples como esses. Ela usa peixes em suas experiências, e costumo perder o fio da meada logo no começo das suas explicações. Não consigo parar de pensar nos peixes.

Ela e o seu novo marido, como Neil e eu, mantinham as suas finanças mais ou menos separadas desde que começaram a sair. Mas, tal como aconteceu comigo e com Neil, algumas coisas tinham se misturaram; ela deixou o seu apartamento e se mudou para o dele. Alyson tinha seu cargo importante na universidade, ele tinha o seu trabalho de *freelancer* em tecnologia, e a vida ia bem — mas ela estava para prestar concurso para professora titular. Ela não tinha certeza se ia passar, e o marido se prontificou a sustentá-la a fim de que pudesse ter tempo para procurar um

novo emprego, voltar a estudar ou até passar uns meses em comunhão com a natureza para se encontrar. Minha irmã não conseguia suportar sequer pensar nisso, a vergonha da situação. Em vinte anos, ela havia tirado apenas alguns dias de férias.

Todos os meus amigos me acham doida, disse ela.

Todos os MEUS amigos ME acham doida! Que merda aconteceu com a gente?, perguntei. *Por que somos tão esquisitas?*

Não sei, respondeu ela. *A nossa mãe autossuficiente, que sustentava a casa? A nossa criação conservadora típica? Resquícios dos puritanos que queimavam bruxas? A sociedade como um todo?*

Boto a culpa na sociedade, falei.

Bom, não somos as únicas, observou Alyson. *Tenho umas amigas com o mesmo problema. Ganham um dinheirão, porém menos que os maridos, e não suportam se sentir inadequadas. Não acho que a gente seja doida.*

Pensei nos homens na minha vida, os que me deixaram entrar na mente e no coração deles. Em geral, eles não tinham muita dificuldade em certos departamentos do pedir, mas, quando se tratava das suas necessidades emocionais, isso virava um problema. Sabiam pedir aumento, mas não conseguiam pedir um abraço.

Pensei em Anthony. Era terapeuta profissional, ouvia as pessoas, indagava sobre os seus problemas e temores mais profundos a semana toda, mas até *ele* travava quando as coisas ficavam complicadas. Ele gosta de estar no controle, de ter respostas, de ajudar e reparar as pessoas. No entanto, tem uma tremenda dificuldade em deixar que os outros *o* ajudem. Às vezes, quando fica deprimido, ele se fecha e não gosta de conversar. Quando isso acontece, imagino que é hora de me aproximar, fazer-lhe perguntas, ajudá-lo, falar sobre os problemas. Mas ele trava, se fecha e não gosta de falar com ninguém sobre suas questões. Anthony diz que isso se chama Entrar Na Caixa.

Quando pedimos alguma coisa, quase sempre estamos pedindo alguma forma de ajuda: ajuda financeira, permissão, aceitação, apoio, ajuda afetiva.

Brené Brown, nas suas pesquisas, descobriu que as mulheres têm a tendência de sentir vergonha à ideia de não serem “nunca suficientes”: em casa, no trabalho, na cama. Nunca bonitas o suficiente, nunca inteligentes o suficiente, nunca magras o suficiente, nunca boas o suficiente. Os homens

tendem a sentir vergonha pelo medo de serem “vistos como fracos” ou, em termos mais acadêmicos, *medo de serem chamados de fracotes*.

Os dois gêneros ficam presos na mesma caixa, por razões diferentes.

Se peço ajuda, *não sou suficiente*.

Se peço ajuda, *sou fraco*.

Não admira que tanta gente nem queira pedir.

Dói demais.

• • •

Às vezes parecia que Neil tinha vindo de outro planeta, onde as pessoas nunca pediam nem compartilhavam nada emocional sem antes apresentar um monte de desculpas e justificativas. Ele me garantiu que isso simplesmente se devia ao fato de ele ser britânico. E que nós, americanos, com todo o nosso compartilhamento exagerado e barulhento, a nossa necessidade de abraçar todo mundo e confessar os piores traumas de infância a pessoas que acabamos de conhecer, é que parecemos uns alienígenas.

Quando começou a confiar em mim, ele me disse que por muito tempo acreditou sinceramente que as pessoas não se apaixonavam de verdade. Que só fingiam.

Mas isso é impossível, argumentei. Você é um escritor profissional, viu milhares de filmes, leu milhares de livros e memórias e conhece gente de verdade autenticamente apaixonada. E John e Judith? Peter e Clare? Você achou que estavam mentindo? E escreveu cenas, contos, livros inteiros com pessoas profundamente apaixonadas. Quer dizer... não acredito. Como você poderia escrever sobre o amor se nem acreditava que ele existia?

Justamente, meu bem, respondeu ele. Escritores inventam.

• • •

Quando eu estava trabalhando na primeira versão deste livro (o que fiz ao longo de alguns milhares de xícaras de café em várias cafeterias em Melbourne), tomei um café com Samantha Buckingham, uma compositora, cantora e guitarrista indie australiana, e nesse período a interroguei sobre o seu processo e a sua relação com os fãs.

Sam é um exemplo típico de muitos músicos indie que ralam muito. Não tem gravadora, faz vaquinha e lança as suas músicas diretamente na internet, toca em festas particulares na sala da casa dos fãs. Estávamos comparando as nossas impressões sobre os prós e contras do Patreon.com, um novo serviço de assinatura que Sam tinha começado a usar, que permite aos fãs fazer um depósito automático na conta de um músico sempre que este lançar uma canção, mais ou menos como uma espécie de clube do livro para artistas que produzem novos conteúdos, e assim os artistas podem contar com uma renda relativamente constante, em vez de ficar rezando para o Kickstarter receber contribuições a cada vez que tiverem algo novo para lançar. (Na época em que eu estava escrevendo este livro, ela tinha 44 assinantes — incluindo dezenove que contribuía com 1 dólar e um que colaborava com 50 dólares — e recebia cerca de 200 dólares cada vez que lançava uma música. Os assinantes podem escolher quanto vão pagar por cada música e estabelecer um limite para o depósito mensal, de modo que ela não lance mil músicas de uma vez só e fuja para o México. Mas, sendo australiana, parece meio esquisito fugir para o México, então acho que fugiria para, tipo, a Papua Nova Guiné.)

Mas Sam estava mesmo para ir até a Ásia com o namorado e se sentia preocupada com o que seus apoiadores iam pensar se ela lançasse algumas músicas novas pelo Patreon enquanto estava “de férias”. Tinha medo de parecer uma aproveitadora se postasse fotos suas tomando um mai tai.

O que interessa onde você está ou se está tomando um café, um mai tai ou uma garrafa d'água?, perguntei. Eles não estão pagando pelas suas músicas para que você possa... viver? Viver não inclui andar por aí e reunir emoções e tomar um mai tai — e não só ficar sentada num quarto compondo sem nunca sair de casa?

Comentei com Sam sobre outra compositora amiga minha, Kim Boekbinder, que mantém um site de apoio direto por onde os fãs lhe fazem pagamentos mensais, que variam de 5 a 1.000 dólares. Ela também tem uma lista de desejos on-line de roupas e apetrechos musicais, como uma lista de casamento, para a qual os fãs podem contribuir a qualquer hora. Alguns dias antes, Kim havia me dito que não se importa em cobrar dos apoiadores “o tempo de ficar olhando a parede”, como diz ela, que considera essencial para poder escrever um novo lote de músicas. Os fãs não reclamam; confiam no processo de criação dela.

Essas são formas novas de patronagem, e meio confusas; os artistas e os patronos vão criando as regras à medida que o barco avança. Mas, quer esses artistas usem *crowdfunding* (“me adiantem um tanto para eu poder Fazer Uma Coisa!”), serviços de assinaturas (“me paguem um tanto por mês para eu poder Fazer Coisas!”) ou serviços de pagamento por unidade de conteúdo (“me paguem um tanto cada vez que Faço Uma Coisa!”), o tijolinho essencial de todas essas relações consiste de um elemento só, muito simples: confiança.

Se você, artista, pede o apoio da base de fãs, suas escolhas não devem fazer diferença desde que você cumpra sua parte do acordo. Pode gastar o dinheiro em palhetas de guitarra, mai tais, leite em pó, matrícula da universidade, gasolina do carro ou café para varar a noite escrevendo. Desde que a arte esteja saindo no final e contentando os patronos, o dinheiro de que você precisa para viver — e “precisa para viver” é meio difícil de definir — praticamente não se distingue do dinheiro de que você precisa para fazer arte.

Como eu, como Sam e milhares de artistas da nova geração da internet, Kim mantém uma comunicação diária com os fãs. O acordo atual com seus duzentos apoiadores funciona porque ela compartilha seu processo de criação musical, bem como os dias ruins e as dores de cabeça. Os fãs confiam nas decisões dela. Quando Kim posta uma foto num vestido *vintage* recém-comprado, ninguém dá bronca por ela estar gastando com coisas que não sejam pedais eletrônicos. O dinheiro dos fãs não é uma “mesada”, condicionada a critérios rígidos e intrometidos. É uma dádiva, em forma de dinheiro, em troca da dádiva dela, em forma de música.

Os valores relativos são meio bagunçados, mas, se aceitarmos a bagunça, fica tudo bem. Se Beck precisa usar óleo de trufas para umedecer as cutículas, a fim de tocar as faixas de seu álbum financiado por *crowdfunding*, pouco me importa que o dinheiro que adiantei a ele não seja destinado a um par de toca-discos *ou* um microfone. Desde que a arte seja criada, que eu tenha o álbum e que Beck não morra durante o processo.

Mas isso não significa que os observadores algum dia vão desistir de criticar os artistas e seus processos. Assim como Henry David Thoreau continua a ser tachado de pseudo.

Thoreau descreveu detalhadamente por que decidiu se afastar da

sociedade e ir morar por conta própria numa cabaninha de catorze metros quadrados, que ele mesmo construiu, perto de um lago. Mas não contou em *Walden* que foi o vizinho rico que lhe cedeu a área para construir a cabana, que ele jantava direto na casa do amigo Ralph Waldo Emerson e que todos os domingos a mãe e a irmã lhe levavam uma cesta fresquinha de pães e bolos, inclusive *rosquinhas*.⁶

A imagem de Thoreau contemplando, pensativo, as águas do transcendental lago Walden, com um azulão pousado no sapato sem cadarço, enquanto *comia rosquinhas trazidas pela mãe*, simplesmente não casa com a ideia que muita gente tem dele como um nobre herói popular autônomo que vive da natureza e mora no mato. No livro *An Underground Education*, Richard Zacks diz: *É bom saber que o Garoto da Natureza ia para casa nos fins de semana para atacar o pote de biscoitos da família.*

Thoreau também morou em Walden por dois ou três anos, mas no livro ele condensou o período em um ano, as quatro estações, para que o texto fluísse bem, funcionasse como uma obra de arte e refletisse melhor sua experiência emocional.

Contei essa história a Sam enquanto tomávamos nosso café.

Coitado do Thoreau, disse ela, balançando a cabeça. *A rosquinha super é um mai tai.*

• • •

Para muita gente, é difícil aceitar as rosquinhas.

Não é tanto o ato de aceitar que é difícil, mas sim o medo do que os outros vão *pensar* quando virem a gente queimando os miolos no nosso manuscrito sobre a pura transcendência da natureza e a importância da autonomia e da simplicidade. Enquanto mastigamos a rosquinha que outra pessoa fez.

Talvez seja aquela mesma velha questão: a gente simplesmente não consegue enxergar o que fazemos como algo de importância suficiente para merecer ajuda e amor. Tente imaginar-se indignado com Einstein ao vê-lo devorar uma rosquinha que o assistente lhe trouxe, enquanto *ele* está ali batalhando com a teoria da relatividade. Tente imaginar-se indignado com Florence Nightingale quando ele come uma rosquinha durante uma pausa

entre um doente e outro. É difícil.

• • •

Então, um apelo.

Aos artistas, criadores, cientistas, integrantes de ONGs, bibliotecários, pensadores excêntricos, empreendedores e inventores, a todo mundo em todas as partes que tem medo de aceitar ajuda, em qualquer forma que apareça:

Por favor, aceitem as rosquinhas.

Ao cara da minha banda de abertura que sentia vergonha demais de ir até o público e aceitar grana para a banda:

Aceite as rosquinhas.

À garota que passou seus vinte e poucos anos como artista de rua e stripper com menos de 700 dólares por mês, que depois se casou com um autor de sucesso que sem dúvida ela ama de todo o coração, mas que nem mesmo esse amor imenso consegue romper sua obstinação em não aceitar a ajuda financeira dele, por favor...

Todo mundo.

Por favor.

Aceitem as malditas rosquinhas.

• • •

Você nunca consegue dar às pessoas o que elas querem, disse Anthony.

Como assim?

Estávamos estendidos na margem do lago Walden, em Concord, duas cidades depois de Lexington, onde tínhamos criado o ritual de percorrer a borda da água e depois descansar sob as árvores, para um piquenique e um bom e longo grok.

As pessoas sempre querem alguma coisa de você, disse ele. Seu tempo. Seu amor. Seu dinheiro. Que você concorde com elas, com as posições políticas e pontos de vista delas. E você nunca consegue dar o que querem. Mas você...

Que visão de mundo mais desolada.

Deixe-me terminar, palhaça. Você nunca consegue dar às pessoas o que elas querem. Mas pode lhes dar outra coisa. Pode lhes dar empatia. Pode lhes dar

compreensão. E isso é muito, e suficiente.

• • •

Enquanto Sam e eu estávamos no café, refletindo sobre os dilemas das rosquinhas e mai tais de todos os artistas, Xanthea, que era quem havia nos apresentado, veio se juntar a nós. Xanthea e eu tínhamos nos conhecido alguns meses antes, numa festa maravilhosa do Kickstarter que ela havia organizado no quintal da casa dos pais em Perth.

Xanthea tinha 22 anos, trabalhava numa livraria, não queria terminar a faculdade, organizava shows de indie rock em lavanderias automáticas, compunha músicas para vários instrumentos e fazia bico como estátua viva, toda de branco, com um vestido de verão de estilo antigo, estendendo flores. Eu tinha ido vê-la alguns dias antes, atuando na rua Flinders, e observei de longe enquanto ela era ignorada, amada, ignorada, amada. Quando por fim contribuí no seu chapéu, trocamos um olhar de cumplicidade — a sociedade secreta das estátuas. Tive orgulho dela. Na festa, havíamos trocado histórias sobre as durezas da vida de estátua, e ela me contou que foi importunada por uns bêbados pervertidos e que certa vez uma garota lhe enfiou com toda a força uma flauta entre as costelas. Mas ela resistiu. Ela é uma das minhas.

Xanthea se sentou ao lado de Sam e pediu um café, e explicamos o caso de Thoreau e todo o alarde por causa das rosquinhas. Ela disse que entendia muito bem a questão. Estava começando a fazer algumas pequenas apresentações e não sabia como lidar com o lado empresarial.

Estão me oferecendo um monte de apresentações em Perth, estão me oferecendo DINHEIRO de verdade para tocar minhas músicas idiotas, não MUITO, mas não acho que eu devia receber... ainda não. Acho que não estou pronta. E fica menos justo porque ainda não sou, sei lá, uma BANDA. Sou só uma pessoa.

Entendi o que Xanthea estava falando sobre a Coisa da Banda. Aceitar dinheiro em nome de um grupo, de uma banda, de um conjunto — alguma entidade maior do que você mesma — é muito diferente de aceitar dinheiro em SEU próprio nome.

Quando passei dos meus shows solo bastante esporádicos para as apresentações do Dresden Dolls com Brian, senti uma diferença enorme

entre pedir às pessoas que ouvissem a MIM e MINHAS músicas e ajudassem a MIM, a MIM, a MIM, e pedir que ajudassem nossa BANDA. Era muito diferente estender uma fita a alguém com a capa dizendo *AMANDA PALMER*, em vez de dizer: *Estou numa banda, aqui está nosso CD.*

Uma das coisas parecia egoísta; a outra, legítima.

Logo antes de conhecer Brian, comecei a pôr “Amanda Palmer and The Void” [Amanda Palmer e o Vazio] nos folhetos das minhas apresentações. Imaginei que ninguém fosse contestar aquilo em bases técnicas. Eu tinha uma banda de praticamente ninguém. (Não fui a única a fazer isso. Vejam-se Marina and the Diamonds, Tracy and the Plastics.)

Depois vim a descobrir que essa experiência foi objeto de estudos, e é um problema especificamente feminino, o que não é de se admirar.

Em 2010, Emily Amanatullah, estudante de pós-graduação em administração, fez uma simulação em que homens e mulheres tinham que negociar os salários iniciais em circunstâncias diversas.

Quando as mulheres negociavam para si mesmas, pediam em média 7 mil dólares menos ao ano do que os homens. Mas, quando negociavam para algum amigo ou amiga, pediam o mesmo tanto que os homens. Amanatullah descobriu que as mulheres estavam empenhadas em “administrar a própria reputação”, preocupadas que uma pretensão salarial mais alta iria “prejudicar sua imagem”. E outra pesquisa mostra que esse é um medo justificado, pois gerentes de ambos os sexos têm menos propensão a querer trabalhar com mulheres que negociam durante a entrevista de emprego.

Por outro lado, quando tinham que negociar em nome de terceiros, elas apresentavam contrapropostas muito mais altas. Conclusão? As mulheres eram, de fato, negociadoras excelentes. Não se sentiam à vontade em usar seus talentos de negociação *para si mesmas*, mas não tinham nenhum problema em pedir *em nome de terceiros*.

E outra coisa, disse Xanthea, suspirando. *Tenho amigos que abrem shows um zilhão de vezes mais do que eu, que levam a coisa mais a sério e se apresentam todo fim de semana. Tá bom, eu entendo. Mas não parece justo.*

Como assim, não parece justo?, perguntei. *Eles estão se oferecendo pra pagar porque gostam de você... e da sua música. Certo?*

Bom, quer dizer... tipo, existe uma ORDEM das coisas — uma progressão,

disse ela num tom infeliz, com um olhar de culpa para mim e depois para Sam. *E não me sinto autorizada, entende, a receber.*

Nós duas só olhamos para ela e dissemos em coro:

Xanthea. ACEITE AS ROSQUINHAS.

• • •

No começo, A Patrulha da Fraude parecia acompanhar cada passo da minha carreira. Apesar de boas matérias em revistas maiores, de aparecer na rádio e na televisão, de tocar em lugares maiores, a fama que crescia e todos os olhos em cima de mim só aumentavam minha insegurança, como se eu estivesse enganando ainda mais todo mundo. Num dia ruim, o sucesso nada tinha de reconfortante. Pelo contrário, somava-se ao meu medo de não ser real.

O volume daquelas vozes dentro da cabeça trombeteando *você é uma fraude total* não diminuía com os elogios de outros artistas, nem com os cumprimentos dos meus mentores, nem quando meus pais pararam de me perguntar o que eu *realmente* ia fazer na vida (certamente porque tive pela primeira vez um show anunciado na *New Yorker*, um órgão de imprensa que eles de fato CONHECIAM).

O que afinal começou a aquietar as vozes e a deixar de lado o entranhadíssimo trabalho de massacre psíquico da Patrulha da Fraude foi apenas isto: depois de centenas de sessões de autógrafos, depois de falar com milhares de fãs, comecei a acreditar que o que eu fazia era tão útil quanto o que eles faziam.

As pessoas falavam diretamente comigo. Na fila de autógrafos. Pelo Twitter. Uma advogada adorava ouvir minha música no longo percurso até o trabalho. Um ecologista falou que meu primeiro álbum o ajudou nas provas finais. Um médico jovem teve um surto psicótico durante o curso de medicina e disse que o fato de ouvir sem parar minha música “Half Jack” no hospital o ajudou a superar a crise. Um professor tinha conhecido a esposa anos antes num show do The Dresden Dolls, e agora ela estava em coma por causa de um acidente de carro; ele me enviou um colar dela como lembrança.

Eram pessoas “reais” com empregos “de verdade”, fazendo a sociedade

funcionar. E eram muitas.

Eu ouvia todas essas histórias, e uma por uma, dez, cem, mil histórias depois... eu tinha que acreditar. Eu abraçava essas pessoas e sentia todo o sincronismo da vida, da morte e da música nos envolvendo.

E aí um dia virei e pronto, a coisa aconteceu sem nem me dar conta.

Eu acreditava que era real.

• • •

Tinha acabado de dar um show em Perth e estava indo para a casa de um fã, para passar a noite lá com a equipe australiana, quando Neil me ligou de Nova York.

Ele disse: *Meu pai acabou de morrer.*

O quê?

Ele morreu. Meu pai acabou de morrer. Estava numa reunião de negócios, deu alguma coisa no coração e ele caiu e morreu.

Ah, meu deus, Neil.

O que eu podia fazer? Fisicamente, estávamos separados por meio mundo. Namorávamos fazia uns três meses, tempo suficiente para eu ter começado a me apaixonar.

Quer que eu vá já para aí? Pego o primeiro voo, falei. Pego um avião e vou ficar com você.

Não, meu bem. Ele parecia um zumbi. Fique por aí. Termine sua turnê. Vá para a Tasmânia.

Não. Vou até aí. Mesmo. Quero ir.

Não, não venha. Estou pedindo que você não venha. Fique por aí. Vá alegrar o povo da Tasmânia.

Fiquei me sentindo na maior impotência. Ele estava em Nova York, literalmente começando uma sessão de autógrafos de um novo livro infantil. Era meia-noite na Austrália e onze da manhã em Nova York.

Conversei mais um tempo com ele, e depois desliguei, me sentindo inútil.

Naquela noite, me ofereceram o quarto principal da casa — eu estava desorientada e dormi com o celular na mão. Neil tinha uma conexão profunda com os fãs, assim como eu. Eu o imaginava na livraria, imaginava

as primeiras pessoas se aproximando com o livro na mão e ele se deixando absorver pelas histórias, pelos rostos, pelos detalhes.

Imaginei Neil assinando cada livro muito devagar, concentrado no que fazia, pensando de vez em quando, no momento em que a tinta encostava a página e ele se perdia numa fração de segundo: *Meu pai morreu*. Na manhã seguinte, liguei na hora em que acordei, mas caiu na caixa postal.

Liguei para Cat, uma velha amiga de Neil, que estava ajudando na sessão de autógrafos.

Como ele está?, perguntei. *Como foi a sessão? Ele está bem?*

Você não vai acreditar... ele ainda está assinando.

Estava dando autógrafos fazia sete horas, para 1.500 pessoas.

Eu não sabia o que fazer. Escrever um longo e-mail emotivo? Mandar flores? As duas ideias pareciam ridículas.

Então liguei para minha assistente na época — a maravilhosa, a prestimosa Beth, que também estava em Nova York —, contei sobre a morte do pai de Neil e lhe dei algumas instruções. Ela saiu correndo pela cidade para cumprir várias tarefas e chegou bem no momento em que Neil estava escrevendo a última dedicatória no último livro da última pessoa na fila, depois de oito horas ininterruptas de autógrafos.

Ela pôs um tomate, uma agenda e uma banana na mesa na frente dele.

Da Amanda, falou ela.

Cat, que estava ali ao lado, me mandou uma mensagem de texto:

Você conseguiu. Não sei COMO, mas conseguiu.

Ele acaba de dar o primeiro sorriso.

⁶ Fiquei sabendo disso ao ouvir uma palestra maravilhosa de Maciej Cegłowski, o fantástico criador do Pinboard, site “de marcação social de favoritos”, no XOXO Festival de 2013.



AMPERSAND

I walk down my street at night
The city lights are cold and violent
I am comforted by the approaching sound of trucks and sirens
Even though the world's so bad
These men rush out to help the dying
And though I am no use to them
I do my part by simply smiling

The ghetto boys are catcalling me
As I pull my keys from my pocket
I wonder if this method of courtship
Has ever been effective
Has any girl in history said
"Sure! You seem so nice! Let's get it on!"
Still, I always shock them when I answer
"Hi, my name's Amanda"

And I'm not gonna live my life on one side of an ampersand
And even if I went with you, I'm not the girl you think I am
And I'm not gonna match you
Cause I'll lose my voice completely
No, I'm not gonna watch you
Cause I'm not the one that's crazy...

I have wasted years of my life
Agonizing about the fires
I started when I thought that to be strong you must be flame-
retardant
And now to dress the wounds goes into question
How authentic they are
There is always someone criticizing me
She just likes playing hospital

Lying in my bed
I remember what you said
There's no such thing as accidents

But you've got the headstones all ready
All carved up and pretty
Your sick satisfaction

Those his and hers matching
The daisies all push up in pairs to the horizon
Your eyes full of ketchup
(It's nice that you're trying)

But I'm not gonna live my life on one side of an ampersand
And even if I went with you, I'm not the girl you think I am
And I'm not gonna match you
Cause I'll lose my voice completely
No, I'm not gonna watch you
Cause I'm not the one that's crazy
I'm not the one that's crazy, yeah...

As I wake up – two o'clock
The fire burned the block
But ironically stopped at my apartment
And my housemates are all sleeping soundly
And nobody deserves to die
But you were awful adamant
That if I didn't love you
Then you have just one alternative...

And I may be romantic
And I may risk my life for it
But I ain't gonna die for you
(You know I ain't no Juliet)
And I'm not gonna watch you while you burn yourself out,
baby...
No, I'm not gonna stop you
Cause I'm not the one that's crazy, yeah
I'm not the one that's crazy, yeah
I'M NOT THE ONE'S THAT'S CRAZY

Who Killed Amanda Palmer, 2008

AMPERSAND

Ando pela minha rua à noite
As luzes da cidade, frias e fortes
Caminhões e sirenes, o som se aproxima e me conforta
Mesmo num mundo tão cruel
Esses homens correm pra ajudar quem está morrendo
E mesmo que eu não sirva de nada pra eles
Faço minha parte simplesmente sorrindo

Os garotos do gueto assobiam pra mim
Enquanto tiro as chaves do bolso
Me pergunto se esse método de paquera
Algum dia já deu certo
Será que alguma vez na história uma garota disse
"Claro! Você parece tão legal! Vamos nessa!"
Mesmo assim sempre se espantam quando respondo
"Oi, sou Amanda"

E não vou viver a vida ao lado de um ampersand
E mesmo que eu fosse com você, não sou quem você pensa
E não vou me juntar com você
Pois senão perco toda a minha voz
Não, não vou olhar por você
Pois não sou eu a doida...

Perdi anos da minha vida
Me agoniando com os incêndios
Que comecei quando achava que pra ser forte tinha que
resistir às chamas
E agora ao tratar as feridas a questão é
Se elas são mesmo de verdade
Sempre tem alguém me criticando
Ela gosta de brincar de hospital

Deitada na cama
Lembro o que você disse
Acidentes não existem

Mas você tem as lápides todas prontas
Todas entalhadas e bonitas
E sua satisfação doentia

A dele e a dela combinam
As margaridas todas crescem aos pares até o horizonte
Seus olhos cheios de catchup
(Legal que você esteja tentando)

Mas não vou viver a vida ao lado de um ampersand
E mesmo que eu fosse com você, não sou quem você pensa
E não vou me juntar com você
Pois senão perco toda a minha voz
Não, não vou olhar por você
Pois não sou eu a doida...
Pois não sou eu a doida, não...

Quando acordo às duas
O fogo incendiou as ruas
Mas por ironia parou no meu prédio
E todos os colegas de casa ainda dormem pesado
E ninguém merece morrer
Mas você foi muito inflexível
Que se eu não te amasse
Você não teria outra alternativa...

E posso ser romântica
E posso arriscar a vida por isso
Mas não vou morrer por você
(Você sabe que não sou nenhuma Julieta)
E não vou olhar por você enquanto você queima sozinho, baby
Não, não vou te impedir
Pois não sou eu a doida, não
Não sou eu a doida, não
NÃO SOU EU A DOIDA

Estávamos juntos fazia um ano, e Neil começou a me pedir em casamento.

A ideia de me casar com Neil me apavorava.

Ele pedia e pedia. Acordávamos de manhã, e ele pedia. Íamos deitar à noite, e ele pedia. Íamos desligar o telefone depois de uma longa conversa, e ele pedia. Tinha até virado brincadeira, mas também era a sério.

Eu me sentia tensa por dentro, a vontade desesperada de continuar independente e a ironia da coisa toda: a garota que passou cinco anos em cima da caixa, se apaixonando e se fundindo com milhões de desconhecidos, resistia solidamente a uma fusão humana de fato. E a feminista dentro de mim também revirava os olhos. *Só namorem, peloamordedeus. Ou vão morar juntos. Estamos nos anos 1950, afinal?*

Mas Neil queria casar. Havia um lado prático (ele estava namorando uma roqueira dezesseis anos mais nova, e me apresentar como “esposa” em vez de “namorada” significava — por incômodo que fosse — que as pessoas me levariam a sério). E como nós dois estávamos sempre viajando, não tínhamos a alternativa intermediária de morar juntos.

Fora as razões práticas, ele simplesmente queria casar. Dizia que eu o fazia se sentir seguro.

Eu não me importava muito em ser levada a sério. Mas achei que podíamos chegar a um acordo.

Fiz uma bateria de perguntas.

Quero morar e trabalhar sozinha. Se a gente se casar, vou ter que morar com você?

Não, respondeu ele. Casa comigo?

Vou ter que me comportar como esposa? Não quero ser esposa.

Não, não precisa ser esposa, respondeu ele. Casa comigo?

Se a gente se casar, vamos poder dormir com outras pessoas?

Vamos, respondeu ele. Casa comigo?

Vou poder manter controle total da minha vida? Preciso ter controle total da minha vida.

Vai, meu bem. Não estou tentando te controlar. De jeito nenhum. Casa comigo?

*Provavelmente não vou querer ter filhos.
Tudo bem. Já tenho três. São ótimos. Casa comigo?
Se a gente se casar e não der certo, a gente pode se divorciar?
Claro,* respondeu ele todo alegre.

• • •

Ainda não cheguei a pedir absorvente pela internet, mas já pedi praticamente todo o resto.

O Twitter é a ferramenta suprema do *crowdsourcing* para o músico itinerante; é como ter no bolso um canivete suíço feito de um milhão de pessoas.

Quando eu tinha apenas alguns milhares de seguidores, podia perguntar ou *pedir* qualquer coisa em 140 caracteres. As respostas vinham aos montes. Eu respondia. Agradecia pública e enfaticamente. Acenar minha gratidão como uma bandeira faz parte do que mantém o dom em movimento.

Compartilhar o poder de difusão é parte da diversão e também do que faz a coisa funcionar. Quando uma pessoa — qualquer um — me tuíta perguntando se posso divulgar que ela está precisando de um lugar para dormir, divulgo e me sinto uma telefonista operando um painel mágico. Fico olhando os fãs surfando nas ondas que criamos coletivamente. Fico olhando quando saltam, caem, confiam, seguram uns aos outros. Fico olhando a história se desenrolar. Bato palmas.

Uma lista de coisas que pedi no Twitter:

Conselho. Estava numa turnê australiana, numa cidadezinha do litoral, e vi uma mancha vermelha crescendo na coxa e imaginei que era uma picada de inseto que tinha infeccionado. Tirei uma foto e postei a imagem, e várias pessoas, inclusive um técnico de enfermagem do Canadá, me avisaram que parecia mais uma infecção de estafilococos do que uma picada de inseto. Fui a um médico. Tinham razão. Uma infecção de estafilococos, se não for tratada, pode levar à amputação do membro e à morte.

Letras de músicas. Peço coisas como: Palavra de 3 sílabas p/ algo impróprio q vc não pode levar pro trabalho? Tônica na 1a sílaba. Por favor, o mais criativo e surreal que der. (Eu precisava só de duas coisas para a letra, mas vieram

tantas respostas tão boas que mudei a natureza da música inteira, “The Ukulele Anthem”, para encaixar 23 delas.)

Pianos em qualquer lugar. Pratiquei e compus músicas nas casas e apartamentos de um monte de gente, e peguei emprestado pelo menos cinquenta teclados digitais para ensaios e sessões ninja. (Também consegui com o povo pela internet: guitarras, baixos, violinos, pedais wah-wah.)

Caronas até o aeroporto. (Chamo de “tuitcarona”.)

Um lavador nasal. Perguntei onde podia comprar um em Melbourne, e uma enfermeira que trabalhava num hospital da cidade pegou um do estoque e foi até o café de onde eu estava tuitando. Paguei-lhe um suco e tivemos uma conversa maravilhosa sobre enfermagem, resfriados e morte.

Uma vez eu pedi ao povo um vestido de noiva para um clipe improvisado que rodei durante uma turnê no Texas. A minha ideia era entrar no mar usando um, e tuitei para ver se alguém conhecia um bom brechó onde eu pudesse comprar. Mas uma mulher que tinha acabado de se divorciar se ofereceu para pegar três horas de estrada e me trazer o vestido do próprio casamento. Convidei-a para a filmagem e fui no carro com ela até Galveston, em vez de ir com os meus amigos do clipe. No caminho resolvemos procurar um véu. O único que conseguimos foi numa lojinha de estrada que vendia artigos para festas de despedida de solteira. O véu era coberto de pequenos pênis de plástico colados. Tirei todos eles.⁷ Indo para a praia, a minha nova amiga falou do divórcio (resumindo a história: *o cara era um babaca*). Ela ficou assistindo à filmagem do clipe no píer da praia, e senti os seus olhos em mim enquanto eu entrava nas ondas com o seu vestido flutuante, que se cobriu de areia e espuma do mar.

Foi uma coisa superlibertadora, disse ela depois da filmagem e quando estávamos torcendo o vestido no estacionamento. Obrigada.

Não, eu é que TE agradeço pelo vestido. Ficou perfeito. Acho que devíamos encontrar um saco plástico para ele... está bem melecado. O que você vai fazer com ele?

Estava pensando nisso, respondeu ela. Acho que vou tingir de azul e cortar a cauda. Reciclar e transformar em alguma coisa para dançar.

PERFEITO!, falei.

• • •

Eu ainda estava tentando decidir se me casar com Neil Gaiman O Escritor seria uma boa ideia.

Estava apaixonada por ele, e isso era bem claro para todos ao meu redor, mesmo que nem sempre estivesse claro para mim. Eu continuava apresentando razões por que Não Era Uma Boa Ideia. Levávamos vidas diferentes demais. Aos poucos eu ia deixá-lo maluco. Ele era velho demais. A lista prosseguia.

Luke era um músico que eu tinha conhecido no Fringe Festival de Edimburgo dois anos antes. Ficamos amigos rápido, uma amizade só um pouquinho inusitada porque na noite em que nos conhecemos eu o convenci a me beijar (e, de maneira um tanto confusa, consegui), sem saber que ele era inapelavelmente 100% gay. Ainda hoje Luke diz que sou a única mulher com quem ele ficou. Tenho orgulho disso.

Faz quanto tempo que você e Todd estão juntos?, perguntei. Estávamos tomando um café da manhã tardio em Sydney, onde por acaso nós dois estávamos em turnê ao mesmo tempo. Eu fazia um interrogatório cerrado sobre o relacionamento duradouro dele, na esperança de conseguir mais clareza para mim mesma.

Uns cinco anos, mais ou menos.

E quantos anos a mais ele tem?

Uns dez.

Qual é a diferença de renda de vocês?, perguntei. *Se você não se importar em dizer.*

Não é gigantesca... mas varia. Combinamos de dividir algumas coisas e recorrer um ao outro quando precisarmos. Passei quase um semestre sem trabalhar no ano passado, quando Todd fez aquele show enorme em Las Vegas e fui com ele. Não é fácil, mas a gente conseguiu um equilíbrio.

Não te incomoda, continuei, que ele possa, sei lá, estar sempre na frente? Não mais velho... ou mais rico, em si... mas tipo na sua frente em termos de idade e experiência de vida? É meio mórbido, mas você não pensa que ele pode MORRER antes? E aí você não se sente um babaca por pensar nisso?

Bom... você sabe que Todd é soropositivo, né?

Só que eu não sabia. Olhei o meu mexido de tofu, me sentindo uma idiota.

Luke do céu, não, ninguém me falou.

Não, não, desculpa. Achei que você soubesse. Pensei que alguém tinha te contado. Ainda sou HIV negativo, caso você esteja se perguntando.

Perguntei com delicadeza, mas nervosa, pois não sabia bem se é o tipo de coisa que a gente pode ficar bisbilhotando:

Quando vocês descobriram?

Ah, respondeu ele depressa. Todd já era soropositivo quando eu o conheci.

O quê?

Todd era soropositivo quando eu o conheci, repetiu ele.

E não foi... um impedimento? Fiquei com vergonha na mesma hora em que perguntei.

Amanda... não era uma questão de impedimento. Eu estava apaixonado por ele.

• • •

E então Anthony ficou doente.

Doente mesmo. E ninguém conseguia descobrir o que era. Estava sentindo falta de equilíbrio, com problemas de audição, perdendo a visão de um dos olhos. Os médicos não sabiam o que dizer. As pernas doíam. Os braços doíam. Anthony parecia uns vinte anos mais novo do que era e sempre foi a própria imagem da saúde, sempre caminhando, passeando de caiaque, fazendo ioga. Todos os dias eu ligava para ele da estrada e todos os dias havia algum novo problema misterioso, uma nova dor estranha que se instalara em algum lugar do corpo para desferir novos ataques.

Eu me sentia mal por lhe apresentar os meus problemas idiotas, porém sabia que ele gostava de ajudar, e assim continuei a depor minha vida aos seus pés. Minha carreira era aquela mesma bagunça irremediável de sempre, e, quando meu grupo de fãs aumentou, tentei vários empresários importantes, que trabalhavam em grandes escritórios para gerir a carreira dos famosos, mas acabei desistindo da ideia: enxuguei a equipe até restarmos eu e outras três pessoas dedicadas que me entendiam. Meu faturamento não era gigantesco nem previsível, mas estava indo bem, dando para pagar todo mundo, principalmente porque eu não parava de me apresentar: entre os meus colegas do Cloud Club, corria a piada que fazia seis anos que eu anunciava a iminente interrupção das turnês e finalmente ia arrumar o meu apartamento. Eu não tinha saído da gravadora, mas não

sabia qual o próximo passo a dar: como lançar o monte de músicas ótimas que acumulei? Neil estava esperando que a filha caçula terminasse o ensino médio em Wisconsin (onde ele criou os filhos com a primeira esposa), e depois poderíamos nos mudar para um lugar onde ficássemos mais perto um do outro... provavelmente Nova York. Toda vez que eu chegava em casa em Boston para um descanso, parecia que estava sempre com alguma gripe, uma depressão pós-turnê ou uma TPM existencialmente angustiante.

Embora meus problemas fossem triviais em comparação à dor pavorosa e não diagnosticada do meu amigo, ele ouvia com toda a paciência, ria comigo e dava sábios conselhos, como sempre. Anthony passou alguns meses indo a todos os médicos e todos os especialistas. Os oftalmologistas trataram a visão, os otorrinolaringologistas quebraram a cabeça para tratar o ouvido. Ninguém conseguia entender. Estávamos ficando cada vez mais assustados. Um dia, a cabeça e os olhos dele começaram a latejar tanto que Laura o levou direto para o hospital. Voltei às pressas de um show em Nova York.

Fizeram uma biópsia da têmpora e disseram que ele estava com uma arterite de células gigantes, uma inflamação das artérias em todo o corpo que ataca aleatoriamente as pessoas.

Ministraram-lhe uma bolsa enorme de esteroides, tomando num dia uma quantidade de prednisona suficiente para abastecer um fisiculturista durante um ano.

Foi difícil ver Anthony no hospital naquela noite. Ele gosta de estar no controle em todas as situações e fica ansioso quando as coisas não saem conforme o esperado. Quando eu era mais nova, sempre o vi como um adulto cosmopolita e sofisticado, mas, conforme eu viajava pelo mundo todo e voltava a ele como um bumerangue, foi ficando cada vez mais claro para mim: ele montara para si um pequeno consultório numa cidadezinha, cercado pelas coisas que ele sempre conhecera na vida, coisas em que podia confiar. Era forte por fora — era faixa preta de caratê —, mas por dentro era frágil e sensível a mudanças súbitas. Quando menino, Anthony tinha sofrido violências físicas e emocionais; ele me contou as histórias aos poucos, umas aqui, outras ali, e até começara a escrever algumas. Eram assustadoras. Mas, fosse por escrito ou batendo papo, eu sempre ficava impressionada com o seu senso de humor sobre os maus-tratos e as

consequências.

Doía vê-lo ali, ligado a máquinas estranhas, vulnerável num camisolão azul de hospital, enquanto médicos e enfermeiras entravam e saíam, picavam e cutucavam. Laura passou a noite encolhida ao seu lado, na cama articulada. Os amigos se alternavam para trazer comida.

Não era uma doença fatal, graças a deus. A visão e a audição ficaram prejudicadas, mas ele sobreviveria. Soltei um suspiro enorme. Acho que não conseguiria dar conta se acontecesse algo realmente ruim com ele.

Quando eu estava no ensino médio e na faculdade, costumava fazer uma brincadeira comigo mesma, a minha própria versão de método de interpretação, que foi bem útil em algumas produções teatrais.

Se eu precisasse chorar, tinha um truque.

Era só pensar em Anthony morrendo.

Nunca falhava. Eu sempre me debulhava em lágrimas.

• • •

Não tenho perseguidores.

Para ter um perseguidor, é preciso ser uma perseguível minimamente decente, e eu sou péssima. Acho que não dá para perseguir alguém que está disponível depois de cada show, que anuncia em que café está tuitando, posta fotos da xícara e diz para as pessoas virem dar um oi. Não é muito interessante revirar o lixo de alguém se a pessoa já tuitou as imagens das coisas que ela jogou fora.

Não me entendam mal. Não *quero* perseguidores.

Alguns fãs já me seguiram e às vezes me amolaram. Se me sinto perseguida, lido com a coisa da maneira mais direta possível: *eu* vou até *eles*. Digo o que ando fazendo no momento, pergunto o que eles andam fazendo, me humanizo e então lhes peço, com muito respeito... será que, por favor, podem parar de tirar fotos escondidos do outro lado da rua? Venham logo até aqui, digam oi, me deem um abraço e então me deixem trabalhar.

• • •

Anthony ligou hoje de manhã, disse Neil.

Fazia alguns dias que eu não falava com Anthony — eu estava na estrada. Na minha ausência e por causa do medo da doença, ele e Neil estavam se aproximando mais — trocando mensagens de texto, firmando uma conexão.

Eu sabia que Anthony dava conselhos sobre relacionamentos quando Neil precisava — como fez comigo durante anos. Nós dois recorriamos a ele na moita, para um aconselhamento matrimonial ininterrupto. Começamos a chamá-lo de “O Poderoso Chefão”.

Ele chegou até a fazer uma sessão de terapia por telefone com Neil sobre Como Lidar Com Amanda E TPM, e em umas duas vezes o persuadiu a se acalmar, quando a nossa relação chegava a um impasse e cada um ia para o seu canto, sem conseguir aguentar o outro. A minha TPM pode ser brutal: deixo de ser uma pessoa razoável e sensata e me transformo num buraco negro de dúvida e desespero, um Muppet abanando existencialmente os braços feito uma doida. Só por segurança, comprei para Neil um livro sobre a química dos hormônios e o cérebro feminino, que ele estudou como um manual de instruções de um aparelho de som, na esperança de conseguir entender os ajustes mais finos dessa Rainha do Gelo Irracional Mensal. Como por milagre, funcionou. Ele baixou um aplicativo no celular que dava a previsão de quando viria minha menstruação, e naquele período ele deixava de tomar as coisas num plano tão pessoal.

Como ele está?, perguntei. Não falo com ele desde segunda-feira.

Anthony estava se recuperando, mas passara o último mês entrando e saindo de hospitais e consultórios. Eu tentava ligar para ele a cada dois dias, para pegar o boletim meteorológico do amigo doente.

Vão chegar mais resultados de exames na semana que vem, disse Neil. Ele está chateado com os esteroides que precisa tomar e fica irritado com tudo. Dá para entender. Uma vez tive que tomar os mesmos esteroides durante uma semana, e lembro que achava que todo mundo à minha volta era de uma burrice e de uma chatice inacreditáveis. E falamos sobre você. Ele me contou uma história engraçada sobre você e um dos seus ex-namorados.

Ah, NÃO. Qual deles?

Aaron, respondeu Neil. Ele me contou da vez em que você e Aaron estavam com algum problema e ele foi pedir conselho. Anthony lhe disse: “Seja o que for, só dê a ela algum espaço. Deixe-a em paz. E pelo amor de deus não se jogue aos pés

dela nem leve flores nem nada do gênero.” E que no dia seguinte Aaron apareceu na sua casa com um buquê gigantesco.

Haha. É, falei. Aaron não era mesmo um grande ouvinte, em geral.

Ele também falou uma coisa muito certa. Disse: “Quando ela acerta, tá acertado.”

Dei risada. É, é uma coisa que ele vem dizendo há anos.

E ele também disse: “Você agarrou um tigre pela cauda, Neil-i-o.”

Haha. Essa é uma coisa tão Anthony. Ele te chamou mesmo de Neil-i-o?

Chamou, disse Neil com algum orgulho, e eu tive um acesso de riso. Meu bem, gosto mesmo do Anthony. No começo fiquei preocupado que ele não gostasse de mim. Acho que ele quer ser meu amigo de verdade. Você acha?

Parei de rir. Neil estava falando tão sério.

É, acho sim, querido. Acho que ele te quer mesmo como amigo de verdade. Acho que ele te ama.

O quê? Por quê? Neil parecia admirado.

*Bom, em primeiro lugar, porque você me ama. Mas principalmente... porque você vive se oferecendo para ajudar. Está comprando o bilhete. É isso que faz de você um amigo de verdade pra ele. Ainda mais... porque **você** pede ajuda a ele nas coisas do nosso relacionamento. Ele adora ajudar os amigos com problemas — é o lance dele, é o dom dele. E se ele quer te ajudar e você deixa que ele ajude, o trato está selado.*

É mesmo?, perguntou Neil. Eu estava preocupado, achando que era um chato. E aí, perplexo: comprando que bilhete?

• • •

Quando eu já estava a toda no meu sistema de recorrer ao povo pelo Twitter, reservei uma passagem para Londres pela Icelandair no começo de uma turnê extensa. O lance era que você tinha que fazer a conexão em Reykjavik, onde eles esperavam que você ficasse um ou dois dias para injetar alguma grana na economia islandesa.

Pousamos no minúsculo aeroporto de Reykjavik e o horário de saída da conexão tinha sido adiado. Assim fui, como vocês iriam, atrás de uma tomada e um sanduíche. O único café do aeroporto estava sem sanduíches. Sentei no chão do aeroporto e passei uma hora escrevendo e-mails, e aí,

como ainda não tinham anunciado o novo horário de saída, fui ao balcão de informações.

Enquanto estava na fila, olhei para cima e, como num desenho animado, todos os voos, um por um, trocaram a previsão para CANCELADO.

O vulcão tinha acabado de entrar em erupção.

Estávamos na outra ponta da ilha, então não havia qualquer perigo iminente, mas não se sabia quando os voos seriam retomados. Um dia? Uma semana? Ninguém sabia. Eu devia estar em Londres naquela noite, dando uma entrevista para a BBC, e no dia seguinte iria para Glasgow, para começar a turnê. Mandeí um e-mail à minha equipe, que eu tinha combinado de encontrar em Glasgow. Estavam todos nos Estados Unidos. Todo o tráfego aéreo para a Europa foi cancelado. As coisas não pareciam nada bem.

Todo mundo que ficou encalhado no aeroporto de Reykjavik recebeu um voucher de hotel e a empresa aérea começou a organizar os ônibus para o transporte.

Ali estava eu, presa na Islândia, onde nunca tinha estado antes e onde não conhecia absolutamente ninguém. Parada diante da esteira das bagagens, meio atordoada, tuitei a situação. PÁ: alguém ofereceu seu bar para uma sessão ninja naquela noite, os fãs da Islândia se manifestaram e uma compositora folk que uma vez abriu o meu show na Nova Zelândia viu meu tuíte e me apresentou, via mensagem de texto, à sua amiga de infância chamada Indiana, que veio cantando pneu até o terminal do aeroporto, com um chapéu de caubói e rock clássico a todo volume no som do carro.

Enquanto o povo com a maior cara emburrada fazia fila para pegar o ônibus, me senti ganhando na loteria quando Indiana saltou do carro, me abraçou, jogou a minha mala na traseira e saímos disparadas para a paisagem nórdica lunar.

Você é amiga da Hera!, berrou ela acima do som do Jethro Tull. *Então te amo! Aonde você quer ir?? Aqui é a Islândia! Você nunca esteve aqui?? Faz música?? Te levo a qualquer lugar!!!*

Vamos naquelas piscinas termas!, gritei.

Isso! A Lagoa Azul!!!, gritou ela.

Quem é você!?, berrei de volta. *E o que você devia estar fazendo hoje em vez de dar uma de babá para uma americana encalhada por causa da erupção de um*

vulcão na sua ilha?!

Sou estudante de pós!!! A minha tese está atrasada! Foda-se ela!!!, respondeu, e então ela passou o dia todo comigo, me perguntou sobre minhas músicas, me levou às piscinas termais e me contou — durante um jantar num restaurante local que ela me deixou pagar — que as pessoas da nossa idade na Islândia estavam fugindo para a Europa continental por causa da situação econômica do momento.

Depois do jantar, Indiana me levou à sessão ninja, que eu tinha organizado durante quatro horas consecutivas de tuítes e mensagens de texto: respondi o tuíte e mandei mensagem de texto para o cara que conhecia o dono do bar que estava a fim de promover a sessão, tuitei e mandei mensagem de texto para o cara que estava disposto a emprestar um teclado, e tuitei para todo o povo do mundo inteiro para fazerem a gentileza de avisar a Islândia que eu ia dar um show gratuito de inspiração vulcânica e para todas as idades no Kaffibarinn às nove horas daquela noite.

Aquela noite foi antológica, de entrar nos livros de história — ou, pelo menos, neste livro. Quando chegamos ao bar, o piano e os alto-falantes já estavam montados, a sala, toda animada, e o lugar, tão abarrotado que o povo teve que me passar por cima da multidão, desde a entrada até o piano no canto. Comecei na mesma hora, martelando as músicas que a plateia pedia e experimentando todas as variedades de vodca que passavam do bar até o piano, e tuitei fotos desse acaso glorioso a noite inteira (#StrandedInIceland #SoAwesome). O público era composto de algumas dezenas de fãs fiéis que não conseguiam acreditar que eu tinha me materializado de repente naquele país onde nunca havia tocado antes, algumas dezenas de pessoas que nunca tinham ouvido falar de mim e alguns americanos, europeus e australianos também presos em Reykjavik, que tinham tuitado a situação e foram vistos por fãs que os avisaram do show improvisado.

Tudo isso aconteceu na metade de um dia, e a coisa tinha o clima camarada de um bar internacional num posto avançado, como se recebesse um sopro do Rick's Café em *Casablanca*. Tomei tanta vodca islandesa naquela noite que nem me incomodei em pegar uma lista de e-mails. O país é pequeno. A impressão que dava era que, se eu voltasse, um tuíte só daria para juntar toda a Islândia em um minuto.

• • •

No dia do Ano-novo de 2010, finalmente falei a Neil que me casaria com ele, quando demos uma parada durante um longo passeio no final da manhã. Eu estava curtindo uma ressaca brutal, depois de ter feito na noite anterior um show de final de ano com os Boston Pops no Symphony Hall e ter consumido duas garrafas de champanhe durante a noitada: a primeira pelo nervosismo, a segunda pelo triunfo. Tomamos um café da manhã reforçado com o meu pai, a mulher dele e o meu meio-irmão — que tinham vindo à cidade para o show —, e agora eu ia cambaleando pela rua Newbury em Boston, tentando não despejar na calçada o suco de frutas matinal.

Neil me segurava pela mão, sem emitir nenhum julgamento.

Nenhum *você não devia ter bebido tanto, meu bem* de condescendência.

Nenhum *bom, é isso que dá não ter comido nada ontem à noite* de repreensão.

A minha cabeça estava muito ocupada emitindo esses julgamentos por conta própria. Neil estava apenas sendo solícito e gentil, segurando o meu braço enquanto eu me jogava na direção de um poste para recuperar o equilíbrio e segurar o vômito.

Naquele momento, percebi que não tinha medo de me apoiar nele, literalmente.

Como se

talvez

será

quem sabe

eu não tivesse medo de lhe pedir ajuda.

Neil se ajoelhou na neve. Ele não tinha aliança, então tirou uma caneta do paletó e desenhou uma no meu dedo.

Pelo menos eu nunca a perderia.

• • •

Quando eu era criança, adorava ser o centro das atenções, e ainda adoro.

Às vezes isso resultava em coisas maravilhosas, como quando convenci as garotas do bairro a montar uma produção *a cappella* do *Violinista no*

telhado na varanda dos fundos de casa. (Interpretei Tevye, claro.) Às vezes resultava em coisas terríveis, como quando fui para a escola de sutiã por cima da roupa, tipo Madonna, e me mandaram para a sala da diretora. (Ela me passou um sermão que eu daria a vida para ter gravado, só para poder usar a frase *you think that's very special, Amanda, but it's not* no meu techno-remix de “Creep”, do Radiohead.)

Conforme fui seguindo na vida, primeiro como estátua e depois como musicista, comecei a entender.

Existe uma diferença entre querer ser olhada e querer ser vista.

Quando você é olhada, pode ficar de olhos gloriosamente fechados. Você suga a energia, rouba os holofotes. Quando é vista, precisa estar de olhos abertos, pois está vendo e reconhecendo sua testemunha. Você aceita energia e gera energia. Você cria luz.

Um é exibicionismo, outro é conexão.

Nem todo mundo quer ser olhado.

Todo mundo quer ser visto.

• • •

Na esteira do sucesso do meu TED Talk, a Microsoft ligou. Eles queriam que eu fosse a Seattle para falar para um grupo de mulheres que trabalhavam lá (parece que a Microsoft tinha uma quantidade colossal de mulheres nos seus quadros: 16% dos funcionários).

Perguntei à coordenadora da palestra sobre o que eu devia falar.

O que você quiser, respondeu ela.

Comecei a entrar em pânico — eu não fazia ideia do que falar. *Crowdsourcing?* Música? Claro que eu podia passar meia hora declamando sobre *alguma coisa*. Mas essas mulheres eram *inteligentes*.

A Patrulha da Fraude estava me fazendo uma visitinha.

Durante dois meses, evitei bolar qualquer ideia digna de microsoftizar.

Na noite anterior à palestra, eu estava andando freneticamente em volta da casa flutuante de Jason Webley em Seattle, ainda sem ter escrito nenhuma linha, quando tive uma ideia: a minha *mãe*. Ela estava aposentada havia dez anos, mas tinha trabalhado como *freelancer* durante quase quarenta, dedicando os seus neurônios ótimos em matemática ao campo

então nascente da programação de computadores.

Quando eu estava crescendo, não tinha ideia do que ela *fazia* durante o dia depois que enfiava os sapatos de salto alto numa sacola e pegava o trânsito na hora do rush. Sempre que ela começava a me explicar no que consistia o seu trabalho, as palavras se misturavam numa barragem de som sem sentido.

Fazia algum tempo que eu não telefonava para a minha mãe. Mas agora eu tinha algo para pedir. Precisava dela.

Ela falou durante duas horas enquanto eu anotava furiosamente sobre a experiência de ser uma das poucas programadoras em várias empresas em Boston nos anos 1960 e 1970. Enchi uma taça de vinho. No outro lado da linha, no outro extremo do país, ela fez o mesmo. Pela primeira vez, a sério, era como se bebêssemos juntas. Ouvei as suas histórias sobre o sexismo, as críticas, o assédio esquisito.

Ela me contou o caso do cara que trabalhava com ela e que foi despedido por ficar vendo pornografia demais no computador do escritório.

Em 1970??

Ah, não, não. Isso foi muito depois, quando estávamos trabalhando na conversão para o Bug do Milênio. Naquela época existia pornô na internet.

Não acreditei que a minha mãe tinha acabado de dizer “pornô na internet”.

Quis saber de mais histórias.

Bom, para manter o emprego, você tinha que trabalhar muito mais do que os homens, falou ela em tom muito pragmático. E, bom, sabe... você tinha que ser perfeita.

O jeito como ela falou me incomodou.

Perfeita? Perfeita como?

Bom, se um cara estragava um projeto, sempre tinha outro emprego esperando por ele. Para uma mulher? Esquece! Você nunca mais ia conseguir trabalho naquela cidade. E Boston era uma cidade pequena. E éramos poucas. Os homens sempre se apoiavam.

Ela me contou o caso de Jerry, o contador que pagava todos os *freelancers* homens em dia, mas vivia segurando o pagamento dela, alegando que ela “tinha marido” e com certeza não precisava tanto do dinheiro quanto os homens. A minha mãe passou meses cobrando com gentileza e

persistência, e mesmo assim nada. Um dia, ela ligou (às 18:02, quando eu sabia que a telefonista já tinha ido embora e eu ia conseguir falar direto com ele) e disse: *Oi, Jerry! Queria só saber quando você vai poder liberar aquele cheque! Está com oito semanas de atraso.* E quando Jerry começou a enrolar, dizendo que iam mandar o mais rápido possível, a minha mãe falou: *O que vai ter de janta na sua casa hoje, Jerry?* E ele: *Como é que é?* E ela: *Preciso desse dinheiro para comprar comida para a minha família. Se você não me pagar, vou jantar na sua casa hoje. E não gosto de salmão. E não gosto de ervilha.* No dia seguinte, o cheque estava na mesa dela.

Eu nunca soube de nada disso. Mas também nunca tinha perguntado. Enquanto continuávamos nas duas horas de conversa e já estávamos na segunda (terceira?) taça de vinho, ela falou: *Sabe, Amanda, tem uma coisa que sempre me chateou. Uma coisa que você disse quando era adolescente.*

Ah, não. Qualquer coisa que fosse, não podia ser boa. Fui uma adolescente *terrível*, uma explosão de hormônios e niilismo.

Hmm... o quê?

Ela sabe imitar minha eu adolescente de um jeito que me dá vontade de me esconder debaixo da mesa. E ela imitou.

Você disse: "MÃE, sou uma ARTISTA DE VERDADE. Você NÃO."

Ai, Jesus.

E aí ela acrescentou, mais carinhosa: *Sabe, Amanda, você só estava sendo uma adolescente típica.*

Eu me retraí e senti o pescoço enrijecer e os dentes rangerem e entrarem no modo brigar-ou-fugir-da-mãe.

Ela continuou. *Mas, sabe, você queria dizer: "Sou uma ARTISTA... vá à merda, mãe! O que você sabe?! Você é só uma programadora."*

Tive que reconhecer... eu podia *realmente* me imaginar dizendo isso na adolescência. Talvez não o "vá à merda, mãe". Mas mesmo assim.

E então ela falou uma coisa que derrubou completamente as minhas defesas. Acho que, em todos os anos que a conheço, ela nunca me pareceu tão vulnerável.

Sabe, Amanda, isso sempre me chateou. Você não vê a minha arte, mas... sou uma das melhores artistas que conheço. Só que... ninguém nunca pôde ver as coisas lindas que fiz. Pois não tem como expor na parede de uma galeria.

E veio uma pausa.

Respirei fundo.

Meu deus, mãe. Desculpa.

E ela riu e a voz ficou alegre outra vez.

Ah, não se preocupe, amorzinho. Você tinha treze anos.

Quando contei essa história na manhã seguinte, num pequeno auditório lotado com duzentas Mulheres Da Microsoft, acrescentei uma confissão. Em todos os meus anos roqueiros correndo de um lado para o outro, apoiando as pessoas, defendendo as mulheres, dando permissão a todos esses fãs e desconhecidos para “abraçar o artista fantástico dentro deles”, para se expressar plenamente, para ver a vida que levavam e o trabalho que faziam como criações belas e exclusivas, de certa forma eu havia excluído a minha própria mãe.

E talvez, por extensão, um monte de outras pessoas. Eu olhava as Mulheres Da Microsoft e via versões atuais da minha mãe programadora dos anos 1970. Talvez todas elas se sentissem profundamente incompreendidas pelas filhas adolescentes malcriadas e metidas a poeta. Quem diria?

Então pensei em todas as coisas que ela me contou pelo telefone, falei ao público, e pensei no trabalho dela que eu não tinha como entender, no trabalho de criação que ela tinha feito. Toda aquela programação delicada, artesanal que ela fazia até tarde da noite para converter uma plataforma em outra, com um prazo apertado, toda a criatividade que ela usava para consertar um problema... e o tremendo orgulho que sentia quando dava certo, e a verdadeira... beleza disso. E a tristeza também, porque ninguém nunca, vocês sabem, nunca bateu palmas para ela no final da noite.

Quando olhei a plateia, vi que três ou quatro mulheres estavam fungando e passando o dedo nos olhos. Eu mesma fiquei com um nó na garganta.

Ela não podia expor sua obra numa parede. Eu posso. Faço a minha arte em público. As pessoas aplaudem. A minha mãe nunca teve isso... e agora ela está aposentada.

Depois da apresentação, abracei várias Mulheres Da Microsoft, peguei o meu carro alugado, pus o volume do rádio no máximo e saí cantando pneu do estacionamento da empresa.

Toma essa, Patrulha da Fraude.

• • •

Liguei para Anthony e contei que Neil e eu tínhamos ficado noivos.

NOIVOS?

É.

Tá brincando? Vocês vão se casar?

Vamos.

Anthony ficou quieto e depois disse numa voz suave: *Mas você não conversou sobre isso comigo.*

Não, respondi.

Ele não falou nada.

Não precisei, falei. Você já tinha me dito tudo o que precisava saber.

Ah, essa é a resposta perfeita, querida. Agora vá viver sua vida. Estarei aqui.

• • •

Aos poucos reuni uma grande banda para me ajudar no álbum seguinte: Jherek Bischoff, baixista, compositor e arranjador que tinha feito uma turnê com Jason Webley, Michael McQuilken, baterista e diretor teatral que tinha feito uma turnê com Jason Webley; e Chad Raines, que nunca tinha ouvido falar em Jason Webley, era projetista de som, tocava guitarra e teclado e era amigo de Michael, da Escola de Teatro de Yale. (Consideramos rapidamente a hipótese de chamar a nova formação de Amanda Palmer and The Yale School of Drama, numa noite em que experimentamos vários nomes possíveis, mas aí alguém no Twitter sugeriu Amanda Palmer and the Grand Theft Orchestra. Parecia cair bem, em vista do *crowdsourcing* e tudo o mais. Adotamos.)

Até aquela altura, o meu sistema de entrega musical ao público, pós-gravadora, tinha sido experimental, e eu estava reservando deliberadamente meus melhores materiais para o momento em que me sentisse pronta para recorrer à ajuda dos fãs num álbum completo novinho em folha, que seria lançado com o maior estardalhaço. Eu não queria apenas lançá-lo ao abismo da internet com um post no blog; queria que fosse uma coisa maior, mais real, porém, sem gravadora, eu não tinha muitas opções. Depois de

queimar os miolos pensando e montando estratégias com meu pessoal administrativo, decidimos usar o Kickstarter. Já havíamos usado a plataforma algumas vezes para projetos menores, e os fãs pareciam entender e até gostar. O Kickstarter também tinha seu pequeno ecossistema de apoiadores, e eu conhecia e gostava dos caras que tocavam a empresa. Com minha equipe, montei um cronograma. Decidi que levaria a banda ao estúdio, gravaria todas as canções usando meus últimos tostões e aí usaria o Kickstarter para me reembolsar. Se seguissemos o programa à risca, não haveria nenhum enrosco. O QUE PODIA DAR ERRADO?

• • •

Neil e eu nos casamos na sala de estar dos nossos amigos em São Francisco, e os filhos deles serviram de daminhas e pajens improvisados, com as flores e as alianças. Foi de repente. Fazia meses que tentávamos, sem sucesso, resolver o quebra-cabeça impossível de como fazer um Casamento Do Jeito Certo. Queríamos um jantar simples de comemoração com os nossos amigos, mas telefonamos antes para saber se não se incomodariam em fazer uma cerimônia na casa deles antes do jantar. Levei três opções de roupa numa sacola e deixei que as crianças escolhessem. Elas preferiram o velho vestido da Noiva de Dois Metros e Meio. Eu tinha tomado o cuidado de lavá-lo antes. Jason Webley apareceu para officiar a cerimônia com um poema, eu escrevi alguns votos sentada no banheiro do segundo andar e todo mundo ficou meio alto e comeu torta.

Uma moça tinha visto no Twitter que estávamos em São Francisco e nos ofereceu uma aula grátis de tango. Aparecemos na casa dela na manhã do casamento. Neil estava no maior pânico, e eu não sabia bem se era por causa do plano improvisado de casamento ou por causa da aula de tango improvisada.

NÃO SEI DANÇAR, insistia ele. *EU NÃO DANÇO*.

Não contamos a nossa professora voluntária de tango que íamos nos casar dali a algumas horas.

Ela me deu um par de sapatos próprios para tango. Eu nunca tinha dançado aquilo na vida. Ela nos pôs um de frente para o outro, colocou um disco e agitou as mãos, examinando-nos de todos os lados, dando

instruções.

*Não, não, não, Neil... você precisa AGARRAR ela... é uma dança de confiança e controle!! A dança inteira é sobre a dificuldade do amor!... Isso!... Ótimo!... Ela precisa **sentir** você conduzindo... e Amanda, pelo amor de deus, relaxa... deixa ele conduzir... confia nele... você fica tentando conduzir e atrapalha ele... PARA DE TENTAR CONTROLAR A DANÇA! Um passo ATRÁS!!! ISSO! Agora... troquem!*

Não expliquei a ela por que eu estava chorando.

• • •

A Noiva nunca dizia uma palavra. Aprendi isso com ela.

Existe uma diferença entre um simples “conseguir pedir” e “pedir com jeito”.

Às vezes pedir com jeito significa dizer menos.

Ou não dizer nada.

Você pode mover os lábios para pedir, mas o que o resto do seu corpo está dizendo? Qual é a mensagem por trás das palavras? Todo mundo sabe como é ser abordado de uma maneira incômoda, quer o pedido venha de um mendigo bêbado numa esquina ou da pessoa nua ao seu lado na cama.

Podemos transar? Faz um mês.

Tem um trocado aí?

Os dois pedidos podem ser feitos com jeito e confiança, ou com grosseria e imposição.

Anthony me disse certa vez: *Não é o que você diz às pessoas; o mais importante é o que você faz com elas. E importa menos o que faz do que o jeito como age com elas.*

• • •

Você confia demais nas pessoas, Amanda.

Sempre pensei que era BOM confiar demais nas pessoas. Melhor do que o contrário. Certo?

Uma das minhas sessões ninja favoritas foi em Hermosa Beach, em Los Angeles. Eu estava na casa estilo chalé dos meus primos Katherine e Robert, a algumas quadras do mar, e fiquei superempolgada ao descobrir

que Robert, de 87 anos, não só sabia tocar ukulelê, mas *arrasava*. Era tipo o HENDRIX do ukulelê, e, melhor ainda, sabia umas músicas malandras da época da Lei Seca sobre biritá e mulheres.

Na manhã seguinte, tutei que ia tocar na praia naquela tarde, junto com o meu primo arrasador de ukulelê, e pedi que as pessoas viessem vestidas para uma sessão de fotos em grupo.

O meu pedido foi atendido: apareceram centenas de pessoas com as mais variadas fantasias, e, depois de tocar umas duas horas (e o primo Robert entrar com algumas músicas no seu ukulelê velho e trincado), tentei uma coisa nova. Falei ao povo que o show era gratuito, claro, mas, se eles estivessem a fim, podiam deixar dinheiro no case do meu ukulelê (um case antigo de trompete maravilhosamente maltrapilho que encontrei no lixo, e que também é muito prático como bolsa, já que eu *não* uso bolsas). Deixei o case aberto na praia, atirei o meu precioso quimono ao lado dele, entreguei meu ukulelê a um guardião voluntário e, conforme anoitecia, conversei, autografei coisas aleatórias, abracei as pessoas e tirei fotos. Pelo canto do olho, vi o primeiro a colocar alguns dólares no case do ukulelê.

Quando finalmente voltei à praia, os últimos festeiros estavam guardando suas mantas. O que vi foi incrível.

A minha caixa de ukulelê estava repleta de oferendas — uns 400 dólares em notas amassadas (inclusive algumas de 20), flores, mensagens amorosas e troco miúdo. Mas não foi isso que achei incrível.

O incrível foi o seguinte: sempre destrambelhada, eu tinha deixado o celular, as chaves e a carteira no case, à vista de todos.

E ninguém pegou nada.

• • •

Então. Bem na época em que me desmanchei em lágrimas insones enquanto o sol nascia e os carneiros baliavam antes daquela festa de casamento em família na Escócia, eu também andava combatendo uma infecção urinária bem desagradável. No dia seguinte à festa (que, aliás, foi muito boa), ela tinha se metamorfoseado, à sua maneira perversa e sorrateira, numa infecção renal galopante. Encontrei uma clínica de pronto-socorro na região rural escocesa para me tratar.

Antes de me dar o antibiótico extraforte que me receitaram, a enfermeira perguntou se eu tinha alergia a alguma coisa.

Não.

Se eu estava grávida.

De jeito nenhum.

Tomando outros remédios?

Bom... fiquei com vontade de dizer brincando que ela talvez quisesse me encaminhar a um psiquiatra, pois eu sentia que estava *ficando louca da porra*, mas ela tinha um ar tão gentil, tão escocês e solícito.

Ela me entregou o antibiótico.

Funcionou. A infecção renal passou em poucos dias, o que foi bom: tínhamos alugado um casarão em Edimburgo por um mês, para acomodar uma batelada de hóspedes, mais os filhos de Neil e mais a minha banda. Eu tinha uma sequência de shows marcados e um monte de ensaios para começar a preparar a gravação do álbum do Kickstarter. Estávamos ansiosos por aquele mês de férias, na expectativa de uma sucessão interminável de jantares, idas ao teatro e aventuras espontâneas em festivais alternativos.

Mas eu não estava com ânimo para me divertir. O corpo doía, a alma doía, a pele estava horrível e eu passava os dias largada na cama. Não era o meu normal. Aquela noite na véspera da festa de casamento em família tinha me assustado, e eu não conseguia afastar a sensação de estar louca. Uma tarde, enquanto Neil estava atendendo jornalistas e todos os hóspedes estavam fora, entretidos em atividades paralelas divertidas, eu não tinha ensaio e decidi desgrudar da cama e sair para correr. Estava um dia frio e nublado, daqueles que você fica pensando que não devia ter no verão (por mais vezes que você já tenha ido à Escócia). Saí, embrulhada em trajes esportivos, com pulôver e cachecol, e comecei a correr. Senti a vitalidade voltando aos poucos. Eu estava um lixo, me sentia um lixo, mas, cacete, tinha saído de casa. Respirei fundo, olhando a beleza da velha arquitetura escocesa, e finalmente senti meu humor melhorando.

Depois de quatro quadras, escorreguei numa pedra solta da calçada e torci o tornozelo. Torci feio.

Fiquei lá esparramada no chão, soltando um gemido, ao mesmo tempo pronta para estourar na gargalhada com a poesia da coisa toda. *Sério?*

Eu não conseguia me apoiar no pé. Ia precisar pedir ajuda a algum

desconhecido. Não tinha trazido nada — nem celular, nem dinheiro, só as chaves de casa. Era uma rua sossegada, porém uma mulher mais ou menos da minha idade, com um casaco impermeável elegante, me viu e parou para ajudar. Aí outra mulher, mais velha, também parou. A humanidade estava vindo em meu auxílio.

Tudo bem com você?, perguntou uma delas.

Não, na verdade não, falei, tentando parecer simpática. Torci o tornozelo e não consigo andar.

Ah, coitada, disse a mais velha.

Uma terceira se aproximou por trás delas.

Precisa de uma ambulância?, perguntou a primeira.

Tentei me endireitar, me apoiar um pouco naquela perna, mas a dor mandou um sinal lancinante.

Não sei, respondi tentando não chorar. *Acho que só torceu, acho que não preciso de hospital. Mas não consigo andar.*

O que podemos fazer?

É, tem alguma coisa que a gente possa fazer?

Elas me rodearam num tríptico de interesse e preocupação, como um bando de mães gansas.

Fiz uma careta quando outra dor calcinante me subiu pela perna, mas tentei manifestar a minha gratidão. *Bom, obrigada... desculpem, tem sim. Vocês são tão gentis. Será que uma de vocês podia me conseguir um táxi e ir junto comigo? Estou sem dinheiro aqui agora, mas a minha casa fica logo ali, virando a esquina. Vou precisar que alguém me ajude a entrar para eu poder pegar dinheiro e pagar o motorista.*

As três se entreolharam, então me olharam e voltaram a se entreolhar.

Hm...

não,

disseram em coro.

Mas tem alguma outra coisa que a gente possa fazer para ajudar?, perguntou uma delas.

Fiquei perplexa. E humilhada.

Tem certeza de que não quer que a gente chame uma ambulância?, disse uma delas.

Será que acharam que eu estava tentando... dar um golpe? Passar a perna

nelas? Eu era uma mulher de 35 anos, com roupa de corrida e um tornozelo torcido numa rua sossegada da Escócia. Não estávamos num romance de Dickens, caceta!

Uma delas teve pelo menos a gentileza de me ajudar a entrar aos tropeços num táxi, e me entreguei à mercê do motorista, que me conduziu pelas quatro quadras, pegou o meu braço e quase me carregou para dentro de casa, até a cozinha, onde lhe agradei mil vezes e dei uma gorjeta de 20 libras.

Tá tudo bem, querida?, perguntou ele, gentil. Eu sabia que a minha aparência era medonha. *Tem certeza?*

Tenho. Estou bem, sério. Muito bem. Ótima. Muito, muito obrigada.

Ele saiu, fechando a porta atrás de si.

Então fui pulando numa perna só até a pia, deixei escorrer água fria pela perna e comecei a soluçar descontroladamente. Naquele momento, eu não sabia o que doía mais, o tornozelo ou o coração.

• • •

Brené Brown escreve o seguinte:

Num estudo de 2011, financiado pelo Instituto Nacional de Abuso de Drogas, os pesquisadores descobriram que, no que se refere ao cérebro, a dor física e experiências intensas de rejeição social provocam o mesmo sofrimento (...) Os avanços da neurociência confirmam o que sempre soubemos: as emoções podem ferir e causar dor. E assim como muitas vezes nos atrapalhamos em definir a dor física, descrever a dor emocional também é difícil. A vergonha é especialmente difícil porque detesta vir acompanhada de palavras. Ela detesta ser enunciada.

• • •

Fiquei andando por Edimburgo de muletas. Estava uma merda em termos emocionais. E, para coroar tudo isso, a minha menstruação estava muito atrasada.

Enquanto Neil esperava à mesa, urinei num palito no banheiro do restaurante e fiquei sentada ali, absolutamente assombrada e estranhamente aliviada com o resultado do teste.

Então foi por isso que fiquei maluca. Os meus hormônios estão na maior

confusão.

ESTOU GRÁVIDA.

De repente, as minhas dúvidas frenéticas quanto a pegar ou não um empréstimo do meu marido — ou se era sandice minha ficar me debatendo com esse dilema — se tornaram totalmente insignificantes. O que interessava se eu ia precisar de uns milhares de dólares e ia pegar emprestado daquele cara? *Eu estava carregando o filho dele.* Neil e eu saímos do restaurante, caminhamos de volta para casa e ficamos aninhados um no outro na cama nas doze horas seguintes, em choque.

Foi só no dia seguinte que a pergunta da enfermeira me voltou à lembrança. Procurei no Google o nome do antibiótico que eu tinha tomado. Havia uma advertência muito rigorosa para que não fosse ingerido por grávidas. Defeitos congênitos.

Liguei para nosso médico de família.

Não é bom, Amanda. É muito arriscado. Principalmente no primeiro trimestre. Esse antibiótico bloqueia os efeitos do ácido fólico, que é essencial para o desenvolvimento do feto no começo da gravidez.

O que você quer dizer com arriscado?, perguntei para ele. *Arriscado quanto? Não é bom QUANTO?*

Nada, nada bom. Ele hesitou. *Como seu médico, lamento ter que recomendar que você interrompa a gravidez.*

Neil e eu passamos alguns dias difíceis juntos na cama, conversando, aceitando a decisão, um confortado o outro. Chorei muito.

O dia do aborto em si foi um pesadelo: não lembro direito. Fiquei num leito de hospital em Edimburgo, depois de tomar o comprimido que me receitaram. Vomitei e dormi, acordei e vomitei de novo, me sentindo impotente, com dor no coração e no corpo todo. Não sabia o que sentir.

Neil ficou sentado ao lado da cama o tempo todo, segurando minha mão sem dizer nada.

Depois me recolhi e passei umas semanas de cama com uma bolsa de água quente no abdômen, me arrastando para os ensaios e shows e de volta para a cama, olhando o teto, me sentindo vazia.

Neil ficou tão triste quanto eu, talvez ainda mais; ele se retraiu, ficou quieto e distante. Minha vida normal de animadas trocas pela internet ficou anêmica. Contei à banda e a alguns dos amigos que estavam hospedados

com a gente. Mas não quis contar ao mundo. Não estava pronta para isso. Manter segredo deixava tudo ainda mais solitário. Queria entrar em contato com todo mundo que eu conhecia na internet, queria escrever no blog e tuitar toda a angústia para meus fãs, mas não tinha a menor condição de fazer isso. Simplesmente parei de fazer qualquer coisa, e me sentia cada vez mais destroçada.

E, com o passar dos dias, fui ficando mais e mais irritada com Neil. Eu sabia que ele estava passando por um período difícil, porém era eu que estava presa na cama, sangrando, sentindo náuseas e fraqueza. Ele me comprava bolsas de água quente com capa de tecido xadrez e coisas de comer e beber, mas andava muito quieto. Eu não precisava de uma fonte transbordante de compaixão altruísta, só queria que ele me fizesse um carinho no rosto, perguntasse como eu estava me sentindo, me desse um abraço carinhoso. Ele ficava quieto. A cada dia que passava, parecia mais e mais distante.

Comecei a imaginar se não havia cometido um erro medonho ao me casar. Em que eu estava pensando? Quem era ele, afinal? Ele não se importava? Fisicamente estava ali, mas parecia um fantasma. Eu sabia do que precisava, mas pedir coisas emocionais específicas parecia impossível, abominável. Ele era um ser humano. Devia saber instintivamente como cuidar de uma esposa emocionalmente doente, esgotada, pós-aborto.

*Ele simplesmente devia **saber**, pensei.*

*Eu não devia precisar **pedir**, porra.*

• • •

Uma vez, em Londres, bem no comecinho da relação com Neil, eu tinha decidido fazer uma sessão ninja porque os ingressos para o meu show oficial numa igreja tinham se esgotado. Havia um pub chamado The World's End perto da casa de John e Judith, em Camden, onde estávamos hospedados, e um dos barmen de lá era um fã. O porão do pub tinha um espaço para shows. Perfeito. Perguntei se topariam dar um show grátis secreto, que eu estava doida para fazer, pois o oficial tinha lotado. Concordaram na hora em fazer uma sessão fechada.

Na manhã do show oficial, tuitei uma foto do lugar secreto para o final

da noite. A sessão ninja lotou o porão, que tinha capacidade para umas quinhentas pessoas, e apareci com Neil, feliz com o meu sucesso na igreja. (Toquei Bach! Num baita órgão!) Todo o pessoal do bar desceu e serviu bebida para o povo. Uma violinista irlandesa amiga minha, que tinha visto o anúncio no Twitter, se juntou a mim no palco e dedilhou improvisações de uma ou duas músicas, e a sala gritava e aplaudia enquanto ela tocava. Um artista chamado Robin saltou para o palco com uma assustadora Boneca Amanda de tamanho natural, que ele tinha feito, e fez uma série de passos de dança com a boneca sincronizando os lábios, enquanto eu atendia os pedidos musicais do público. A cabeça da boneca caiu. Estava a maior zona, todo mundo se embebedando com sidra e com a magia de estar escondido num porão, cantando, suando e fazendo novas amizades.

Foi uma daquelas noites em que senti o coração se escancarar, como se tivesse aumentado de tamanho. Havia um camarim nos bastidores, mas nenhum segurança, em vista da natureza do show, e os músicos convidados, os amigos aleatórios e os titereiros tinham deixado toda a tralha deles nas mesas e nos assentos. Saímos às quatro da manhã, cansados e felizes. Só quando chegamos à rua eu me dei conta.

Alguém tinha roubado o meu ukulelê vermelho.

Fiquei arrasada. Eu adorava aquele ukulelê. E adorava aquele case de trompete esbagaçado onde ele morava. Foi meu primeiríssimo ukulelê, e fazia quatro anos que percorríamos o mundo juntos. Resistira a roubos na praia de Los Angeles. Eu tinha até começado a compor umas canções sobre ele com regularidade. Era MÁGICO aquele ukulelê.

O que mais me doía no coração não era tanto a perda do objeto, mas o fato de que alguém do Nosso Povo tinha surrupiado e saído na surdina com ele. Eu tinha visto, conversado, abraçado, beijado, suado e brindado com cada um que esteve bebendo no camarim. Quem faria uma coisa dessas?

Chorei um pouco na caminhada de volta para casa, na madrugada, sentindo que a flor da minha fé na humanidade murchava e depois se arrastava, sem vida e espezinhada, para a sarjeta londrina. Que idiota que eu era. As pessoas não prestavam.

Neil me consolou, me lembrando que todo mundo estava muito bêbado, e que as pessoas quando estão bêbadas fazem merda.

Eu sei, falei. Já fui uma dessas. Mas ainda não consigo acreditar. Você estava lá. Éramos só amor. Que merda é essa? Alguém achou que era engraçado?

Amanhã você pergunta no Twitter, meu bem, disse ele. Aposto que vai aparecer.

Acordei. Tuitei.

ESTOU SUPERTRISTE. ALGUÉM PEGOU O MEU UKULELÊ VERMELHO NA SESSÃO NINJA EM CAMDEN ONTEM À NOITE. SE SOBEREM DE ALGUMA COISA, ME DIGAM.

Umás horas depois, alguém tuitou de volta. Sabia quem tinha pegado. Os ladrões estavam arrependidos, disse a pessoa, e queriam devolver. O meu coração subiu às nuvens. Mandei o número do celular em mensagem direta ao intercessor via Twitter, e os ladrões me escreveram logo depois, para combinar a entrega. Falei que não precisavam ter medo; eu não estava com raiva. Só queria o meu ukulelê de volta. Passei o endereço do apartamento dos amigos onde eu estava hospedada e esperei.

Dali a algumas horas, a campainha tocou e lá estava um casal de adolescentes britânicos, com a cara mais assustada do mundo. Eles começaram balbuciando:

Ah meu deus ah meu deus Amanda desculpa desculpa descuuuuulpa

A gente tava bêbado demais

A gente te ama tanto você é a nossa cantora favorita

A gente achou que ia ser engraçado

A gente tava bêbado DEMAIS

Sosseguei os dois. Dei um abraço neles. Falei para entrarem e tomarmos um chá.

Sentamos.

Já fiz umas idiotices muito grandes quando bêbada, disse eu. Fiz sexo com qualquer um. Fui à casa de gente desconhecida quando não devia ir. Liguei bêbada para ex-namorados e estraguei separações totalmente cordiais. Roubei os CDs da minha banda favorita enquanto vendia camiseta e outros produtos deles, na adolescência, e levei dez anos pra confessar pra eles, e aí eles riram e me perdoaram totalmente. E eu perdoo vocês totalmente. Tudo bem?

Eles me olharam.

Ah meu deus. Que coisa mais idiota.

Mil mil desculpas.

A gente não acredita que você não está brava. Ah, meu deus.

Não ia adiantar nada ficar brava, falei. Agora me deem um abraço e vão para casa. E, por favor, tentem não roubar mais ukulelês.

Não roubaremos. É muito cara de pau, mas hmm... podemos te dar o nosso CD? A gente tem uma banda zydeco punk.

Peguei o CD, eles me abraçaram, fechei a porta depois que saíram, olhei o meu ukulelê e vi a minha fé na humanidade não só se erguer da sarjeta, mas se abrir numa nova florzinha que eu nunca tinha visto antes.

• • •

No aniversário do nosso casamento, Neil e eu decidimos passar uma noite calma e romântica em Nova York. Nós dois estávamos na cidade a trabalho, hospedados num hotel.

Era dois dias depois do Ano-novo. Caminhamos pelas ruas frias e escuras do SoHo até um pequeno restaurante japonês e ficamos lá, refletindo sobre a vida, o casamento, o aborto, os amigos, a escrita. O verão e o outono foram turbulentos e doloridos, e estávamos começando a nos assentar e nos recuperar.

Logo perdi o apetite por razões que não conseguia entender. Adoro comer. Nem a sobremesa eu quis.

Pegamos nossas coisas e saímos na noite gelada, e não sei bem quem vomitou primeiro, mas não faz muita diferença: um de nós pôs tudo para fora na calçada, tipo *O exorcista*, e um minuto e meio depois, o outro também. Foram as ostras? A mousse de salmão? Nunca saberemos. Eram quinze quadras até o hotel. Um vomitava na sarjeta ou numa lata de lixo e o outro se compadecia. Aí, meia quadra adiante, os papéis se invertiam. Neil ficou acordado até as cinco da manhã, vomitando de vinte em vinte minutos. Eu peguei no sono e recomecei a vomitação na manhã seguinte. Ao meio-dia, Neil estava praticamente recuperado, mas eu tremia, não conseguia nem beber água, e começava a me preocupar. Estava no chão do banheiro ao lado da privada, enquanto Neil lia o jornal. Me arrastei de volta para a cama e fiquei esperando uns carinhos de consolo. Mas Neil estava distante. Quietamente. Fazendo *aquilo*. E isso me preocupava também.

Depois de doze horas incapaz de reter nenhum líquido, fomos para o

hospital. Neil ficou sentado ao meu lado, segurando a minha mão sem dizer uma palavra. Os médicos me reidrataram e comecei a me sentir humana outra vez, como uma esponja ressecada que é devolvida ao mar. Porém, o meu marido ausente estava me dando medo.

Voltamos meio trôpegos para o hotel, mas a pé para tomar ar fresco, quando o sol começava a se pôr.

Neil puxou as cortinas e parecia ter voltado ao normal. Eu estava deitada na cama, me sentindo fraca.

Querido, falei. Preciso perguntar uma coisa.

Diga, meu bem.

Hoje cedo, quando eu estava vomitando, você agiu de um jeito muito... estranho. Foi igual a Edimburgo, quando fiquei mal depois do aborto. E você fez isso de novo. Estou ficando meio apavorada. Olhei para ele. É como se você não me visse.

Como assim?

*Não sei. É que tem essa **coisa** que espero que o meu parceiro ou amigo faça quando estou doente... sabe?*

De repente me senti boba e infantil.

*Que **coisa**?*

Não sei. Carinho? Conversa? Amor? Passar a mão na minha cabeça? Me dizer que vai ficar tudo bem? Você parou de falar comigo. Por quê?, perguntei. Não estou brava. Juro. Só estou... perguntando.

Ele parecia desconcertado. E então pensativo.

Bom..., falou devagar. Talvez tenha algo a ver com o que me ensinaram quando eu era criança, sobre doentes.

Conte.

Aprendi que bastava só... ficar por perto bem quieto. Aprendi que não se devia dizer nada, nem mostrar nenhuma simpatia nem nada. Tinha só que ficar bem quieto. Ele pestanejou. Está errado?

A minha garganta se apertou e respirei fundo.

Quer dizer então, falei, que todo esse tempo você só estava tentando me deixar em paz... porque acha que isso é o CERTO? Não encosta em mim porque acha que é... bom pra mim? Tá falando sério?

Ele me olhou.

Bom... é isso mesmo. E pestanejou de novo. Foi assim que fui criado.

Não te faziam carinho, não conversavam, não eram amorosos quando você estava machucado ou doente?

Não, meu bem... não era assim que funcionava.

Ah, querido, sentei na cama. Sabe como isso é estranho?

Não. É estranho?

Bom, não. Bom, É SIM, pra mim é estranho. Meu deus.

Fiquei sentada ali, tentando entender, enquanto Neil ficava postado ao pé da cama, com cara de arrependido.

*Peraí perai PERAI, falei. Foi por **isso** que fiquei maluca em Edimburgo no verão passado? Quando achei que tinha cometido o maior erro da minha vida ao casar com você, porque você não sabia como cuidar de alguém doente?*

Ele parecia perdido. E então se encontrou.

Talvez. Bom... provavelmente. Não sei.

Ah, céus, Neil. Me levantei e o abracei. Ficamos ali ao pé da cama, quietos por um instante.

Imagino que seja uma pergunta idiota, falei. Mas... você alguma vez pediu?

Pedi o quê?

COISAS. Nunca te ocorreu pedir... sei lá, um carinho quando era criança e estava machucado?

Ele me encarou.

Amanda, meu bem. Não dá pra pedir coisas que você nem imagina que existem. Não dá pra pedir o que você não conhece. Era esse o meu mundo. Era o que eu conhecia.

Abanei a cabeça, apertei o abraço e fiquei ali junto dele, torcendo para não dizer nenhuma besteira.

Eu te amo, falou ele.

Também te amo.

Ficamos quietos por um tempo.

Pensei no Mês do Aborto. Quando precisei tanto dele e fiquei tão furiosa quando ele não se comportou do jeito que eu esperava. Tentei lembrar se cheguei a pedir. Eu *devo* ter pedido. Mas acho que simplesmente supus que o meu estado já era um pedido inteiro. Não me lembrava de ter pedido diretamente as coisas de que precisava, as coisas simples. Ser abraçada. Ser embalada e consolada... parecia ridículo ter que pedir.

Talvez não fosse ridículo. Talvez tenha sido apenas uma falha de comunicação. Talvez tenha sido erro de nós dois. Ele também estava sofrendo. *Ele me pediu alguma coisa? Eu não conseguia lembrar.*

Acho, falei, que a partir de agora vou te pedir essas coisas. Quando precisar.

Ele ergueu a cabeça e disse hesitante: *Pode me mostrar?*

Mostrar... o quê?

Neil sentou na cama. *Pode me mostrar o que você quer dizer? Para quando for pedir? As coisas?*

Sentei também. Fechei os olhos, peguei a mão dele e pus de leve no meu rosto. Guiei os seus dedos subindo e descendo pela face, depois comprimi a palma dele no meu pescoço, abri a mão toda, pus sobre o meu peito e segurei ali. Ele prestava muita atenção, como um menino muito concentrado enquanto aprendia a escrever uma palavra ou amarrar um sapato.

Assim, sussurrei, com os olhos enchendo de lágrimas,

...assim.

• • •

Temos uma relação complicada com os artistas.

Por um lado, os artistas são aplaudidos pelas obras de arte que inspiram respeito e mudam nossa vida, mas ao mesmo tempo são vistos com desconfiança, desdém e outros sentimentos do tipo **VAI TRABALHAR**. Vejam os meios de comunicação: uma hora endeusamos os artistas, no minuto seguinte os demonizamos. Os artistas interiorizam isso e perpetuam o ciclo; eles fazem isso uns com os outros e a si mesmos.

Não admira que tenham tanta dificuldade em manter o padrão romântico que procuram alcançar, não só para agradar aos outros, mas para atingir o nível interno que eles estabeleceram desde cedo, quando ainda começavam a firmar sua identidade artística. Não admira que tantos artistas cedam sob a pressão, enlouqueçam, consumam drogas, se matem ou troquem de nome e se mudem para algum refúgio numa ilha distante.

Eles podem ficar mentalmente presos na Mansarda, aquele vórtice romântico onde pintores, escritores e músicos se veem presos num pesadelo bidimensional fitando a própria imagem. Vocês conhecem a

Mansarda. É um quarto no sótão iluminado por velas, onde o artista se senta com uma caneta, um pincel, e fica ralando. Sozinho. Bêbado. Fumando sem parar. Criando. Agonizando. Provavelmente com um lenço no pescoço.

O local de trabalho do artista é real e necessário, mas tem qualquer forma que se possa imaginar, e foi só quando comecei a tuitar que percebi que eu tinha criado regras muito rígidas e supersticiosas para o processo: *Preciso estar em casa. Preciso de isolamento completo. Crio em silêncio. Preciso parecer uma artista.*

Aí um dia quebrei as minhas regras com “The Bed Song”, que levei umas duas horas para compor, deixando o computador aberto e o celular ligado. Eu sempre tive uma regra quanto a isso: nada de Twitter durante a composição. Só artistas *ruins* fazem isso. Mas, dessa vez, anunciei no Twitter que ia começar a compor e atualizei o *feed* com fotos do trabalho em andamento e rascunhos das letras ao piano. O povo me deu a maior força. Acabou sendo uma das melhores músicas que eu já havia composto na vida. Quem diria?

Um artista equilibrado sabe quando correr para a Mansarda, quando escancarar as janelas e quando se arriscar pelo corredor até a cozinha, onde está a sociedade. O mais importante é entender que não existem regras — o que funciona num dia, para uma música, não funciona em outro.

Quando a obra está pronta, vem outro desafio. Descendo ao térreo e saindo pela porta, está o mercado. Há muita barulheira por lá. As barracas, o som das negociações, das trocas e das caixas registradoras. É tosco e mundano em comparação à Mansarda — qualquer que seja a sua versão pessoal de Mansarda —, onde se sonha e se faz arte.

Alguns artistas precisam de paz total para criar, mas agora todos eles contam com a tecnologia para abrir a porta e registrar os seus processos de trabalho nos bastidores. Mais importante, eles estão equipados para distribuir pessoalmente a obra, compartilhar os textos, as músicas e as coisas que podem ser reproduzidas digitalmente ao infinito e à vontade — sem gráficas, sem fabricantes de CDs, sem cinemas. A arte vai da caneta ou da boca do artista para os olhos e ouvidos do público. Porém, para compartilhar diretamente, o artista ainda precisa sair da Mansarda e entrar de cabeça no mercado apinhado, e este é o lance: no mercado, você precisa

lidar com *gente*. Só que, para muitos artistas, gente dá medo.

Durante A Era Do Artista Social, a pergunta ressoa por toda parte: e os artistas introvertidos ou antissociais que não têm a menor vontade de sair da Mansarda e ir para o mercado? E os cantores que não querem tuitar, os escritores que não querem ter um blog? O que vai acontecer com os reclusos J.D. Salingers do mundo?

O mercado é um tumulto: barulhento, cheio de problemas, de trombadinhas, de críticos e de detratores. Para quase todos os artistas, pode ser doloroso percorrer as barracas com as suas obras.

Entretanto, há outra opção, que é gritar pela janela. Você pode chamar os amigos em potencial lá fora, os companheiros de arte e metáforas, que também ligam pontos, e convidá-los para uma festa particular na sua mansarda.

Essa é a essência do *crowdfunding*.

É uma questão de encontrar *seu* povo, *seus* ouvintes, *seus* leitores e fazer arte com *eles* e para *eles*. Não para as massas, não para os críticos, mas para seu círculo de amigos, que vai sempre aumentando. Não significa ficar ao abrigo de críticas. Se você se debruçar naquela janela e gritar para chamar os amigos, alguém pode atirar uma maçã na sua cabeça. Mas se sua arte tocar um coração só que seja, sensibilizar um único nervo, você vai ver as pessoas indo calmamente até sua casa e batendo à porta. Deixe-as entrar. Diga para trazerem os amigos. Se possível, providencie vinho.

Se você não é sociável — e muitos artistas não são —, vai ser mais difícil. O risco é o principal custo da conexão humana. Na maioria dos casos, o artista antissocial que tem sucesso na sua independência conta com um defensor para anunciar a mensagem na rua. Às vezes é uma gravadora. Às vezes é um patrono. Às vezes é um amigo íntimo.

A arte e o comércio nunca, jamais formaram um casal perfeito. Os problemas intrínsecos ao ato de misturar expressão artística e dinheiro não somem; apenas mudam de forma. Hoje em dia atiram-se muitas maçãs em artistas que tentam conseguir ajuda pelo *crowdfunding*: *Pare de se autopromover! É uma vergonha!* Essas palavras atingem em cheio as emoções que já afligem a maioria dos artistas. Esse medo de ser chamado de *vergonhoso* já é o que nos faz pensar duas vezes antes de compartilhar nossa obra com QUALQUER PESSOA.

Nenhuma arte, nenhum artista existe no vazio. Os artistas podem ter acesso a todas as ferramentas mais modernas da mídia social, porém isso não significa necessariamente que todos estejam dispostos a usá-las. Pelo menos agora há escolha: você pode sair da Mansarda, ou pode convidar todo mundo para vir visitá-lo, ou pode mandar alguém lá fora em seu nome para reunir o pessoal e trazer até a Mansarda.

Um alerta: a cada conexão que você faz na internet, há mais potencial para críticas. Para cada nova ponte que constrói com sua comunidade, há um novo grupo de *trolls* que se insinua por baixo dela.

• • •

Eu estava no consultório de Anthony trocando um grok de final de tarde, deprimida e reclamando com ele sobre o Problema do Neil. O meu Kickstarter estava atrasado e eu encarava a iminente falta de caixa. Ele estava oferecendo ajuda e eu não cedia.

Do que você tem tanto medo?, perguntou Anthony. *O que você acha que vai acabar acontecendo?*

Não sei. Acho que tenho medo de que a coisa depois me pegue. Em alguma altura da nossa relação, ele vai bater a porta e berrar: “MAS EU TE EMPRESTEI TODA AQUELA GRANA, SUA VACA INGRATA.”

Isso não parece muito o Neil, disse Anthony.

Eu sei, falei. Não estou dizendo que os meus medos não sejam puro delírio.

Não é ele o problema, querida. É você. Você prega toda essa história de pedir e aceitar ajuda, dá e anda de carona com os amigos, dorme em vários sofás, mas resiste ao marido, que quer ajudar. De certa forma, você não quer dar o presente a ele.

Fiquei sentada ali, ruminando, e aí tentei mudar de assunto.

Nunca imaginei que eu ia acabar ficando com um escritor britânico tímido e dezesseis anos mais velho do que eu. Entende?

Bom, disse Anthony, *você ficou. Sabe, lembro que te perguntei, alguns anos antes de você conhecer o Neil, o que você procurava num companheiro. Você falou: “Quero um especialista.” Agora você tem. Ele é especialista em inventar coisas.*

Mas não sabe dançar, Anthony. Quer dizer, nem um tico. E quando tenta, tipo, ele entra em pânico.

E daí que?, perguntou ele.

E daí que... sinto falta de dançar. E tem OUTRA COISA, falei. Ele não frequenta bares. E não consegue beber mais do que uma ou duas taças de vinho sem ficar um pé no saco ou dormir. E TEM MAIS...

Mas você bebe e dança com todos os outros, disse Anthony. O que você está tentando conseguir aqui?

Por que me casei com esse cara?, perguntei.

Não sei, respondeu Anthony. Você é que tem que dizer. Porque, pelo que eu vejo, você não parece estar tão empenhada nele.

Não é verdade!!

Então por que você se casou com ele afinal?

Pensei seriamente. Anthony não ia aceitar uma resposta qualquer.

Acho que casei porque... eu o amo?

Boa esquivada, querida. Por que você o ama?

Porque... ele me vê?

Vê mesmo?

É, acho que ele me vê sim, mesmo, de verdade. Acho que vê sim, mesmo.

Quando falei, percebi que era verdade.

E também... acho que vejo ele. É escuro ali dentro, ele esconde muita coisa. Mas vejo. E... não sei, falei, erguendo os ombros. Acho que é suficiente.

Anthony me olhou. Senti como se eu fosse uma espécie de decepção. Eu não esperava que a minha resposta vaga fosse suficiente.

Aí ele sorriu.

Está indo bem, hein, garota. Está pegando a coisa.

• • •

Amor condicional é:

Vou te amar só se você me amar.

Amor incondicional é:

Vou te amar mesmo que você não me ame.

É muito fácil amar incondicionalmente estranhos de passagem.

Eles não exigem nada de você.

É muito difícil amar incondicionalmente as pessoas quando elas podem ferir você.

• • •

Por fim chegou o momento que não dava mais para adiar. Eu tinha ido até o último minuto, estava para lançar o Kickstarter, mas precisava garantir que todo mundo recebesse o salário em dia. Precisava de um empréstimo para cobrir o buraco. Avaliei as opções. Fiquei travada durante uns dias, combatendo as vozes imaginárias na minha cabeça.

É. Bem como a gente sempre disse. É uma narcisista de merda com um marido rico. Não é artista de verdade de jeito nenhum.

Ao lado dessas vozes, dava para ouvir as blogueiras feministas:

Tá brincando? De feminista ela não tem nada. Na hora H, é um desastre irresponsável que vai correndo pro maridinho; é uma hipócrita enganadora que volta pro patriarcado.

Dava para ouvir uma versão imaginária de Neil, um ano depois:

Eu devia ter imaginado que você era uma oportunista. Lembra quando te emprestei milhares de dólares pra livrar a sua cara? Eu nunca devia ter confiado em você. Já chega.

Dava para ouvir a minha família:

Você sempre foi egoísta, sempre o centro das atenções. Você nunca pensou em ninguém, só em si mesma.

Tapei os ouvidos com as mãos.

CALEM A BOCA.

CALEM A BOCA.

CALEM A BOCA.

PAREM COM ISSO.

E liguei para o Neil.

Oi, meu bem.

Oi. Te amo. Diz tomato?

Tomahito.

Tudo bem. Estou pronta.

Pronta pra quê?, perguntou ele.

Vou precisar do empréstimo para me cobrir nos próximos meses. Preciso da sua ajuda.

Ele soltou um suspiro como se eu dissesse “eu te amo” pela primeira vez.

É claro que eu ajudo.
Não vou voltar para a estrada. Vou fazer o crowdfunding dessa porra desse álbum. Provavelmente consigo devolver o dinheiro em três meses.
Se demorar mais, tudo bem, disse ele.
Realmente espero que não.
Amanda, eu te amo. Tenho orgulho de você.
Também te amo.
Dei uma pausa. E acrescentei: *Isso foi difícil pra cacete.*
Ouça, meu amor. Somos casados. Somos uma dupla. E fico contente que finalmente você tenha superado isso, disse ele.
Não superei, falei. Odeio isso. Odeio precisar te pedir. Odeio isso e me odeio.
Tem algo que eu possa fazer?, perguntou Neil.
Não.
E eu não tinha superado, não de verdade. Estava aterrorizada.
Mas fiz. Alcancei a iluminação do pedir. Aceitei uma rosquinha enorme. Estava em vias de me tornar uma plena... alguma coisa.
Mas não era legal. Era terrível. Eu me sentia uma babaca.
E me perguntava a razão.

Ainda não dói o suficiente.

• • •

Eu havia estabelecido como meta do Kickstarter um total de 100 mil dólares, que me parecia uma estimativa conservadora. Tinha vendido pelo meu site 100 mil dólares em álbuns de vinil com cinco músicas do Radiohead — e agora o que eu queria financiar era um álbum completo com as minhas músicas. Tinha que funcionar.

Na noite em que lançamos o Kickstarter, Neil e eu estávamos no meu apartamento no Cloud Club. Eu estava nervosa; não fazia nenhuma ideia de quanta gente ia realmente embarcar no Kickstarter. A campanha começou à meia-noite — toda a minha equipe estava acordada e anunciamos no Twitter, no Facebook, no blog; o link voava aos sete ventos. Pedimos que todo mundo que contribuísse compartilhasse o link. Atualizei a página alguns minutos depois da meia-noite, e tinha cerca de 200 dólares na conta. Uma hora depois, chequei de novo o site: 600 dólares. Neil e eu fomos

dormir. Acordei lá pelas quatro da manhã, num leve pânico, olhando o teto, na certeza de que tinha pedido demais.

Não olhe o computador.

Não olhe o computador.

Olhei o computador. Quatro horas depois, o Kickstarter só tinha feito mais uns 500 dólares, chegando a pouco mais de 1.000. Eu tinha pedido 100 MIL, porra. Se você não chega à meta mínima que estabeleceu no Kickstarter, não fica com nada.

Eu não devia ter olhado o computador. Voltei para a cama.

Que fiasco, pensei. E se esse Kickstarter só der 40 mil dólares? Como vou pagar todo mundo? Como vou encarar a sociedade? Caceta, o que vou fazer?

No final do dia, tinha chegado aos 100 mil. A notícia se espalhou. A meta foi atingida em menos de 24 horas. E me perguntei como é que pude duvidar do universo por um instante sequer.

Enquanto a cifra continuava a disparar, fiquei mais grudada do que o normal no meu celular, conferindo o status do Kickstarter e agradecendo o apoio do povo pelo Twitter a cada dia, a cada hora, a cada minuto.

Obrigada.

Obrigada.

Obrigada.

O *feed* do Twitter, os posts no blog e as atualizações da nova comunidade do Kickstarter formavam uma corrente de gratidão. Quanto mais gente apoiava a campanha e compartilhava o orgulho por apoiar, mais gente ficava sabendo do projeto, mais os números aumentavam, mais eu agradecia. A coisa cresceu.

Depois de umas três semanas desde o lançamento, a campanha tinha quase vinte mil apoiadores, e, no exato momento em que bateu na marca de 1 milhão de dólares, eu estava — por coincidência — com Anthony.

Naquela altura, estávamos terminando a terceira semana na campanha de um mês, e eu andava correndo entre Boston e Nova York, dando entrevistas, fazendo reuniões de produção com a minha equipe, me preparando para produzir o álbum e todas as outras recompensas do Kickstarter.

Eu sabia que a marca de 1 milhão de dólares ia ser simbólica. Era a primeira vez que um músico alcançava uma cifra de sete dígitos usando o

crowdfunding.

Anthony e eu tínhamos marcado um grok na semana anterior. Íamos fazer o de sempre: tomar um café juntos e ir até Walden para grokar e caminhar ao redor do lago.

Minhas visitas a Anthony tinham ficado mais intensas desde a doença dele e o medo no hospital, e comecei a aguardar os encontros com uma mescla de alegria e preocupação. Eu não estava apenas com meu melhor amigo; estava com uma pessoa doente. Os últimos hemogramas e as queixas dos sintomas mais recentes passaram a compor o leque de nossos temas habituais: o universo, relacionamentos, manchas na pele, o fato de que não *suportamos* quando alguém se oferece para massagear nossos pés e depois nem presta atenção no que está fazendo.

Mas a amizade ainda era uma via de mão dupla. Anthony às vezes me dizia, pelo telefone, que não *queria* falar da última lista de males nem dos novos efeitos colaterais dos novos remédios que ele estava tomando para aliviar os efeitos colaterais dos outros novos remédios.

Ele dizia: *Fale você. Estou cansado. Me distraia, por favor. Conte qualquer coisa.*

E aí eu matraqueava alegremente sobre a nova música que eu tinha terminado, ou sobre a equipe de assessoria que eu estava contratando para ajudar na distribuição do álbum novo do Kickstarter na Europa, ou sobre uma briga idiota minha com o Neil... e Anthony voltava ao lugar onde se sentia mais à vontade: dar conselhos.

Em alguns dias, era como se pedir ajuda a ele fosse o melhor presente que eu podia lhe dar.

Eu vinha comemorando na internet a cada vez que o Kickstarter batia numa casa de centena de milhares de dólares, ou quando atingia outro milhar de apoiadores, escrevendo com uma caneta permanente o valor das contribuições ou o número de apoiadores em algum lugar do meu corpo e postando a foto no Twitter.

Naquela manhã, conferi a página do Kickstarter, que estava na faixa dos 990 mil dólares e seguia no ritmo de alguns milhares de dólares por hora. Era provável que chegasse a 1 milhão ao longo do dia. Fui até o apartamento do Lee, onde Michael Pope estava editando um filme no laptop no canto da sala e Lee preparava uma omelete. Anunciei a novidade,

toda animada. Queria comemorar com algo mais do que um desenho na mão feito com caneta. Pope, um mestre em pintura corporal, criou uma caligrafia na minha barriga proclamando “ONE FUCKING MILLION”, e Lee fez a foto no último andar do Cloud Club. Salvei a foto no meu celular, pronta para carregar no Twitter no momento mágico, e fui encontrar Anthony.

Ele já esperava pacientemente numa mesa no Peet’s Coffee & Tea, com a bengala apoiada na parede. Agora ele precisava de bengala por causa da perda da visão e dos problemas de equilíbrio.

ADIVINHA SÓ ADIVINHA SÓ, falei sem fôlego enquanto caía sentada ao lado dele e derrubava sua bengala no chão.

Devagar, cacilda, sua fogueta. Meu deus. Ele se inclinou e pegou a bengala, examinando se o castão de vidro tinha trincado. *Uma coisa de cada vez, garota. Agora, vai querer um café? Já tomei alguma coisa*, disse, apontando a caneca de chá verde e tirando da sacola o seu cartão de comanda do Peet’s. Ele ainda gostava de pagar a minha parte.

Chequei o Kickstarter no celular enquanto estava na fila para pegar o café. Faltavam 1.000 dólares para completar 1 milhão. Atualizei a página. Oitocentos dólares. Chequei o *feed* do Twitter. O povo estava ficando empolgado. Estava para bater 1 milhão. Pedi um expresso e um bolinho para Anthony. Ele me acenou o cartão da comanda e começou a se levantar para vir pagar, mas dispensei, pagando em dinheiro, dando mais uma atualizada no celular, estourando de empolgação. Voltei para a mesa.

Escuta, falei, eu sei que te expliquei toda essa coisa do Kickstarter e sei que você não entendeu bem...

Entendi sim, disse ele.

*Bom, eu sei que você **entendeu**, mas está para bater 1 milhão de dólares e é a primeira vez que uma coisa assim acontece no mundo da música, então é tipo uma coisa e tanto. Não só pra mim, mas quer dizer que o crowdfunding funciona, quer dizer que você pode lançar um álbum assim e não precisa ter gravadora e tal. É, tipo, inédito. Você entendeu.*

Anthony ouvia.

Quando acontecer... vai ser um MOMENTO exato, sabe, importante, e vai acontecer agora a QUALQUER instante... e não quero ficar feito uma babaca sentada aqui com o celular, mas tem uma foto que quero carregar. Preciso

anunciar a coisa. Entende?

Ele não disse nada e passou manteiga no bolinho.

Encarei Anthony.

Não fique chateado comigo. Só estou DIZENDO, continuei. Preciso fazer uma coisa.

Ele se recostou na cadeira e ergueu as sobrancelhas.

Faça o que tem que fazer, mocinha.

Atualizei a página do Kickstarter. Ainda faltavam 800 dólares.

Bom... vai levar um instante. Não tem problema. Bom. Então. Como você está?

Por um segundo ele não disse nada, como se achasse que eu não ia prestar atenção na resposta, então se acomodou e ergueu os ombros.

Odeio os esteroides. Estou com uma dor de cabeça de matar. E odeio essa vara, disse, apontando para a bengala. Dei de cara com uma senhora com um carrinho de bebê quando eu estava entrando. Ela veio pelo meu lado direito, que é o lado que não enxergo bem, e...

Meu celular tocou. Olhei rápido. Era o meu empresário, Eric, mandando uma mensagem de texto para mim e para os outros da equipe, dizendo: **ESTÁ PRA BATER 1 MILHÃO, TODO MUNDO PRONTO?**

Anthony ergueu as sobrancelhas para mim.

Desculpa, desculpa, desculpa. Recebi uma mensagem. É a coisa do Kickstarter. Desculpa. Continue.

Meu celular vibrou outra vez. Dei uma olhada. Era Hayley respondendo à mensagem dizendo que estávamos quase lá.

Ouçã, disse Anthony, se reclinando na cadeira. Faça suas coisas. Era um código para: Não preste só meia atenção em mim, palhaça. Ele não estava bravo. Só um pouco aborrecido e entretido.

Então veio a mensagem de Eric: **CONSEGUIMOS. VIVAAA. 1 MILHÃO. É ISSO AÍ, PESSOAL!**

Respondi com agradecimentos enfáticos. Carreguei no *feed* do Twitter a foto do Lee com a minha barriga pintada e disse para Anthony:

Ok, ok. Pronto. Acabou. O meu Kickstarter acabou de chegar a 1 milhão de dólares. Carreguei uma foto nua. Sou toda sua.

Aí me acomodei na cadeira e dei um gole no café, me sentindo a rainha do universo. Agora, finalmente, podia me concentrar no meu amigo doente.

Anthony só me olhou.

Então pegou o seu celular e começou a mexer nele, me ignorando.

Fiquei ali sentada esperando ele terminar o que estava fazendo, me perguntando se ele ia me torturar o dia todo por eu ter sido uma idiota dispersa.

O meu celular vibrou com uma mensagem de texto.

Era de Anthony. Olhei para ele. Ele me ignorou.

Li a mensagem. Dizia:

Se você amar as pessoas o suficiente, elas te darão tudo.

⁷ Naquela noite, antes de se abrirem os portões para o show em Houston, escondi todos os pênis em vários lugares da casa de shows — nos banheiros, no bar, no saguão — e tutei fotos com pistas de onde eles estavam. De dois em dois minutos, eu ouvia lá no meu camarim enormes vivas à medida que as pessoas iam encontrando cada um.



IN MY MIND

In my mind
In a future five years from now
I'm a hundred and twenty pounds
And I never get hungover
Because I will be the picture of discipline
Never minding what state I'm in
And I will be someone I admire
And it's funny how I imagined
That I would be that person now
But it does not seem to have happened
Maybe I've just forgotten how to see
That I am not exactly the person that I thought I'd be

And in my mind
In the faraway here and now
I've become in control somehow
And I never lose my wallet
Because I will be the picture of discipline
Never fucking up anything
And I'll be a good defensive driver
And it's funny how I imagined
That I would be that person now
But it does not seem to have happened
Maybe I've just forgotten how to see
That I'll never be the person that I thought I'd be

And in my mind
When I'm old I am beautiful
Planting tulips and vegetables
Which I will mindfully watch over
Not like me now
I'm so busy with everything
That I don't look at anything
But I'm sure I'll look when I am older
And it's funny how I imagined
That I could be that person now
But that's not what I want
But that's what I wanted
And I'd be giving up somehow
How strange to see

That I don't wanna be the person that I want to be

And in my mind
I imagine so many things
Things that aren't really happening
And when they put me in the ground
I'll start pounding the lid
Saying I haven't finished yet
I still have a tattoo to get
That says I'm living in the moment
And it's funny how I imagined
That I could win this winless fight
But maybe it isn't all that funny
That I've been fighting all my life
But maybe I have to think it's funny
If I wanna live before I die
And maybe it's funniest of all
To think I'll die before I actually see
That I am exactly the person that I want to be

Fuck yes
I am exactly the person that I want to be

Amanda Palmer Goes Down Under, 2011

NA MINHA CABEÇA

Na minha cabeça
Daqui a cinco anos
Vou pesar 55 quilos
E nunca vou ficar de ressaca
Pois vou ser a disciplinada exemplar
Sem me importar com como eu vou estar
E vou ser alguém que admiro
E o engraçado é que imaginei
Que eu já seria assim
Mas parece que me enganei
Talvez eu tenha me esquecido de ver
Que não sou bem quem eu pensava ser

E na minha cabeça
Num distante aqui e agora
Tenho controle de alguma forma
Nunca perco a minha carteira
Pois vou ser a disciplinada exemplar
Nunca nada estragar
E vou dirigir bem direitinho
E o engraçado é que imaginei
Que eu já seria assim
Mas parece que me enganei
Talvez eu tenha esquecido de ver
Que não sou bem quem eu pensava ser

E na minha cabeça
Quando for velha vou ser bonita
Plantando verduras e tulipas
Que vou manter muito cuidadosa
Não como sou agora
Tudo me deixa tão ocupada
Que não cuido de nada
Mas sei que vou cuidar quando ficar idosa
E o engraçado é que imaginei
Que eu já poderia ser assim agora
Mas não é o que eu quero
Mas é o que eu desejei
Que estranho ver
Que não quero ser quem eu quero ser

E na minha cabeça
Imagino tantas coisas
Coisas que não estão acontecendo
E quando me põem de volta no chão
Vou começar a fazer escândalo
Dizendo que ainda não terminei
Ainda falta fazer uma tatuagem
Que diz que vivo o momento
E o engraçado é que imaginei
Que podia vencer essa luta impossível
Mas talvez não seja tão engraçado
Que eu venha lutando a vida toda
Mas talvez eu tenha que achar engraçado
Se quero viver antes de morrer
E o mais engraçado de tudo é talvez
Pensar que vou morrer antes de ver
Que sou exatamente quem eu quero ser

É, é isso

Sou exatamente quem eu quero ser

Uma vez, um dos meus professores de ioga favoritos contou uma história durante a aula.

Desde sempre, na China, os plantadores de bambu enterram mudas pequenas de bambu bem fundo no chão. E aí, durante três anos, não acontece nada. Mas os plantadores trabalham com dedicação, regando a muda, espalhando feno e esterco, esperando com paciência, mesmo que nada esteja brotando. Eles simplesmente têm fé. E aí, um dia, o bambu vai brotar e crescer dez metros num mês. Vai disparar em direção ao céu.

Toda pequena comunidade sustentável de artistas e fãs funciona assim. O *crowdfunding* funciona assim.

São anos e anos de trabalho genuíno, milhões de trocas não financeiras, um reforço imenso da rede, um conjunto infindável de momentos importantes. Faz-se boa arte, compartilha-se boa arte, oferece-se ajuda, emprestam-se ouvidos, trocam-se emoções, espalha-se esse composto de conexões reais e profundas pelo campo inteiro.

E aí, um dia, o artista vem à frente e pede alguma coisa.

E se o solo teve fertilização suficiente, a plateia vai dizer, sem hesitar:

Claro.

Mas a coisa não funciona como num passe de mágica. A primeira parte pode levar anos. Décadas.

Muitos equívocos sobre o *crowdfunding* nascem porque não se entende esse aspecto: se uma pessoa não viu você arar, lavrar e cultivar, e aí de repente ela vê os frutos do trabalho e acha que tudo aconteceu por mágica, a reação pode ser dolorosa. Recebi muito disso depois que lancei o Kickstarter:

Mas eu nunca ouvi falar nela... como as pessoas querem dar esse dinheiro todo pra ela? Que mulherzinha de sorte.

É por isso que algumas pessoas menos conhecidas têm tanto sucesso com o *crowdfunding* — elas fertilizaram o solo ao longo do tempo, e com dedicação — e outras pessoas mais conhecidas, que têm alcance imenso, não se dão bem. A fama não constrói a confiança. Só a conexão constrói.

A National Public Radio usa o modelo conecte-conecte-conecte-depois-

peça desde sempre: chama-se arrecadação anual no ar. Eles criam e transmitem sem parar, oferecem matérias, programas e conteúdo de graça o ano inteiro.

E então, quando chega a hora, eles pedem.

No fundo, todos os pedidos funcionam assim. Você precisa preparar o terreno. Se vai pedir algum dia, precisa ter alguém a quem possa pedir e que vá atender ao apelo. Então você cuida dos seus relacionamentos continuamente, persiste na tarefa lenta e constante, fica ali como um plantador fiel, cuida do broto de bambu invisível.

E aí, quando for a hora — seja para pedir que um monte de gente encomende o seu álbum ou para que alguém segure seu cabelo enquanto você vomita —, vai ter alguém ali para atender.

• • •

Existe uma diferença entre pedir uma mãozinha a um desconhecido, um favor a um amigo ou um pagamento de sinal a um cliente. Os artistas de *crowdfunding* geralmente operam na terceira categoria com o espírito da segunda.

Meu Kickstarter tinha sido montado cuidadosamente para permitir a contribuição, por menor que fosse, de todos os que quisessem se envolver. O valor mais baixo era um simples dólar, com o qual você comprava um download digital simples do álbum (o qual prometemos que sairia em cinco meses). O pacote com CD custava 25 dólares, e as opções mais caras incluíam um livro de arte, um tocador de vinil portátil pintado (passei um fim de semana inteiro para pintá-los, com Casey e dois amigos artistas dela, na varanda dos fundos da casa dos meus pais), um álbum duplo de vinil todo descolado (50 dólares), sessões de arte com público limitado em cinco cidades (250 dólares cada) e festas particulares (5 mil dólares cada).

Quando fechamos o Kickstarter, depois de um mês de campanha que arrecadou mais de 1 milhão de dólares, a coisa mais surpreendente para mim não foi a quantidade de dinheiro. Foi o número de *pessoas*: não chegou a 25 mil apoiadores. Quase o mesmo número de vendas que, aos olhos da gravadora, tinha sido um fracasso. Eu me jogara sobre a multidão, e ela me segurou. Os apoiadores ficaram extasiados com o sucesso do Kickstarter, e

todo mundo que tinha me ajudado a montá-lo ficou nas nuvens.

Mas começou a reação na imprensa e nos blogs de música. Alguns jornalistas tinham o pé atrás com os artistas que faziam negócios via *crowdfunding* e disseram que o Kickstarter era uma forma de “mendigar na internet”. Postei no blog a minha posição e apresentei com transparência as minhas despesas empresariais, para que todo mundo pudesse entender a natureza desse sistema: o *crowdfunding* não era caridade, como alguns pareciam pensar; os meus apoiadores estavam comprando coisas. Era um meio de implementar um modelo de negócios que se baseava no pedido e na confiança. Eu estava fazendo exatamente o que fazia havia anos, indo diretamente aos fãs, pedindo para comprarem tudo adiantado: os álbuns, os ingressos, os toca-discos de alta qualidade e as festas particulares. Alguns jornalistas não entendiam como o *crowdfunding* funcionava, e muitos achavam que o dinheiro correspondia a doações e não a compras antecipadas de coisas concretas que eu ia criar e entregar.

Fiquei chocada que até alguns dos meus amigos empresários inteligentes me perguntaram o que eu ia fazer com 1 milhão de dólares. Expliquei que, bom..., o dinheiro ia ser usado para pagar as dívidas do álbum e para fabricar milhares de discos com acabamento de luxo, para imprimir milhares de livros de arte, para pagar 35 excelentes artistas pelo trabalho desse livro, para custear as remessas e bancar a minha passagem para entregar o que eu havia prometido. Depois disso, não sobraria muita coisa.

Ainda mais esquisito foi que algumas pessoas que apoiavam o *conceito* de *crowdfunding* me discriminaram. Reclamaram que eu não tinha o direito de pedir que meus fãs encomendassem o álbum adiantado usando o Kickstarter, porque eu não era uma “independente de verdade” — era uma refugiada do sistema das grandes gravadoras, de nome já conhecido. Portanto, eu não poderia usar o Kickstarter, que, segundo eles, devia ficar reservado aos desconhecidos.

Esses críticos escreviam longas arengas na internet dizendo que eu tinha condições de “encontrar alguma outra maneira” de lançar um álbum. Foi isso o que me pareceu especialmente irônico. Eu *tinha* encontrado “alguma outra maneira” de lançar músicas: o *crowdfunding*.

Isso me fez pensar: quem *não* podia usar o *crowdfunding*? Quem *não*

podia pedir ajuda diretamente aos fãs? Lady Gaga? Madonna? Justin Bieber? A resposta é: qualquer um pode. O *crowdfunding* tem que ser uma ferramenta democrática, e os mega-astros do pop têm tanto direito a essa ferramenta quanto qualquer outra pessoa — tanto direito quanto qualquer banda de garagem desconhecida, sem fãs nem cacife.

Por uns quinze dias, penei olhando o Twitter, pois, para cada mil felicitações, havia cem insultos. Era difícil lê-los.

EU REALMENTE GOSTAVA DA AMANDA PALMER ATÉ ELA COMEÇAR A MENDIGAR GRANA ENTRE OS FÃS.

Tinha gente me chamando de “desavergonhada”, mas resolvi tomar o termo como elogio involuntário. A vergonha não era... ruim? Como o medo? Quer dizer, ninguém usa “destemido” como insulto.

Descartei a maioria desses comentários na base da risada, mas, na verdade, era difícil deixar de sentir uma pontinha de dúvida. Eu sabia que tinha trabalhado muito para tudo aquilo e tinha uma fé quase inabalável nas minhas músicas, na minha banda e na minha capacidade de criar algo fantástico para enviar aos apoiadores. Mas meu ego também murchava com a quantidade de gente me dizendo que eu era uma narcisista imprestável, metida a besta, enganando os fãs e arrancando dinheiro deles.

Havia um tom muito familiar de *VAI TRABALHAR* em toda essa gritaria.

Reconheci a voz.

Você não pode pedir isso. Você não merece. Você não é genuína o bastante.

Era a minha própria.

• • •

Depois que a campanha do Kickstarter deu certo e se encerrou, minha vida se transformou num furacão intenso de preparativos para a próxima turnê, que devia durar quase um ano e passaria por dezenas de países. Eu queria que o show no palco fosse uma celebração inesquecível, contínua e mundial do álbum que os próprios fãs tinham me ajudado a fazer, e para isso eu queria apresentá-lo, até o máximo humanamente possível, como uma coisa que envolvesse todo o povo. Junto com Michael (McQuilken, o baterista do Grand Theft Orchestra, que também era diretor teatral), trabalhei num

monte de ideias para usar na turnê: bolamos um vestido que tinha uma cauda com o comprimento de um salão, que eu usava quando mergulhava por cima do público, cobrindo as pessoas com um imenso tecido azul translúcido enquanto elas me seguravam no alto e me transportavam de um lado para o outro; a banda se vestia só com as roupas que os fãs traziam e jogavam para o palco; pedimos ao povo que enviassem fotos com imagens relacionadas a temas de canções específicas — quartos da infância deles, objetos de estimação, entes queridos perdidos — e projetávamos numa tela gigante acima do palco. Era uma comunhão.

Também pensei que seria divertido pedir a fãs que se juntassem à banda no palco e tocassem alguns dos arranjos de cordas e sopros que havíamos gravado no álbum, em vez de preencher essas partes melódicas na guitarra ou piano. Eu tinha feito coisas parecidas com músicos, dançarinos e outros artistas voluntários ao longo dos anos; a comunidade sempre adorou. Centenas de instrumentistas entusiasmados se ofereceram por e-mail, e escolhemos quatro ou cinco músicos por cidade. O pagamento para a apresentação voluntária era a moeda usual do *crowdsourcing*: ingressos gratuitos e inclusão dos amigos na lista de convidados; propaganda, cerveja nos bastidores, abraços, apertos de mão, amor. Os fãs sabiam como era. Os primeiros shows funcionaram muito bem.

Então uma trompista me escreveu uma carta aberta no blog dela, dizendo que até sentia vontade de participar da turnê, mas que achava falta de ética não receber pagamento. O post viralizou, o *New York Times* publicou uma matéria e em poucos dias estava criada a polêmica.

E, ainda por cima, foi distorcida. Um monte de críticos na internet começou a alegar que eu tinha feito 1 milhão de dólares e não queria pagar a minha banda.

Na verdade, eu *pagava* a minha banda; todos recebiam salário, o que significava que recebiam inclusive nos dias de folga. Quanto aos voluntários, eles tinham se oferecido voluntariamente. Ninguém estava pensando que as suas apresentações iam ser vistas como declarações políticas. Tinham entendido qual era o trato quando se ofereceram e só queriam tocar música.

A controvérsia inicial do Kickstarter referente à mendicância digital, que começava a arrefecer, se renovou, e as coisas pioraram. Agora eu não me

limitava a mendigar aos fãs, mas estava também explorando os músicos numa busca deslavada por mão de obra gratuita. A coisa pendeu para a maldade. Gawker, o site de fofoca e notícias sobre celebridades, se referiu ao meu uso do *crowdsourcing* como “a tática enganosa de uma aproveitadora”. Um blogueiro da *New Yorker* escreveu: “A ambição de Amanda Palmer se transforma numa versão semirreal e semissimbólica da disputa para esfolar a pele dos desesperados até o último centavo.”

A gritaria vinha basicamente de gente que nunca tinha ouvido falar de mim e não sabia nada a meu respeito — ou a respeito do conjunto de fãs. O *feed* do Twitter e os comentários no meu blog, geralmente fontes de reconforto e comunidade, agora também estavam cheios de pessoas que só apareciam para manifestar indignação. Uma associação de músicos clássicos criou uma petição contra o meu *crowdsourcing* pouco ético. No dia seguinte à publicação da matéria no *Times*, recebi um e-mail de um violinista profissional que havia trabalhado durante anos na orquestra sinfônica da minha cidade; a mensagem começava com “Amanda, sua vadia ignorante...” e prosseguia dizendo que pessoa horrível eu era, além de ser uma musicista de merda, sem formação nem profissionalismo.

Doeu. Tudo aquilo doeu.

Depois de uma semana disso, joguei a toalha e decidi pagar os voluntários. Parecia uma solução inofensiva: eles ficariam contentes em receber 100 dólares inesperados pelo tempo investido (embora alguns tenham dado o cheque-surpresa para entidades beneficentes, tuitando e colocando em blogs que tinham se oferecido como voluntários e que era assim que queriam manter a coisa).

A minha banda e eu, depois de tanto estresse, pudemos parar de trocar bombas de ódio nos *feeds* do nosso Twitter. E pudemos voltar ao trabalho.

Na esteira de tudo isso, restou uma sensação familiar, um resquício dos meus dias de estátua. A polêmica toda foi muito... **VAI TRABALHAR**. Mas estávamos todos nós, cada qual à sua maneira, *trabalhando*.

Todo mundo na calçada que interagia com A Noiva estava na arena junto comigo, engajado naquela estranha troca. E todo mundo nos meus shows — no palco, ou como voluntários, ou na plateia — se dedicava alegremente a trocar: favores, flores, dólares, músicas, abraços, cervejas, amor, qualquer coisa. Mas os críticos não estavam conosco na calçada, não estavam conosco

nos shows. Eles estavam berrando pelas janelas do carro ou atrás de laptops. Não conseguiam ver o que era a troca: um processo normal para nós, mas alheio a eles.

Pouco tempo depois, quando o escândalo foi morrendo, me ocorreu uma ideia paradoxal que parecia chegar ao xis da questão: e se eu simplesmente VENDESSE a chance de vir tocar com a banda no palco, como um pacote do Kickstarter — um produto, como um CD de 25 dólares ou uma sessão de arte a 10 mil dólares? E se eu *cobrasse* 100 dólares pela oportunidade de virem tocar trombone ao vivo no palco, com a minha banda?

Não precisei fazer a experiência para encontrar a resposta; um conjunto orquestral indie, The Polyphonic Spree, já havia feito. Eles lançaram um Kickstarter naquele mesmo mês, oferecendo uma opção de 1.500 dólares para a pessoa subir ao palco com qualquer instrumento e se juntar à banda em algumas músicas. Eles limitaram os pacotes a dez e venderam todos.

Não houve nenhuma polêmica.

Por que não? A conclusão a que cheguei foi que as pessoas ficam à vontade desde que haja dinheiro circulando em QUALQUER direção, seja do artista para o voluntário ou do voluntário para o artista. As pessoas conseguem entender uma etiqueta de preço, onde quer que ela esteja pregada. Mas tem gente que não consegue entender uma troca mais confusa de pedir e dar — o dom que se mantém em movimento.

• • •

Relembrei os tempos de estátua e os críticos do **VAI TRABALHAR**, que não pareciam muito diferentes de quem me chamou de mendiga quando decidi recorrer diretamente à ajuda dos fãs.

Isso revelava alguma coisa, penso eu, sobre a sensação fundamental de desconforto das pessoas diante do artista — ou da pessoa — que *pede* uma troca direta.

Se os artistas sentem tantos pruridos em ficar atrás da própria caixa registradora, isso é, em boa parte, uma reação direta ao fato de que muitos *clientes* sentem pruridos ao *vê-los* ali. Ninguém teria gritado **VAI TRABALHAR** para o cara que estivesse pegando os ingressos na porta de

uma galeria em que A Noiva estivesse em exposição. É como se, com o passar do tempo, tanto os artistas quanto o público tivessem se acostumado à presença de um agente legitimador, um intermediário comercial que lança um pozinho de pirlimpimpim profissional sobre a troca. Os tempos estão mudando.

É uma guinada de 180 graus em relação aos anos 1980 e 1990, quando as trocas com os grandes músicos eram, na sua maioria, totalmente indiretas e envolviam — pelo menos no meu caso — pegar a bicicleta encardida, ir até o shopping, entrar na loja de discos e trocar seu dinheiro por um álbum físico, que era entregue ao cliente por um caixa indiferente que não tinha absolutamente nada a ver com o artista que criou a música.

Todo o povo de rua — artistas e pessoas — sente graus variados de facilidade em pedir. Alguns artistas de rua fazem um discurso perfeito de três minutos gritando às pessoas que façam a gentileza de doar o máximo possível (e é uma delícia observar um mestre em ação — faz parte da habilidade deles). Mas meu amigo Jason Webley, que passou anos tocando acordeão na rua, se negava a estender a caixa do instrumento para receber... ele não gostava da ideia de funcionar à base de moedas. Então tocava meia hora, reunia uma multidão e vendia os CDs a 5 dólares no final da apresentação, sem aceitar doações. Se alguém tentava lhe dar generosamente uma nota de 20, em vez de uma de 5, ele simplesmente entregava quatro CDs à pessoa.

Todos encontram um caminho próprio para deixar os outros ajudarem.

• • •

Quem pode pedir? Bom, tecnicamente, qualquer um. E a internet permite que *qualquer um* lance um sinal com o potencial de alcançar qualquer outra pessoa na rede para pedir *qualquer coisa*. Mas o outro lado da moeda é que não há como restringir quem vai ouvir seu pedido nem controlar quem vê sua página de *crowdfunding*.

Um ótimo artista *freelancer* uma vez me tuitou o link para sua página de *crowdfunding*, perguntando se eu podia ajudar a divulgar que ele estava pedindo ajuda para pagar despesas médicas. Ele havia passado por uma cirurgia do estômago, e surgiram complicações que o impediam de

trabalhar. O caso dele era um exemplo típico das falhas do sistema de saúde americano — família, filhos, casa, doença súbita, cobertura insuficiente do plano de saúde, despesas médicas crescentes, falência à vista e iminente execução da hipoteca da casa.

Hesitei em ajudar.

Pouco tempo antes, eu tinha lido alguns artigos criticando um casal canadense que tentara angariar fundos na internet para realizar o sonho de se mudar para a Escócia. Alguns jornalistas foram maldosos, chamando-os de “bizarros” e publicando manchetes como “Adorariamos morar na Escócia. Alguém pode pagar a passagem? Casal canadense lança pedido na internet para financiar sonho”, enquanto os comentários (como costuma acontecer) eram ainda piores:

É sério isso? Esses parasitas querem que a gente pague os luxos deles enquanto tem tantas pessoas que realmente precisam e podiam receber ajuda. QUE FALTA DE VERGONHA!

Não acredito na cara de pau de pedir que os outros financiem o sonho deles. Todo mundo tem sonhos; as pessoas têm é que batalhar por eles e não esperar que os outros paguem a conta.

E teve um que realmente comentou (não estou brincando):

VÃO TRABALHAR

Eles conseguiram angariar apenas algumas centenas de dólares, e, pelas entrevistas, parecia que *tinham* acreditado mesmo que totais desconhecidos fossem se empolgar com o sonho deles. Se tivessem conseguido milhares de dólares de amigos e parentes felizes por terem um mecanismo formal por onde pudessem ajudá-los, o caso não teria nada de triste. Seria motivo de comemoração. Mas foi triste porque o casal não percebeu como o pedido era fútil.

Então, quando vi o e-mail do artista que precisava de uma cirurgia no estômago, senti uma parte de mim gemendo, temendo que ele pudesse estar pedindo a um povo invisível, jogando-se sobre uma multidão inexistente numa sala vazia. Suspirei e compartilhei o link, preparada para a

decepção.

Em 24 horas, ele atingiu a meta de 10 mil dólares com a ajuda do que parecia ser uma comunidade bem unida de quarenta ou cinquenta amigos e parentes.

E, enquanto observava o sucesso dele, percebi que eu tinha raciocinado como os *trolls*, ficando de lado, julgando.

Como saber? Ele se arriscou, o povo ajudou. Ele pediu e recebeu. Eu não tinha por que ficar cética. As únicas pessoas que podem julgar de fato se a solicitação é justa são aquelas às quais o pedido se dirige — quem participa do relacionamento é que pode entender a complexidade da situação.

Infelizmente, alguns tentam usar o *crowdfunding* sem entender esse conceito, na esperança de que exista algum “dinheiro grátis” mágico por aí. *Não existe.*

O verdadeiro *crowdfunding* não consiste em confiar na bondade dos desconhecidos; consiste em confiar na bondade do seu povo.

Há uma diferença.

• • •

Quando topei com o trabalho de Walt Ribeiro, um compositor / arranjador no YouTube, fiquei encantada: ele pega músicas pop do momento e faz um arranjo orquestral com instrumentos computadorizados. Ele havia disponibilizado seus arranjos da Adele, do Radiohead e do MGMT e alcançou centenas de milhares de visualizações, mas, como acontece tantas vezes com criadores de conteúdo digital de grande popularidade, a quantidade de visualizações não se traduzia em dinheiro vivo. Walt queria fazer um álbum com uma orquestra de verdade, mas não conseguia imaginar como.

Eu estava para apresentar um show requintado com a Boston Pops Orchestra e procurei Walt no Twitter, peguei seu e-mail e perguntei se ele topava fazer um arranjo de “Poker Face” da Lady Gaga para o evento no Symphony Hall. Ele topou na hora. Conversamos sobre o *crowdfunding*; ficamos amigos. O arranjo dele foi um arraso.

Alguns meses depois, quando Walt me mandou um e-mail sobre sua

nova campanha pelo Kickstarter, entrei toda feliz na página e achei que ele fosse atingir fácil a meta de 7 mil dólares. Tuitei o link, postei no blog, contei a história daquele arranizador superlegal que estava abraçando o futuro da música e tentando angariar fundos para seu álbum orquestral.

O Kickstarter não deu certo. Mais do que não deu certo: ele conseguiu apenas 132 dólares da meta de 7 mil, de três apoiadores. Eu era uma.

Centenas de milhares tinham curtido o trabalho de Walt no YouTube, mas ele não desenvolvera uma relação de longo prazo com essas pessoas, não construía uma ponte entre ele e seus potenciais apoiadores.

Nem sempre tem um povo que vai financiar seus projetos. Às vezes você só sabe depois que se joga na multidão.

Também ficou claro que meu entusiasmo pelo projeto de outra pessoa não tinha nenhuma ou quase nenhuma influência nos meus fãs. Alguns clicaram no link, olharam, concluíram que não era para eles e foram embora. Eu podia amplificar o sinal, mas não podia construir a ponte.

O que, quando pensei a respeito, não era uma coisa *ruim*. Isso me fez avaliar uma das razões pelas quais adoro tanto meus fãs: eles são totalmente independentes, com discernimento próprio e gostos estabelecidos. Não me tomavam como líder a ser seguida cegamente, ditando escolhas. Viam-me como uma formadora de conexões, uma coordenadora, que era o papel que eu queria.

Ficar *acima* de todos é uma coisa solitária — eu sabia disso por experiência própria. Eu gostava da ideia de estar *com* todo mundo.

(Passados dois anos, Walt ainda trabalha com seus arranjos e acaba de lançar uma página no Patreon.com. Tem dezoito apoiadores. Estou entre eles.)

• • •

Meu amigo Sxip Shirey é um compositor multi-instrumentista doido, com um enorme cabelo afro grisalho, que costumava se apresentar com pequenos circos punk como banda ao vivo de um integrante só. A sua música é absolutamente fascinante, mas a quilômetros de distância do *mainstream*. Sxip se apresenta há quase vinte anos como empresário artístico e mestre de cerimônias: é um formador de conexões, um maluco, que adora

comida, uísque, gente, acasos e risadas.

Ele nunca fechou contrato com uma gravadora, mas queria fazer um álbum oficial de alta qualidade com suas músicas, então decidiu recorrer ao *crowdfunding*. Ultrapassou a meta de 20 mil dólares com a ajuda de 531 apoiadores. A maioria era composta de amigos e fãs seus de Nova York, e mais algumas centenas de outros estados ou países, que tinham visto alguma apresentação sua ao longo dos anos. Calculo que ele provavelmente deve ter tomado uma bebida junto com pelo menos uns 37% dos apoiadores. Eles queriam ajudá-lo a gravar as suas músicas e a... Ser Sxip.

O Kickstarter do Sxip provou uma teoria que eu tinha, mas nunca testei.

Além da opção do CD básico a 20 dólares, Sxip não forneceu muitos detalhes do que ia dar ao povo. Só pediu que confiassem nele.

Eis a descrição dos níveis de contribuição no seu Kickstarter:

Contribuir com 1 dólar ou mais: Todos os apoiadores vão receber **ALGUMA COISA!**

Contribuir com 20 dólares ou mais: Você vai receber o meu novo CD com uma bela arte. Vou autografar e você vai **GOSTAR MUITO** do presente de surpresa que **TAMBÉM** vai junto. Vai valer a pena!

Contribuir com 50 dólares ou mais: Você vai ter o meu novo CD e **UAU!!** Há **DOIS** presentes de surpresa no mesmo pacote! Agora você vai ter um monte de coisas para ouvir! Chame sua mãe ou outro parente. É um dia para nunca mais esquecer!

Contribuir com 1.000 dólares ou mais: Pô, caramba... peraí... se acalme, coração disparado... ah... ah sim... ah **SIM... ESPERE SÓ**, sério. Estou com as mãos suando só de pensar. Sério.

Contribuir com 2 mil dólares ou mais: Liga pra mim, é importante, precisamos planejar isso. Não vai ser simples, mas vai valer a pena!

Contribuir com 3 mil dólares ou mais: Ah Meu Deus, para **VOCÊ**, eu vou... **ARREBENTAR... A... BOCA... DO... BALÃO!!!!**

Ele conseguiu mais de 21 mil dólares. A maioria (350 pessoas) escolheu

o pacote de 20 dólares, 76 compraram o pacote de 50 dólares e 59 compraram o pacote de 100 dólares. Duas pessoas compraram o pacote de 1.000 dólares.⁸

A minha teoria: uma das principais razões pelas quais as pessoas normalmente querem ajudar um artista é que elas de fato querem... ajudar um artista. Não receber um porta-garrafa bonito. Se decidem ajudar, elas vão ajudar no nível em que podem, independentemente de haver uma lembrança, uma flor ou um simples agradecimento à espera do outro lado.

Enviei um e-mail a um conhecido no Kickstarter para saber se eles tinham dados concretos que pudessem confirmar essa teoria, e de fato eles tinham: desde que o Kickstarter começou a existir, 887.256 apoiadores pediram que os artistas nem lhes enviassem qualquer tipo de recompensa — o que representa um pouquinho mais de 14% do conjunto de usuários.

Às vezes, as pessoas só querem ajudar. Só dá para saber depois de pedir.

• • •

Na noite de encerramento da minha campanha no Kickstarter, ao bater da meia-noite de 31 de maio de 2012, dei uma festa gratuita de comemoração no Brooklyn. Anunciei em estilo ninja no Twitter e no blog no dia anterior. Algumas centenas de pessoas se juntaram num estacionamento com um equipamento de som alugado, pizza, bebida e apresentações circenses espontâneas, e fizemos a contagem regressiva em alto estilo.

Um amigo nos emprestou um tanque de plástico gigantesco — para criar um aquário de proporções humanas —, e paguei alguns artistas para arranjar dezenas de listas telefônicas. Eles passaram três dias juntando as listas e escrevendo à mão os nomes dos mais de 24 mil apoiadores, cada um numa página amarela. Minha banda e eu vestimos trajes de banho antiquados, sentamos no aquário para humanos colocado na traseira de uma picape e começamos a arrancar cada página de cada lista telefônica e a agradecer individualmente cada apoiador segurando as páginas na parede frontal do tanque, onde havia uma câmera transmitindo um webcast ao vivo.

Depois de erguer cada página, a gente amassava o papel e deixava cair dentro do tanque. À meia-noite, estávamos dentro de um mar de nomes

em páginas amarelas amassadas que batia na altura do peito; foi uma glória, e algumas pessoas até deram um mergulho.

Meses depois, quando enviamos o álbum físico a milhares de apoiadores, incluímos em cada pedido uma página amarela aleatória de surpresa. Alguém começou um banco de dados virtual com “encontre a pessoa da sua página amarela!”.

Dois anos mais tarde, as pessoas ainda continuam a se encontrar.

Quando se encontram, eles me contam. E eu conto para todos os outros. A rede continua se reforçando.

• • •

Aqui vão três histórias do Kickstarter.

Um músico indie chamado Deakin, da banda Animal Collective, fez a pré-venda de um CD de edição limitada e outros objetos pelo Kickstarter, relacionada com sua ida a um festival no Mali, na África, e para apoiar uma entidade beneficente de lá que combate a escravidão. Ele arrecadou cerca de 25 mil dólares de algumas centenas de pessoas. E então sumiu da face da Terra: nenhuma mensagem, nenhum álbum, nada. Ele nunca postou nada na página de atualização do projeto, e, depois de algum tempo, os apoiadores começaram a reclamar.

Na seção de comentários reservada aos apoiadores, que é visível para o público em geral, dá para ver o lento desenrolar da história. Eles começam empolgados, depois mostram paciência, e depois todos começam a perguntar o que está acontecendo. Passado um ano, começam a perguntar se, por favor, poderiam receber o dinheiro de volta. Mas não há ninguém ali para responder: o capitão abandonou o navio. Aí vem a raiva. Eles ficaram bravos, mas principalmente porque foram abandonados como colaboradores.

Os apoiadores começaram a reclamar que tinham sido “enganados”; pediam informações, indignados porque o cara estava lá fazendo um outro álbum com sua banda. Uma apoiadora postou: *Dei essa porra de presente pro meu namorado... e nunca foi entregue. Babaca ingrato.*

Alguns anos depois, ele deu uma entrevista explicando que tivera problemas para fazer o álbum, confirmou que todo o dinheiro havia sido

encaminhado à entidade e prometeu entregar quando pudesse. Mas muitos apoiadores continuaram insatisfeitos.

Se Deakin tivesse mandado uma mensagem dizendo:

Oi, pessoal! Mil desculpas, mas a gravação do álbum não deu certo, por causa disso e daquilo, e aqui estão algumas fotos da viagem, e aqui está um relato profundo e sincero do que vi quando estive lá... o que acham de eu só enviar pra vocês algumas fotos autografadas?

... creio que o povo dele talvez não se zangasse tanto.

John Campbell é o criador de um webcomic chamada “Pictures for Sad Children” [Imagens para crianças tristes], e ele lançou um Kickstarter para produzir uma coleção de capa dura dos seus trabalhos e arrecadou 51.615 dólares de 1.073 apoiadores. Depois de atingir a meta, fazer o livro e entregar muitas das encomendas nos dezoito meses seguintes, Campbell publicou um post longo e meio incoerente no blog, falando sobre riqueza, capitalismo e consumismo, e incluiu este aviso:

Despachei cerca de 75% do prometido no Kickstarter para os apoiadores. Não vou despachar mais nada. Não vou fazer nenhum reembolso. Para cada mensagem que eu receber sobre esse livro, seja por e-mail, rede social ou qualquer outro meio, vou queimar um exemplar.

Campbell também postou um vídeo em que ele queimava um dos livros. Parecia estar sofrendo um colapso e desprovido de recursos (tanto de dinheiro quanto de energia) para acabar de atender às encomendas dos apoiadores. Mas eis a parte interessante: se você examinar os comentários dos apoiadores, eles não ficaram muito bravos. No geral, pareciam mais preocupados com a saúde dele do que com qualquer outra coisa.

Seus apoiadores *se uniram*. Na maioria, mostraram um alto grau de preocupação com o artista — dava para ver que era uma comunidade, não uma loja sem alma. Um deles se ofereceu para fazer uma versão digital do livro e enviar para os que não tivessem recebido o pacote. Outro montou um “Clube do livro das crianças tristes”, publicou seu próprio e-mail pessoal e se ofereceu para servir de intermediário para quem quisesse doar um exemplar para outro que não tivesse recebido.

Três meses depois, outro artista chamado Max Temkin apareceu, foi até

a casa de John para pegar os livros não entregues e pagou as despesas postais do próprio bolso, para despachar os exemplares restantes aos apoiadores.

Há patronos por todas as partes. Mas a questão principal é que, mesmo quando John pisou total na bola e fez o impensável — Insultou o conjunto dos fãs! Queimou o próprio livro! —, pelo menos ele manteve a comunicação. E foi *isso* — por mais estranha que tivesse ficado a história — que o manteve conectado ao povo.

Josh Ente é um artista que mora numa parte de Nova Orleans que foi devastada pelo furacão Katrina. Na sua quadra, havia uma casa abandonada caindo aos pedaços, e ele lançou um Kickstarter para enchê-la com milhares de bolas coloridas. A campanha arrecadou cerca de 3 mil dólares de umas duzentas pessoas, mas, depois que o valor foi debitado da conta de todas elas, a prefeitura recebeu uma reclamação anônima e ameaçou Josh de prisão se ele prosseguisse com a ideia — muito embora ele tivesse autorização do dono da casa e da secretaria municipal. Não existe sistema de devolução no Kickstarter — depois de feito o débito no cartão de crédito das pessoas, não tem como reembolsá-las automaticamente —, mas Josh não conseguia aceitar a ideia de deixar o povo sem resposta.

Então ele entrou em contato com todos os que tinham financiado o tanque de bolas e fez uma proposta: ele devolveria um cheque para cada um ou encaminharia o dinheiro para a entidade beneficente que escolhessem. Josh chegou a encontrar um velho amigo numa festa, alguns meses depois, e lhe pagou ali na hora. E a coisa ficou assim: cerca de 40% pediram o reembolso, 40% encaminharam para uma entidade beneficente e 20% disseram: *Fique com ele para o seu próximo projeto artístico*. Josh já havia desembolsado o capital inicial para montar o projeto; já comprara as bolas. Isso significa que ele ressarciu todo aquele povo — e doou para todas aquelas entidades — com dinheiro do próprio bolso e assumiu o prejuízo.

Fiquei curiosa para saber o que Josh fez com todas as bolas e lhe perguntei. A resposta: *Consegui interceptá-las antes que fossem entregues; até onde sei, ainda estão num depósito em Dallas, esperando que eu vá retirá-las. E duzentas boias macarrão que seriam usadas como revestimento de segurança ficaram na varanda da minha casa por quase dois anos, até que doe uma parte*

para um carro alegórico de Mardi Gras e outra parte para um funeral viking.

• • •

A minha relação com os meus fãs é como uma amizade. Tive uma série de zabras ao longo dos anos: ingressos vendidos duas vezes por engano, encomendas de álbuns atendidas com cinco ou seis meses de atraso. Mas, de modo geral, se eu explico a logística da coisa e a história dos bastidores, o público me dá força. Pedi desculpas milhões de vezes. A única coisa que não posso fazer é quebrar o código de honestidade e contato franco e constante. É possível ajeitar quase tudo com uma comunicação autêntica.

• • •

O pacote mais caro do Kickstarter era a “sessão de arte e jantar” por 10 mil dólares, em que eu prometia desenhar o retrato da pessoa ou vice-versa... ou qualquer outra coisa (roupa era opcional). Duas pessoas compraram o pacote. O primeiro entreguei em Washington, D.C., e levei Neil comigo.

Ninguém ficou pelado. Em vez disso, Neil e eu pintamos um mural na parede de um quarto que pertencia ao bebê ainda não nascido, que estava incubando na barriga de Chanie, a apoiadora no Kickstarter. Criamos uma cena surreal, com um homem da lua tocando piano e um coelho matador num balão, enquanto Chanie e o marido ficaram sentados no chão do quarto vazio, conversando conosco sobre filmes ruins, brigas de irmãos e política local. Então levamos o casal para jantar num restaurante indiano.

A segunda sessão de arte entreguei em Perth. A apoiadora se chamava Yana, e só quando a encontrei no meu show geral na noite anterior foi que percebi que a conhecia do Twitter. Vínhamos nos comunicando informalmente havia anos... e lembrei que ela tinha levado comida para nós, num show, alguns anos antes.

É difícil não ver Yana. Ela nasceu com acondroplasia. Com pouco menos de trinta anos, ela tem 1,35 metro de altura e passou por dez operações para alongar os ossos dos membros. Depois de me mostrar a acolhedora casa australiana da sua família e a verdadeira floresta no quintal onde ela brincava quando criança, todos nós sentamos para um banquete preparado em casa, durante o qual mantive uma conversa animada com seu irmão mais

novo, Sebastian, sua mãe francesa e seu pai britânico sobre os mais variados assuntos, desde saudade de casa até o novo primeiro-ministro australiano, Tony Abbott (ninguém gostava dele). Eu me senti em casa; era uma família muito acolhedora e amorosa. E fiquei muito impressionada com Yana, tão confiante, segura e divertida. Ela estudou música na faculdade, mas trabalhava num hospital e parecia decidida a não permitir que a condição física atrapalhasse sua felicidade — ela emanava uma aura positiva.

Depois da refeição em família, Yana enfiou uma tela, mantas e pincéis em algumas caixas, e ajudei a carregar por uma rua e um campo de futebol. Ela tinha planejado tudo: queria posar nua no parque onde havia brincado durante a infância. Falei que, se fôssemos presas, provavelmente seria o acontecimento mais significativo para minha reputação desde que fui presa em Amsterdam por fazer uma sessão ninja no lugar errado e na hora errada.

Yana não era uma exibicionista nata, mas, logo que chegamos a um gazebo sombreado perto do parquinho deserto, ela respirou fundo e tirou as roupas. Escolhi um pincel.

O corpo dela era uma bela paisagem de pele alva, e suas pernas e braços eram cobertos de constelações de cicatrizes das cirurgias. Enquanto eu me concentrava em desenhar o contorno, fui tomada por um sentimento profundo e sereno de honra. Sou pintora amadora e levei duas horas para conseguir uma semelhança passável, intercaladas por alguns acidentes no quesito indecência. Um homem idoso veio até nós e perguntou o que estávamos fazendo, enquanto Yana se afundava embaixo da manta.

Somos alunas de arte, menti na cara dura.

Yana contou as histórias da sua vida: como vivia adoentada por causa da condição física; sobre Jeff, seu melhor amigo, que anos antes apresentara minha música a ela.

Nós dois nascemos com problemas, disse ela. Nunca precisamos nos justificar um ao outro.

Jeff morreu no mês em que lancei o Kickstarter. Yana comprara a sessão de arte como uma espécie de presente de despedida em memória dele. Não perguntei onde ela conseguiu o dinheiro.

Todo mundo sempre me olha, refletiu ela, quando outra pessoa chegou perto demais e ela agarrou a manta, mas nunca pelas razões que eu quero.

Eu continuava a me atrapalhar na sobancelha dela.

Todo mundo que eu conheço, falei, principalmente os artistas, tem uma relação supercomplicada com o fato de ser olhado. Mas é sério, não consigo imaginar como é a sua.

É difícil, disse Yana.

Apaguei e desenhei de novo, pensando em como nos julgamos mutuamente. Eu estava tentando embelezá-la? Afastei o pensamento e continuei tentando deixar a sobrancelha esquerda dela minimamente parecida com uma sobrancelha.

• • •

Eu tinha vendido pelo Kickstarter 34 festas particulares, a 5 mil dólares cada — em qualquer lugar do mundo — e prometi entregar em dezoito meses. Estabeleci algumas diretrizes, já tendo vendido e entregado sem problemas algumas delas como parte do meu álbum *Amanda Palmer Goes Down Under*. No máximo cinquenta pessoas. A festa podia ser em qualquer lugar (dentro de casa, fora de casa, em qualquer lugar do mundo, e a passagem era por minha conta), mas não podia ser divulgada como um show. O pacote incluía também uns 1.000 dólares de produtos: o disco de vinil, os livros de arte com acabamento de luxo, o toca-discos etc.

Pouquíssima gente podia bancar o preço da festa, e assim só umas cinco festas foram vendidas a pessoas individuais; as demais resultaram de um belo esforço de confiança da comunidade. Criaram-se grupos no Facebook, voluntários se coordenaram para reunir os fundos, encontrar os locais e dar forma às festas. Da África do Sul a Israel, do Canadá à Alemanha e à Austrália, completos desconhecidos confiavam uns nos outros. Quando eu aparecia nas festas, geralmente havia três anfitriões: o voluntário que oferecia a casa, o voluntário que tinham entrado com 5 mil dólares e confiado que 49 pessoas iriam entrar com 100 dólares cada, e o voluntário que cuidava da logística alimentar. Esses voluntários geralmente ficavam amigos pelo próprio gesto de somar esforços. Foi uma inovação que eu nunca tinha visto na comunidade coletivista de fãs.

Eric, meu empresário, faz um baita malabarismo com um monte de responsabilidades — inclusive se colocando pessoalmente à disposição por e-mail e Twitter para milhares de fãs que tivessem perguntas sobre o

Kickstarter. Ele ficou encarregado de servir como intermediário entre todos os 34 contatos das festas particulares. Ele montou minha agenda de viagem, junto com meu agente de shows, para garantir que eu chegasse a todas as 34 cidades durante as turnês — de preferência sem ter que fazer muitas voltas ou ziguezagues demais. Foi um exercício de organização zen. (No momento em que este livro entrou na gráfica, já entreguei 33 festas. A última, na África do Sul, continua pendente. O pessoal tem sido muito compreensivo... até postaram um clipe no YouTube sobre a intensidade da expectativa deles.)

• • •

Entregar as festas particulares era como navegar no alto de uma onda nos mergulhos entre a multidão ou nos pernoites na casa dos outros. Enquanto eu me alternava constantemente entre um show para uma multidão de 1.500 pessoas de pé numa casa de espetáculos numa noite e uma apresentação para cinquenta pessoas numa sala de estar na noite seguinte, percebi qual era a diferença de fato.

Um show oficial numa casa de espetáculos ou num teatro é um trabalho repetitivo: checagem do som, camarins, testes de iluminação. O ambiente é montado para um negócio, não para a arte: postos de segurança, caixas registradoras tilintando ao abrir e batendo ao fechar; barmen entediados fazendo barulho ao pôr gelo nas bebidas, esperando que vocês acabem o berreiro e os palavrões para irem embora.

Numa festa particular, todo mundo improvisa e se arranja num espaço; não tem ninguém que não *queira* estar ali. Crianças e cachorros correm à vontade pelo lugar, não existe horário de fechamento, desconhecidos se tornam amigos sob o guarda-chuva mágico da experiência única compartilhada por todos. A música é importante — sempre toco pelo menos uma ou duas horas —, mas não é o centro absoluto da noite. Nem eu, a suposta estrela, sou o centro. Recuo e observo as pessoas criando afeto e vínculos entre si.

Durante o ano pós-Kickstarter, fui ficando cada vez melhor em festas particulares, que ocorriam em celeiros vazios no interior da Alemanha, em bares clandestinos subterrâneos de Londres, em churrascos suburbanos

nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália. A cada noite acontecia algo surpreendente, e comecei a gostar da sensação de absoluta incerteza. Qualquer coisa que acontecesse, eu mostrava no Twitter, no Instagram e no blog. O povo acompanhava.

A festa em Tel Aviv teve uma dançarina de *pole dance* e uma versão de uma música minha em hebraico que o grupo todo cantou — eles tinham ensaiado uma tradução. Numa colina distante em Oslo, o pessoal todo da festa participou de uma brincadeira em que cada um desenhava num cavalete providenciado pelo anfitrião, e todos descreveram as melhores e piores coisas das diversas cidades nórdicas de onde vinham. Naquela noite, tive uma aula completa sobre a rivalidade sueco-norueguesa, além de uma massagem maravilhosa feita por um homem barbudo que, horas depois, armou uma barraca de DJ e ficou tocando até o amanhecer enquanto a fogueira se apagava.

Numa festa em Nashville, uma garota pediu aos pais licença para grafitar as paredes externas da casa de hóspedes; cinquenta pessoas atacaram a estrutura enorme com tinta spray. Algumas semanas depois, uma festa em Chicago retomou o tema e pintamos com spray uma garagem inteira.

A cada vez, eu caía no meio do povo, conversava até altas horas entre vinhos e cervejas, falava à vontade o que me passava pela cabeça. Fui puxada de lado várias vezes, ouvi muitas histórias pesadas, abracei (e fui abraçada por) muita gente. Ao chegar numa festa no salão de jogos acarpetado no subsolo de uma casa de família em Ashburn, na Virgínia, perguntei ao anfitrião se não havia por acaso um closet disponível. Expliquei aos fãs que eu tinha dado um show no Lincoln Center em Nova York, na noite anterior, e que uma barra de metal do sistema de iluminação, que não estava bem presa, tinha batido forte na minha cabeça, e fiquei com uma pequena concussão e estava precisando de um aconchego, de preferência na horizontal. Arrastamos um futon para um closet gigantesco, abastecido com três cabideiros de fantasias e roupas de teatro.

Vários músicos tinham trazido seus instrumentos para a festa, e assim, depois de atender pedidos durante uma hora, mais ou menos, convidei todo mundo para fazermos juntos alguns covers improvisados do Nirvana — incluindo rodinha punk. Então anunciei que estava indo para o closet e deixaria a festa seguir a toda. Imaginei que levaria umas duas horas para ter

um momento calmo com todo mundo, se um de cada vez entrasse no closet para ficar um pouco comigo. Calculei mal: fiquei lá quatro horas — mas, cara, ouvi cada história. Era como *Spoon River Anthology* ao vivo. No final da noite, eu tinha ouvido os casos de dois divórcios iminentes, os medos mais profundos de uma menina de nove anos (filha de um dos convidados) e os lutos secretos: mortes, cânceres, abortos espontâneos ou intencionais, todos os segredos que as pessoas carregavam sob a capa da dança e da balbúrdia fora do closet.

Uma noite, cheguei a uma casa afastada no meio do mato, a algumas horas de São Francisco e cheia de adolescentes e seus respectivos pais. Bill era o pai que tinha organizado a festa, e ele nos recebeu, a mim e à minha amiga Whitney, que me levava de carro até a festa, como parentes que eu não via desde longa data. Os festejos já avançavam animados: havia comida caseira em abundância, a cerveja artesanal corria à solta, e todo mundo estava sentado junto no chão da sala, tocando e cantando. Na cozinha, Whitney e eu concordamos que estávamos passando por um exemplo clássico de Inveja Familiar. Como era possível que todos aqueles adolescentes quisessem SE DIVERTIR JUNTO com os pais?

Saí com meu prato de bolo e frutas e fui até a varanda, aspirando o perfume das sequoias e olhando a garotada se alternando para acender uma escultura de metal de 3,5 metros de altura, que soltava fogo do topo. Conversei com Bill, o Pai Perfeito.

A filha adolescente tinha morrido no ano anterior. Ele me mostrou as pinturas dela. Falou que a festa, em certo sentido, era para ela, uma celebração da sua vida. Mais tarde, toquei no piano da sala uma música chamada “Lost” — que estava no álbum do Kickstarter que a festa ajudara a financiar —, e todos os presentes, jovens e velhos, deram os braços e formaram uma fila, cantando juntos. Eu não acreditava: todo mundo sabia a letra.

Foi tudo muito real.

• • •

A gravação do álbum do Kickstarter tinha levado alguns meses; Jherek, Chad, Michael e eu passamos um mês inteiro em Melbourne entre

estúdios de ensaio e um de gravação, trazendo à vida minhas canções ciosamente reunidas. Apenas uma música foi gravada com solo de piano (“The Bed Song”, que levou pelo menos umas vinte tentativas até ficar boa); as demais vinham cheias de acompanhamento, criado pelos três integrantes da banda, que contribuíram com suas ideias estruturais e seu som. Michael programou os *loops* da bateria. Chad passou horas localizando os sons certos no sintetizador. Jherek criou lindos arranjos de sopro e cordas para cinco das canções, e contratamos músicos locais para vir ao estúdio durante alguns dias. A certa altura, tuitamos pedindo um metalofone. Chamei o álbum de *Theater is Evil*, que depois mudei para *Theatre is Evil* (na grafia britânica) devido a uma reivindicação popular que surgiu no dia em que anunciei o nome do álbum no Twitter e ingleses e americanos foram às armas. Não houve necessidade de derramamento de sangue; foi feita uma votação, e os ingleses ganharam.

Algumas semanas antes do lançamento oficial nas lojas e da chegada do álbum na caixa de correio dos fãs, todas as cinco pessoas que compunham a banda e a equipe de turnê saíram numa miniviagem para entregar as sessões artísticas do Kickstarter que tínhamos vendido, e que eram eventos apenas para os apoiadores, restritos a 250 pessoas e realizados em pequenas boates, galerias estranhas ou espaços de arte improvisados. A comunidade se reunia, a banda tocava uma seleção acústica especial e a arte original do álbum ficava exposta nas paredes. Eu tinha contratado cerca de 35 pintores, escultores e fotógrafos — amigos meus, na maioria — para criar obras inspiradas nas letras das canções. Cada artista recebeu 500 dólares por trabalho, e despachamos toda a arte para as festas, que aconteceram em Nova York, Berlim, Los Angeles, São Francisco, Boston e Londres. Montamos uma série de sacolas de presente para os apoiadores que compareceram, contendo CDs de surpresa, artigos de papelaria personalizados, vendas para os olhos e, na maioria das vezes, um livro usado comprado naquela cidade. Na manhã de cada sessão de arte, eu entrava num sebo, comprava cerca de trezentos livros usados (era como uma compra de mês num supermercado) e levava tudo para o local da festa.

Alguns dias antes da primeira festa artística, tive a ideia súbita de deixar que os fãs desenhassem em mim — nunca sei bem de onde vêm essas ideias — e pedi por mensagem de texto para minha assistente, a

SuperKate, comprar uma caixa de canetas marcadoras para distribuir. Laváveis, se você encontrar, mas melhor fazer uns testes. Provavelmente vou estar suando, é verão.

O povo naqueles espaços era minha família de fãs, e eu tinha fé neles. Eles confiaram que eu ia entregar um álbum, e deixar que desenhassem no meu corpo nu era um gesto para mostrar que eu retribuía a confiança. Em algumas das festas, eu estava preparada para me despir, mas acabava decidindo pelo contrário se os ares não me parecessem muito seguros. Experimentamos com diversos instrumentos de desenho em diversas noites: uma das primeiras vezes foi meio que um desastre, pois só conseguimos encontrar uns marcadores pequenos e vagabundos que não escreviam bem numa superfície de carne viscosa. Todo mundo se empenhou ao máximo para desenhar em mim, mas de modo geral era como se eu estivesse sendo espetada por cinquenta garfinhos pontudos. Todos encaramos a situação com bom humor. Numa noite, usamos pincéis. Em outra, tentamos pintura com os dedos. Essa foi interessante.

Cada uma dessas noites — eu de braços abertos, olhos fechados, deixando que os fãs desenhassem no meu corpo — era como um exame final de confiança.

Era aquela sensação de novo, a mesma que tive diante da campanha do apartamento de Felix e Michelle: uma mistura eletrizante de medo e obstinada confiança de fundo, que persistia inabalável.

Isso me lembrava do arrepio que a gente sente no instante em que salta de um trampolim, sabendo que todos os poros do corpo logo vão sentir o impacto de um ataque sensual completo: a gente se retesa... com alegria. A nudez na presença de estranhos é um sentimento muito poderoso, mesmo — e *principalmente* — quando não há sexo na parada. Eu espremia os olhos, estendia ao máximo os braços, muito parecido com como fazia quando era A Noiva, e sentia todos os centímetros de carne expostos e vulneráveis diante de todo mundo. Cada pincelada, cada dedo ou caneta que tocava minha pele — mesmo que doesse ou fosse muito gelado — era como uma carícia amorosa. Alguns não se arriscavam a ir além dos meus braços; outros desenhavam alegremente nos meus peitos e decoravam com flores o triângulo do púbis. Eu ria e deixava que me enfeitassem à vontade.

Na verdade, era uma pergunta para o povo, em forma do meu corpo nu.

Confio em você até este ponto.

Posso?

Mostra.

• • •

Dei uma pequena pausa nos shows para fazer um pouco de ioga. Praticamente não havia sinal de celular no retiro, mas um dia subi num monte chacoalhando o celular para o céu e descarreguei as mensagens de texto que haviam se acumulado nos últimos dias. Uma era de Anthony.

Tinha estado no médico, disse ele.

Haviam errado no diagnóstico até aquele momento.

Era câncer.

Câncer pesado. Leucemia.

Me deram seis meses, no máximo, dizia a mensagem.

Acabou, querida.

A minha cabeça parou de funcionar.

Desci a colina. O professor de ioga, Nigel, e um dos meus novos amigos britânicos, Max, estavam sentados num muro de pedra, rindo ao sol. Max tocava uma música espanhola no violão.

Eles viram que eu estava com os olhos vermelhos e me acenaram para me aproximar. Eu não queria evitá-los. Queria contar para eles. Mas como ia explicar? Mal me conheciam, e menos ainda sabiam quem era Anthony e o que ele significava para mim. Provavelmente iam me achar melodramática. Provavelmente não iam acreditar em mim.

Recebi uma mensagem..., falei. Acho que meu melhor amigo está morrendo.

Olhei para eles e eles olharam para mim. Eles me viram.

Nigel estendeu as mãos e me segurou. Os soluços me subiram do fundo do peito. Fiquei ali, me embalando nos braços de Nigel, tão feliz por ter encontrado justo aqueles dois estranhos.

Ficamos ali alguns minutos, sem dizer nada, enquanto eu chorava no ombro de Nigel até me acalmar. Max se ofereceu para tocar uma música ao violão para mim, e me sentei no muro, segurando a mão de Nigel e me perdendo nos sons. Então a realidade da coisa me bateu outra vez.

Anthony vai morrer.

Eu tinha que ir.

Mal conseguia pensar. Fui até o telefone público no escritório do retiro e liguei para Neil a cobrar.

Anthony acaba de escrever. Os médicos disseram que ele vai morrer daqui a seis meses, Neil. Tenho que ir para casa. Urgente.

Ah, meu deus. Meu amor. Sinto muito.

Preciso da sua ajuda. Aqui não tem sinal de celular, só o telefone público. Você pode me ajudar? Pode me ajudar a trocar a passagem?

Claro, claro que sim. E quer dizer... Ele hesitou. *Tudo bem pra você se eu pagar?*

Claro, falei. Tudo bem... depois eu devolvo.

Preferia que não devolvesse, Amanda. Deixe por isso mesmo. Te amo. Agora deixa eu desligar e ver se consigo marcar o voo. Para quando você quer?

Primeiro horário de manhã cedo, o primeiro voo que conseguir. Te amo também. Neil?

Diga.

Desculpa, falei. Obrigada. Obrigada por me ajudar. Desculpa.

Amanda, falou ele, presta atenção. Eu quero ajudar. Sei o quanto Anthony significa pra você. Quero desesperadamente ajudar. É só você pedir.

Desliguei o telefone e fiz as malas, me sentindo confusa e vazia. No dia seguinte, antes de sair para o aeroporto ao amanhecer, fui até as matas no terreno do retiro para encontrar um graveto.

• • •

A viagem de volta a Boston levou cerca de 26 horas — um trecho de ônibus, uma balsa, dois aviões. Quando cheguei ao primeiro aeroporto, entrei catatônica numa banca de jornais e revistas, comprei um caderno em branco, sentei na plataforma de embarque e comecei a escrever. Tudo o que me ocorria das coisas que Anthony me dissera ao longo da vida, todos os conselhos, todos os quadros cômicos e idiotas que criamos juntos, todas as lembranças, por menores que fossem. Subi no avião e continuei a escrever, sem conseguir parar.

Aquela tinta indo para as páginas vazias daquele caderno era meu colete salva-vidas, minha intravenosa, minha única forma de não desmoronar.

Naquele momento, entendi uma coisa sobre meu marido escritor que eu nunca havia entendido antes. Tive um pequeno vislumbre do ato de escrever alguma coisa como uma válvula de escape muito prática e direta para a dor. Eu não tinha nenhum desejo de publicar aquele texto; não estava pensando num público. Só precisava fazer aquilo, senão desandaria a chorar e não conseguiria me controlar. Senti pela primeira vez a verdade física do que é se entregar ao ato de criação como uma via de escape de uma realidade insuportável.

Se eu parasse de escrever e começasse a pensar, ia desandar a chorar e não conseguiria parar nem coordenar as ideias, então praticamente não desgrudei a caneta do papel durante a viagem inteira.

• • •

Neil me buscou no aeroporto e fomos juntos ao hospital. Ficamos uns instantes no carro estacionado, conversando.

Não posso sair outra vez. Vou ter que cancelar toda a turnê europeia, falei, olhando pelo vidro do para-brisa para a parede cinzenta do estacionamento do hospital. E as turnês na Austrália e na Nova Zelândia. Não posso ir, não enquanto ele estiver passando por isso.

A minha cabeça disparou. Já está à venda, Neil... milhares de ingressos já foram vendidos. Meu deus, querido, isso vai ser uma merda. Os fãs vão entender. Mas, se eu remarcar, vai ser um prejuízo enorme e não vou receber nada... e... a banda... vou precisar dar alguma grana a eles para cobrir a lacuna... todos vão ficar sem trabalho com um aviso prévio de três meses, preciso pagá-los e...

Meu bem, calma, calma. Em primeiro lugar, não se preocupe com o dinheiro, disse Neil.

Não estou preocupada com o dinheiro, respondi. Você vai me ajudar a cobrir, não é?

Claro que vou. Opa, perai... Neil parecia cético. Quer dizer que você vai me deixar ajudar numa boa?, perguntou ele.

Vou, querido. Super numa boa. Não é como no ano passado quando fiquei naquele aperto. Agora é fácil.

Como, fácil?, perguntou.

Absolutamente fácil... respondi. É o Anthony.

Doía o suficiente.

Eu me levantei do prego.

• • •

A segunda vez que vi Anthony chorar foi uns dez anos depois que lhe dei a carta sobre Laura.

Ele precisava fazer quimioterapia, disseram os médicos. Trinta e seis idas ao hospital, e não podia ir e voltar sozinho porque os efeitos colaterais o esgotavam demais e não seria seguro dirigir. Os amigos entraram em ação, organizando um sistema de rodízio para que todos pudessem levá-lo para o tratamento.

Neil parecia assustado com minha tristeza, com medo de fazer a coisa errada, dizer a coisa errada, reagir do jeito errado. Mas eu podia sentir o quanto ele queria mesmo ajudar, me ver. Neil e Anthony tinham ficado muito mais próximos, mas eu ainda não sabia se Neil entendia o que Anthony era para mim, a importância dele. Queria poder conectar Neil ao meu cérebro e lhe mostrar a história inteira da nossa amizade. O amor.

Durante toda a minha vida, Anthony foi a referência, a pessoa a quem eu recorria a cada mágoa, a cada problema, a cada dor afetiva.

A única pessoa que eu realmente acreditava que seria capaz de entender como eu me sentia em relação ao câncer de Anthony era o próprio Anthony, e eu não podia ligar para ele e desabar. Nem pensar; ele estava com câncer. Pedir sua ajuda naquele momento não seria justo. Senti uma espécie de solidão que nunca sentira antes.

Eu estava levando ele para casa depois de uma das sessões de químio. Estávamos na estrada, e eu tentava decidir se devia ir pela faixa mais lenta (ele estava se sentindo frágil e enjoado) ou pela faixa rápida (ele também queria chegar logo em casa e ir se deitar o mais rápido possível). Nos primeiros dez minutos, o percurso tinha sido relativamente normal — quer dizer, normal como pode ser quando o seu amigo que acaba de ser condenado à morte está sentado quieto ao seu lado, entupido de remédio, e você tenta manter alguma estabilidade mental. Estávamos nos aproximando de um trecho congestionado.

Sai, disse ele.

Você quer que eu saia aqui? Bom, dá, mas...

SAI. SAI. E tentou pegar o volante e puxar o carro para a direita.

Ei! Ei. Ei. Gritei. *Cuidado. Sério. Não mata a gente.*

Então ele bateu no porta-luvas. Com muita força.

Não quero passar por isso, Amanda.

E a voz se embargou e ele deu mais um soco no porta-luvas. E outro, e mais outro.

NÃO QUERO PASSAR POR ISSO.

Senti os olhos arderem e respirei fundo.

NÃO QUERO PASSAR POR ISSO.

NÃO QUERO PASSAR POR ISSO.

NÃO QUERO PASSAR POR ISSO.

Ele deu um murro tão forte no painel que me assustou.

E começou a chorar.

Enxugou os olhos e falou numa voz muito fraca, muito cansada.

Não quero passar por isso, Amanda.

Respirei fundo outra vez. Pus minha mão na dele e mantive os olhos na estrada.

Eu sei.

Eu sei.

Eu sei.

Não tinha mais nada que eu pudesse dizer.

Eu não queria vê-lo assim, não queria estragar, não queria dizer a coisa errada.

E me senti ruim e egoísta. Não queria ele doente. Não queria ele desmoronando.

Queria ele cuidando de mim e me ajudando. Como sempre tinha sido.

Mas não. Ele estava desabando na minha frente. O que, como percebi, era o ato supremo de amor e confiança.

Ele estava me pedindo que eu o visse.

Não como mentor, não como o cara que tem todas as respostas, mas como ele mesmo.

Humano. Com medo.

Ele tinha cuidado de mim desde sempre.

Agora era minha vez.



Até então, eu nunca tinha falado muito de Anthony para os fãs. Ele era o amigo mágico por trás da cortina.

Os amigos próximos conheciam O Lance Do Anthony, mas agora eu tinha que falar sobre ele no blog e no Twitter. Era uma razão de merda para apresentar uma pessoa (*Querido Povo, apresento meu mentor e meu melhor amigo de toda a vida! Ele está morrendo, provavelmente!*), mas não havia outra maneira de explicar por que talvez eu tivesse que adiar todos os próximos shows.

A campanha do Kickstarter tinha me dado um novo grau de orgulho pelo conjunto de fãs, mas a quantidade de apoio que me deram quando contei sobre Anthony e o câncer foi assombrosa. Eles me seguraram mesmo, mandando amor, mas, acima de tudo, compartilhando histórias e sofrimentos, do passado e do presente: pais com câncer, esposas com câncer, professores com câncer, filhos com câncer. Senti que não estava sozinha.

Neil e eu estávamos prestes a ir para Nova York, mas cancelamos a mudança e alugamos uma casa em Cambridge, perto da praça Harvard, onde tudo ficaria mais fácil. Neil se ofereceu para pagar o valor integral do aluguel, e pela primeira vez sua vontade de ajudar não me jogou num surto de ansiedade. O dinheiro e quem estava pagando o aluguel pareciam não importar tanto quanto o câncer, que era a única coisa em que eu conseguia pensar. Neil pagando, eu pagando, não fazia diferença.

Reorganizei minha programação, tentando só sair da cidade quando necessário para entregar as últimas festas particulares, e então voltava e levava Anthony para as sessões de químio na minha vez do rodízio. Fui me acostumando à rotina: passar para buscá-lo, ir ao hospital, pegar um bilhete de estacionamento na garagem, ir com ele até o nono andar, esperar o início da sessão, levar um sanduíche para ele, sentar e aguardar que preparassem e ministrassem os medicamentos enquanto ele estava ali na cama do hospital, ir pegar o carro quatro horas depois e levá-lo de volta para casa.

Neil também entrou no rodízio, e às vezes íamos juntos. Então a gente ficava sentado na sala de químio ou ia até o refeitório do hospital, enquanto Anthony cochilava.

Primeiro disseram que ele tinha seis meses, reclamei. Depois disseram que tinha 60% de chance que a químio o salvasse. Aí o cara hoje disse que é mais tipo 50%. No que eles se baseiam? Quer dizer, se o tipo de câncer dele é tão raro... não parece um chute completo? Cinquenta por cento? É isso mesmo? Eles querem que a gente leve isso a sério?

Neil estava calado. Tinha passado a noite pesquisando leucemia de células T na internet. Então falou: *Não sei. Se acreditarmos na internet, é muito pior. Mais na faixa de uns 5% de chance, meu bem. Vai saber. Acho que 50% significa 50%. Pode sobreviver e pode morrer. E eles não sabem.*

Por dentro, em algum lugar, eu não tinha nenhuma dúvida de que ele ia sobreviver. *Tinha* que sobreviver: era Anthony.

Pegávamos Anthony, levávamos ao hospital, sentávamos, esperávamos.

A químio o deixava exausto.

Às vezes, sentada ao lado dele enquanto o relógio andava, eu começava a ter um sentimento de culpa e dúvida sobre as escolhas que eu estava fazendo. Finalmente lançara meu álbum pelo Kickstarter e, em vez de promover, fazer show e me conectar com os fãs, estava na minha cidade, sentada num hospital, olhando uma bolsa de medicamento gotejando dentro do braço do meu amigo.

Mas aí eu olhava para ele, dormindo ali.

Cinquenta por cento.

Anthony.

Ele tinha me amado mais do que o suficiente.

Ele tinha me amado muito mais do que o suficiente.

Eu daria tudo a ele.

⁸ Perguntei por e-mail a Sxip o que essas pessoas receberam. Num dos casos, a pedido do apoiador, ele fez um arranjo de uma composição ao piano orquestrada pela esposa do cara e apresentou a peça ao vivo para eles no Joe's Pub, em Nova York. Tenho certeza de que valeu cada centavo.



THE BED SONG

Exhibit A:

We are friends in a sleeping bag; splitting the heat,
we have one filthy pillow to share.
And your lips are in my hair.
Someone upstairs has a rat that we laughed at,
and people are drinking and singing bad "Scarborough Fair"
on a ukulele tear.

Exhibit B:

Well, we found an apartment.
It's not much to look at:
a futon on a floor,
Torn-off desktop for a door.
All the decor's made of milk crates
and duct tape
and if we have sex
they can hear us through the floor.
But we don't do that anymore.

And I lay there wondering: what is the matter?
Is this a matter of worse or of better?
You took the blanket, so I took the bedsheet.
But I would have held you if you'd only...
let me.

Exhibit C:

Look how quaint and how quiet and private;
our paychecks have bought us a condo in town.
It's the nicest flat around.
You picked a mattress and had it delivered
and I walked upstairs
and the sight of it made my heart pound.
And I wrapped my arms around me.

And I stood there wondering: what is the matter?
Is this a matter of worse or of better?
You walked right past me and straightened the covers,
but I would still love you if you wanted a lover...
And you said:
"All the money in the world won't buy a bed so big and wide

to guarantee that you won't accidentally touch me
in
the
night..."

Exhibit D:

Now we're both mostly paralyzed;
don't know how long we've been lying here in fear...
too afraid to even feel.
I find my glasses and you turn the light out;
Roll off on your side like you've rolled away for years,
holding back those king-size tears...

And I still don't ask you what is the matter...
is this a matter of worse or of better?
You take the heart failure; I'll take the cancer...
I've long stopped wondering why you don't answer...

Exhibit E:

You can certainly see how fulfilling a life
from the cost and size of stone
of our final resting
home.
We got some nice ones right under a cherry tree;
you and me lying the only way we know.
Side by side and
still
and cold.

And I finally ask you: what was the matter?
Was it a matter of worse or of better?
You stretch your arms out and finally face me...
You say:
"I would have told you
If you'd only asked me
If you'd only asked me
If you'd only asked me..."

Theatre Is Evil, 2012

A CANÇÃO DA CAMA

Imagem A:

Somos amigos num saco de dormir; dividindo o calor,
só um travesseiro encardido para repartir.
Os teus lábios estão no meu cabelo.
Alguém lá em cima tem um rato e nós rimos dele,
e o povo está bebendo e cantando mal "Scarborough Fair"
num dedilhado do ukulelê.

Imagem B:

Bom, achamos um apartamento.
Não é grande coisa:
um futon no chão,
a porta é um tampo de mesa no vão.
A decoração é de caixotes
e fita isolante
e se fizermos sexo
vão nos ouvir no andar de baixo
Mas não fazemos mais isso, eu acho.

E fiquei ali pensando: qual é a questão?
É uma questão de pior ou melhor?
Você pegou a manta, então peguei o lençol.
Mas eu teria te abraçado se ao menos...
você deixasse.

Imagem C:

Que estranho, que calmo e reservado;
nossos salários compraram um apartamento na cidade.
É o mais bonito desta parte.
Você escolheu um colchão e mandou entregarem
e subi a escada
e a vista me fez o coração bater forte.
E me abracei a mim mesma.

E fiquei ali pensando: qual é a questão?
É uma questão de pior ou melhor?
Você passou por mim e endireitou o cobertor,
mas ainda te amaria se você quisesse uma amante...
e você falou:
"Nem todo o dinheiro do mundo compraria uma cama de um

tamanho

Que garantisse que você não vai se encostar sem querer em mim
durante

a

noite..."

Imagem D:

Agora nós dois estamos quase paralisados;
sem saber quanto tempo vamos ficar aqui com medo...
medo demais até para sentir.

Encontro os óculos e você desliga a luz;
Rola para o seu lado como anos antes,
segurando aquelas lágrimas gigantes...

E ainda não te pergunto qual é a questão...

é uma questão de melhor ou pior?

Você fica com o ataque cardíaco; eu fico com o câncer...

Parei faz tempo de imaginar por que você não responde...

Imagem E:

Decerto agora você vê se a vida foi plena
pelo preço e tamanho da lápide
no lar do nosso descanso
final.

Escolhemos umas bonitas embaixo de uma cerejeira;
você e eu deitados da única forma que conhecemos.

Lado a lado e
imóveis
e frios.

E finalmente te pergunto: qual era a questão?

Era uma questão de melhor ou pior?

Você estende os braços e por fim me olha de frente...

E diz:

"Eu teria te dito

Se você tivesse pedido

Se você tivesse pedido

Se você tivesse pedido..."

Lembro que revi Yana na festa particular em Melbourne. Fazia mais de uma semana desde a aventura nudista no parque, e ela parecia um pouco abatida. Eu a vi na noite anterior, na primeira fileira do meu show oficial, com o peito comprimido na borda do palco, pressionada por algumas centenas de pessoas atrás dela. A dona da casa da festa particular era uma baterista, e a banda grunge dela tocava no quintal enquanto todo mundo lanchava e curtia a ressaca do show da noite anterior. Topei com Yana na frente do banheiro. Ela tinha pegado um avião de Perth para Melbourne, para o show e a festa particular. Parecia triste.

Yana! Como vai?, perguntei.

Esta semana foi difícil. Os mais variados sintomas, respondeu ela numa voz sem a menor intenção de despertar piedade.

Só físico?, perguntei. *Coisa do corpo? Ou tem mais?*

Estou bem, disse ela, erguendo os ombros. *Foi uma semana brutal, com a viagem e tudo o mais. Só um monte de merda pra resolver.*

Dei-lhe um abraço e voltei para a festa, conversando com os convidados, olhando enquanto as pessoas se alternavam para tocar suas músicas no violão e no ukulelê. O pessoal da minha banda chegou com a perua da turnê e foi comer alguma coisa. Ia começar minha apresentação para o povo todo no jardim, então entrei de novo na casa para me maquiar um pouco.

Entre no quarto da dona da casa, onde eu tinha deixado minha maleta, e sentei na frente de um espelho rachado. Quando atirei meu ukulelê para cima da cama, vi um amontoado de roupas no centro do quarto que parecia se mexer. Olhei com mais atenção. O amontoado de roupas era Yana. Ela estava deitada no chão, embrulhada numa manta.

Caramba, menina. Tudo bem aí?, perguntei. *Não quer deitar na cama, em vez de ficar no chão?*

Não... tô bem, disse ela.

Mesmo?

Sim. Só preciso descansar.

Coloquei a mão em seu rosto e olhei para ela. Eu conhecia tão bem aquelas sobrancelhas. Ainda queria que não as tivesse estragado tanto na

pintura.

Fica bem, tá?, sussurrei. Ela fechou os olhos, e cobri os seus ombros com a manta. Então voltei para a festa.

• • •

Cheguei a Berlim uns dias antes da sessão artística do Kickstarter e comecei a notar a mesma garota e o mesmo cara em todos os lugares aonde eu ia. Nas primeiras vezes que topei com eles, me pareceram legais, se bem que meio animados demais. E parecia coincidência, mas continuei a topiar com os dois onde quer que eu fosse comer ou passear em Prenzlauer Berg, muito embora eu estivesse pairando em locais aleatórios e me hospedando na casa de diversos amigos, sem mencionar especificamente no Twitter por onde eu andava. Toda vez que eu topava com eles, a gente se cumprimentava e tirava mais uma foto juntos. Na quarta vez, percebi que eles estavam me *seguindo* de algum jeito, talvez até me esperando afastados para ver aonde eu ia com o táxi. Era meio sinistro. O casal não tinha nada de *ameaçador* — eram fofos —, mas eu sentia como se estivessem abusando.

A sessão de arte em Berlim foi feita numa galeria improvisada que parecia um bunker, chamada Platoon, e a noite foi eletrizante desde o começo. A arte encomendada para o álbum combinava completamente com as enormes paredes de cimento; o pessoal da galeria estava empolgado e se prontificou a entrar com um monte de cerveja grátis; teve algumas apresentações espontâneas de última hora, inclusive uma banda marcial destrambelhada que eu conhecia dos Estados Unidos chamada Extra Action, que por acaso estava dando um show meia quadra adiante. Eu tinha visto no Twitter que eles estavam na cidade e convidei para virem se apresentar no estacionamento, e eles fizeram uma algazarra fantástica com os instrumentos velhos de sopro e percussão e berrando nos megafones. Passamos o chapéu para eles e todo mundo deu alguns euros.

A galeria acendeu uma churrasqueira. Meu alemão ainda era bem fluente, e fiquei me alternando entre alemão e inglês, passeando de quimono e taça de vinho na mão, levando os pedidos ao DJ que tinha se instalado em cima de uns caixotes, comendo uma salsicha vegana enquanto

o sol se punha. Amarradão.

A banda e eu tomamos nossos lugares no meio da galeria, para tocar o repertório acústico, e um quarteto de cordas da cidade nos acompanhou. No final da apresentação, tirei a roupa e convidei o povo para me enfeitar com um marcador. Acabei usando uma foto linda desse momento na minha palestra no TED Talk, acompanhada da seguinte sugestão: se você quiser algum dia experimentar a sensação visceral de confiar em desconhecidos, recomendo esse exercício — principalmente se os desconhecidos em questão forem alemães bêbados. A noite, o local, as bandas, os fãs — tudo parecia perfeito naquele momento.

Uma garota meio altinha se espremeu pelo povo até me alcançar, disse algo incompreensível, pintou uma estrela no meu nariz e saiu cambaleando. O pessoal começou a desenhar uns nos outros, nos braços e no rosto. Um americano expansivo foi gentilmente conduzido pelo povo até a saída, pois estava ficando um pouco assanhado demais com a caneta. Dei risada. Era como a rua outra vez: o povo cuidava de mim, um exército de polícia do amor. Depois de ficar desenhada de cima a baixo, o que levou só uns dois minutos, propus fazer uma coisa que não tinha planejado, mas que fiquei a fim por causa do clima: tirar fotos com as pessoas.

Mas só por um minuto, seus sacanas. Ri acima da barulheira, enquanto alguém me estendia outra cerveja de trigo. *ESTOU PELADA!*

O casal que tinha me seguido pela cidade estava na festa, e, quando um amigo fotógrafo concordou jovialmente em pegar a câmera do pessoal para tirar as fotos, os dois se adiantaram. Ficou um de cada lado do meu corpo nu, e enquanto posávamos para a foto a garota pôs a mão por trás de mim e enfiou os dedos entre minhas pernas.

Foi uma violação súbita e desconcertante. Apanhada no meio da doideira e do frenesi das fotos, entre a barulheira da música e as risadas, me virei, afastei a mão dela com um tapa e atendi ao próximo da fila.

Fiquei superirritada. Mas eu estava bem, disse a mim mesma.

Mais tarde, naquela noite, eu não estava bem. Estava muito abalada. Fui até meu beliche no ônibus e mandei uma mensagem de texto ao Neil.

Tive uma situação feia com uma fã pervertida agora à noite, depois dos desenhos. Acho que preciso do meu marido por um segundo.

Deitei ali com o celular no peito. Neil digitou de volta.

Olá, valente esposa. Que chato. Quer conversar?

É, acho que quero sim.

Só quando liguei para ele é que me deixei desabar um pouco. Falando com ele, me senti melhor.

Merda sempre acontece, falei. Certo? E não é como se eu não tivesse feito um milhão de apresentações de arte performática pelada e não tenha transado com um monte de gente. Mas cara... que coisa mais nojenta. Ela estragou toda aquela magia perfeita. Ou... talvez tenha sido uma parte importante de tudo. Talvez eu deva é me sentir agradecida.

Não sei se estou te entendendo, meu bem, falou Neil daquele jeito britânico, sugerindo que está ouvindo, embora um pouco perdido.

Quer dizer... ela é a exceção extrema à regra, certo? Eu confio nas pessoas há anos, e a coisa culmina nesse momento, quando fico literalmente nua e aí ela enfia a mão dela na minha racha e me parte o coração. Mas talvez ela tenha que fazer isso mesmo, né? Para deixar bem claro o ponto cósmico da coisa.

E que ponto seria esse?

*Eu **confiei** neles, Neil, falei, sentindo um nó crescer na garganta. Acho que a questão é: não existe confiança sem risco. Se fosse FÁCIL... quer dizer, se fosse tudo tranquilo, se não existisse um risco real de alguém abusar... então não seria uma confiança **real**. Agora sei que é real. Ela provou o quanto eu **podia** confiar em todos os outros. O gesto bêbado e idiota dela só me mostra como estou segura. Tipo, tem uma questão de estatística que é preciso aceitar e existe uma probabilidade concreta de 1% de que, quando você confia nas pessoas desse jeito, alguém vai ferrar contigo. É maluco isso? Estou sendo idiota? Eu me sinto uma idiota.*

Não é idiota, não. Ele suspirou. E não acho que seja maluquice. Só acho talvez que você confia e ama as pessoas com uma enorme facilidade e que isso às vezes traz problemas.

Traz. Por outro lado, falei, me fez casar com você.

Muito bem lembrado, disse ele.

• • •

Recentemente estive na Bay Area num pequeno ofurô de quintal que frequento faz anos com um amigo da cidade. O terreno é particular, mas o quintal é uma espécie de presente do proprietário à comunidade. Ele cuida

do lindo jardimzinho japonês, mantém a banheira limpa e dispõe de um pequeno chuveiro e locais para as pessoas deixarem a roupa. Só as mulheres podem ir sozinhas; se algum homem quiser ir, precisa estar acompanhado de uma mulher. Há uma porta com tranca eletrônica, e, se começa a parecer que estão quebrando as regras, o dono simplesmente troca a senha e o ciclo de confiança recomeça. Não é permitido falar. As pessoas fazem ioga em estrados de madeira sob a copa das árvores.

Eu estava nua no abrigo pouco iluminado que servia de vestiário, tendo acabado de tomar uma ducha e pronta para entrar na banheira, quando uma garota nua voltando para se vestir me viu e me reconheceu. Tomou fôlego e lembrou que não podíamos falar, então acenou os braços parecendo dizer: *EU CONHEÇO VOCÊ! ADORO A SUA MÚSICA!* Acenei de volta e abri os braços, pedindo um abraço.

Ela se aproximou e nos abraçamos; duas desconhecidas peladas, em silêncio, que não se sentiam nem um pouco desconhecidas.

• • •

“O que é REAL?”, perguntou o Coelho um dia, quando estavam deitados lado a lado perto da grade do berçário, antes que a Nana viesse arrumar o quarto. “Significa ter coisas que zunem dentro de você e uma manivela?”

“Ser real não tem a ver com a forma como você é feito”, disse o Cavalo de Pelo. “É uma coisa que acontece com você. Quando uma criança te ama por muito, muito tempo, não só para brincar, mas te ama DE VERDADE, então você se torna Real.”

“Dói?”, perguntou o Coelho.

“Às vezes sim”, respondeu o Cavalo de Pelo, pois ele era sempre sincero. “Quando você é Real, não se incomoda em ser ferido.”

“Acontece de uma vez só, como quando dão corda”, perguntou ele, “ou vai aos poucos?”

“Não acontece de uma vez só”, respondeu o Cavalo de Pelo. “Você vai ficando. Leva um bom tempo. É por isso que não acontece muito com os que se quebram fácil, ou têm ponta fina, ou precisam ser tratados com muito cuidado. Geralmente, quando você chega a ser Real, a maior parte do cabelo já foi amorosamente arrancada, os olhos saltaram para fora, você está bem surrado e desconjuntado. Mas essas coisas não têm a menor importância porque, quando você é Real, nunca é feio, exceto para quem não entende.”

The Velveteen Rabbit, de Margery Williams

• • •

Depois que cancelei a turnê e expliquei a razão, Anthony começou a receber *correspondência dos fãs*. Um grupo de fãs na Dinamarca tricotaram meias para ele e lhe mandaram chocolate. Um povo da Rússia enviou livros. Um grupo de fãs de Boston fez mil garças de origami e as enfiou numa caixa enorme de vidro. Gente do mundo todo enviava mensagens de amor e votos de melhoras. Ele ficou pasmo. E criou uma página no Facebook.

O que você fez com eles?, perguntou.

Eu os amei. E eles me amam. E eu te amo. Então eles te amam.

Anthony tinha escrito um texto de memórias sobre a infância e as lutas emocionais diárias, e o incitei a publicar aquilo em livro. Alguns amigos seus, que também eram escritores, entraram na parada para ajudá-lo, e ele lançou um livro autopublicado chamado *Lunatic Heroes* [Heróis lunáticos]. Vendeu muito bem.

É o melhor plano de marketing do mundo, disse ele, cáustico. *Um autor em estado terminal.*

Continuei a dar umas saídas rápidas de Boston para apresentações e festas particulares ocasionais — tentando nunca ficar mais de uma semana fora por vez. As pessoas começaram a perguntar sobre Anthony em todos os lugares aonde eu ia, me trazendo presentinhos para entregar a ele. Eu entregava.

Foi difícil ficar na casa alugada da praça Harvard com Neil, enquanto o mundo parecia continuar sem mim. Não tinha as coisas que costumavam me deixar forte e feliz. As multidões. O amor constante de desconhecidos sem complicações. Os autógrafos. Eu sentia falta. E me sentia egoísta por causa disso.

Minha banda esperou com paciência e arranjou outros trabalhos.

Todo mundo esperava para ver de que lado ia cair aquele 50%.

• • •

Estávamos sossegados na cama e bolei uma brincadeira.

Faço uma pergunta e você responde, falei.

Tudo bem, disse Neil.

Do que você tem medo? Tipo medo, medo mesmo?

De ficar velho.

*Ok. Do que mais você tem medo? Seja específico.
De ficar velho e perder a memória, e acrescentou, e não conseguir escrever mais.*

*Ok. Do que mais você tem medo?
De você me deixar sozinho, disse ele.*

Eu o abracei.

*Ok. Do que mais você tem medo?
De não conseguir mais fazer sexo.*

Estremeci. *Ok. Do que mais você tem medo?
De ser feio. De você não me achar bonito o suficiente.*

A brincadeira continuou por um tempo.

Então trocamos.

Do que você tem medo?, perguntou ele.

De algum dia virar uma bêbada de verdade, falei.

Ok. Do que mais você tem medo?

De perder o controle a certa altura, de bater lá no fundo e machucar alguém irremediavelmente.

Ok. Do que mais você tem medo?

De que todo mundo me odeie, respondi.

Do que mais você tem medo? Seja honesta.

Que as pessoas pensem que me casei com você por causa do seu dinheiro ou da sua fama.

Ok. Do que mais você tem medo?

Que os meus amigos pensem que tudo aquilo que os críticos dizem é verdade, mas ninguém tenha coragem de me dizer. Que as pessoas realmente pensem que sou uma ordinária que não pensa em ninguém, só em mim mesma.

Ufa, meu bem. Ok. Mais alguma coisa?

Engoli em seco. *Que as pessoas pensem que não ralo o suficiente. Que as pessoas pensem que sou uma artista ruim que só tuita o tempo inteiro. Que as pessoas pensem que sou uma narcisista feia e espalhafatosa. Que as pessoas pensem que sou uma fraude.*

Ele me puxou para o peito.

Ah, meu bem. Você realmente se preocupa muito com o que as pessoas pensam, não é?

Enterrei o rosto no ombro dele.

Cê acha?

• • •

A outra vez que vi Yana foi muito depois da festa de Melbourne, quando voltei à Austrália para trabalhar neste livro. Eu tinha aceitado participar de dez dias do Festival de Sydney, dando um show por noite na Spiegel tent de madeira e vitrais que lembrava um carrossel, e tentava avançar no livro durante o dia. O prazo da editora agora estava apertado, mas os shows tinham sido agendados com meses de antecedência, e assim eu seguia uma agenda monástica: acordar, fazer ioga, tomar café, escrever, apresentar o show, autografar, dormir, repetir. Yana, com um pequeno grupo de fãs australianos fiéis de várias cidades, tinha ingressos para a sequência toda das dez apresentações; eles tinham se conhecido pela internet e se tornaram um clã de amigos. Yana me escreveu um e-mail logo que cheguei, perguntando se eu tinha tempo para tomar um café. Falei que estava antissocial, enterrada no livro, mas que ela não tomasse como pessoal. Disse que a veria logo, nos shows, e estava ansiosa para lhe dar um abraço.

Um dia, indo checar o som, vi Yana e um grupo de cinco ou seis fãs ao lado da fonte, perto da tenda, e fui cumprimentar. Yana parecia esquisita; não estava com aquele jeito simpático e caloroso dela. Eu não sabia se estava brava comigo ou se era um mau humor de modo geral, e, mesmo não percebendo isso na hora, me senti culpada. Talvez eu tivesse errado nas minhas prioridades. Talvez eu tivesse sido uma babaca ao recusar o café.

Vivo me gabando da minha amizade autêntica com os fãs, pensei, mas talvez seja só da boca para fora. Talvez eu seja apenas uma oportunista, que pega o que quer quando precisa e depois some.

A minha Patrulha da Fraude interior se eriçou.

Algumas noites depois, após o show e os autógrafos, eu estava de sutiã e calcinha na frente do computador, respondendo aos últimos tuítes e e-mails do dia e pronta para me retirar seguindo o cronograma da maratona livresca de ir dormir à uma da manhã, quando vi alguns tuítes inquietantes no *feed* da Yana. Li todo o histórico recente no Twitter dela, e ficou evidente que havia algo de errado — ela estava postando frases sombrias, vagas, desesperadas. Escrevi um e-mail, perguntando se ela estava bem. Ela

respondeu com uma palavra só:

suicídio.

Por um instante, toda a minha compaixão desapareceu e fiquei *pê da vida*. Agora não tinha como ir deitar. E imediatamente senti vergonha da reação. Respondi à mensagem e fiquei acordada trocando e-mails com a Yana e mensagens de texto com outra fã que virou amiga, Carolyn, que também a conhecia e tinha visto os tuítes. Carolyn se ofereceu para ir até o albergue da Yana e ver como ela estava.

Eu já havia recebido ameaças de suicídio de fãs. Em 2004, quando meu e-mail pessoal ainda aparecia no site da banda, teve uma garota que me mandou algumas mensagens em rápida sucessão, ameaçando se matar se eu não respondesse. Foi minha primeira incursão nesse tipo de coisa sinistra com um fã pela internet, e por vários dias eu lhe escrevi longos e-mails positivos e motivacionais. Péssima ideia. Só serviu para encorajá-la a me enviar ameaças cada vez mais estranhas e complicadas. Por fim concluí que a melhor coisa a fazer era lhe enviar o telefone de uma associação de apoio e passar a ignorá-la. Ela continuou me mandando ameaças de suicídio, várias por semana, durante um ano inteiro. Bloqueei o e-mail dela.

Mas Yana era diferente. Eu a *conhecia*. Tinha passado um tempo de verdade com ela. Naquela noite, trocamos e-mails sobre a mãe, o pai, o irmão dela, sobre a vida, sobre a morte, sobre a necessidade de sermos vistos. Falei que podíamos dar uma voltinha juntas na noite seguinte, depois do show. Tentei não me sentir manipulada. São coisas da vida. Fui me deitar lá pelas três da manhã, depois de receber uma mensagem de Carolyn avisando que Yana tinha saído do parapeito da janela metafórica e também estava indo dormir.

Na noite seguinte, depois do show e dos autógrafos, Yana e eu saímos do espaço do festival e fomos até um parque. Eu já havia passado algum tempo com ela, é verdade, mas nunca tínhamos andado juntas em público, aos olhos do povo. Notei como as pessoas olhavam enquanto Yana e seu 1,35 metro de altura andavam pelo mundo. Fiquei imaginando como devia ser atrair olhares por causa do formato do corpo. Inescapável. Lembro como fiquei impressionada nas primeiras vezes em que estive com Yana. Ela parecia absolutamente segura, firme, totalmente à vontade consigo mesma. Sentei e fiquei ouvindo enquanto ela contava os acontecimentos dos

últimos meses. Falou que andava com vontade de se matar desde uma briga com a administração do hospital onde trabalhava ministrando medicamentos aos pacientes. O hospital tentara fazê-la pedir demissão, mas sem expor claramente as razões.

Eles não queriam me falar qual era o problema, disse ela piscando para conter as lágrimas. *Eu era ótima no serviço. Era realmente boa no que fazia, Amanda. Todo mundo na enfermaria gostava de mim. E eles se recusavam a me dizer qual era o problema.*

E foi por isso que você teve vontade de se matar?, perguntei, enxugando sua face molhada na minha manga. *Deve ter mais alguma coisa. Sei que perder o emprego é super estressante. Mas me parece que tinha mais alguma coisa. Por que doeu tanto?*

Ela não disse nada, mas de repente percebi *claramente* por que uma coisa assim feria tanto Yana. Era a história da vida dela — e eu tinha acabado de ver como era, enquanto íamos da tenda ao parque, atravessando a aglomeração de gente que encarava o seu corpo e depois desviava rapidamente os olhos. Que fitavam embasbacados, mas nunca diziam nada. Ela passara a vida toda tendo que lidar com pessoas que a olhavam do jeito errado, mas jamais tratara a questão.

Eles não queriam me dizer qual era o problema.

Olhavam para ela. Mas não a viam.

Sáímos do parque e começamos a andar na orla, e Yana continuou a expor seu passado, até que chegamos ao tema do auxílio do governo. Ela tinha direito a pensão por deficiência havia séculos, mas, incentivada pelos pais, nunca quis recebê-la.

Por que não?, perguntei.

Porque não sou deficiente “de verdade”. Só sou baixa. Posso fazer tudo o que todo mundo faz. Posso trabalhar, posso dirigir, sou instruída. Durante a infância e a adolescência, meus pais sempre insistiram que eu era absolutamente igual a todo mundo. Baixa, sim, mas não diferente. E do ponto de vista deles, se eu aceitar a pensão do governo, é como admitir o fracasso. É como uma derrota. É como dizer: “Isso, vocês têm razão! Sou aleijada!”

O comentário dela no parque ressoava na minha cabeça. Pensei em todas as durezas que aquela garota tinha precisado enfrentar na vida, as dez cirurgias, o alongamento dos ossos, os medicamentos, as pessoas

encarando no parque, os patrões e colegas que não queriam dizer qual era o problema.

Nós duas temos algo enorme em comum, Yana, que acabei de perceber, disse eu. Já te contei sobre os problemas do meu casamento? E como nunca aceitei nenhum dinheiro de Neil, até que o Anthony ficou doente e precisei cancelar a turnê deste ano?

Não.

Você vai adorar. Me acompanha até o hotel?

• • •

Tinham sido mais de treze semanas de quimioterapia, e os médicos ainda não sabiam nos dizer qual seria o resultado. Falou-se em transplante da medula. E, nesse caso, uma chance de sobrevivência ainda menor. A gente se acostumou a viver nas névoas da ignorância.

Um dia, Neil e eu estávamos sentados, um de cada lado, no leito de hospital de Anthony, que tinha acabado de adormecer derrubado pela químio.

Ele apagou, falei.

É, disse Neil.

Não quero que ele morra.

Eu sei, respondeu Neil. Nem eu.

E também não quero que você morra, falei.

Não vou morrer tão cedo, meu bem.

Ainda bem, falei.

Sabe de uma coisa? Estou muito orgulhoso de nós dois. Temos aprendido a cuidar um do outro, disse Neil, mesmo que nosso casamento às vezes seja meio confuso.

Verdade.

Ficamos mais alguns minutos sentados, olhando o peito de Anthony subindo e descendo, a cabeça apoiada no travesseiro branco.

Você realmente ama o Anthony, não é?, disse Neil.

É, respondi. Amo mesmo, realmente. Ele me ensinou tudo.

O líquido que pingava para dentro do seu braço, vindo pelo suporte de metal, era bem transparente, e era difícil olhar aquela bolsa sem lembrar

que cada uma delas, segundo o médico, custava 10 mil dólares. Sempre me fazia pensar nos meus amigos que não tinham plano de saúde e no quanto briguei com meus pais, quando saí da faculdade e vivia dura, pois não queria pagar um plano para mim. A batalha se prolongou por meses. Eles acabaram se oferecendo para pagar metade. Fiquei brava, mas paguei a outra metade. Meu deus, eu era tão arrogante aos 22 anos, tão negligente e tão ingrata. Olhei para Neil.

E realmente amo você também, falei. Mesmo, de verdade. Você sabe disso, né?

Sei. Acho que sei.

É engraçado, disse eu. Anthony me ensinou isso.

O que é engraçado? Ensinou o quê?

Essa coisa do amor. Você. Aceitar sua ajuda para podermos estar aqui. O lance todo.

Neil olhou Anthony, que dormia e roncava. Então olhou outra vez para mim.

E aí sorriu. *Ele te ensinou a amar. Você me ensinou a amar e a ser amado. É meio como um círculo, não é?*

Estendi o braço e peguei e apertei a mão de Neil.

Estamos dando certo, meu bem, falei. Estamos pegando o jeito.

• • •

“Imagino que *you* seja real, não?”, perguntou o Coelho. E então se arrependeu de perguntar, pois achou que o Cavalo de Pelo podia ser sensível. Mas o Cavalo de Pelo apenas sorriu.

“O Tio do Menino me fez Real”, respondeu. “Foi muitos anos atrás; mas, depois que você se torna Real, não tem como voltar a ser irreal. Dura para sempre.”

O Coelho suspirou. Ele achava que levaria muito tempo até que essa magia chamada Real acontecesse com ele. Ansiava em virar Real, em saber como era; mas a ideia de ficar surrado, de perder os olhos e os bigodes era bastante triste. Gostaria de se tornar Real sem que essas coisas incômodas acontecessem com ele.

The Velveteen Rabbit, de Margery Williams, outra vez

• • •

Liguei para Anthony da estrada. Estava no quintal de uma casa no Canadá, longe por alguns dias, para entregar algumas festas particulares. Anthony

estava cada vez mais cansado. A química estava acabando com ele. E ele nem sempre respondia às minhas mensagens de texto. Às vezes levava alguns dias para conseguir falar com ele pelo telefone. Eu estava preocupada.

Lembra o devorador de pecados?, perguntou ele.

Lembro.

Câncer, a mesma coisa. Estou crescendo por dentro. Tem mais espaço. Está vindo até mim. Só funciona se você for como uma peneira, disse ele.

Uma peneira? Peneira de cozinha? Tipo um corredor de macarrão?

É, palhaça. E estou tendo que fazer o mesmo com o câncer. Mais espaço, área maior. É a mesma coisa.

Não estou entendendo.

Todo mundo fica falando em “combater” o câncer, disse ele, todo mundo fica me dizendo para lutar pela vida, para combater a doença, e que algum tio ganhou a batalha contra o câncer e que algum primo ganhou a luta contra o câncer etc etc etc.

Tá... e daí?

Não estou lutando, disse Anthony. Ele já está dentro de mim... e não vou lutar. Vou ser um bom anfitrião, deixar que ele me atravesse... sem resistir. Peneira. Deixá-lo passar todo.

Entendi. Mas é uma metáfora. Cuidado ao comentar isso... você pode chatear as pessoas. Tem muita gente que se orgulha muito de ter lutado contra o câncer. É a maneira deles de pensarem nisso.

O combate não funciona, querida, disse ele. É como o discurso de ódio e as merdas na internet que você enfrenta. Deixe vir, ame, deixe ir. Sem lutar. Como eu disse. Peneira. Fazer amizade com os dragões. Você sabe como é.

É. Sei, sim.

Agora vou desligar. Não consigo mais falar. Cansado demais. Vou levar este corpo crivado de câncer para a sonolândia. Diga as palavras mágicas, garota.

Eu te amo.

• • •

Conforme o tempo passava, a coisa mais difícil era a inexorabilidade do 50%. Ficávamos atentos à menor palavrinha dos médicos, tentando saber se Anthony ia escapar da pena de morte. Eu não queria planejar nada que não

pudesse cancelar, e assim simplesmente parei de pensar no futuro. Era o final do inverno em Boston, e o frio e a imobilidade da agenda pareciam sugar a força vital de tudo. Eu tentava compor, mas não conseguia. Me sentia vazia, mole, sem inspiração.

Fui convidada para falar no TED, e isso me deu um motivo bacana para me distrair e ocupar a cabeça.

Havia também um resquício desgastado de mágoa no meu coração, por causa da polêmica dos músicos voluntários. O pior já tinha passado, mas as feridas demoravam para fechar e de vez em quando eu topava com listas da internet que me citavam como uma das Dez Piores Pessoas do Mundo. A preparação do TED Talk me consolava, sentada no consultório de Anthony e lendo para ele os rascunhos da minha apresentação durante os dias de recuperação da químio, ou andando de um lado para outro no porão da nossa casa alugada e gesticulando para uma plateia imaginária do TED que consistia em caixas de livros e latas de tinta emporcalhadas.

Depois de alguns meses, o nevoeiro começou a se dissipar, muito lentamente.

A químio estava funcionando, disseram os médicos.

O meu amigo não tinha morrido... ainda. Podia ficar bem.

Fiz a apresentação no TED e as pessoas gostaram. Minha vida começava a crescer outra vez, o povo na internet parecia estar cansado de me odiar e agora andava se escandalizando com a decisão de Miley Cyrus de rebolar.

Depois da nossa semana no TED, voltamos para casa, Neil e eu, para perto de Anthony, e pela primeira vez em meses comecei a me sentir melhor.

• • •

A sensação não durou muito.

Eu estava sentada no café da Porter Square Books em Cambridge, respondendo tranquilamente a alguns e-mails, com uma xícara de café e alguns rolinhos vietnamitas, quando várias pessoas me tuitaram de repente para dizer que tinham ocorrido umas explosões misteriosas na Maratona de Boston, na linha de chegada, que ficava a apenas uns oito quarteirões do Cloud Club.

Grave — de verdade — bomba explodiu. Aqui na maratona.

Em poucos minutos, a gravidade ficou clara. Chegaram mais tuítes. Pessoas tinham perdido membros.

Peguei o carro, fui para casa, sentei ao computador e não descolei da cadeira. Fiquei grudada no *feed* do Twitter, compartilhando todas as informações que vinham pelo noticiário, todas as atualizações da minha comunidade virtual na área, todas as manifestações de preocupação e amor do resto do mundo. As pessoas que estavam no local da maratona compartilhavam o choque, o medo, a tristeza, e contavam o que estavam vendo. Todos queriam se ajudar.

Tuitei mais de quinhentas vezes naquele dia.

Neil não estava na cidade.

Liguei para Anthony. Laura estivera na linha de chegada, torcendo por um amigo. Ela estava bem. Ele estava cansado.

Enquanto caía a noite e eu ainda estava na cadeira, postaram uma foto dolorosamente explícita de uma das vítimas e compartilhei, com uma advertência. Houve um transbordamento coletivo de dor, raiva e confusão — as pessoas comentavam em tempo real o que sentiam em relação àquilo.

Naquele momento, me vi pensando que queria estar num espaço onde todos estivessem fisicamente juntos, em comunhão, se consolando e sentindo a imensa perturbação da nossa cidade e o impacto de todo o sangue, os destroços e a insensata destruição da vida. Eu me sentia sozinha. Ficar em casa sozinha sentada na frente do computador simplesmente não estava dando certo. As pessoas tuitaram perguntando se eu conseguiria reunir todo mundo num parque ou numa praça, mas a polícia havia proibido qualquer reunião pública, pois os responsáveis pelas bombas estavam à solta.

Digitei uma mensagem no Twitter:

Não podemos reunir. Ilegal. Mas que tal um momento de silêncio. Eu preciso. Alguém quer se juntar a mim?

Meu *feed* explodiu com uma onda de “SIM, por favor”. Faltavam cinco minutos para as nove, então marquei o minuto de silêncio para as nove em ponto, pedi que as pessoas encontrassem um lugar bom e se aprontassem. Acendi algumas velas, fiz a contagem regressiva pelo Twitter, liguei o cronômetro do iPhone e, às nove em ponto, fechei os olhos.

Alguns segundos depois, Judith, a prima de Neil que estava de visita, entrou pela porta da cozinha nos fundos, parecendo emocionalmente tão esgotada quanto eu. Trocamos um abraço. Fiz um gesto para o laptop na mesa da cozinha e disse:

Ei... pode parecer meio estranho mas... estou fazendo um momento de silêncio pela internet.

Judith me conhecia. Ela entendeu. Fechei os olhos de novo e me sentei em silêncio com ela — e a minha comunidade on-line — até o cronômetro tocar.

Todo mundo enviou e retribuiu amor e paz. Mandei votos ao povo de Boston para uma boa noite de sono, em segurança e sem medo.

• • •

Os dias seguintes foram tomados por uma enxurrada constante de notícias e imagens perturbadoras. A caça aos supostos responsáveis pelas bombas — dois rapazes irmãos. A paralisação da cidade, voos cancelados, trens suspensos. Eu estava com um show marcado em Nova York; não parecia muito provável que eu conseguiria chegar lá. Estava obcecada com o horror de imaginar o que leva uma pessoa a fazer algo tão terrível, de imaginar a dor das vítimas, de repente privadas das pernas. Ouvi notícias sobre Dzhokhar Tsarnaev, o suspeito sobrevivente, de dezenove anos, que finalmente fora encontrado no fundo de um barco e que — descobri pelo noticiário no rádio — era amigo do filho de um amigo meu. Ouvi que eles roubaram um carro e tentaram chegar a Nova York. Tudo perto de casa.

Passados alguns dias, depois de uma aula de ioga, voltei ao mesmo café onde estava no dia do atentado e postei no blog uma série de pensamentos sobre minha vida, a vida dos meus amigos, o adolescente no fundo do barco, num fluxo de consciência em forma de poema em versos livres.

Você não sabe como parar de mordiscar os dedos.

Não sabe quantos rolinhos vietnamitas pedir.

Não sabe como as coisas podiam mudar tão depressa.

Não sabe como mal prestava atenção até olhar as pernas outra vez.

Não sabe dirigir este carro.

Não sabe como era precioso o tempo da bateria do seu iPhone até a

hora de se esconder no fundo do barco.
Não sabe como chorar seu irmão morto.
Não sabe como sua casa é claustrofóbica até a hora em que não dá
pra sair.
Não sabe o caminho pra Nova York.

Eram 35 versos assim. Não me parecia um grande poema. Era apenas uma coleção de impressões e sentimentos meus. As coincidências. O liquidificador. Os pontos.

Dei a esse post o título “Um poema para Dzhokhar”. Os fãs leram e logo a seguir enviaram tuítes e comentários de compreensão: muitos tinham passado a noite do atentado comigo pela internet. Mas, três horas depois, o post tinha recebido mais de mil comentários e o poema estava sendo linkado para sites de notícias direitistas, citado como exemplo do mal liberal. Alguns críticos do poema (nem todos eram desconhecidos, aliás; alguns faziam parte do grupo de fãs) perguntavam:

Como você pode ser tão insensível? Como ousa se promover tão descaradamente escrevendo um poema sobre isso?

Um site de notícias dizia que era “o pior poema já escrito em língua inglesa”. Num noticiário da televisão naquela noite, um comentarista o apresentou como “Poema de amor de Amanda Palmer a um terrorista”.

Não havia nada de amor a terroristas no poema.

O massacre continuou nos dias seguintes. Apareceram dois mil comentários no blog, quase todos indignados e cheios de ódio. Uns desconhecidos começaram a postar versinhos, sugerindo com ou sem humor que eu devia ter as pernas arrancadas numa explosão. Entre os comentários no blog havia rimas e haicais sarcásticos; alguns eram paródias competentes do meu poema, e outros iam mais na linha:

A rosa é vermelha
A violeta é azul
Vai tomar no cu
Vai tomar no cu

Em resposta, meus leitores postaram seus próprios poemas sobre a solidariedade e a não violência. Então alguém me falou que era o mês

nacional da poesia. Senso de oportunidade é tudo.

O *feed* do Twitter estava se enchendo de comentários indignados com tanta rapidez que eu nem conseguia acompanhar. E nem queria — doía demais. As pessoas estavam me chamando de monstro.

Depois do atentado, uma jornalista e mãe de um garoto disse no rádio que sua primeira reação tinha sido de preocupação materna com o terrorista. E outro jornalista da cidade questionou numa coluna de opinião se essa corrente de empatia não tinha ido longe demais.

Se essa corrente de empatia não tinha ido longe demais?

Anular a possibilidade de empatia é anular a possibilidade de compreensão.

Anular a possibilidade de empatia é também anular a possibilidade de arte. Teatro, literatura, histórias de horror, histórias de amor. É isso o que a arte faz. Boa ou ruim, ela imagina o interior, o coração do outro, esteja esse coração cheio de luz ou aprisionado pelas trevas.

• • •

Aqui está uma boa receita que tenho usado para lidar com os discursos de ódio, os *trolls*, o bullying e outras manifestações de vozes críticas. Todos nós passamos por isso.

Pegue a matéria depreciativa, a fofoca ferina do escritório, o comentário desagradável na internet.

Ponha dentro da cabeça.

Agora imagine a matéria depreciativa, a fofoca ferina do escritório, o comentário desagradável na internet dirigido contra o Dalai Lama.

Agora imagine o Dalai Lama lendo ou ouvindo a matéria depreciativa, a fofoca ferina do escritório, o comentário desagradável na internet.

Se ajudar, você pode ser mais específico e pensar em algo como: *EI, DALAI LAMA! TU É UM BOSTA & FEIO & CARECA & QUEM TU PENSA QUE É QUERENDO LIBERTAR AS PESSOAS? VAI SE FODER!*

Ou, se não estiver adiantando, você pode tentar algo mais sutil:

Prezado Dalai Lama. Com todo o respeito, considero sua visão da paz extremamente problemática. Se você parasse de meditar e fingir narcisisticamente “ajudar” as pessoas, talvez pudesse de fato ser uma força para o bem no mundo.

Cordialmente, um ex-fã.

Agora imagine a reação do Dalai Lama. Ele talvez sorria, franza a testa ou dê gargalhada — mas sem dúvida sentirá compaixão pelo autor da matéria depreciativa, da fofoca ferina do escritório, do comentário desagradável na internet.

Você pode escolher o ser compassivo / santo / sereno de sua preferência. Pode funcionar com Jesus, Joan Baez, Yoda ou sua tia-avó Maggie de olhos bondosos, mas forte feito um touro.

Enxague e repita quantas vezes for necessário.

• • •

Cerca de uma semana depois que escrevi o poema, fiz 37 anos. Eu estava em Seattle para entregar algumas festas do Kickstarter. Foi difícil deixar Anthony, mas me fez bem sair de Boston por alguns dias. Neil me acompanhou no início da viagem, para podermos comemorar meu aniversário juntos.

Eu estava um trapo, visivelmente esgotada, à beira de uma depressão que eu não sentia desde os anos mais tenebrosos da faculdade. Estava cansada de me sentir odiada. Cansada de me explicar. Cansada de pensar naquilo tudo. Cansada de Anthony doente, sem saber se ele ia viver ou morrer. Eu nem queria um aniversário. Parecia inútil e desnecessário.

Não tínhamos nenhum plano para o dia em Seattle, a não ser ficar de folga — e longe da internet, que ainda fervilhava de comentários de ódio e versinhos sobre bombas. As coisas andavam ruins. Alguém tinha acabado de sugerir no Twitter que deviam enfiar uma bomba na minha boceta.

Quando acordamos na manhã do meu aniversário, o dia estava escuro, gelado e chovendo forte sem parar.

Então o que você quer fazer hoje, dona aniversariante?, perguntou Neil, amoroso.

Não sei, respondi. *Ficar na cama. Sumir. Morrer.*

Bom, se você vai morrer, vamos comer antes. Estou com fome. Quer almoçar alguma coisa?

Não.

Encontramos um pequeno restaurante japonês tranquilo, e fiquei lá de

óculos escuros, sentindo pena de mim mesma e olhando, imóvel, a sopa de missô.

Meu bem, disse Neil. Isso vai passar. Acredite em mim. Nunca vi você tão triste assim.

Desculpa.

Não tem nada que a gente possa fazer? Vamos fazer algo legal, tá bem? Podemos procurar um lugar para uma massagem de aniversário. Quer uma massagem?

Tirei os olhos da sopa. Neil. Ele estava se esforçando tanto. Era tão gentil.

Eu tinha pegado alguns voos naquela semana e estava com as costas doendo. E o pescoço doendo. E a cabeça doendo.

Quero, sim. Adoraria uma massagem. Seria maravilhoso.

Levantei para ir ao banheiro e Neil começou a digitar no celular. Quando voltei, ele disse: *Encontrei um lugar que faz massagem aqui perto e já marquei hora usando um formulariozinho! A internet não é fantástica?*

A-hã.

Duas horas depois, chegamos a um prédio comercial antigo, um pouco antes do horário marcado, e demos uma batidinha no vão da porta aberta antes de entrar. Enxuguei os olhos e tentei não parecer tão acabada.

A massagista, uma moça bonita e tatuada, estava comendo salada numa marmitta. A gente mal tinha se cumprimentado e ela respirou fundo, me olhou bem e disse: *Preciso falar com você.*

Certo..., respondi meio retraída. Com Neil? Sem Neil?

Ele pode esperar aqui fora. É só um segundinho. Ela indicou uma cadeira no corredor, fora da sala, e Neil se sentou para esperar.

Contornamos a mesa de massagens e fomos até uma saleta no fundo, onde um dos cantos estava ocupado por um pequeno conjunto de estúdio de gravação, incluindo um teclado e um microfone.

Ah, meu deus, pensei. Ela vai tocar pra mim. Ah, NÃO... perai... será que ela vai me pedir pra gravar o vocal de acompanhamento em troca da massagem? Não sei se vou conseguir lidar com isso agora.

Sentamos.

Então... oi, disse ela. Como você está?

Eu ainda tentava segurar as lágrimas. Tirei os óculos escuros.

De verdade? Bem ruinzinha, respondi. Desculpa. É... meu aniversário. E esta

semana foi bem difícil.

Ela me estendeu um lenço de papel.

Feliz aniversário. Olha, eu não podia fazer a massagem sem falar antes com você; não seria ético. Eu sei quem você é. Sei quem Neil é. E quando recebi o e-mail dele há algumas horas, dizendo que era seu aniversário e que vocês dois queriam vir para a massagem, pensei que era alguma gracinha armada pelos meus amigos.

Ela não estava sorrindo. Respirou fundo.

Sou compositora e estava acompanhando aquela coisa toda com seus músicos voluntários. E preciso te contar... escrevi na internet algumas coisas... realmente horríveis, horríveis mesmo sobre você. Bem horríveis mesmo. Posts longos sobre como você é babaca e o quanto te desprezo e tudo o que você faz. Eram tão horríveis que, umas semanas depois de publicar, apaguei todos porque me senti supermal. E se você lesse o que eu tinha escrito, ficaria tão... nem sei.

Fiquei parada ali, assombrada. Não estava sendo um bom aniversário.

Não me orgulho do que fiz nem do que escrevi, disse ela. Não mesmo. Mas não podia te receber aqui sem que você soubesse. E se você preferir cancelar, entendo totalmente, de verdade.

Olhei para ela.

Olhei para o teto, pensando:

O universo está de sacanagem comigo?

Respondi:

Fico feliz, muito feliz que você tenha me contado. Para ser sincera... não tem nada que eu queira mais do que deitar na sua cama de massagem.

Certo, disse ela. Então vamos.

E lá fiquei estendida durante uma hora, deixando as lágrimas caírem na cama de massagem, enquanto ela percorria todo o meu corpo com as mãos delicadas, sem dizer uma palavra. Ela massageou meus braços, as mãos, as costas, os pés, o rosto, num ritual de completo perdão, pelo menos na minha imaginação. E eu nem sabia direito quem estava perdoando quem.

Senti os cotovelos dela pressionando meus quadris. Senti os nós dos dedos dela separando minhas costelas. Eu respirava fundo. Senti os dedos afundando no meu pescoço, tentando soltar toda a rigidez tensa e presa.

Fechei os olhos.

Cada tuíte me dizendo que eu era uma merda que não valia nada, cada comentário no blog me dizendo para enfiar minha cabeça oca no meu cu,

cada crítica de blog que me rotulava de vadia interesseira, gananciosa, superficial, carente de atenção, dançava na minha cabeça enquanto as mãos dela se estendiam pelo meu corpo de uma maneira lenta e tranquilizante. Quase amorosa.

Era como uma santa, essa mulher, vinda para me absolver. Me perdoar. Se perdoar. Perdoar a todos. Eu não sabia o que ela tinha escrito sobre mim. Tenho certeza de que era horrível. Não me importava. Eu tinha lido o suficiente. Tinha aguentado o suficiente.

Não trocamos nenhuma palavra durante a sessão inteira. Não me importava que ela me visse chorando em silêncio, encharcando a toalha embaixo da cabeça.

Depois de uma hora, ela se inclinou e disse suavemente:

Pronto.

Então abriu a mão, pôs no meu coração e sussurrou no meu ouvido:

Feliz aniversário.

E saiu da sala.

Levantei e assoei o nariz. Estava me sentindo exausta. Mas leve, como se tivessem removido algo pesado de dentro de mim. Pus o sutiã e a calcinha. Então a blusa. Então a calça. Ela voltou à sala, sem dizer nada, e me estendeu um copo d'água.

Bebi e ficamos ali, nos olhando durante um minuto.

Ela rompeu o silêncio.

Você é realmente boa, disse ela, me encarando, *em receber.*

E eu devolvi o olhar, fitando fundo os olhos dela, pela primeira vez, e vi ali muita tristeza.

Ela parecia cansada. Ferida.

E você, disse eu, *é realmente boa em dar.*

E aí ela cedeu.

O rosto se contraiu e os olhos se encheram de lágrimas.

Ficamos ali, uma olhando a outra.

Então... falei, você faz música? Vi o piano.

É, sou compositora e cantora. Posso te dar meu CD? Considere isso um presente de aniversário.

Aceitei o presente.



LOST

I lost my wallet
I lost my wallet
And I'm lost, dear
I swear I had it
I had it on me when we got here

Let's go to Vegas
Let's get a karaoke back room
I'll never find it
I wanna shout into the vacuum:

That nothing's ever lost forever
It's just caught inside the cushions of your couch
And when you find it
You'll have such a nice surprise
Nothing's ever lost forever
It's just hiding in the recess of your mind
And when you need it
It will come to you at night
Oh!

I miss the yellow
I miss the yelling and the shakedown
I'm not complaining
I got a better set of knives now

I miss my drummer
My dead stepbrother
And the pit crowd
And Chuck and Matty...
If they could see me, they'd be so proud

But nothing's ever lost forever
It's just caught inside the cushions of your couch
And when you find it
You'll have such a nice surprise
Nothing's ever lost forever
It's just hiding in the recess of your mind
And when you need it
It will come to you at night

Oh!

The wake is over
We gotta leave because they said so
I want to tell you
I want to tell you
But you're dead, so...

Golden light
So way up high
So wave good-bye
Tonight you'll find:

That no one's ever lost forever
When they die they go away
But they will visit you occasionally
(Do not be afraid)
No one's ever lost forever
They are caught inside your heart
If you garden them and water them
They
make
you
what
you
are

Theatre Is Evil, 2012

PERDIDA

Perdi a carteira
Perdi a carteira
E estou perdida, querido
Juro que estava com ela
Estava com ela quando chegamos aqui

Vamos pra Las Vegas
Vamos pra um karaokê
Nunca mais vou encontrá-la
Quero gritar ao vazio:

Que nunca nada se perde pra sempre
Só ficou caído entre as almofadas do sofá
E quando você encontra
Tem uma bela surpresa
Nunca nada se perde pra sempre
Só está escondido no fundo da sua mente
E quando você precisa
Vai te aparecer de noite
Ah!

Sinto falta do brilho
Sinto falta do barulho e do colchonete
Não estou reclamando
Agora tenho um faqueiro melhor

Sinto falta do meu baterista
Do meu meio-irmão que morreu
E do povo na plateia
E do Chuck e do Matty...
Se pudessem me ver, que orgulho teriam

Mas nunca nada se perde pra sempre
Só ficou caído entre as almofadas do sofá
E quando você encontra
Tem uma bela surpresa
Nunca nada se perde pra sempre
Só está escondido no fundo da sua mente
E quando você precisa
Vai te aparecer de noite

Ah!

O velório acabou
Temos que ir porque assim disseram
Quero te contar
Quero te contar
Mas você morreu, então...

Luz dourada
Lá no alto
Dê um tchau
Hoje você vai descobrir:

Que nunca ninguém se perde pra sempre
Quando morrem, vão embora
Mas virão te visitar de vez em quando
(Não tenha medo)
Nunca ninguém se perde pra sempre
Ficam dentro do teu coração
Se você cultivar e regar bem
Eles
Te
Fazem
O
Que
Você
É

Depois da Massagem De Absolição De Aniversário, Neil voltou para Boston e eu aluguei um carro e fui passar a noite e aproveitar um pouco de vinho, comida tailandesa e papos de compaixão amistosa com Jason Webley na casa flutuante dele.

Acordei no dia seguinte pronta para três horas de estrada até Portland, para participar de uma festa coletivista na casa de alguém às seis da tarde na periferia da cidade. Precisava matar um pouco de tempo antes de sair, então fui a um café em Seattle para trabalhar e checar meus e-mails. Quando estava pedindo o café, recebi uma mensagem de texto do meu empresário, Eric, pedindo para ligar para ele.

Eu tinha acabado de receber uma ameaça de morte pelo site.

É só algum maluco, com certeza, disse Eric. *Não sabemos. Estamos tentando rastrear o IP do e-mail. Tem como você ir a uma delegacia? Precisa registrar a ocorrência, e não podemos ser nós. Tem que ser você.*

Recusei. Parecia idiota demais.

Qual era a ameaça, exatamente?, perguntei.

Não queira saber. E nós não queremos te mandar. Não queremos te incomodar.

Sério... o que eles disseram?

Disseram que iam te encontrar e te matar. Não vou dar os detalhes. São sinistros.

Passei os olhos pelo café. Tinha acabado de tuitar onde eu estava. Será que minha vida ia se transformar num pesadelo de perseguição? Não era impossível: uma garota maluca tinha invadido a casa do vocalista do Pearl Jam com o carro. Com quase toda a certeza, era só um doido qualquer. Qualquer um pode enviar uma ameaça de morte por e-mail. Mas, quando fui lavar as mãos no banheiro uns minutos depois, notei que elas tremiam.

Por causa do trânsito, a viagem até Portland levou sete horas, em vez de três, e em algum ponto da ponte sobre o rio Columbia me descontrolei. Começou a tocar uma música do John Lennon no rádio e me descontrolei ainda mais, chorando enquanto dirigia.

Quando finalmente cheguei à casa da anfitriã, todo mundo já estava bebendo e farreando na varanda. Conforme eu atravessava o gramado, as pessoas se reuniram em volta de mim e aplaudiram. Alguém pôs uma

cerveja na minha mão. Susan, a anfitriã, era uma figura excêntrica encantadora que antes trabalhava como cenógrafa para filmes de animação e agora ganhava a vida com artesanato, vendendo pelo Etsy chapéus e peças elaboradas de bijuteria que ela criava com madeira, flores de plástico e *strass*. Ela me coroou com um enfeite de chifre decorado com pedras. Olhei para todos.

Olá, pessoal. Obrigada a todos por virem, e eu só queria me desculpar por estar no maior desânimo hoje à noite. Acabo de dirigir durante sete horas e tive uma semana horrível, pavorosa. Vocês acompanharam o lance do poema?

Todos assentiram solenemente.

Tem sido... Não quero estragar a festa, gente. Mas eu só...

Alguém perguntou:

Amanda, você precisa de um abraço?

Fiz que sim com a cabeça.

Susan disse:

Agora você está aqui. A gente entende, Amanda.

E entendiam. Teve vinho e comida para todos, e conversei com todo mundo. Estava me sentindo em casa. Entrei em longos papos sobre empatia, violência, amor e dor com montes de desconhecidos ao mesmo tempo. O sol se pôs. Engatei no modo monitora de colônia de férias e organizei uma brincadeira de salão chamada “Máfia no porão da Susan”, que tinha um tapete grosso.

Só muito mais tarde, tocando ukulelê no porão, todos nós amontoados e abraçados em almofadas e travesseiros no chão, é que contei a eles sobre a ameaça de morte.

Não sei se é o pessoal de Portland, terra de hippies extrovertidos, que é intrinsecamente caloroso e maravilhoso, ou se algo no meu desmoronamento fez, por sua vez, com que as defesas de todo mundo fossem derrubadas, mas desconhecidos se abraçavam, riam e cantavam juntos pela casa toda, e em algum lugar começou um círculo de massagens na nuca e nos ombros. Não sei se estavam fazendo tudo aquilo só por mim, mas não importa. Deu certo.

A festa continuou noite adentro, e me recolhi um pouco mais cedo, distribuindo abraços de boa-noite e indo dormir. Susan me acompanhou pela escada e me mostrou o quarto onde eu ficaria, passando antes pelo

estúdio dela, um país das maravilhas com máquinas de costura, almofadas de alfinetes e montes de gemas faiscantes e trabalhos em andamento. Ela foi buscar uma toalha limpa para eu usar na manhã seguinte. E depois praticamente me colocou na cama.

Este é o quarto da minha filha, disse Susan. *Agora ela está na faculdade, arrasada por perder a festa. Mas vai ficar muito feliz de saber que você dormiu na cama dela. Te vejo amanhã de manhã. Vou fazer muffins.*

Fitei minha anfitriã.

Obrigada, Susan. Por tudo.

Você passou por poucas e boas, querida. Fique bem. Ela me cobriu com o cobertor, fechou a porta e voltou para a festa.

Fechei os olhos e deixei que o dia desaparecesse enquanto caía no sono, me sentindo mais amada, mais compreendida e mais segura do que imaginava ser possível.

• • •

A químio funcionou, disseram.

Anthony estava bem.

Pelo menos, acrescentaram, por enquanto.

Estava bem *por enquanto*.

Tinha ganhado no 50%, mas o câncer podia voltar nos próximos anos. Impossível saber, disseram.

Segurei a respiração e reagendei as turnês adiadas, anunciando com muita cautela que o pior tinha passado para meu amigo, mas que ele poderia ter uma recaída... não dava para saber. Os fãs, como sempre, foram absolutamente compreensivos. Remarcaram os voos, refizeram os planos e se prepararam para vir me ver... seis, oito, dez meses depois do programado.

Alguns editores tinham me procurado para ver se eu queria escrever um livro.

Neil e eu desmontamos a casa alugada da praça Harvard. Eu não vinha compondo nada. Geralmente, quando ficava brava ou nervosa com alguma coisa, aquilo me servia como ótimo material criativo — terapia ideal para exorcizar os demônios. Mas as polêmicas, o atentado, o câncer... não me

deixavam mais brava ou nervosa. Só me deixavam cansada e com uma sensação de vazio.

Anthony ainda lutava com os sintomas e tomava todo tipo de remédio. Retomamos nossos passeios, mas não eram muito longos: ele estava sempre cansado.

Eu continuava pensando que o prognóstico do câncer merecia uma celebração constante de alegria, vivacidade, fogos de artifício, champanhes estourando. Mas havia o fantasma insidioso de que ele podia voltar, e todos estavam esgotados demais para comemorar. Até Anthony. Ele tinha voltado a dirigir, e eu estava acompanhando-o para ir fazer um exame de sangue, que devia ser feito uma ou duas vezes por mês. Ele estava mal-humorado. Os esteroides lhe causavam uma dor de cabeça horrível. Os médicos tinham diminuído a dose rápido demais. Um carro na frente dele estava na faixa errada para virar, e Anthony meteu a mão na buzina e ficou tocando sem parar.

Meu deus, falei, pega leve com a humanidade. A gente nem está com pressa. Qual é o problema?

Quem ensinou esse palhaço a dirigir desse jeito? Ele buzinou outra vez, e o sinal fechou para nós.

MERDA, disse ele. Ficamos ali, parados. Ele fumegava de raiva.

Sabe... pelo menos você está vivo, falei, otimista. Lembra quando estava morrendo? Hein? Lembra da morte?

Eu preferia estar morto a ter essa dor de cabeça ferrada. Estou farto das pessoas. Não estou nem aí pra elas. Odeio todo mundo.

Como você é hipócrita, e dei risada. E a tal compaixão por todos?

Ele se virou e me olhou. *Não discuta comigo quando você sabe que estou errado.*

Você não está errado. Só está sendo babaca.

Bom, olhe quem está falando, senhorita toda esclarecida de merda. Então finalmente ele deu um sorriso. Você sabe o que eu sempre digo, querida. Se quiser saber no que acredita, pergunte às pessoas a quem ensinou.

• • •

Assinei um contrato pra escrever um livro, contei a Neil, enfezada. Vou fazer um

livro sobre o TED Talk. E todas as... outras coisas que não consegui encaixar naqueles doze minutos.

Ele estava escrevendo à mesa da cozinha e ergueu os olhos, encantado.

Que legal!

Vão até me pagar um adiantamento, falei. Agora posso te devolver o dinheiro.

Que maravilha, minha esposa tão inteligente. Eu falei que tudo ia dar certo.

Mas nunca escrevi um livro. Como é que me pagam pra escrever um livro? Não sei como se escreve. O escritor é você.

Você não tem jeito mesmo, meu bem, disse ele.

Fulminei Neil com o olhar.

Escreva o livro, Amanda, simples assim. Faça o que eu faço: termine a turnê, vá para algum lugar e escreva tudo de uma sentada. Eles vão arranjar um editor. Você escreve letras de música. Escreve no blog. Um livro é só... mais comprido. Você vai se divertir.

Então tá, vou escrever, falei, cruzando os braços. E vou pôr TUDO nele. E aí todo mundo vai saber a verdadeira babacona que eu sou, por ter um marido escritor de sucesso que me bancou enquanto eu esperava o cheque compensar e escrevia o livro ridículo e egocêntrico de não ficção sobre como a gente deve conseguir aceitar ajuda de todo mundo.

Você percebe que é uma contradição ambulante, né?, perguntou ele.

E daí? Tenho uma multidão dentro de mim. Você não pode me deixar chorar minhas pitangas em paz?

Ele me olhou.

Claro, meu bem. Se é o que você quer.

Fiquei ali, fervendo de raiva.

Ele suspirou. *Te amo, ó infeliz esposa. Aceitarias um convite para jantar e talvez comemorar o teu contrato?*

NÃO! NÃO QUERO COMEMORAR. NÃO FAZ O MENOR SENTIDO. NÃO ENTENDE?

Desisto, disse ele, e saiu da cozinha.

ISSO!, gritei atrás dele. DESISTA MESMO! É UMA SITUAÇÃO DE MERDA! SOU UMA FRAUDE TOTAL E ESSE LANCE DO LIVRO É A PROVA.

Meu bem, disse ele da sala, sua menstruação está pra chegar?

NÃO. TALVEZ. NÃO SEI! PORRA, QUE PERGUNTA É ESSA, MEU

DEUS?

Só curiosidade, disse ele.

Poucos dias depois fiquei menstruada.

Às vezes realmente odeio o Neil.

• • •

Ver um ao outro é difícil.

Mas acho que, quando um vê o outro de verdade, temos vontade de nos ajudar.

Creio que os seres humanos são essencialmente generosos, mas que nosso instinto de generosidade às vezes enguiça.

A Noiva me ensinou mais do que eu imaginava, e ainda aprendo com ela.

Às vezes as pessoas punham apenas um centavo no chapéu. Mesmo assim, eu sempre lhes dava uma flor. Essa era a regra. Às vezes eu usava as flores para agradecer as pessoas que me ajudavam — o valor não era estabelecido por nenhuma entidade externa.

A flor sempre tinha *um* valor, mas nunca era um valor *absoluto*; às vezes era uma flor de 20 dólares, às vezes era uma flor gratuita. Mas era *sempre* uma dádiva.

O dinheiro era uma dádiva. E a flor era uma dádiva.

E muitas vezes, mesmo a flor já estando paga, fosse com 25 centavos ou uma nota de 5 dólares, o valor dela aumentava no momento em que eu a estendia ao comprador — e quando nos encarávamos, dava para sentir o valor aumentando, como um registrador de cotações emocionais. O valor da dádiva aumenta em trânsito, quando passa de mão em mão, de coração em coração. Ganha valor no dar e no receber. Na passagem.

Quando comecei a tocar, a música funcionava da mesma maneira. Depois que permiti que as pessoas compartilhassem as canções, e não havia nenhum preço fixo estabelecido pela gravadora (ou pela loja ou por qualquer outro intermediário), as coisas mudaram. As pessoas confiavam em mim, e uma na outra, mais do que antes.

Mantive a fé. A questão de oferecer conteúdo gratuito, para mim, era que o valor da música se tornava a *própria conexão*.

A questão era o valor que vinha de quem aceitava a flor, de quem ouvia a música, do coração do espectador. Ficar parada, pintada de branco em cima de uma caixa, mergulhar na multidão, lançar o Kickstarter, apertar a campainha da casa de um desconhecido no meio da noite: não vejo mais essas coisas como risco. Vejo como gestos de confiança.

Acho que o verdadeiro risco é a opção de desconectar. De ter medo do outro.

Todos os dias, escolhemos inúmeras vezes se vamos pedir ou nos afastar uns dos outros. Pensamos se seria muito abusado pedir ao vizinho que dê comida ao gato. Consideramos a decisão de dar as costas a um companheiro, de apagar a luz em vez de pedir que ele diga qual é o problema.

Pedir ajuda requer autenticidade e vulnerabilidade.

Quem pede sem medo aprende a dizer duas coisas, com ou sem palavras:

Mereço pedir

e

Não tem problema se você disser não.

Porque o pedido que impõe condições não pode ser uma dádiva.

• • •

Como podemos criar um mundo onde as pessoas não considerem a arte apenas como *produto*, mas também como *relação*?

À medida que a arte volta para a coletividade e se torna cada vez mais digital, liberada, de compartilhamento gratuito, precisamos descobrir como as pessoas vão sustentar um novo ecossistema artístico. A internet é maravilhosa, e o *crowdfunding* abriu inúmeras novas possibilidades. Existem ferramentas fantásticas, mas são apenas ferramentas. Elas vão se aprimorar, vão desaparecer, vão evoluir, mas mesmo as mais perfeitas não vão nos ajudar se não olharmos uns aos outros. Se não nos virmos uns aos outros.

A indústria do entretenimento, que é um reflexo do mundo em geral, fica obcecada com a pergunta errada: *como FAZER para que as pessoas paguem pelo conteúdo?* E se começarmos a pensar ao contrário: *como DEIXAR que as pessoas paguem pelo conteúdo?*

A primeira pergunta é sobre FORÇA.

A segunda é sobre CONFIANÇA.

Isso não só em relação à música.

Em relação a *tudo*.

Já é bastante difícil dar sem medo; mais difícil ainda é receber sem medo.

Mas é nessa troca que se encontra a coisa mais difícil de todas.

Pedir. Sem sentir vergonha.

E aceitar a ajuda que as pessoas oferecem.

Não as obrigue.

Apenas deixe.

• • •

Decidi ir para a Austrália para escrever a primeira versão deste livro numa maratona ininterrupta de dois meses. Neil planejava vir passar as três primeiras semanas comigo, mas o prazo do livro me pressionava e ele viu o terror nos meus olhos. Eu não fazia ideia de como me desdobrar para ficar com ele durante três semanas e ao mesmo tempo me transformar numa monja livresca que não fazia nada além de escrever durante dez horas por dia. Tínhamos tentado produzir no mesmo espaço e foi um desastre — e aquele era um caso extremo.

Dá pra ver que você está apavorada, disse Neil cerca de um mês antes da viagem. Não vou com você. Vá e escreva o livro. Se tem alguém que entende a necessidade de um escritor de dizer pra todo mundo sumir, sou eu.

Tá falando sério? Isso significa que não vamos nos ver por quase três meses.

Sério. A única coisa que peço é que você me faça sentir amado e tranquilizado. Você nem sempre é muito boa nisso. Na verdade, você foi terrível quando estava fazendo aquele seu álbum dois anos atrás.

Fui tão ruim assim?

Foi, meu bem. Foi medonha. Passava dias sem me escrever, semanas sem telefonar. Mas aí aproveitei todo esse tempo e escrevi um livro muito bom.

É mesmo? Mas, a bem da justiça, eu avisei, argumentei. Falei que ia desaparecer na minha caverna de gravação.

Ele me olhou e não disse nada.

Me senti uma desgraça de ser humano, a própria egoísta. Uma Esposa Ruim.

Vou me esforçar mais desta vez, falei.

• • •

Ben Folds, um compositor amigo meu que arrasa no piano, fez uma música chamada “Free Coffee” [Café de graça], sobre a ironia de receber uma enxurrada de certos tipos de ajuda quando você não se precisa muito delas. É uma espécie de lei de Murphy. Chamemos de lei de Ben: quando você é um artista conhecido, com grana para pagar um café, em alguns estabelecimentos independentes onde entra sempre tem algum funcionário que é fã seu e lhe oferece um café de graça. Você fica com vontade de gritar: *NÃO PRECISO DE CAFÉ DE GRAÇA! FINALMENTE POSSO COMPRAR CAFÉ, PODIA ATÉ COMPRAR DUZENTOS CAFÉS E NÃO IA SENTIR A MENOR DIFERENÇA NO BOLSO* ou *AGORA? AGORA É QUE VOCÊ ME OFERECE CAFÉ DE GRAÇA?* E aí você percebe que está olhando seu passado, ganhando um café de uma encarnação anterior do seu eu barista, aquela pessoa que trabalhava na Toscanini e tinha 26 dólares na conta do banco. E vai olhar para si mesmo e lembrar que costumava oferecer café de graça àqueles que você admirava e estimava, amigos, parentes, o ex-professor que entrava na cafeteria e mal te reconhecia.

E assim você aceita o café, porque a verdade é que aceitar o presente É o próprio presente. E, se não estiver com pressa, também pode fazer um desenho para o barista ou para o amigo dele que é um grande fã, ou lhe falar da música de Ben Folds. E, quando ele não estiver olhando, você deixa uma nota de 10 dólares na caixinha de gorjetas. Porque você pode. E porque lembra como era maravilhoso pegar a caixinha de gorjetas e encontrar uma nota de 10 dólares.

A dádiva precisa sempre circular.

• • •

Finalmente compus uma música nova. Enquanto compunha, percebi que fazia quase um ano que eu... não compunha nada. Desde o lançamento do Kickstarter, desde que a banda pegou a estrada, que o câncer pegou

Anthony, que a bomba pegou a maratona e que todos os meus planos foram por terra. Eu não passava muito tempo sozinha. Passava sempre com os fãs, com Neil, com Anthony. Não queria nem conectar os pontos. Eram pontos demais. E coletá-los já era bastante difícil.

Acho realmente difícil escrever com gente em volta. Mesmo Neil. Não fico à vontade. Um dia, quando ainda estávamos na casa alugada em Cambridge, tive uma ideia para uma canção. Neil estava escrevendo em casa. Mesmo a dois aposentos de distância, me parecia impossível ter privacidade. Saí para o canto do jardim com meu ukulelê e tentei ver o que acontecia. Os lixeiros vieram recolher o lixo de reciclagem e me cumprimentaram de longe. Saí e me escondi atrás da garagem do vizinho.

Atrás da garagem, compus uma música. O ano. A mágoa. O ódio. Os fãs. Anthony. Velocidade do liquidificador = 1.

Gravei no celular. Dei o nome de “Bigger on the Inside” [Maior por dentro].

• • •

Nossa primeira tarefa na vida é reconhecer as dádivas que já temos, aceitar as rosquinhas que aparecem enquanto cultivamos e usamos aquelas dádivas, e então compartilhá-las — às vezes em forma de dinheiro, às vezes de tempo, às vezes de amor —, dando-os de volta ao quebra-cabeça do mundo.

Nossa segunda tarefa é aceitar o lugar onde estamos nesse quebra-cabeça a cada momento. Isso pode ser mais difícil.

Conheço pessoas que ajudam cônjuges, parentes ou amigos convalescentes / destituídos / desempregados. Quando comentam confidencialmente sobre o assunto, às vezes dizem que não gostam. Têm um senso de obrigação incômodo.

E conheço outras que têm o mesmo tipo de riqueza ou poder e se empenham na arte de conseguir ajudar os que estão a sua volta. Dá bastante trabalho até a coisa dar certo.

Por outro lado, conheço pessoas que *aceitam* ajuda dos amigos, parentes ou cônjuges, mas não conseguem se sentir à vontade com isso; desviam os olhos, evitam o assunto, sentem uma vergonha enorme. Outras aceitam a

ajuda oferecida com graça e humildade, e anunciam com um sorriso que estão morando na casa dos pais enquanto botam ordem na cabeça. O humor é essencial.

Uns dias, é sua vez de pedir.

Outros dias, é a vez de pedirem a você.

• • •

Neil ia me levar ao aeroporto para eu pegar o avião para a Austrália.

Eu tinha passado o maior tempo possível com Anthony antes da viagem. Ele estava melhor, enfim livre dos esteroides e dos remédios contra o câncer. Acabara de sair do hospital, depois de uma bateria de exames: o câncer estava oficialmente em remissão, e ele se preparava para publicar o segundo volume de suas memórias.

Saímos para um longo passeio pela Lexington e fomos parar no nosso café habitual. O garoto atrás do balcão pediu meu autógrafo e disse que acabara de mandar meu TED Talk por e-mail para a mãe. Tentou me oferecer o café grátis. Recusei. Anthony revirou os olhos.

Dona Enorme, disse ele, me cutucando as costelas quando nos sentamos. Peguei sua bengala, bati nele e depois a apoiei no meu casaco, para ela não cair.

Rá, respondi, *Sr. Grandão. Você acha que te devo tudo? Minha alma toda?*

Você não me deve nada, disse ele.

Em abril estou de volta. Aproveite bem o tormento cruel, entorpecedor e arrasador do inverno de Boston.

Você é uma fresca, disse ele. *Não existe tempo ruim, só roupas ruins. Você simplesmente não consegue aprender a usar a porra de um suéter.*

Anthony sabia que eu odiava quando ele dizia isso. E ele dizia toda vez que eu reclamava do frio.

Eu o fulminei com o olhar. *Tomara que caia uma nevasca na sua cabeça o inverno inteiro. Tomara que todo dia você tenha que limpar três metros de neve.*

Rá. VOCÊ. VOCÊÊÊÊÊÊ, disse ele, na sua voz rouca de poderoso chefe, me apontando o dedo. *VOCÊ... te amo. Você me ajudou.*

Vou sentir saudades, falei. *Estou tão contente que você não morreu. Já disse isso hoje? Que estou tão contente que você não morreu? Estou, sim. E talvez eu escreva*

sobre você no meu livro, seu desgraçado.

Isso, me deixe famoso, falou ele, animado. Talvez finalmente eu consiga um café de graça por aqui.

Estou meio com medo de escrever, comentei. Sinto toda essa pressão pra ficar uma coisa perfeita. Levei tipo uns dois meses para escrever o TED Talk, e eram só doze minutos, e mesmo assim não consegui, passei, foi mais pra treze minutos, e tenho medo que o livro fique uma porcaria, e vai ser todo tortuoso e egocêntrico...

Pare com isso, querida, disse ele. Vai ficar ótimo. Só diga a verdade. E não esqueça o que sempre falei sobre as pessoas.

Você sempre me falou, sei lá, umas setecentas coisas, respondi.

Você nunca consegue dar às pessoas o que elas querem. Mas pode lhes dar alguma outra coisa.

Ah.

Pode lhes dar compreensão. Só conte a história. Conte inteira. Elas vão entender. Ele sorriu para mim. Vai dar certo.

Vou sentir saudades de você. Por favor, não pegue câncer de novo enquanto eu estiver fora, tá? Por favor. Promete?

Isso eu não posso prometer, querida. Mas posso prometer te amar. Vai ter que ser suficiente.

É suficiente, respondi.

Me estiquei por cima da mesa do café para abraçá-lo.

É suficiente.

• • •

Blake (lembra? o ex-namorado ex-estátua de anjo branco?) me mandou esta história por e-mail.

No começo da minha carreira na rua, fui apanhado por uma chuva de verão.

Sabe como é às vezes em Boston: caem um ou dois pingos de chuva e tem 50% de chance de que pare e o sol volte ou de que venha um toró. Com o tempo, criei uma regra pra mim mesmo: se mais da metade dos tijolos da calçada ficasse molhada, era hora de descer e procurar abrigo, mas aquele foi meu primeiro temporal de verdade. Eu sabia que minha roupa não era à prova d'água; as asas eram feitas basicamente de papel machê, mas também sabia que a roupa precisava de algumas melhorias e imaginei que, se ela se estragasse, seria uma motivação ainda maior para fazer uma segunda versão. Bom, as nuvens se juntaram e os pingos de chuva começaram a cair devagar, e depois depressa. Os

pedestres costumam desaparecer logo que os primeiros pingos batem no chão.

Parecia que não havia ninguém por ali, e me perguntei como seria fazer arte de rua numa praça vazia. Então fiquei. Mantive a pose com os braços levemente estendidos e descaídos. Não era a pose mais fácil do mundo, mas dava pra manter por um bom tempo.

Esperei a tempestade passar e fiquei encharcado até os ossos.

Foram só uns quinze ou vinte minutos de chuva realmente forte, e depois o sol saiu.

A chuva parou e a calçada começou a secar.

Eu realmente achava que não havia ninguém olhando, mas depois, durante vários minutos, veio gente de todas as direções, e as pessoas falaram comigo, dizendo que tinham me visto na chuva e ficaram comovidas.

Na época, não achei que fosse grande coisa. Foi uma escolha simples.

Pelo resto dos meus dez anos de carreira, volta e meia aparecia alguém dizendo que tinha me visto na chuva.

• • •

Quando Neil parou o carro no portão de embarque, olhei para ele, preocupada.

Tem certeza de que não quer vir?, perguntei. *Talvez isso tudo seja errado. Talvez seja melhor você vir.*

Ele me ajudou a pôr as malas e o case do ukulele num carrinho.

Eu te amo. Até daqui a nove semanas, meu bem.

Talvez, enquanto escrevo o livro, eu entenda minha vida. E nosso casamento, falei. Se eu entender, posso escrever sobre você e todos os detalhes pessoais mais íntimos? Ou você vai se divorciar de mim?

Ele suspirou. *Não vou me divorciar de você. Você não vai conseguir se livrar de mim nem que queira. É como o Anthony falou. Você me acertou. Estou acertado.*

Dei risada.

Estava um frio de rachar no lado de fora do aeroporto, e o vento era forte. Eu estava sem luva e sem chapéu, só com um casaco fino, pois não queria levar agasalho pesado para a Austrália.

Ele fechou o porta-malas do carro.

Só não se esqueça de manter contato durante a maratona do livro.

Prometo. Vou sentir saudades, falei e enfiei as mãos geladas debaixo do suéter de Neil, para esquentá-las entre as axilas dele.

Ele quase engasgou e sorriu.

Aninhei a boca na curva do seu pescoço áspero da barba e sussurrei:

Obrigada. Obrigada por me deixar ir. Por que você é tão bom comigo?

Não sei, meu bem. Acho que é porque te amo.

Ficamos abraçados.

Estou orgulhoso de você, falou ele. Estou orgulhoso porque finalmente você me deixou ajudar. Mesmo que Anthony tenha precisado ficar doente para você pedir. Mesmo assim fico orgulhoso.

Sabe, não pedi o dinheiro só pra poder ficar em Boston com o Anthony, falei, me desprendendo do abraço e olhando para ele. Acho que pensei isso na época. Mas não é o que penso agora.

E o que você pensa agora?

Penso que pedi... porque confio em você o suficiente para te deixar me ajudar. É sério.

Eu te amo, disse ele.

Então me virei e fui empurrando o carrinho de bagagem para as portas automáticas de vidro, olhando só uma vez para trás para lhe mandar um beijo. Ele estava parado ao lado do carro, acenando. Parecia feliz. Acreditei nele.

As portas se abriram e se fecharam atrás de mim. Fui com o carrinho até o balcão do check-in internacional. Olhei para trás, para a multidão de gente. Ele já tinha ido.

Agora tenho que escrever um livro, pensei. Como é que vou fazer isso, caramba?

Enquanto estava na fila, percebi que chorava. Não sabia bem por quê. Conhecia a história, sabia o que tinha a dizer, mas tudo parecia desconectado demais, mesmo não sendo.

Imaginei Anthony sentado no café, no dia do milhão de dólares no Kickstarter, me olhando e abanando a cabeça, tentando manter a paciência.

Pensei em tudo que estava deixando para trás. O frio, o inverno, o câncer, o ódio, o ano que havia passado.

O ódio pode voltar depois que entra em remissão?

Meu cérebro começou a se encher de imagens, enquanto eu ficava ali com o passaporte na mão.

Todos os pontos. O Kickstarter, os contratemplos, o atentado, o poema, as festas particulares, o cancelamento da turnê, Anthony na cama do hospital com a bolsa do líquido espetada no corpo dele, o TED Talk, a moça da massagem. O contrato para escrever o livro.

Neil.

Todas as noites, eu o abraçava enquanto ele me contava suas histórias secretas de infância, todos os medos e preocupações.

E todas as noites ele me abraçava, quando eu estava perdida no meu terror paralisante, com medo de aceitar sua ajuda, com medo por Anthony, com medo de estar fazendo a coisa errada, com medo de parecer fraca para todo mundo. A Rainha Do Pedir, envergonhada demais para pedir.

Os fãs, a mistura caótica das formas criativas e complicadas como pedíamos e ajudávamos uns aos outros, como nos consolávamos e dávamos espaço uns aos outros. Todas as trocas bizarras de dinheiro, músicas, lágrimas, comida, camas, dádivas, escritos, histórias.

Todas as pessoas que eu tinha abraçado. Sensibilizado. Que haviam me sensibilizado. Todos os lugarezinhos onde tínhamos encontrado um estranho consolo mútuo... a confusão enorme, interconectada, comovedoramente humana da coisa toda.

Enxuguei os olhos, peguei o celular no bolso e mandei uma mensagem a Neil.

Se você amar as pessoas o suficiente, elas te darão tudo.

• • •

Algumas semanas depois que cheguei à Austrália para a maratona do livro, me peguei andando pelas ruas apinhadas e embriagadas de Melbourne durante a Noite Branca, um festival em que pedestres e foliões podem vagar à vontade pelo centro da cidade a noite inteira, até o amanhecer, com apresentações, músicas e projeções artísticas de luzes iluminando todos os edifícios do centro.

Depois de vagar durante horas, alegremente perdida, por entre a magia caótica dos museus abertos 24 horas e das igrejas cheias de gente inebriada e extasiada, eu estava indo para casa quando vislumbrei uma estátua viva trabalhando do outro lado da rua Flinders, perto da prefeitura. Consigo reconhecer uma estátua viva a quilômetros de distância.

Atravessei a rua e fiquei olhando de longe. Ele estava agachado em pose de gárgula, com o corpo totalmente revestido por uma roupa roxa colada à pele. O rosto estava coberto com uma máscara intrincada feita à mão que

mostrava apenas os olhos. Era enfeitada com espelinhos colados que deixavam o focinho parecido com uma bola de discoteca. Era lindo, majestoso, parecia um dragão. Quando uma pessoa punha dinheiro no pote, ele se mexia e incentivava que o afagassem, enquanto fazia movimentos serpenteantes de prazer. Já estava quase amanhecendo, e me perguntei quanto tempo ele tinha ficado trabalhando ali. Eu estava cansada, mas queria assistir. Me apoiei numa árvore do outro lado da calçada.

Apareceu um grupo de bêbados, caçoando e rindo, e tiraram um monte de fotos dele. Senti o pulso acelerar.

Foram embora trôpegos, e veio outro grupo, ainda mais bêbado que o anterior. Um dos caras até lhe deu 1 dólar, mas a garota que foi posar com ele gritou tão alto que o vi se retrair levemente. Então ela levantou a lata de cerveja que estava segurando e, entre risinhos, inclinou sobre a cabeça dele, como se fosse despejá-la nas suas costas. Os amigos gargalharam alto e ela se afastou às pressas. E então ficaram parados na frente da estátua, tagarelando e ignorando o rapaz.

Atravessei a calçada e, quando me agachei e lhe dei 2 dólares, olhei nos olhos dele. A estátua adquiriu vida e então parou outra vez. Aí abaixou a cabeça.

Foi esquisito. Ele se imobilizou naquela posição e eu fiquei ali abaixada, esperando para ver o que ia acontecer.

Então suas costas começaram a se agitar devagar.

Ele ergueu a cabeça, mais uma vez, olhei nos olhos dele, que estavam transbordando de lágrimas.

Ficamos agachados ali, por um momento, frente a frente.

Estendi a mão para tocar sua face, antes de tomá-lo entre os braços.

Ele afundou a cabeça no meu ombro, soluçando em silêncio.

Fechei os olhos. Apertei mais o abraço. Ele também.

O segundo bando de bêbados que o havia atormentado ficou nos olhando e foi embora em silêncio.

Eu o segurei.

Ele me segurou.

Finalmente ele ergueu a cabeça e me olhou pela fenda da máscara espelhada, com os olhos vermelhos e úmidos. Senti sua respiração se acalmar.

Sussurrei em seu ouvido:

Volte ao trabalho

... e segui pela rua sem olhar para trás.



BIGGER ON THE INSIDE

You'd think I'd shot their children
From the way that they are talking
And there's no point in responding
Cause it will not make them stop

And I am tired of explaining
And of seeing so much hating
In the very same safe havens
Where I used to just see helping

I've been drunk and skipping dinner
Eating skin from off my fingers
And I tried to call my brother
But he no longer exists

I keep forgetting to remember
That he would have been much prouder
If he saw me shake these insults off
Instead of getting bitter...

I am bigger on the inside
But you have to come inside to see me
Otherwise you're only hating
Other people's low-res copies

You'd think I'd learn my lesson
From the way they keep on testing
My capacity for pain
And my resolve to not get violent

But though my skin is thickened
Certain spots can still be gotten
It is typically human of me
Thinking I am different

To friends hooked up to hospital machines
To fix their cancer
And there is no better place than from this
Waiting room to answer

The French kid who wrote an email

To the website late last night
His father raped him and he's scared
He asked me
How do you keep fighting?

And the truth is I don't know
I think it's funny that he asked me
Cause I don't feel like a fighter lately
I am too unhappy

You are bigger on the inside
But your father cannot see
You need to tell someone
Be strong
And somewhere some dumb rock star truly loves you

You'd think I'd get perspective
From my view here by the bedside
It is difficult to see the ones I love
So close to death

All their infections and prescriptions
And the will to live at all in question
Can I not accept that my own problems
Are so small

You took my hand when you woke up
I had been crying in the darkness
We all die alone but I am so, so glad
That you are here
You whispered:

"We are so much bigger on the inside,
You, me, everybody
Some day when you're lying where I am
You'll finally get it, beauty

We are so much bigger
Than another one can ever see
But
Trying is the point of life
So don't stop trying

Promise me."

Lançado de alguma forma na internet, 2014

MAIOR POR DENTRO

Você acharia que atirei nos filhos deles
Pelo jeito que comentam
E não faz sentido responder
Porque não vão parar

E estou cansada de explicar
E de ver tanto ódio
No mesmo porto seguro
Onde eu antes só via ajuda

Ando bebendo e sem comer
Mordiscando os dedos sem parar
E tentei ligar pro meu irmão
Mas ele não existe mais

Continuo me esquecendo de lembrar
Que ele ficaria muito mais orgulhoso
Se me visse desdenhar esses insultos
Em vez de me amargurar...

Sou maior por dentro
Mas você tem que entrar pra me ver
Senão você fica só odiando
As cópias ruins dos outros

Você ia achar que aprendi a lição
Pelo jeito que continuam testando
A minha capacidade para a dor
E a minha vontade de não ficar violenta

Mas se estou mais forte
Ainda posso ser atingida
É tipicamente humano da minha parte
Pensar que sou diferente

Para os amigos ligados a aparelhos no hospital
Para curar o câncer
E não há lugar melhor do que esta
Sala de espera pra responder

O garoto francês que escreveu um e-mail

Pro site ontem tarde da noite
Foi estuprado pelo pai e está com medo
Ele me perguntou
Como você continua lutando?

E a verdade é que não sei
Acho engraçado ele ter perguntado
Pois não tenho me sentido lutadora
Estou triste demais

Você é maior por dentro
Mas seu pai não consegue ver
Você precisa contar a alguém
Tenha força
E em algum lugar uma roqueira boba te ama de verdade

Você ia achar que ganhei perspectiva
Da minha vista aqui no lado da cama
É difícil ver as pessoas que eu amo
Tão perto da morte

Tantas infecções e receitas
E a vontade de viver em questão
Será que não posso aceitar que meus problemas
São bem pequenos

Você pegou minha mão quando acordou
Eu tinha chorado no escuro
Todos morremos sozinhos, mas estou tão, tão feliz
Por você estar aqui
Você sussurrou:

"A gente é muito maior por dentro,
Você, eu, todo mundo,
Um dia quando você estiver deitada onde estou
Por fim vai entender, querida

A gente é muito maior
Do que os outros jamais poderão ver
Mas
Tentar é o importante na vida
Então não pare de tentar

Me prometa."



Epílogo

Voltei da Austrália. Eu tinha escrito muito mais do que precisava. Imaginei que o que ficasse de fora eu podia postar no blog.

Neil e eu ainda estamos tentando definir onde vamos morar. O diagrama de Venn de intimidade / compromisso continua a se fundir. Estou tentando parar de fazer a contabilidade dessas coisas. Estou aprendendo.

Anthony ficou bem por algum tempo, mas, no momento em que este livro está indo para a gráfica, ele não está muito bem. A remissão durou mais de um ano, e então o câncer voltou. Os médicos decidiram que ele deve fazer um transplante de medula. Vai ser daqui a alguns meses. Ninguém sabe o que vai acontecer. Já tem um doador totalmente compatível, aquela pessoa que pertence à categoria mais elevada de dádiva. Os médicos dizem que Anthony tem 40% de chance de sobreviver, mas sabe-se lá o que isso significa. Ele também retomou a quimioterapia. Não ando fazendo muitas turnês, caso aconteça algo de ruim. Ele me ajudou a editar este livro.

Lee ainda mantém o Cloud Club. Ele também me ajudou a editar o livro. Continuo com meu apartamento lá. Atualmente, quem está hospedado lá é Michael Pope (que também me ajudou a editar o livro — e está fazendo um filme experimental novo, épico, que certamente vai atrair para seu vórtice centenas de voluntários). E algumas semanas atrás meu apartamento abrigou uma família búlgara inteira.

Yana está com um novo emprego. O governo australiano lhe deu assistência financeira durante o período de desemprego e recuperação. Ela aceitou as rosquinhas.

Gus continua a fazer sorvete na Toscanini, mas a filial da praça Harvard fechou as portas em caráter definitivo, por causa de obras no local. Você terá que ir à praça Central para provar um sorvete de raiz de chicória ou de uísque com pimenta-do-reino.

Casey também continua no Cloud Club. Está pintando e dando aulas de arte na pré-escola em Brookline.

Em vez de arranjar mais um peixe depois do Tudo, Casey resolveu adotar uma gata da Sociedade de Proteção aos Animais de Massachusetts.

Chamou-a de Alguma Coisa.

Posfácio

por Jamy Ian Swiss

Com o risco de afirmar o óbvio, Amanda Palmer é uma pessoa complexa. Pelo menos posso dizer isso com alguma autoridade próxima e pessoal, visto que a conheço como artista, como amiga e agora também como colaboradora criativa. Dei uma mão e um ouvido quando ela preparava seu TED Talk e passei boa parte desse último ano no papel de “doula do livro”, como ela me apelidou, ajudando a dar à luz este livro que está nas suas mãos. (É só respirar.)

Por caloroso que seja o afeto que os amigos e fãs sentem por Amanda, existem alguns fora desses círculos que parecem ter dificuldade em entender o que gera tudo isso. Quando a mídia lhe pediu para explicar por que seu Kickstarter teve tanto sucesso, estavam esperando ouvir sobre planos empresariais e estratégias para as redes sociais.

Mas não é aí que está a resposta.

Os fãs já entendem que a relação de Amanda com eles é indissociável da sua arte. As canções e melodias admiráveis são o produto artístico final, mas, na verdade, fazem parte daquela miscelânea que é a especialidade indefinível de Amanda: bater, misturar, cozinhar, receber e servir um apaixonado prato fumegante de conexão humana.

As redes sociais não são uma parte separada de Amanda. **São** ela — assim como as canções são ela, a música é ela, o blog, a comunicação, os abraços, os apertos de mão — a empatia é ela. Seu amigo e mentor, Anthony, lhe ensinou a parte da empatia e muitas outras coisas, e ela continua tentando nos explicar isso, e usar quando é submetida às mais duras provas — nos seus relacionamentos mais íntimos ou em público à vista de todos. Quando trabalhamos juntos para dar forma ao livro que ela escrevia, colocamos em prática tudo o que ela prega nestas páginas.

Numa cultura em que é normal ver a arte, a criatividade e o corpo humano como meras mercadorias, muitas pessoas talvez tenham dificuldade em perceber que existem outros pontos de vista. Quem vive num mundo de ceticismo e marketing não consegue entender que Amanda pode ser quem diz ser. Que ela pode ser exatamente quem é na realidade. Que ela pode ser tão verdadeira e tão autêntica.

Talvez com este livro essas pessoas consigam acreditar que ela é real.

Uma nota da autora

Sou, em primeiro lugar e acima de tudo, musicista. Foi ótimo escrever um livro, mas quero desesperadamente que vocês ouçam minha música, para que eu não me perca. Fiz uma lista de todas as canções usadas / mencionadas neste livro e coloquei numa página especial do meu site para vocês que acabaram de ler o livro sem ter ideia de quem sou ou como são minhas músicas. Bem-vindos a minha vida de verdade. Tudo começou com a Arte em Si, e espero que o livro leve você a ela.

A lista é gratuita — vocês podem baixar ou pagar o que quiserem:

AmandaPalmer.net/TheArtOfAsking

A página também tem uma galeria de fotos relacionadas ao livro e links para os artistas citados aqui. E links para os blogs relacionados com a história e para meu blog atual. E, dáã, o *Mailing* de Ouro.

A história continua. Junte-se a nós.

Pessoal do Twitter: Sou @amandapalmer. Se vocês estiverem falando do livro, por favor, usem #ArtOfAsking. Com amor.

Ah, e estes caras: Neil Gaiman está em neilgaiman.com (e é @neilhimsel no Twitter). Anthony Martignetti está em camstories.net (ali tem algumas gravações fantásticas, gratuitas, de Anthony lendo suas memórias. No Twitter, ele é @dramartignetti).

Agradecimentos

Este livro, como meu TED Talk e outros aspectos da minha vida, foi um esforço coletivo.

Escrevi muito rápido e pedi montes de ajuda. Vou tentar manter um pique interessante aqui, para que você realmente leia os agradecimentos.

Em primeiro lugar, acho que minha equipe ficou um pouco de lado no livro, pois era muito menos complicado escrever certas passagens sem incluir os detalhes bizarros de como as coisas funcionam na Amandalândia. Mas boa parte do meu trabalho seria impossível sem o grupinho dedicado que me dá respaldo todo santo dia, quando vou trabalhar.

Um exemplo: só deu para tocar aquela campanha à meia-noite no Lower East Side porque Hayley Rosenblun, Rainha das Conexões com o Povo, que trabalha há muito tempo no nosso escritório, ficou vasculhando freneticamente o Twitter atrás de bons convites de pernoite enquanto eu estava no palco, presa num vestido de gêmeas siamesas junto com Jason Webley. Hayley, você é uma dádiva constante dos céus.

Minha assistente, a SuperKate Slepicka, foi e é uma parte indispensável da minha vida e desse processo de escrita. E, enquanto escrevo, ela confere a lista de pessoas que estão fazendo uma leitura prévia do livro e me manda lembretes por e-mail. SuperKate, não tenho palavras para agradecer por você ser a heroína constante, inabalável e discreta da minha existência diária.

Eric Sussman começou como estagiário do Dresden Dolls, passou a ser nosso gerente de turnê e agora comanda o leme do navio, pilotando e seguindo pelas águas agitadas e tumultuadas de todo esse meu negócio amalucado. Ele me deu uma ajuda enorme no livro não só me lembrando (três vezes, em alguns casos) o preço de tal ou tal pacote do Kickstarter, mas segurando as pontas e cuidando das coisas enquanto Eu Sumia da Face da Terra para escrever. Valeu, Eric.

E, por último, mas não menos importante, Sean Francis, que está comigo há mais tempo. Tem sido meu megafone, o editor do meu blog, meu paladino intelectual desde o comecinho, meu irmão espiritual num monte de ideias malucas de final de noite. Sean, não tenho palavras. Você me conhece como ninguém.

Quero agradecer a todos os que contribuíram para o Kickstarter. Sem vocês, este livro talvez nunca viesse a existir... pelo menos não assim.

Pedi ajuda *incessante* no Twitter (e no blog e no Facebook) enquanto escrevia os vários rascunhos do livro. Se você estavam lá, vocês viram.

Se eu pudesse listar todos os que deixaram no Twitter, no blog e no Facebook comentários prestativos para o livro, mesmo que apenas com uma palavra (várias vezes recorri ao Twitter como se fosse um dicionário de sinônimos, procurando uma maneira de descrever um conceito), provavelmente daria umas dez páginas. Também levei questões e discussões ao blog, algumas das quais usei aqui no livro, mas, acima de tudo, vocês me inspiraram e me mostraram padrões, apresentaram ótimos argumentos e fizeram toda essa viagem filosófica comigo. Mais uma vez, se vocês estavam lá, sabem quem são. A todos vocês no meu blog e nos *feeds*, dia após dia, obrigada. (((((((((((((0)))))))))). <3. Não, <4. E, para garantir,))<> ((.

David Shaw nos salvou algumas vezes com um apoio técnico de última hora. Obrigada, David.

Não gosto de escrever em lugares calmos. Gosto de estar perto de gente. Comecei a escrever este livro num bar e terminei num café. Neste momento estou numa mesa de madeira na livraria McNally Jackson em Nova York, curtindo um *cortado*. Consumi uma quantidade gigantesca de café e vinho enquanto escrevia e ocupei os cantos de dezenas de estabelecimentos, e quero muito agradecer os que frequentei mais. Em Melbourne: Arcadia, Grub Food Van, Atomica (que ganhou nota 10 pela seleção musical: várias vezes me fez dançar enquanto eu escrevia), Polly, Vegie Bar, 1880, Southpaw, Storm in a Teacup e Thousand Pound Bend. Em San Diego, onde estive duas vezes para trabalhar com Jamy, o Doula do Livro, agradecemos a Better Buzz e ainda mais ao Hotel del Coronado, onde pedi um espacinho para ficar e eles foram supergentis, me dando a hospedagem mais luxuosa de todos os tempos, além de belos cantinhos

para ficar escrevendo. Em Nova York, passei muitas horas no Café Gitane, no SoHo, e muitas horas aqui no McNally Jackson. E em Cambridge, há apenas o amado Café Pamplona. Peça o gaspacho branco. É fantástico; leva uvas. (Mas, no inverno, peça a sopa de alho.)

Meus colegas de casa no Cloud Club: nosso capitão-ermitão Lee Barron, Michael Pope, Cassandra Long, Tristan Allen, Steve Martin (não, não aquele Steve Martin), Mali Sastri, Vessela Stoyanova e Nate Greenslit — amo todos vocês de coração. Obrigada por serem minha Família Artística. E longa vida à Estética do Mistério.

Bem na época em que eu estava para ir para a Austrália a fim de trabalhar no livro, entrei na Trident, uma livraria independente em Boston, para usar o banheiro. Haviam colocado *Daring Greatly*, de Brené Brown, em exposição na mesa de destaques do dia. Eu tinha visto o TED Talk dela sobre vulnerabilidade e adorei, então peguei o livro, imaginando que provavelmente nem teria tempo de ler. Fui com ele para a Austrália, comecei a ler depois de algumas semanas já escrevendo e fiquei chocada ao ver que ela praticamente tinha escrito o livro para mim — só que de uma perspectiva acadêmica. Quando cheguei na parte em que ela citava *The Velveteen Rabbit* [O coelho de pelúcia], desisti. Mandei uma mensagem de texto ao meu editor e aos agentes literários dizendo BRENÉ BROWN ARRUINOU A MINHA VIDA. ELA JÁ ESCREVEU MEU LIVRO. E ROUBOU MEU COELHO. Mas aí percebi que era só pegar Coelhos e fazer uma Coelhoada. Convidei Brené para escrever o prefácio. Brené, muito, muito obrigada. O trabalho e a pesquisa que você tem feito estão mudando o mundo.

Por falar nisso, o livro não teria nascido do jeito que nasceu sem o TED. Quero agradecer a Thomas Dolby, por ter me ajudado a dar o primeiro passo na primeira apresentação, e a Bill Bragin, formador de conexões musicais extraordinário, por falar bem de mim. E quero agradecer a Chris Anderson, o sr. TED, que me incentivou a dizer mais do que eu queria, mas fez tudo dar certo. Todos os outros amigos, escritores e pensadores incrivelmente inspiradores que descobri ou com quem fiz amizade — em especial Jill Bolte-Taylor, Danny Hillis, Shane Koyczan, JR, Aimee Mullins, Dan Pallotta, Ron Finley e Amy Cuddy — influenciaram e/ou incentivaram este livro. Eu me sinto realmente afortunada por viver neste mundo. Então obrigada, Chris e todo mundo que trabalha no TED, por tudo o que vocês

estão fazendo.

Devo milhões de agradecimentos a todos os que me hospedaram — e a lista geral seria comprida demais para o livro —, mas quero agradecer em especial aos que foram além, ou me deram um lar e um porto seguro enquanto eu trabalhava neste livro em particular. Danny e Pati Hillis não só abriram as portas para mim, mas também à minha equipe e aos meus amigos, e são anfitriões do mais alto gabarito (mas também retribuímos, quando Danny decidiu morar na NOSSA casa por algum tempo, de forma que foi uma troca justa). Felix e Michelle entraram na minha vida respondendo a um pedido pelo Twitter para hospedagem por uma noite só, e creio que nenhum de nós imaginou que, alguns anos depois, eu ia passar uma semana inteira no apartamento deles, escrevendo exatamente sobre aquela experiência enquanto ouvia sem parar a coleção deles de vinis do Philip Glass. Obrigada, gente. Obrigada a Malcolm e Elaine pela hospedagem em Brighton, pela companhia e pelas histórias. Os Cunningham / Siggs em Edimburgo viraram uma segunda família, assim como John e Judith Clute em Londres. Kyle Cassidy, obrigada por ser tão generoso com sua casa e sua arte. Obrigada a Pascaline Lepeltier pelas enormes quantidades de vinho e pela companhia propiciada a tantos de nós. Lance Horne, você inspirou trechos do livro e hospedou partes da sua criação no seu kibutz. Obrigada.

Em Melbourne, Peter Nicholls e Clare Coney me proporcionaram um verdadeiro e autêntico lar australiano e me integraram à família, e fico profundamente grata. Em Collingwood, Rose Chong (e suas funcionárias, as Chonguetes) se tornou outro Lar — obrigada, Rose; és mais uma padroeira da Bondade e da Beleza Aleatória.

A minha família de Los Angeles: tio Doug e Rita, obrigada por nos deixarem ficar na casa de vocês durante a preparação do texto, e pelo apoio e pela ajuda ao longo dos anos. Prima Katherine e primo Robert, obrigada por sempre terem uma cama e uns biscoitos para quando eu passo pela cidade.

Melissa Auf der Maur se tornou amiga, líder de torcida, anfitriã e conspiradora, graças a uma Nuvem de Cinzas islandesa e ao Twitter. Melissa, obrigada.

Zoë Keating, minha confidente e companheira de turnê, é uma fonte

constante de inspiração para mim em todos os níveis. Zoë, obrigada.

Meow Meow, você é minha companhia principal. Obrigada por ser minha amiga em Melbourne e em outros lugares.

(E vocês três deviam combinar algo juntas. Por favor, me convidem. Levo o vinho.)

Jason Webley é simplesmente a resposta para tudo, sempre. Obrigada, Jason, por conectar os pontos da minha vida antes mesmo que eu os enxergue.

Escrevi sobre MUITA gente neste livro, inclusive Jason, e fui atrás da maioria deles para pedir autorização. Eles me ajudaram na precisão dos fatos e, em alguns casos, até reescreveram seus respectivos diálogos. Espero que não tenha esquecido ninguém. Senão, apitem e corrijo na próxima edição. Gina Barrett foi a preparadora de voz do TED que menciono no começo do livro. E. Stephen Frederick, você é um Sequestrador de Noivas. Gus, que a Toscanini continue sempre a prosperar (ainda sugiro que você experimente minha ideia de fazer um sabor chamado “Invasão dos Aliados”, com chocolate, sementes de papoula, cascalho e lágrimas). Kathleen Hanna, obrigada por me deixar usar sua história. Você é uma Grande Força neste mundo. Rob Chalfen, vá pescar algum dia. Alina Simone e Josh Knobe, obrigada por serem meus amigos mais antigos. Jacky, obrigada, e obrigada também à sua mãe. Blake, obrigada por compartilhar suas reflexões de estátua.

Edward Ka-Spel, você ainda é meu herói. Vamos gravar um disco. Hera e Indiana, tomara que a gente se encontre algum dia na Islândia. Ron Nordin, obrigada por ajudar a mim e a tantos outros artistas. Você é demais. Tom Wethern e Steve Gisselbrecht, até a próxima festa do chocolate. Beth Hommel, obrigada pelos anos de ajuda. Emily White, obrigada pela sua ajuda também e... tem certeza de que não quer mais uma cerveja? E Lorraine Garland e Cat Mihos, obrigada por toda a ajuda que vocês têm dado a ele ao longo dos anos e, por extensão, a mim também. Frank Chimero e Maciej Cegłowski, obrigada por me indicarem o lago Walden e pelas rosquinhas que me aguardavam lá. Xanthea O'Connor? Aceite as malditas rosquinhas. Sam Buckingham? Lembre-a, por favor. Controle de solo para Kim Boekbinder, que a força esteja com você. Obrigada a Max Temkin por me ajudar com a história de John Campbell.

Querida, querida Karen Mantler — espere o pior, aceite o pior, exija o pior!!! Na central do Kickstarter, devo gratidão a Yancey Strickler e Fred Benenson, por me darem os fatos (e uma ferramenta incrível). Josh Ente, obrigada por me deixar entrevistá-la, e obrigada por ser uma pessoa tão fantástica. Courtnee, obrigada por me permitir compartilhar nosso momento com o mundo. E Yana... você já é corajosa por natureza, mas foi supercorajosa em me deixar compartilhar a nossa história neste livro. Obrigada.

A Ayelet Waldman e Michael Chabon, obrigada não só por deixar a gente se casar na casa de vocês, mas também por me deixar acampar e editar minha versão final do livro. E obrigada ao *Harvard Lampoon* por me proporcionar um escritório de edição, Katy Perry e uísque.

Recebi verdadeiras dádivas, que me foram oferecidas por meus vários professores de ioga, principalmente da família Baptiste: Baron, Gregor, Claire, Troy, Pilar e Emily... namastê, seus filhos da mãe. E bem perto de casa, obrigada a Glen Cunningham em Sadhana pelos lembretes constantes para ficar desperta e ter compaixão comigo mesma e com todas as outras pessoas.

Gostaria de soltar um grito cósmico para todos os meus colaboradores musicais, sem os quais eu nunca teria feito nada, e principalmente para minha alma gêmea musical, Brian Viglione. Obrigada por anos de inspiração, Brian. Viva O Bicho Preguiça. E para a Grand Theft Orchestra: Michael McQuilken, Thor Harris, Chad Raines, Jherek Bischoff e nosso produtor, John Congleton. Muito obrigada, pessoal, por tocarem comigo. The Danger Ensemble: Steven, Lyndon, Tora, Kat, Peta, Katie, Mark... obrigada pela arte. E minha equipe regular ao longo dos anos: Jaron “Steak” Luksa, Dave “Psycho” Hughes, Jeff Maker (ponto com), Laura Keating e Katie Kay... obrigada por todo o apoio na estrada. Quero agradecer a Felice, Vickie, Kevin, Aleix, Sarah, Dana, Damien, Jessica e Jared na Girlie Action por prosseguirem na aventura do Kickstarter: obrigada, pessoal, por tudo o que vocês fizeram para nos ajudar. O mesmo para Mike, Nick, Machete e todo mundo na Famehouse. Agradecimentos artísticos a Andrew Nelson por criar pacotes tão lindos no Kickstarter. Obrigada a Wes por anos de auxílio no merchandising. Matt Hickey tem sido meu fiel agente de shows há mais de dez anos, e eu estaria perdida sem ele. Obrigada, Matt.

Muitíssimo obrigada também para Bex Majors, que faz minha agenda na Europa. E obrigada a Ted Harris, que me mantém do lado certo da lei.

Devo um agradecimento ENORME às pessoas que leram partes do manuscrito e deram um retorno precioso, apanharam erros, sugeriram mudanças e me salvaram de dizer a coisa certa do jeito errado ou a coisa errada do jeito errado ou sei lá, vocês me entenderam. Seth Godin foi ainda além, sugerindo cortes e alterações na primeira versão do texto. Super, superobrigada, Seth. Nem sei por que você é tão, tão legal. Jason Webley e Michael Pope me salvaram de mim mesma em várias coisas. Maria Popova, Kambriel, Len Tower Jr., Lisa Oberteuffer, Andrew O'Neill, Cormac Bride, Mike Masnick, Whitney Moses, Kandace Schultz e Bob Rosenthal me ofereceram incentivo sincero e vários insights. Sério, não tenho palavras para agradecer a todos vocês por terem trabalhado com prazos tão apertados para me ajudar no livro. Obrigada.

Muitos artistas — capitaneados pelo fotógrafo Allan Amato — contribuíram para a festa / pintura que culminou na foto de capa do livro.

Obrigada a Geeta Dayal por todo o incentivo no departamento autoral.

Quero agradecer a Ben Folds por me encorajar constantemente no texto e por ser um amigo maravilhoso.

E quero agradecer a Steve Albini. Só porque posso. Fica aqui um abraço para você, Steve Albini.

Este livro também não teria sido Um Livro de Verdade se eu não tivesse recebido a ajuda da agente literária Merrilee Heifetz na Writers House, que me segurou amorosamente pela mão enquanto eu me aventurava pela Livrolândia. Muito obrigada a você e a Sarah Nagel por todo o trabalho.

Emily Griffin, minha editora na Grand Central, foi a própria encarnação da paciência e da compreensão enquanto eu me debatia com esta coisa e foi a primeira a me procurar depois do lançamento do TED Talk com a pergunta: *LIVRO?* Está aí a resposta nas suas mãos, Emily. Obrigada por todo o amor, o trabalho, as reflexões e as correções que você fez neste livro. Sua fé em mim não é pouca coisa. Obrigada, obrigada. E a Megan Gerrity, nossa editora de produção, e a todos os integrantes da equipe na Hachette que estão pondo este livro nas prateleiras — Jimmy Franco, meu assessor de imprensa, e todo o pessoal no departamento de arte —, obrigada.

Fiona, obrigada por ser a encarnação da paciência enquanto eu ralava nas

revisões... sua ajuda e seu amor significam mais do que você imagina.

Meus pais, toda a maravilhosa coleção variada deles: Kathy, John, Jack, Donna, Elaine... obrigada por me criarem, me ajudarem e cuidarem de mim, cada qual a sua maneira. Amo todos vocês. E a minhas irmãs, Alyson e Lisa, obrigada por compartilharem sua vida e suas histórias comigo. Amo vocês duas. E a meu meio-irmão, Alex, e aos meus cunhados Cees e Todd: amo vocês, caras. E a minhas enteadas Maddy e Holly e meu enteado Mike... amo vocês também.

Ao Anthony e à Laura: nossas histórias e nossos corações estão entrelaçados. Amo muito vocês dois.

Jamy Ian Swiss entrou na minha vida logo antes de eu ser convidada para o TED e se ofereceu do nada para me ajudar na apresentação. Quando o chamei e compartilhei minhas ideias iniciais e os primeiros rascunhos, ele entrou de cabeça e desde então continua ao meu lado. Seu papel como Doula Oficioso da Falação — às vezes ficando três horas no telefone enquanto burilávamos a melhor maneira de formular as coisas — se ampliou para o papel de Doula Oficial do Livro. Sentamos juntos, voamos várias vezes de uma ponta à outra dos Estados Unidos, falamos pelo celular, compartilhamos rascunhos, eliminamos ideias, acrescentamos ideias e eliminamos outra vez. Ele acompanhou todas as frases do livro, passando um pente-fino em cada uma, e foi parte absolutamente essencial e indispensável do processo. Kandace, sua companheira, foi incrivelmente compreensiva por estourarmos em várias semanas, e depois meses, nossa programação de trabalho inicial. Obrigada, Kandace. E Jamy: não tenho palavras para agradecer pelo seu trabalho neste livro. Significa tudo para mim.

E por fim.

Meu marido, Neil Gaiman, não só permitiu que eu colocasse detalhes íntimos do nosso casamento no liquidificador do livro, em baixa velocidade, como também me incentivou, me aconselhou, me apoiou e me reergueu — e me deixou sumir, quando precisei — em cada uma das fases do processo de escrita. Pegou meu primeiro manuscrito, de caneta na mão, e sugeriu cortes enormes. Confiei nele e acatei a maioria das sugestões. Na última semana de finalização do livro, que foi ensandecida e cada hora contava, ele deixou de lado tudo o que estava fazendo e me ajudou a dar à luz a versão

final. Este livro não seria o mesmo sem ele, em qualquer aspecto.

Neil, você é o amor da minha vida.

Obrigada.

Obrigada.

Obrigada.

THE UKULELE ANTHEM

Sid Vicious played a four-string Fender bass guitar and
couldn't sing

And everybody hated him except the ones who loved him
A ukulele has four strings; but Sid did not play ukulele
He did smack (and probably killed his girlfriend Nancy
Spungen)...

If only Sid had had a ukulele, maybe he would have been happy
Maybe he would not have suffered such a sad end
He maybe would have not done all that heroin instead
He maybe would've sat around just singing nice songs to his
girlfriend

So play your favorite cover song, especially if the words are
wrong!

'Cause even if your grades are bad, it doesn't mean you're
failing!

Do your homework with a fork!

And eat your Froot Loops in the dark!

And bring your Etch-A-Sketch to work!

And play your ukulele!

Ukulele small and fierceful!

Ukulele brave and peaceful!

You can play the ukulele too, it is painfully simple!

Play your ukulele badly, play your ukulele loudly!

Ukulele banish evil!

Ukulele save the people!

Ukulele gleaming golden from the top of every steeple!

Lizzie Borden took an axe, and gave her mother forty hacks

Then gave her father forty-one, and left a tragic puzzle

If only they had given her an instrument, those Puritans

Had lost the plot completely

See what happens when you muzzle

A person's creativity, and do not let them sing and scream

(and nowadays it's worse 'cause kids have automatic handguns)

It takes about an hour to teach someone to play the ukulele

About the same to teach someone to build a standard pipe bomb

YOU DO THE MATH!

So play your favorite cover song, especially if the words are wrong!

'Cause even if your grades are bad, it doesn't mean you're failing!

Do your homework with a fork!

And eat your Froot Loops in the dark!

And bring your flask of Jack to work!

And play your ukulele!

Ukulele, thing of wonder!

Ukulele, wand of thunder!

You can play the ukulele too!

In London and down under!

Play 'N Sync and play Jacques Brel!

And Eminem and Neutral Milk Ho... tel the children!

Crush the hatred!

Play your ukulele naked!

If anybody tries to steal your ukulele, LET THEM TAKE IT!!!!!!

Imagine there's no music, imagine there are no songs

Imagine that John Lennon wasn't shot in front of his apartment

Now imagine if John Lennon had composed "Imagine" for the ukulele

Maybe people would have truly got the message

You may think my approach is simpleminded and naïve

Like if you want to change the world, then why not quit and feed the hungry

But people for millennia have needed music to survive

And that is why I promised John that I will not feel guilty

So play your favorite Beatles song!

And make the subway fall in love!

They're only \$19.95, that isn't lots of money!

Play until the sun comes up!

And play until your fingers suffer!

Play LCD Soundsystem songs on your ukulele!!

Quit the bitching on your blog!

And stop pretending art is hard!

Just limit yourself to three chords!

And do not practice daily!

You'll minimize some stranger's sadness

With a piece of wood and plastic!
HOLY FUCK!!! It's so fantastic!!! Playing ukulele!!!
Eat your homework with a fork!
And do your Fruit Loops in the dark!
Bring your Etch-A-Sketch to work!

Your flask of Jack!
Your vibrator!
Your fear of heights!
Your Nikon lens!
Your mom and dad!
Your disco stick!
Your soundtrack to *Karate Kid*!
Your ginsu knives!
Your rosary!
Your new Rebecca Black CD!
Your favorite room!
Your bowie knife!
Your stuffed giraffe!
Your new glass eye!
Your sousaphone!
Your breakfast tea!
Your Nick Drake tapes!
Your giving tree!
Your ice cream truck!
Your missing wife!
Your will to live!
Your urge to cry!
Remember we're all gonna die!!!!
SO PLAY YOUR UKULELE!!!!!!!!!!!!

Theatre Is Evil, 2012

O HINO DO UKULELÊ

Sid Vicious tocava um baixo Fender de quatro cordas e não sabia cantar

E todo mundo detestava Sid, menos os que gostavam dele
Um ukulelê tem quatro cordas; mas Sid não tocava ukulelê
Vivia chapado (e provavelmente matou a namorada Nancy Spungen)...

Se Sid tivesse tido um ukulelê, talvez fosse feliz
Talvez não sofresse um final tão triste
Talvez não usasse toda aquela heroína
Talvez cantasse belas canções para a namorada

Então toque sua música favorita, ainda mais se a letra estiver errada!

Porque, mesmo que você tire nota baixa, não quer dizer que está indo mal!

Faça o dever de casa com um garfo!

E coma seu cereal no escuro!

E leve o Traço Mágico pro trabalho!

E toque seu ukulelê!

Ukulelê pequenino e poderoso!

Ukulelê pacífico e corajoso!

Você também pode tocar ukulelê, é simples de doer!

Toque mal ukulelê, toque alto ukulelê!

Ukulelê bane o mal!

Ukulelê salva a gente!

Ukulelê brilha dourado no alto de todo campanário!

Lizzie Borden pegou um machado e deu quarenta golpes na mãe
Então deu 41 no pai e deixou um quebra-cabeça trágico
Se pelo menos tivessem dado a ela um instrumento, aqueles puritanos

Tinham perdido totalmente a noção

Veja o que acontece quando você reprime

A criatividade dos outros e não deixa cantarem e gritarem
(e hoje em dia é pior pois os meninos têm armas automáticas)

Leva mais ou menos uma hora para ensinar a tocar ukulelê

Mais ou menos o mesmo tempo para ensinar a montar uma bomba caseira

FAÇA AS CONTAS!

Então toque sua música favorita, ainda mais se a letra estiver errada!
Porque, mesmo que você tire nota baixa, não quer dizer que está indo mal!
Faça o dever de casa com um garfo!
E coma seu cereal no escuro!
E leve uísque pro trabalho!
E toque seu ukulelê!

Ukulelê, maravilha de condão!
Ukulelê, varinha de trovão!
Você também pode tocar ukulelê!
Em Londres e lá no sul!
Tocar 'N Sync e tocar Jacques Brel!
E Eminem e Neutral Milk Hotel... efone pras crianças!
Esmagar o ódio!
Toque ukulelê pelado!
Se alguém quiser roubar seu ukulelê, DEIXE QUE PEGUE!!!!!!

Imagine que não há música, imagine que não há canção
Imagine que John Lennon não levou um tiro na frente do prédio dele
Agora imagine se John Lennon tivesse composto "Imagine" para o ukulelê
Talvez então as pessoas entendessem mesmo a mensagem

Você pode achar que minha ideia é ingênua e simplória
Pois "se quer mudar o mundo, então largue tudo e vá alimentar os famintos".
Mas faz milênios que as pessoas precisam de música para sobreviver
E é por isso que prometi ao John que não vou sentir culpa

Então toque sua música favorita dos Beatles!
E faça o metrô se apaixonar!
Custa só 19,95, não é nenhuma fortuna!
Toque até o sol nascer!
E toque até a mão doer!
Toque músicas do LCD Soundsystem no seu ukulelê!

Deixe de choramingar no blog!
E pare de fingir que arte é difícil!
Limite-se a três acordes!
E não pratique todo dia!

Você vai diminuir a tristeza de algum estranho
Com um pedaço de madeira e plástico!
CARAMBA!!! É tão fantástico!!! Tocar ukulelê!!!
Coma o dever de casa com um garfo!
E faça seu cereal no escuro!
Leve o Traço Mágico pro trabalho!

O uísque!
O vibrador!
O medo de altura!
A lente Nikon!
A mãe e o pai!
O *disco stick*!
A trilha do *Karate Kid*!
As facas Ginsu!
O rosário!
O CD novo da Rebecca Black!
O quarto favorito!
A faca Bowie!
A girafa de pelúcia!
O olho de vidro novo!
O sousafone!
O chá da manhã!
As fitas do Nick Drake!
A árvore generosa!
O carrinho de sorvete!
A esposa desaparecida!
A vontade de viver!
A necessidade de chorar!
Lembre que todos vamos morrer!!!!
Então toque ukulelê!!!!!!!!!!!!



Créditos das imagens

Foto com ukulelê por Natasha Moustache. Foto da Noiva por Michael Volpe. Foto de Amanda Palmer por Pixie Vision. Foto de Brian Viglione por Pixie Vision. Foto de *crowdsurf* por David Aquilina. Foto do beijo na tatuagem por Hayley Rosenblum. Foto da sessão ninja ao piano por Lyndon Hood (scoop.co.nz). Foto nua rabiscada por Strangelfreak, ou Luis Pedro de Castro. Retrato *Yana Nua* por Amanda Palmer. Foto “We Are the Media” por Shervin Lainez. Foto de Blake por Shira Shaham. Foto da Noiva com crianças por Michael Volpe. Foto da sessão ninja em Hermosa Beach por Lindsey Byrnes.

Sobre a autora

AMANDA PALMER alcançou renome internacional como cantora, compositora, ativista, diretora e blogueira. Começou a carreira musical com a banda de punk cabaret The Dresden Dolls e foi uma das pioneiras em recorrer à plataforma de financiamento coletivo Kickstarter. O sucesso de sua campanha no site lhe rendeu o convite para dar uma palestra nos conceituados TED Talks, e o vídeo de sua apresentação teve mais de seis milhões de visualizações no mundo inteiro. Ao mesmo tempo que integra o Berkman Center for Internet & Society, da Universidade de Harvard, já mostrou a calcinha na televisão da Austrália. É casada com Neil Gaiman e tenta não manter residência fixa.

www.amandapalmer.net

Leia também



Faça boa arte
Neil Gaiman



Não sou uma dessas
Lena Dunham



Orange Is the New Black
Piper Kerman